

OS MÁRTIRES,
OU
TRIUNFO
DA RELIGIÃO CRISTÃ;
POEMA

TOMO VIII

(2)

OS MÁRTIRES

LIVRO XI.º

ARGUMENTO

Continua a narrativa. Arrependimento de Eudoro, e penitência pública. Despede-se do exército. Passa ao Egipto a pedir a Diocleciano que lhe dê baixa. Navegação. Alexandria. Nilo. Egipto. Consegue Eudoro que Diocleciano o desaliste. Tebaida. Volta Eudoro à casa de seu Pai, e finda a narrativa.

«DESCULPAI estas lágrimas, que em fio,
Meus olhos vertem. Não direi eu, como
Centúrios, entre si, me contiveram,
Enquanto a vida se arrancou Veleda.
Justas iras do Céu! Castigo justo!
A vítima, que induzi, tinha eu de vê-la,
Única vez, no instante em que ela morre!
Daqui, volve, oh Cirilo a óptima Época
Da minha conversão. Pessoais me foram
Té então pecados meus; em mim caíam.
Mas quando a causa fui de alheio dano,
Rebelde o coração contra mim próprio,
Cortei pelos estorvos, fui lançar-me
Aos pés de Claro (já da ausência vindo),
Confissão plena fiz de minhas culpas.
Abraçando-me, entre êxtases de júbilo,
Mais suave, que, a que eu, de compungido
Penitência me impus, me impôs a sua.

Às do Corpo assemelham, febres da Alma.
Quem delas se quer livre, de ares mude.
Da Armórica resolvo despedir-me.

E dar ao Mundo o Adeus. Mando a Constâncio
As, do meu Cargo insígnias; e requeiro
Me consinta deixar o Mundo, e as armas.
Lançou Constâncio mão de quanto invento
Me pudesse atalhar. Até nomeou-me
Prefeito do Pretório; grau Supremo,
Que da Gália à Britânia, à Espanha a alçada
Estende. Ao cabo, vendo-me tão fixo
No intento, me escreveu (como usa) brando.

“Não me é dado outorgar-te o que requeres;
Porque ao Povo Romano és devoluto.
Na tua pretensão tem só poderes
O Imperador. Vê pois, se dele o alcanças:
Se Augusto não to outorga, volta a ⁽¹⁾ César.”

Ao Tribuno, que havia substituir-me
Entreguei o governo das Armóricas.
Claro ⁽²⁾ abracei. Zorzais, Bosques deixando,
Que Veleda habitou. No mar de Nîmes
(Entrado de remorsos, de ternura)
Me embarco; pojo em Óstia, passo a Roma,
Teatro do verdor da minha idade.
Debalde, a seus banquetes me convida
De Amigos meus, de outrora, alegre bando;
Que lhe estragava eu triste e pesaroso
O prazer do festejo: e se eu sorria,
Não vinha da vontade; e se eu, nos lábios,
Detinha o Copo, o Copo me encobria
Arrependidas lágrimas vertentes.
Ante o sumo Pastor, que me expulsara,
Da Comunhão Cristã, pedi prostrado,
Me acolha, no redil. Ele admitiu-me
Na turma penitente, e me deu longes

(1) César Constâncio.

(2) Bispo de Rennes.

De encurtar a provança; e que se um lustro
Persevero fiel, e compungido,
À face do Senhor ⁽¹⁾ terei acesso.

Já ponho o fito no prostrar meus votos
Aos pés do Imperador, que então, no Egipto,
Assistia. Não spero a que ele volte:
A pôr pés no Oriente inclino a ideia.
A partir para o Egipto, sobre ferro, ⁽²⁾
Um Navio Cristão, achei, no porto,
Desses, que, em quadras de penúria mandam
Com trigo os Bispos, em socorro, aos Pobres.
Damos velas; ⁽³⁾ favónio ⁽⁴⁾ sopra o vento:
De Itália as Costas vão fugindo rápidas.
Oh Mares, que sulquei, ao vir da Grécia,
Moço incauto! Quais não bebi speranças,
Devaneando Fama, Honras, Venturas!
Quão mal, do Mundo os sonhos conhecia!
Quão diverso (entre mim dizia) volto
Hoje, desse peregrinado Mundo! ⁽⁵⁾
E quais guardo, as lições, que tomei dele!

Cristã a marinbage, e os sãoos deveres
Do Cristão Culto, no Baixel cumpridos
Avultavam da cena a majestade.
Se, cordata essa chusma, ⁽⁶⁾ já não via
Vénus surgir brilhante, na alva spuma;
Da spuma alar-se aos Céus, na asa dos Zéfiros,

(1) Permitido lhe será tomar parte nos mistérios.

(2) Lucena e outros Clássicos.

(3) *Vela dabant læti*. — VIRGIL.

(4) Favónio é adjectivo.

(5) Quis com a frase peregrinado Mundo alongar as peregrinações de Eudoro e com poesia imitativa, pintar à ideia seus alongados caminhos. Tentou-me o *sicut pictura poesis*.

(6) Os mareantes.

Melhor lhe era atentar, na mão possante
 Que o Abismo profundou; que a seu arbítrio,
 Terror sparziu no Mar, no Mar beleza.
 Que carência de Alcion, de Ceix (vãs Fábulas!),
 Dada a terna união, que os Fados nossos
 Têm co'essas Aves, que a aura undosa cruzam?

À lassa Progne, ⁽¹⁾ que da entena pende
 Com ânsia (a ser-nos dado) perguntáramos
 Novas de nossos Pais, da Pátria novas. ⁽²⁾
 Talvez, que em torno dos saudosos Lares
 Houvessem adejado; e em nossos tectos
 Suspenso os ninhos seus. Esta é, Demódoco
 A singelez Cristã. Bem, do que eu narro,
 Colhes, que é outra infância. E mais, ao Nauta
 Val coração cingido de inocência,
 Que floreada popa; e, os que a Alma pura
 Afeitos verte ao Domador sob'rano
 Do Mar, mais gratos são, que o róseo vinho ⁽³⁾
 Que, em libações derrama a taça de ouro.

À noite, em vez de os Astros invocarmos,
 Com voz culpada, e vã, cravando tácitos
 Nas Estrelas a vista contemplávamos
 Como elas, para Deus, ledas rutilam;
 E quão formoso é o Céu, onde a Paz mora:
 Céu, que a Veleda eu hei cerrado, eterno! ⁽⁴⁾
 Costeando as praias de Cartago, e de Útica,
 Mário, Catão nos sobem à lembrança;
 Este em virtude claro, aquele em crime;
 Spelhos ambos de insignes infortúnios!
 Lá, gostoso, abraçara eu a Agostinho. ⁽⁵⁾

(1) Andorinha.

(2) Como a quem vem de Grécia, em derrota para África.

(1) Taças de vinho coroadas de Rosas.

(2) Por eternamente, como os latinos dizem in *æternum*.

(3) Que então morava em Cartago.

Vendo o combro, em que ergueu Dido o Palácio,
 Pronto pranto verti. Da praia um fumo
 Remontava em coluna: afigurou-me
 (Como a Eneias, noutra era) a pira fúnebre
 Da soberana Elisa, ⁽¹⁾ em cujos fados
 Os de Veleda vi. Co'as mãos cobrindo
 O semblante, arrancava mil soluços.
 Como ele sulco o Mar deixando morta
 A que me amou; inglório, e sem promessas
 Dos Fados; sem de Heitor, sem ser de Tróia
 Como Eneias o foi, último herdeiro;
 Sem que Celestes Ordens me desculpem,
 Sem que acorra a fundar Romano Império.

Dobrámos de Mercúrio o Cabo; e esse, ⁽²⁾ onde
 Tomou porto Cipião, com seu Exército,
 E onde a Fortuna saudou de Roma.
 Encostou-nos à parva Sirte, o Vento;
 Vimos a Torre, em que buscou retiro
 Aníbal Magno, e se embarcou a ocultas,
 Em meio o Mar da ingrata pátria, pondo.
 Qualquer Terra a que chegues, tens seguro
 De Injustiça, e Infortúnio achar vestígios:
 Afigurei-me ver, na praia oposta,
 Moribundas as vítimas de Verres, ⁽³⁾
 Volver, do alto da Cruz, olhos a Roma.
 Baldados olhos! Olhos não os baldam
 Cristãos, quando, na Cruz, por Cristo morrem.

Dos Lotófagos a Ilha deleitosa
 E Aras Filenas pomos à direita,
 Com Léptis, de Severo Pátria. O Golfão
 Cruzámos de Cirene; e a terça Aurora

(1) Elisa Dido, Rainha de Cartago.

(2) E esse Cabo, onde, etc. Cabo de Bon.

(3) Cícero *in Verrem*.

Formosentava os Céus, quando avistámos,
 Lá, no horizonte, e à flor de longo pego,
 A chã Campina, as praias descampadas,
 Os ermos areais, e essa Coluna,
 Que ser a de Pompeu Nautas afirmam.
 A qual Polião, Prefeito ora do Egipto,
 Sagrou a Diocleciano. Pomos proa
 À Coluna, que indica aos Navegantes
 A Cidade, que o Vencedor de Arbelas ⁽¹⁾
 Fundou, e como a Filha deu seu nome. ⁽²⁾
 Do vencido em Farsália, ⁽³⁾ hoje é Moimento.
 Aferrámos o Porto Alexandrino,
 Pelo Oeste do Faro. O Antiste Pedro,
 Com bondade de Pai, me dava abrigo
 C'os que, no sacro altar, Ministros servem:
 Mas, por Parenta, fiz da Casa escolha
 De Æcaterina ⁽⁴⁾ bela, e pia, e sábia.

Antes que a Augusto, eu no alto Egipto busque,
 Em ver as maravilhas da Cidade,
 Dias pus. O ter da Biblioteca ⁽⁵⁾
 Me enlevou mais que tudo; ao sábio Dídimo,
 Sucessor de Aristarco, se lhe deve.
 Filósofos vi lá de todo o Mundo,
 Dignos Padres da Igreja de Ásia, e de África
 Timóteo, Eusébio, Arnóbio, com Panfilo. ⁽⁶⁾
 Mal ousara erguer olhos o misérrimo
 Embaidor de Veleada, em tal Congresso
 De ilustres, que às Paixões puseram jugo;

(1) Alexandre Magno.

(2) Chamado a Alexandria.

(3) Pompeu.

(4) Santa Catarina ou Æcaterina.

(5) Que tinha por título, ou rótulo, Veneno e Triaga da alma.

(6) Com Atanásio e outros.

Que o Céu mandou, co'a vara, ferir Príncipes,
Com pé firme, calcar dos Reis o orgulho.

Quasi só me achei lá, ao pôr do dia:
Da alta, marmórea Galeria, olhando
A Cidade, ⁽¹⁾ que o sol cadente doura,
Que um milhão de almas conta; entre três páramos,
Líbios areais, e o Mar, edificada,
Que à Cidade dos Mortos, ⁽²⁾ se avizinha,
Que emparelha a dos vivos, na grandeza.
Vagueavam-me os olhos, pelo imenso
Das Fábricas, do Faro, do Timónio, ⁽³⁾
Do Hipódromo, do Alcáçar Ptolomeio, ⁽⁴⁾
E os de Cleópatra, em pórfido, Obeliscos.
Coalhados de Baixéis os seus dous Portos;
Ondas, que o coração viram magnânimo
De César; de Cornélia ouviram queixas.
Estranhei-me da forma da Cidade,
Que, na planta, couraça Macedónia,
Nas Líbicas areias, me dibuxa.
Ou já, que o Fundador traga à memória,
Ou que apregoe assim aos viandantes,
Que as armas do Herói Grego eram fecundas,
Que, nos sertões a lança d'Alexandre
Procriava Cidades; como a lança
De Minerva brotar do chão fazia,
Recamadas de flor, as Oliveiras.

Perdoai-me este mal colhido ⁽⁵⁾ símile
De Quadro impuro. No meu grande assombro

(1) Alexandria.

(2) Necrópolis.

(3) Edifícios sumptuosos.

(4) Palácio edificado por Ptolomeu Lago.

(5) Tirado da Fábula.

Desse Alexandre, entranho-me nas Salas. ⁽¹⁾
Todo-cristal, vi numa, um Monumento
Do sol cadente os raios reflectindo;
Chego perto, e diviso um Soberano,
Que, em viço, ⁽²⁾ morto jaz, no vítreo túmulo.
Cinge, com áurea c'roa a fronte, e cercam-no
Insígnias do Poder. No vulto imóvel
Inda conserva, na grandeza, rasgos
Da alma que o aviventou. Dormir parece
Sono desses Heróis, que das espadas,
Cabeceira, morrendo, se fizeram.

Um Varão encontrei, junto ao Moimento. ⁽³⁾
Em profunda leitura ⁽⁴⁾ embebecido:
Dos fortes Macabeus scrutava a verba.
Foi-se Alexandre, após vencer Dario
Do Orbe aos confins. Calou-se ante ele a Terra, ⁽⁵⁾
Corte sentiu na curta vida: os Grandes,
Ele morto cingiram todos c'roa,
E então medrou o Mal, pelo Universo.
No Mausoléu a vista mais afirmo,
Deparo co'as feições do Macedónio
(Quais nos bustos as vi) bem parecidas.
Mudo ali jaz, quem pôs silêncio ao Mundo!
Cristão obscuro lê, junto do Túmulo,
Na Bíblia seus destinos, e proezas.
Que assunto meditável? Se em ti mesmo,
Por mor brado, que dê, no Mundo, és pouco?
Como hão sumi-la ⁽⁶⁾ um dia, esses três páramos,

(1) Da Biblioteca.

(2) Na viçosa idade.

(3) De Alexandre.

(4) Na Bíblia dos Setenta, traduzida do Hebraico a pedimento de Ptolomeu.

(5) *Siluit Terra in conspectu ejus.* — MACAB. I.

(6) Sumir a Alexandria; apesar do grão renome do seu Fundador.

Que a apremam! E a Morte, e o Mar, e a Areia
Hão cobrar, com mão lenta os bens roubados!
Nas sepultadas, ínclitas ruínas
Há-de a Tenda ⁽¹⁾ plantar, o Árabe inculto.
Morrerá, por seu turno, a tão soberba
(Qual morto é o fundador) Alexandria.

Navego a Mênfis, na seguinte Aurora;
Na água roxa do Nilo, alto Mar sulco.
Palmas, ⁽²⁾ que ser plantadas, crês, nas ondas,
Te denunciam Terra, antes de a veres.
Pouco a pouco, ressurgue no horizonte
O chão, em que elas prendem; uns trás outros,
Mal claros tectos de Canopo, assomam,
E, ufano o Egipto da aluvião recente,
Em plena água do Rio, se empavona,
Qual fecunda Juvenca, ao vir do banho.

Co'as velas enfunadas, embocámos
Do Nilo a foz. Saudou-a o Nauta, a gritos,
A sacra linfa pôs, alegre, à boca.
Ao nível da água, дума, e de outra margem
Se estendem Prados, Veigas; e o Sicómoro
De figos apinhado, umbroso verga.
Palmas, que ao Nilo, quais *Caníços*, coalham, ⁽³⁾
Verdes várzeas, que o páramo agorenta,
Comendo-as co'a inimiga, loura areia;
Ou talvez, serpeando em amplos colos,
Meandros debuxa stéreis, no agro ufano
Da sua fecundez. Alçando os Homens

(1) Ou Barraca.

(2) *Palmas* por Palmeiras disseram Camões em verso, e em prosa Barros. Das muitas Palmeiras que em certo Promontório de África viram os primeiros descobridores Portugueses, lhe deram o nome de Cabo de Palmas, que ainda hoje conserva.

(3) Como a outros Rios os *Caníços* coalham, se coalha o Nilo de Palmeiras.

Obeliscos, Pirâmides, Colunas,
(Ermas Architecturas!) pelo Egipto,
Supriram, co'a Arte, os alterosos Robres,
Que a um Chão, que, a cada ano se remoça,
Negou (pródiga em tudo) ⁽¹⁾ a Natureza.

À esquerda do Eritreu, descortinámos
Cumes de Montes; e da alta serra Líbia,
À direita, os corcovos. Na abertura,
Que, afastando-se, as Cordilheiras rasgam,
Apontam suas cimas, lá de longe
As maiores Pirâmides, que a entrada
Pejam do Nilo, e ao vale são barreiras.
Di-las-íeis do Egipto as Portas fúnebres.
São Padrões triunfais, à Morte erguidos,
Por insignes vitórias. Lá, jacente
Vês Faraó, vês Povo Egípcio, em torno,
Que, nos jazigos mesmos, ⁽¹⁾ lhe faz Corte.

Como em couro de tais mansões do Nada
Desse encerro de Campas, se alça Mênfis
Banhada do Aquerúsio. Caron, nele,
Mortos passou. Jaz perto o sepulcrário.
Crês, que se um passo dá, cai despenhada
Co'a prole, Mênfis súbito, no Tártaro.
Hoje, órfã de brasões, me não foi Rémorra. ⁽²⁾
Fui, no alto Egipto, demandar Augusto,
Trás mim deixando Tebas, a Hecatonípila, ⁽³⁾
Tentira, a das magníficas ruínas;

(1) Em tudo o que não fossem empinados topes de Árvores.

(1) Que enterrados, ladeiam ainda o Monarca, que lisonjearam, vivos.

(2) Tendo perdido Mênfis todas as maravilhas, que vistosa a faziam aos que a visitavam, não teve atractivos com que me demorasse nela.

(3) De cem portas.

Passo algumas das quatro mil Cidades,
Que co'a estanhada ⁽¹⁾ linfa lambe o Nilo.

Em vão busquei o Egipto, e sábio, e sério,
Que Inaco e Cécrops deu à Grécia; e aonde
Veio Homero, Pitágoras, Licurgo; ⁽²⁾
Jacob, José, e Moisés; onde julgavam
(Quando mortos) seus Reis segundo as Obras;
Onde os Corpos dos Pais eram penhores;
Onde, ao Pai forçam Leis a ter nos braços,
O Filho que matou, três dias sólidos; ⁽³⁾
Onde, em roda da mesa dos banquetes,
Passeava uma Tumba; onde nomeavam
Estalagem a Casa, e Casa a Campa.

Dos Céus, da Terra, as tradições antigas
Saber quis de tão sábios ⁽⁴⁾ Sacerdotes.
Deparei, com astutos, que a Verdade
Ligada em faixas, como a Múmia, em lôbregos
Poços, contam por morta, e na tão spessa
Ignorância, lhe é cego o Hieroglifo.
Quais, no porvir serão, lhes são já mudos
Os descocados ⁽⁵⁾ seus, absurdos Símbolos.
Correlação co'a História, c'os Costumes

(1) Depois que Virgílio chamou *stagnum* ao Mar, afoutou-se Camões a dar-lhe o nome de *líquido estanho*. Os Mareantes dizem ainda *água estanhada*, ou *Mar leite*, o Mar plaino e liso como espelho.

Que miséria para um triste, e cansado Tradutor, a de se ver a cada passo atalhado na versão, para ir dar satisfação do que escreve a Portugueses, que deviam saber a língua que falam, e que deviam entendê-la quando a lêem! Quanta diferença vai dos Franceses a nós! Eles prezam-se de saber os seus Racines e Boileaus de cor; e nós ignoramos os termos de que usou Camões. Que descrédito!

(2) Tomar lições de sabedoria.

(3) *Nec partem solido demere de die.* — HORAT.

(4) Segundo a nomeação que lhes davam.

(5) *Effrontés*, diz o Original.

As sfinges, os Colossos, e Obeliscos,
E outros mais Monumentos já a perderam.
Tudo por essas ribas vai mudado,
Senão superstições de avoenga origem,
Que as não pode delir, de todo, o Tempo.
Costas, Quadris sumidos já na areia,
Conserva-lhe inda o Clima os brônzeos Monstros,
Mas só lhes surge fora a hedionda face.

A Augusto, além das grandes Catadupas
Encontrei, que feria Paz, c'os Núbios.
Das honras, ⁽¹⁾ que alcancei, que assim deixava,
Me falou pesaroso.

DIOCLECIANO

“Volta à Pátria

Se és firme em tal tenção. Por teus serviços,
Te outorgo, que dos teus primeiro sejas,
Que volte ao tecto paternal, sem que antes
Deixe aos Romanos, em refém, um Filho.”

Já livre, já contente, ver, no Egipto,
Desejo Antiguidades mais conformes
Co' a minha Compunção, c'os meus Remorsos.
Tenho, em face, o Deserto, que, na fuga,
Os Hebreus viu (Deserto de milagres!) ⁽²⁾
Vê-lo eu quis; e cortar por ele à Síria.
Desço o Nilo: sob Mênfis, duas jornadas,
Tomo Guia, que ao roxo Mar me afronte; ⁽³⁾
De Arsínoe, a Gaza vou, c'os Chatins Sírios,
De Odres de água, de Tâmaras provido:
Monto Égua Arábia; e o Guia um Dromedário.

(1) Honras militares.

(2) Êxodo.

(3) Me ponha a frente com o Mar Roxo.

Transposta a fila, já das altas serras,
Que a marge' Oriental orla do Nilo,
Desavistando já seus crebros pântanos,
Entramos a trilhar vasta charneca.

Nada eu vi, que melhor nos afigure
A passagem, que vai da Vila à Morte!
Na mente delinei sertões de areia,
Arregoados por hibernas Chuvas,
O aspecto avermelhado, a mudez hórrida:
Nopal, aqui, além do arneiro amplíssimo
Cobre ténue porção; o Vento encana-se,
Por entre os ramos, ⁽¹⁾ que abanar não pode;
Destroços cá, e lá, petrificados,
De náufragos baixéis, combros de seixos
Mostram, de longe, em longe, a estrada às Cáfilas.
Em vencer a planície escoou-se o Dia.
Inda mais vastos plainos, que os primeiros,
Descortino, ao dar costas à montanha.
A arenosa soidão prateava-a a Lua;
Sem outra sombra dar, que a sombra imensa
Do Camelo ⁽²⁾ ou de fato ⁽³⁾ de Capréolos.
Só quebrava o silêncio desses páramos
Rumor de Javalis, que ávidos roem
Chochas raízes; ou do Grilo o tiple,
Que pede, em vão, no esquivo, areento plaino,
O Lar do Lavrador. Antes que a Crástina
Luz aponte, nos pomos a Caminho.

Ergueu-se o Sol, fraudado de seus raios.
Parecia um broquel de rubro ferro,
Que medrava em calor de instante a instante.

(1) Do Nopal.

(2) Ou Dromedário.

(3) Fato de Cabras, alcateia de Lobos, diz Francisco Rodrigues Lobo na sua *Corte na Aldeia*.

Lá, pela hora de terça, ⁽³⁾ o Dromedário
Começa a dar sinais de des-sossego:
Crava na areia as ventas; sopra rijo.
A espaços, o Avestruz dá guinchos lúgubres
Serpentes, Cameleões ^[1] vão açodados
Abrigar-se, nas tocas subterrâneas.
Olhava, para o Céu, e infiava o Guia:
Requeiro-lhe a razão de seus receios....

GUIA

“Vem lá o Sul de tropel. Cuidar no couto.”
Põe rosto ao Norte; e sem deixar-me alcance;
No Dromedário foge. Eu sigo-o — É o vento
Mais rápido que nós. A ameaça ⁽¹⁾ cumpre.
Lá, dos Confins do plaino, um torvelino
Sorve, ⁽²⁾ em remoinho o chão, sob pés ⁽³⁾ o furta;
Rolos de areia, a nós arremessando-se,
Costas embatem, por cabeças roçam.

No Dédalo ⁽⁴⁾ de empolas ⁽⁵⁾ movediças,
Tão Irmãs umas de outras, perde o rumo ⁽⁶⁾
Da estrada o Guia: e por desgraça extrema,
A Água se esvai, ⁽⁷⁾ na desenvolta fuga.

(1) Nove horas da manhã.

(2) Põe por obra o destroço, que de longe ameaçava.

(3) Come a estrada, disse João de Lucena, na *Vida de Xavier*.

(4) Subtraindo-o debaixo dos pés.

(5) Labirinto: tomado o artífice pelo artefacto.

(6) Medas de areia.

(7) Havendo o pegão de Vento desarrumado os montes de areia, pelos quais ele atinava com o caminho.

(8) Desatando-se os Odres com os solavancos do galope. Vai-me fugindo a paciência, com tanta necessidade de notas, e mais ainda com a quasi insuperável dificuldade de subir a tradução ao ponto que lhe eu deseje.

[1] *Sic.*

Sequiosos, e a arquejar, tomado o fôlego,
 Por que ares não respire abraçados,
 A grossas bagas, o suor desliza
 Dos quebrantados membros. Dobra fúrias
 O pé de Vento, arranca o chão, e à sfera
 Arroja as do sertão, entranhas tórridas.
 Enterrado em fogão de areia ardente,
 De olhos me escapa o Guia. Um grito lhe ouço;
 Corro, onde a voz... Pelo afogueado Vento
 Fulminado o Infeliz... em terra jaz.
 Que foi do Dromedário? inda hoje o ignoro.

Ponho peito a animar o Guia exausto;
 E a ânsia baldei. Da rédea a Égua levando,
 Pus a esperança em Deus, que em fresco Zéfiro,
 Deu no fogo ⁽¹⁾ a Azarias brando orvalho.
 Duma Acácia me amparo, (amparo esquivo!)
 E o termo da procela, aflito aguardo.
 Tomou, na tarde o usado curso o Norte,
 Que, do ar desencalmou o ardor pungente.
 Azularam-se os Céus, despindo a areia,
 Rutilou de Astros luz, luz que só mostra
 Quanto, ainda, os sertões longe se estiram.

Des-parecidas vejo as marcas todas:
 Des-sinalado o trilho das veredas,
 Que transpôs o Tufão Medas, a sítios
 Demudados, e deu-lhe aspectos novos.
 No cansaço, fraqueando, e à fome, e à sede,
 Desfalecida, aos pés a Égua me morre.
 Vem à minha aflição, pôr inda o cúmulo
 O Sol que à sfera sobe, e me quebranta,
 O restante vigor, que me sustinha;
 Dou passos — falha o alento — a frente encosto,
 Numa Sarça (não sei se melhor diga)
 Mais convidando a Morte, que esperando-a.

(1) Da fomalha em que Nabucodonosor o mandou lançar com Ananias, e Misael.

Já decorria o Sol seu meio giro.
Ouço um Leão rugir: com custo me ergo.
Vejo o Animal correr horrendo, no ermo...
Sobe-me à mente. Acaso o Leão busca
Nascente, no Deserto, aos brutos nota.
A quem salvou Daniel ⁽¹⁾ me entrego: e, ao longe
Sigo, louvando a Deus, o estranho Guia.
Presto somos, num curto Vale, e avisto
Dum poço a fresquidão. ⁽²⁾ Veveja em relva.
Verga alta Palma, com maduras Tâmaras.
Deu-me vida o alimento inesperado!
Bebe o Leão, e vai-se a lento passo,
Como quem, no banquete, que nos dava
A Providência, o posto me cedia.
Foi lance, em que ares vi dessa Era de ouro,
Na Meninez do Mundo, quando isento
De culpa Adão, recém-criadas Feras
Retouçando, pedir seu nome vinham
Ao seu Rei, e a seus souts retirar-se.

Do Val das Palmas descortino ao Oriente:
Alto serro, que um Faro ⁽³⁾ me afigura,
Que me convida ao porto, enfiando as ondas
Dum peço de areais constante e spesso.
Piso do serro a falda, e vou trepando
De negra, em negra calcinada rocha,
Que, avistar, do horizonte, os cercos veda.
Baixara a Noite, e só da Fera, os passos
(Que ia ante mim) no mudo serro, ouvia.
C'os pés, quebrava o Leão, no escuro, as plantas
Ressequidas do Sol. Ouço-o que ruge...

(1) Da Cova dos Leões.

(2) A fresquidão não se avista; mas avistam-se as ervas que a acompanham, frescas pela humidade que lhes vem da vizinhança do poço. Se estas licenças se não admitem, digam adeus à poesia de stilo.

(3) No empirado, e no agudo.

Responde o Eco montês, com bronca toada,
Como que a vez primeira o ruído o acorda.
Pára ante a Lapa, que um penedo cerra,
Onde eu luz bruxuleio, pelas fendas.
Esperança me pulsa na alma, e sustos.
Chego, examino (oh assombro!): a luz, no côncavo
Da Lapa distingui raiando frouxa.

EUDORO

“Tu, que a Feras cruéis dás peito brando;
Condói-te dum transviado Peregrino.”
Mal me rompem dos lábios estas vozes,
Que ouço um Ancião entoar sagrado Cântico.

EUDORO

“Cristão, abre a um Cristão, que te suplica.”
Varão que a Idade assinalou com rugas ⁽¹⁾
Dos anos de Jacob, seco, alquebrado
Veio-me a porta abrir. Vestia um saio
De entretecidas folhas de Palmeira.

PAULO

“Sejas, Hóspede estranho, embora, vindo...
Tal me vês, qual em pó, e em terra solto
Não tarde me hás-de ver. Vizinho é o prazo
Do meu sono feliz: que não me tolhe
Contudo, Irmão, de te hospedar gozoso,
Breves horas, o Paulo, que há fundado,
Na arenosa Tebaida, o Cristianismo.”

Jaz, no fundo da Lapa, uma Palmeira,
Que entrelaçando as estendidas Palmas,

(1) Parecido com Jacob nos anos, e nas rugas do semblante.

Dava feição dum Pórtico: e ali junto
Brotavam de agra rocha, claras águas,
Que, em regatos correndo, iam sumir-se
Em búbulas areias, não distantes.
Na margem, ⁽¹⁾ se sentou, comigo Paulo:
“Que vai pelo Orbe? Inda Cidades fundam?
Quem é, que hoje, lá tem mando supremo?
Cento e treze anos há, que a Lapa ocupo,
E cem, que sós dous Homens tenho visto.
Hoje tu, Antão ontem, que eu deste ermo
Deixo herdeiro, e amanhã, vem sepultar-me.”

Disse: e do ouco da rocha um pão alvíssimo
Traz na mão, e me diz: — “A Providência
Cada dia sustento igual me manda.”
Comigo repartiu do dom Celeste. ⁽²⁾
No ouco da mão, que ao jorro da água clara
Presentamos, à sede termo pomos.
Finda a frugal comida, o Santo Paulo
saber quis quais sucessos me trouxeram
Ao seu retiro, à rocha inacessível.
Depois que ouvido teve a deplorável
Narração de meus transes, de meus erros:

PAULO

“Grandes teus erros são! Mas, quais pecados
Delir não podem lágrimas sinceras?
Não quis Deus previdente, sem desígnio,
Que o Cristianismo visses recém-nado,
No Orbe todo; e, neste ermo, co’ele encontras:
No Trópico, entre Leões; no Pólo, entre Ursos.
Por Campeão seu te há embandeirado Cristo;

(1) Da nascente.

(2) O pão, que do Céu lhe vinha.

Que a Fé defendas quer, quer que triunfes.
Incompreensíveis são os teus caminhos,
Deus, que este Confessor, ⁽¹⁾ guias a ver-me,
A fim que eu, do porvir os véus lhe rasgue.
Que à Religião lhe eu abra luz mais viva;
E à Fábrica, que ergueu a Natureza,
Tu, pela Graça, ponhas o remate.
Descansa, Eudoro, aqui, completo o dia;
Amanhã, Sol nascente, ao Monte vamos
Orar, e antes que eu morra, anúncios dar-te.”

Discursou, longo tracto, o Anacoreta,
Quão bela a Religião, quais benefícios,
Tem de sparzir, um dia pelos Homens.
Nas falas do Eremita, que contraste!
No ordinário falar, cândido infante;
Mal Deus lhe rue ⁽²⁾ na alma, audaz Profeta.
No, de hoje, experto, no porvir, Vidente: ⁽³⁾
Ele, que esqueceu tudo; e a quem ignotas
Riquezas, penas, gostos são, do Mundo!
Dous Homens se plasmaram, num só Homem;
Sem afirmar, dos dous, qual mais se admire;
Se esse Paulo ignorante, se o Profeta:
Que a candidez foi dado do primeiro,
O dom sublime do segundo Paulo.

Depois de lições tais, graves, mas brandas,
De agradável cordura, me convida
Ao sacrifício de louvor ⁽⁴⁾ do Eterno,
Que entoa, em pé, à sombra da Palmeira.

(1) *Ante prævisa merita.*

(2) *Jupiter ipse ruens tumultu. In me tota ruens Venus.* São expressões de encarecimento, nos Pagãos, para indicar a onnipotência da Divindade. Porque não roubaremos o ouro dos Gentios, como roubaram as riquezas dos Egípcios os Hebreus?

(3) São sinónimos, na Escritura, e Santos Padres as palavras Profeta, Vidente, e Vate.

(4) *Sacrificium laudis.* — Salm. 49.

PAULO

“Oh Deus de nossos Pais, seja bendito;
Que a mim, que as criaturas não desprezas.
Solidão! perdes cedo, oh Esposa minha,
Quem, sempre, em ti gozou tanta doçura.
Corpo casto compete ao solitário,
Luz Divina no sp’rito, e lábios puros.
Oh sagrada Tristeza penitente,
Qual agulheta de ouro, pungen a alma;
Vem entranhar-me (oh vem) de Dor Celeste.
Mães das Virtudes são as nossas lágrimas:
E, porque ao Céu remonte o nosso sp’rito
Sejam-lhe supedâneo os Infortúnios.”

Pôs termo à rogativa, o Santo apenas,
Que, em brando, me embebi, profundo sono,
Reclinado nas cinzas alastradas,
Que a tálamos Reais Paulo antepunha.
Já quasi punha o Sol meta ao seu giro,
Quando olhos descerrei à claridade.

PAULO

“Ergue-te a adorar Deus; refeição toma,
E vamos à montanha.” Pronto o sigo.
Trepámos alcantis de agro fragedo, ⁽¹⁾
Horas seis. Nasce o Dia. Hemos ⁽²⁾ subido
Ao Pico de Colzim ⁽³⁾ mais empinado.
Em derredor de nós, vasto horizonte,
Qual Círculo sem termo se espraiava:
Topes de Horeb, do Sinai, lá, no Oriente,

(1) Fragas amiudadas, e agras de subir.

(2) Hemos, havemos, ou temos, são sinónimos.

(3) Monte mui alto da Tebaida.

E o Sur, e o Mar Vermelho se devolvem
Pelo Austro, as serranias da Tebaida.
O arneiro stéril, que a fugida Hebreia,
E o Rei, que os vexa, viu, demora ao Norte.
No Ocaso, a fecundez da Terra Egípcia,
E além, areais, em que me vi perdido.

Céus da Arábia feliz abria a Aurora;
E ao Quadro imenso dava dia, e lustre.
Correndo vão, pela Charneca, rápidos
A Gazela, o Avestruz, o Asno bravo,
Enquanto, em fila, e lentos, os Camelos
Duma Cáfila, atentos vão seguindo
O Condutor Jumento experto e cauto.
No Mar roxo, os Baixéis resvalam, fogem,
De aromas, e de sedas carregados.
Levam, talvez, às Índicas ribeiras,
Passageiro erudito. ⁽¹⁾ Eis que trajando
De splendor, a fronteira dos dous Mundos,
Se assoma o Sol, a disparar seus raios,
Na cima do Sinai; e a dar bosquejo
(Fraco em seu rosicler) da face augusta
Do Deus, que Moisés viu, no sacro Monte.

PAULO

“Oh Confessor da Fé, derrama a vista
Por tão amplo arredor. Vê-me esse Oriente,
Donde têm pululado quantos Cultos,
Quantas Revoluções cansaram o Orbe.
Esse Egipto, que deu à tua Grécia,
Tão elegantes Numes, deu à Índia
Deuses tão broncos. Lá, do Sur vês páramos,
Em que houve a Lei Moisés, em que andou Cristo.

(1) Cobiçoso de se informar de usos, e costumes dos Povos mais remotos.

Dia há-de vir, que de Ismael um garfo, ⁽¹⁾
Na Árabe Tenda o error ⁽²⁾ funde, e pregoe.
Fértil plaga! a Moral nos deste escrita!
Olha-me essas Nações do roxo Eoo
Como, em castigo dos Avós rebeldes,
Sentiram sempre o açoute dos Tiranos.
Nasce a Moral ⁽³⁾ no opresso Cativeiro,
Como os Cultos brotaram do Infortúnio.
Que assim Males com Bens, Deus equilibra.
Essa areia trilharam com Exércitos,
Quatro Devastadores ⁽⁴⁾ de árdua Fama.
Eras vindouras, somas não menores
De exércitos trareis. Virão Guerreiros
De não menor renome. Essas, que a História
Gravou, Comoções grandes, no Universo,
Ou, romperam daqui, ou cá findaram.
Nestas margens, onde o Homem veio à vida,
Vive, inda hoje energia sobre-humana;
Mistério inda aqui lavra, inda anda anexa
Ao berço da Criação, da Luz a fonte.
Oh! não nos prendam, do orbe Honras, Riquezas,
(Umas à volta de outras o Evo as traga!)
Cobre mesquinho pó preclaros séculos.
Notemos, que foi Terra de prodígios,
Para os Cristãos a plaga do Oriente.
Encostado à Moral, o Cristão Culto,
Pelas Nações entrou Civis, polidas.
Quais Grécia, e Roma: em Gália, e na Germânia
(Terra bronca!) entranhou-o a Caridade. ⁽⁵⁾
Clima Eoo afrouxa a alma, o sp'rito emperra.

(1) Maomé.

(2) A sua Seita.

(3) Na Lei da Moisés;

(4) Sesóstris, Cambises, Alexandre, e César.

(5) A Caridade Cristã, que amolentou a ferocidade desses bárbaros.

Por Leis, por seu Governo, é grave o Povo:
Caridade, e Moral, não calam nele,
Se, com vigor de braço a Penitência,
Com forças não acode à Lei de Cristo,
E a põe na Ara de Amon, nos Templos de Ísis. ⁽¹⁾
Convinha descobrir o Quadro ascético
Da privação de tudo, à Inércia mole;
Opor a embaidores Sacerdotes,
E a seus falsos, e vãos, sonhados Numes,
Milagres veros, ⁽²⁾ veras Profecias.
Só rasgos de Virtude nunca ouvidos
Têm posses de arrancar de Teatros, Circos, ⁽³⁾
Vulgo, em tripúdios tais embevecidos. ⁽⁴⁾
Aos Homens, que cometem crimes graves
Graves expiações talhar compete;
A fim que o celebérrimo das penas,
Delir possa o famígero das culpas.
Essa a Razão, que funda os Missionários,
(Que em mim começam, que hão-de ser perpétuos
Nestes ermos). Admira a Sapiência
Dum Deus, que às suas hostes arma e instrui
Aptas ao Clima, e obstác'los superandos. ⁽⁵⁾
Nota ambas Religiões, que arca por arca,
Têm de lutar, té que uma haja o triunfo;
O antigo Culto de Ísis, que se esconde
Na escuridão dos Evos, e se ufana
Co'as tradições, co'as pompas, c'os mistérios,
E se dá por seguro da vitória;
E o grão Dragão do Egipto, recostado

(1) Desterrando dessa Ara, e Templo a idolatria.

(2) Dizemos Vera-Cruz, porque não diremos Milagres veros? Veras Profecias?

(3) Coliseus, Anfiteatros, etc.

(4) Muito há já que me estranham palavras, que só estranhas são a quem são estranhos os Clássicos da sua língua. *Multa renascentur quæ jam cecidere.*

(5) Que têm de superar as hostes. Relíquias venerandas, as relíquias que têm de ser veneradas.

Na aluvião do Nilo, que pregoa:
O Rio é meu; bem crê, que ao Crocodilo
Têm, sempre, os Homens de of'recer incenso;
Que o Boi, ⁽¹⁾ a quem dão morte, em seu presepe, ^[II]
Será sempre a maior das Divindades.

Um Exército, oh Filho, nestes páramos,
Se incorpora, e à Conquista da Verdade,
Instruto marcha, e destemido avança,
Desde a Tebaida, e descampada Scete.
Compõem-no Anciões e Santos; bordões brancos
Por armas leva; vai, nos próprios Templos,
Pôr assédio aos Ministros da Mentira,
Que estão logrando fértils Campinas,
Engolfados no luxo, e nos deleites;
Quando em rigor de aspérrima vivenda
Moram os Santos em areias tórridas.
Demónios da Ambição, de Ouro, e Volúpia
Corromper tramam a Fiel Milícia;
Sente, de longe o Inferno o seu destroço!
Liberal em milagres, dos Céus desce
O Amparo dos Cristãos. Quem vem dizer-me
De tantos Campeões o nome ilustre!
Antão, Macário, Serapião, Pacómio?

Já, por eles Vitória aclama a Tuba,
Deus veste ⁽²⁾ o Egipto, qual Pastor a manta.
Por onde o Erro falou, fala a verdade;
Pôs Deus um Santo, onde um mistério os Ídolos.
São invadidas ⁽³⁾ as Tebaidas grutas;
Ao Mundo mortos, nos desertos vivem.

(1) O Boi Ápis.

(2) Diz S. Paulo que o Pagão veste a J. C. quando se baptiza. — *Christum induistis.*

(3) Pelos Cristãos, que a elas se retiram a fazer penitência.

[II] O mesmo que presépio.

Dos Templos seus, os Numes esbulhados
Uns tornam à lavoura, ⁽¹⁾ outros ao rio. ⁽²⁾
Vai medrando o triunfo: desde a Queópea
Pirâmide, o clamor vai reboando,
Até à de Orsimândue sepultura.
De José, a Gessen, vem nova prole.
Ganhada a puro pranto, essa Conquista
Não custa uma só lágrima aos vencidos. ⁽³⁾

Não hás desemperrar, Eudoro, as Linhas
Do Exército Cristão! Se não repugnas
À voz Divina... ⁽⁴⁾ Oh! qual te espera, c'roa!
Qual será, sobre ti, glória sparzida!
Que há, que te enleve, no Orbe? Guiar coreias
(Infiel Hebreu!) ante o Bezerro de ouro?
Muito há, propende em ruína, o Império, e Roma.
Dos Senhores do Mundo infindas culpas
Trarão, cedo, esse Dia de vingança.
Vexem Cristãos; em Mártir sangue abundem
Os ângulos ⁽⁵⁾ do altar, e os santos vasos."

De novo obedeceu. Já abrindo os braços
Para a montanha Horeb, súbita chama
Lhe rutila no olhar, veste-lhe as faces
De juventude, alhana, alisa as rugas.
Exclama, todo ardor, e todo Elias:

"Donde vêm tais Famílias acoutar-se
Fugitivas, nos antros de Eremitas?

(1) Os Bois adorados.

(2) Os Crocodilos.

(3) Como, nos sacrifícios da antiga Lei. Nadavam os altares em sangue. E nas conquistas da Fé, lavra somente caridade e Amor do próximo.

(4) Paulo, que suspenso um tanto aqui ficou, rompe com maior fervor, dizendo.

(5) Os Cornos de altar, diz a Bíblia, e à maneira dela o Original deste Poema: eu não ousei a tanto.

Quais vêm, dos quatro ventos do Orbe, as Gentes?
Não vês os hediondos Cavaleiros,
Progénie impura de infernais Esp'ritos,
De Scitas Feiticeiras? Têm por Guia
O Flagelo de Deus. ⁽¹⁾ Mais que os Leopardos,
Os Corcéis, que eles montam, são velozes.
Mais, que Medas de areia, Escravas turmas!...
Com peles de animais, seus Reis cingidos,
Tingem de verde a face, e a fronte cobrem
Com bárbara gualteira. E com que fito,
Em redor das Cidades sitiadas,
Algozes nus degolam prisioneiros?

Pára, oh Monstro que o sangue dos humanos
Que hás aterrado, bebes! Dos desertos
De hórrido Clima, se encaminham todos
À nova Babilónia. Assim caíste,
Na poeira, oh Rainha das Cidades!
Eis soterrado jaz teu Capitólio;
Teus Campos ermos, solidões te cingem.
Resplende (oh grão prodígio!) a Cruz, no centro
Desse pegão de poeira! Oh como te alças
Na ressurgida Roma! És timbre, és c'roa!
Regozija-te, oh Pai de Anacoretas.
Gozas, antes que esperes. Que não teus Filhos
De habitar, nos Alcáçares dos Césares.
Claustros pios serão os mesmos Pórticos,
Onde a morte, aos Cristãos, foi fulminada!
E onde a Culpa triunfou, Cilícios mordem."

Já as mãos, dum lado e doutro lhe descaem;
A luz, em que se abrasa, lhe amortece.
Homem fica ⁽²⁾ e as que diz, são vozes de Homem.

(1) Átila.

(2) De vidente, e inspirado, que era atéli.

PAULO

“Eudoro, eis que releva separar-nos.
Nem mais descer me cabe deste Monte.
Quem me há-de amortalhar, já se avizinha,
Quem dê à terra, a terra deste corpo.
Nas faldas deste monte há-de encontrá-lo:
Tens de o aguardar que volte, e te encaminhe.”

Pasmoso Ancião! Já tácito me ausento,
Na mais séria intenção todo embebido.
Eis... lhe ouço a voz. Eis lhe ouço o extremo Cântico.
Próximo a arder na pira o anoso Fénix,
Saudava a renascente Juventude. ⁽¹⁾
O outro Ancião que a Atanásia ⁽²⁾ pia túnica,
Que Paulo requereu, para mortalha
Traz nas mãos, saudei-o, à raiz do Monte.
Era Antão, já Guerreiro de alta prova
Contra os do Inferno perenais assaltos.
Falar-lhe eu quis; mas, sem que um passo perca,
A correr, e a bradar: — “Vi, no ermo, a Elias,
Vi o Baptista, vi no Empíreo a Paulo.”
Todo o dia esperei; na Aurora crastina,
Voltar o vi, vertendo santas lágrimas.

ANTÃO

“Quando, por ti, passei, ao Céu subia
Aquele Serafim, splendendo alvura,
Num de Anjos, Coro, e divinais Profetas.
Lá, no cimo, seu corpo ajoelhado,
Braços em cruz, o rosto aos Céus erguido...”

(1) Em que, nos Céus ia remoçar-se.

(2) A túnica de que usava santo Atanásio.

Já não vivia: e creras, que inda orava.
Saíram dous Leões de selva próxima,
Que a profundar-lhe a cova me ajudaram.
Da túnica de folhas de Palmeira
Paulo herdeiro me fez, por sua morte.”

Do Proto-Anacoreta o passamento
Antão contava, em via do Mosteiro,
Onde, Abade, a Milícia instituía,
Que Paulo renunciou, conquistadora. ⁽¹⁾
Guiou-me um Monte a Arsínoe, donde enceto
C’os Ptolomais ⁽²⁾ Chatins, pronto a jornada,
Breve pauso ⁽³⁾ em Solima: à pia Helena
De Constantino Mãe, sposa de César, ⁽⁴⁾
Meu Protector grandioso, obséquios rendo.
Os sete decorri, Templos, que o Pátmio
Profeta ⁽⁵⁾ instruiu. Essa angustiada Smirna,
Éfeso a bem sofrida, a fiel Pérgamo,
Tiatira a caridosa; e já, dos mortos
Posta na lista, Sardes; Laodiceia,
Que brancas roupas compre; Filadélfia,
Cara ao que a Chave de David possui. ⁽⁶⁾

Ditoso, de, em Bizâncio, achar o Príncipe ⁽⁷⁾
Que, em braços me apertou, contou-me os vastos
Projectos seus: ausente, após dez anos

(1) Que havia de conquistar o Mundo idólatra.

(2) De S. João de Acre.

(3) Breve pausa faça.

(4) Constâncio.

(5) O Evangelista S. João desterrado em Patmos onde escreveu o Apocalipse, em que fala dessas sete Igrejas.

(6) Apocalipse, cap. 2.

(7) Constantino.

De infortúnio, a ver meus Pais queridos,
Se o Céu benigno, os votos meus escuta,
Vales da Arcádia, habitarei tranquilo.
Que dita! Se os meus dias penitentes
Neles, vivo, me volvem, volvem morto,
E ao lado de meus Pais, me abrem jazigo!»

Assim pôs termo Eudoro ao seu discurso.
Longo silêncio a voz aos Velhos ⁽¹⁾ prende.
Do centro da alma o Pai rende a Deus graças,
Que Filho tal lhe deu. Nada que improve,
No cândido Mancebo, viu Cirilo,
Nos erros seus, que assim patentes punha:
Antes o olhava, com respeito, e assombro,
Chamado pelo Céu, a altos desígnios,
E Confessor da Fé. ⁽²⁾ Quasi Demódoco
Achava estranha a não vulgar linguagem;
E, a Eudoro, incompreensível nas Virtudes.

Quais Reis (do majestoso) os Velhos se erguem
E de Lastenes entram na pousada.
Havendo oferecido, por Eudoro,
O tremendo holocausto, o Santo Bispo,
Diz a todos adeus, caminha a Sparta;
E parte Eudoro, à penitente grata.
Demódoco, ficando a sós, co'a Filha,
Que em seus braços aperta, com ternura,
Angustiado fala, deste modo:

«Talvez Disgraças venham, cara Filha.
Jove as envia. Oh Filha, imita a Eudoro.
Fado ruim faz que medrem as Virtudes,
Que lenta madurez nem sempre pedem.

(1) Lastenes, Cirilo, e Demódoco.

(2) Quebravam, de propósito, algumas vezes Virgílio, e Ovídio os versos, a fim de evitarem a monotonia. Também outras vezes no fervor das paixões de seus Heróis, no desmancho dos versos as caracterizavam melhor.

Verde cacho, se o torce o Vinhateiro,
E se, na Cepa, murcha, antes de Outono,
Na aba do Alfeu, na encosta do Erimanto,
Com mui suave licor, nos saboreia.»

FIM DO LIVRO XI.º

NOTAS DO LIVRO XI.º

Pág. 7, verso 2. Fumo em coluna.

*Mænia respiciens, quæ jam infelicis Elisæ
Collucent flamis; quæ tantum acenderit ignem
Causa latet.*

Ibid., verso 24. De Verres.

Merece ser lida em Cícero, *V in Verrem*, toda essa passagem.

Ibid., verso 29. Aras Filenas.

Monumento consagrado à memória de dous Irmãos Cartagineses que se expuseram à morte por estender atéli as dependências de Cartago.

Pág. 8, verso 21. Dídimo.

Houve dous Dídimos, e ambos sábios. Este segundo que vivia no 4.º século, era Cristão, e tão versado na antiguidade profana, quanto na sagrada. Supõe-se que dele é o Comentário de Homero, e que ele o emendou. Foi Aio do Filho de Ptolomeu Lago.

Pág. 12, verso 20. Aquerúsio.

Esses Campos venturosos, que aos Justos falecidos atribuem por morada, nada mais são (literalmente entendidos) que as formosas terras chãs, que se estendem em redor de Mênfis, repartidas em Campos, e Lagoas, acobertados de Lotos estas, e aqueles de searas. Nem sem razão disseram, que lá pousavam os Mortos: porquanto ali fenecem os funerais dos Egípcios, quando, atravessado o Nilo, e o Lago Aquerúsio, vão nessa Campina sepultar os finados. E ora as Cerimónias, que inda hoje estão em praxe, no Egipto, condizem com quanto contam do Tártaro os Gregos. Lá tendes a barca, que os cadáveres navega, lá se paga o óbolo ao Barqueiro (Caron, em língua Egípcia, diz Barqueiro). Lá, o Templo de Hécate a tenebrosa, situado nas fauces do Tártaro; lá, portas do Cocito, e Letes assentadas em quícios de bronze; e inda outras portas, como as da Justiça *capite minus*; (desfalcada da cabeça) e também as portas da verdade (DIODOR. lib. 5).

Ibid., verso 26. Tebas.

Opulentou Eusíris a Tebas, mais do que a quantas Cidades contém o Egípto; mais que a alguma, que no Universo exista. Tanto se espraiou o brado, que fez que dissesse Homero:

Quando me dera, por domar meus ímpetos,
Quanto tesouro encerra a Egípcia Tebas,
Que os Exércitos seus, das portas vasa,
No plaino, e Carros vinte mil despede.

Não tinha (segundo alguns Autores) Tebas cem portas: mas tomando o número cem por grossa quantia delas, lhe deram o título de Hecatompila, não tanto por suas muitas portas, quanto pelos amplos Vestíbulos de seus Templos (DIODOR. lib. I).

Pág. 13, verso 4. Inaco e Cécrops.

Cécrops fundou Atenas, Inaco Argos. Pela notícia que lhe deram os Sacerdotes Egípcios, conta Diodoro que peregrinaram no Egípto Orfeu, Museu, Melampo, Dédalo, Homero, Licurgo, Sólon, Platão, Pitágoras, Eudóxio, Demócrito e Enópides.

Ibid., versos 7 e 8. Julgavam seus Reis.

«Logo que algum morria, o levavam a juízo. Se o Acusador público provava, que fora ruim, condenada era a sua memória, e negada lhe era a sepultura. Admirava-se o Povo de quanto eram poderosas as Leis, que se estendiam além da Morte mesma. Entrados de semelhante exemplo, temiam os Homens desabonar sua memória, e sua família. Se porém não era convencido de algum delito, o morto, era então, com honras enterrado.

O que porém, nesta devassa mais se admira, é que não abrigasse o trono a seus próprios Monarcas. Se nos Reis, enquanto vivos, não tocavam; assim o requeria o público repouso: mas vinham, como os Vassallos a juízo, depois de mortos; a muitos os privaram da sepultura» (*Vid.* ROLLIN. *Hist. d'Egypte*).

Ibid., verso 9. Penhores.

«Como, no reinado de Asiquis, padecesse o Comércio, por escassezas de moeda, publicou-se uma lei que tolhia empréstimo, a quem não desse em penhor o corpo de seu Pai. E vinha mais nessa Lei, que também se apossaria o Credor da sepultura do Devedor; e no caso de não pagar a dívida, pela qual

empenhara tão preciosa hipoteca, não entraria depois de morto no jazigo de seus Antepassados» (HERODOT. lib. I).

Ibid., verso 10. O Filho que matou.

«Não tinha pena de morte o Pai que matava seu Filho; mas condenava-o a Lei a tê-lo três dias e três noites, nos braços, publicamente, e com Guardas à vista» (DIODOR. lib. I).

Ibid., verso 11. Banquetes.

«Nos banquetes, que os Magnatas se dão, trazem ao redor da sala um ataúde, com uma figura de madeira, tão bem esculpida, e tão bem pintada, que assemelhava um Cadáver. Um após outro, a mostram aos Convidados dizendo: "Ponde os olhos, neste Homem, com quem vos tendes de parecer, quando fordes mortos. Bebei, no entanto, e diverti-vos".» (DIODOR. lib. II).

Ibid., verso 12. Nomeavam.

«Todas essas Gentes, considerando quão pouco dura, e de quão leve tomo é a vida; e pelo contrário, atentando na prolongada lembrança que após si deixa a Virtude, davam nome de estalagens às Casas de morada, e aos jazigos (de que nunca se sai) o nome de pousada eterna. Portanto, os Reis, indiferentes quanto à fábrica de seus Palácios, se esmeravam na de suas sepulturas.» (DIODOR. lib. I).

Pág. 14, verso 10. Núbios.

Pelo qual tratado cedia o Imperador aos Etíopes as terras, que os Romanos possuíam além das Catadupas do Nilo.

Pág. 15, verso 14. Combros de seixos.

«Atravessámos (diz o Missionário Sicard) o caminho dos Anjos; que assim chamam os Cristãos uma longa enfiada de cúmulo de pedras, que se estiram a bastantes jornadas. Foram esses cúmulo de muito préstimo aos antigos Anacoretas, que por eles, dirigiam seu caminho. Porquanto, nessas planícies descampadas, que ventanias atormentam, não há vereda, nem vestígio, que as areias não apaguem» (*Lettres édifiantes*, tom. v).

Pág. 17, verso 9. Pelo afogueado Vento.

Kansim lhe chamam. Nenhum Autor trata da Arábia, que não fale nesse vento terrível que, subitâneo, mata Camelos, Cavalos, Homens. Notícia dele dão antigos Escritos (*Vid.* PLUTARC.).

Pág. 18, verso 25. Calcinada rocha.

O Mosteiro de S. Paulo... é situado no coração do Monte Colsim, ao Oriente, e em torno o circundam barrancos, e denegridos stéreis serros. (SICCARD. *loco citato*).

Pág. 19, verso 3. Lapa.

«Deparou (fala de S. Paulo) c'uma pedregosa Serra, e junto a cuja falda havia uma espaçosa furna, a que um penedo servia de portal. Como ele o arredasse, e que, e pelo instinto natural aos Homens, de investigar o que lhes é oculto, descobrisse um amplo vestibulo, formado por antiquíssima Palmeira, com os ramos, que debruçava em redor de si, entretecidos uns com outros, e só tinha o Céu por cobertura e mais deparou com limpidíssima nascente, que se desatava em arroio, para, pouco distante, se sumir num fojo; e lá, se deixar tragar pela mesma terra, donde rebentado tinha» (*Vida dos Padres do Deserto*, T. I, p. 5)

Pág. 20, verso 6. Pelo Orbe.

«Sorrindo, lhe abria a porta Paulo, e depois de vários abraços se saudaram por seus próprios apelidos; e dadas a Deus graças recíprocas; se deram ambos o ósculo de Paz. Paulo, tomando, junto de Antão, assento, lhe falou assim: “Eis o Homem, que com tanta fadiga há procurado, e cujo Corpo macerado pela idade, anda, como envolto em pêlo, em enxovedo. ⁽¹⁾ Eis o Homem, que cedo, tem de se resolver em terra. Mas como Caridade, nada há hi que lhe estorvo seja inteira-me do como vai o Mundo. Edificam ainda, nas antigas Cidades novas fábricas? Quem é, que, agora, impera?» (*Id., ibid.*).

(1) Enxovedo (diz Morais) Tolo. — Enxovedo toma-o muita gente polida e mormente Freiras, a quem muitas vezes ouvi, por por sujidade, ou porcaria.

Pág. 23, verso 12. Cáfila.

Na mais remota antiguidade encontrareis com notícia Caravanas ou Cáfilas. A primeira com que, na História Romana se depara, sobe ao século de Augusto, na expedição das Legiões, que foram descobrir os aromas da Arábia: os quais, e as sedas vinham aos Romanos pelo Mar vermelho. Os Filósofos iam algumas vezes aprender dos Brâmanes a Sabedoria.

Pág. 25, verso 29. Dragão do Egipto.

Ecce ad te, Pharao rex Egypti, draco magne, qui cubas in medio fluminum tuorum, et dicis! Meus est fluuius. (EZEQUIEL, 29.)

Pág. 27, verso 3. Queópea.

DIODOR. lib. I.

Ibid., verso 25. Famílias.

Havendo-se retirado S. Jerónimo à sua gruta de Belém, e sobrevivendo à tomada de Roma, por Alarico, viu muitas famílias Romanas, que vinham tomar asilo na Judeia.

Pág. 28, verso 5. Leopardos.

Leuiore pardi equi ejus... Et congregabit quasi arenam cativitatem (HABAC. cap. I v. 8 et 9).

Ibid., verso 14. Desertos.

Onus deserti maris. Sicut turbines ab Africa veniunt, de deserto venit, de terra horribili (ISAI. cap. 21, v. 1.)

Pág. 29, verso 4. Deste corpo.

Vidas dos Padres do Deserto, Tomo 1. pág. 13.

Ibid., verso 12. Atanásia.

Idem, ibidem.

OS MÁRTIRES

LIVRO XII.º

ARGUMENTO

Invocação ao Espírito Santo. Conjuração dos Demónios contra a Igreja. Diocleciano ordena o recenseamento dos Cristãos. Parte Hierocles para a Acaia. Amor de Eudoro, e de Cimódoce.

SANTO Esp'rito que a vastidão do Abismo,
Abrangendo-o co'as asas, fecundaste,
Vem; que eu faleço; vem em meu socorro.
Do Monte, que a seus pés, vê humilhados
De Aónia os cumes, terrenais objectos
Contemplando, em seu moto não cessante,
Vês dos Homens a tão mudável turba
Em Bem o Mal, em Mal o Bem trocando.
Nas Máximas tão vários! Tu, que os peitos
Entumecidos vês, co'as Dignidades,
Co'as illusórias Honras corrompidos;
Tu, que o Poder, por Crimes granjeado
Ameaças; que consolas o Infortúnio,
Acintoso às Virtudes; vês dos Homens
Paixões diversas, aviltados sustos,
Ruins Ódios, cobiçosas Esperanças,
Curtos Gostos, Enojos prolongados
Oh Sp'rito Criador, dá-lhe alma, e vida
Às vozes, com que eu narro. Oh quão ditoso,
Se os portentos do teu Amor lavrando,
Do horrendo Quadro as cores amorteço!

Postos, onde o seu Cabo os consignara,
Por toda a parte, os Anjos tenebrosos,

Sopram discórdia, e horror do Cristão Culto.
De Roma aos Cabos, e Imperiais Ministros,
Soltam Paixões, e de contínuo Astarte,
A Homérea Filha a Hierocles afigura,
Em donosa aparência; e lhe une Graças,
Que a lembrada Beldade ausente adornem.
Satã, a ocultas, a Ambição desperta
Em Galério; e os Cristãos inculca adictos
A Diocleciano, e esteios de seu trono.
Entregue ao Anjo da falaz Sapiência
Hierocles, desertor da Lei de Cristo,
Contra os Cultores seus, em ódio ardente,
Profunda o César. Vem-lhe a Mãe, ⁽¹⁾ queixando-se,
Que os Discíp'los da Cruz, das hecatombes
Que, por seu Filho, faz a agrestes Numes,
Mofam, de ir lá, de orar ⁽²⁾ por ele enjeitam.

Quando o Abutre (das brenhas bronca prole)
Se atira à Pomba, que na veia de água,
Mata a sede, dão grito outros Abutres,
Pendurados nos picos penhascosos,
Açulando-o no arrojo disparado,
A que empolgue (cruéis!) a Pomba tímida.
Tal, a Galério, a Mãe, e Hierocles impio
Vozeiam, que dê fim do Cristão Culto,
(Que é bem seu fito!) e ceve-se em matanças.
Túmido, e ufano, co'a Vitória Pártica,
Imerso em corruptela, e luxo Asiano,
Traçando ambiciosíssimos projectos,
Com queixas, com ameaços cansa ⁽³⁾ a Augusto.

«E que esperas (lhe diz) que não castigas
Essa odiosa relé, que, de Clemente,
Permites pulular por todo o Império?

(1) De Galério.

(2) Por Galério.

(3) Galério.

Minha Mãe insultada, os Templos ermos,
Prisca ⁽¹⁾ ilusa... Castiga-os. Co'as riquezas
Dos rebeldes, acode ao Bem do Estado;
Acção pia, e mui grata aos santos Numes!»

Augusto, de prudente, e moderado
(Como em velhos vai de uso) propendia
Para a brandura, e para o Bem dos súbditos.
Árvore, que envelhece, abate os ramos,
Debruça à terra a fruta. Ora a Avareza,
(Junta à superstição, que o senso enturva)
Os grandes, lhe estragava, dotes do ânimo.
A Esperança, o iludiu, de achar tesouros,
Nos Cristãos confiscados. Manda ao Bispo
De Roma, ordem que entregue pronto aos Ídolos
Toda a riqueza desse novo Culto.
À Igreja, em que amuados crê tesouros,
Vem Augusto, em pessoa. As portas se abrem:
Infindos Pobres vê, e Enfermos, e Órfãos.

MARCELINO (*a Diocleciano*)

«Jóias da Igreja vês, ⁽²⁾ baixela rica,
E áureas c'roas de Cristo preciosas.»
Lição foi que o abalou! Lição austera!
Que roxas cores lhe assomou nas faces!
Quando em brios se vê um Rei vencido,
Braveja: que o Poder, por alto intuito,
Se endereça a Virtudes. Como um Jovem
Cuida ter por foreira a Gentileza.
Ai! de quem este, ou esse desengana
Das graças, ou dos dons, que lhe falecem!

(1) A Imperatriz.

(2) O que, no Poema se applica a Marcelino, aconteceu a S. Lourenço.

Satan, deste desar do idoso Augusto
Lançando mão, o insulto lhe exagera;
Sopra a superstição, sopra os temores:
Nuas Aras, suspensos sacrificios
Lhe azoa: vêm Arúspices, vêm Águres
Clamar, que a pôr a monte os Pátrios Numes
Assaz é que os Cristãos presentes sejam;
Manchas o int'rior da Rês mosqueiam lívidas;
Vem desfalcado o Fígado; ⁽¹⁾ e nas Praças
Lectistérnios ⁽²⁾ dos agastados Numes
Que olhavam de través; portas dos Templos
Se fechavam por si; nos antros sacros
Arruídos confusos retumbavam.

Cada momento, a Roma, traz anúncio
De aziago portentoso. ⁽³⁾ Há represado
Nilo o tributo undoso; o Trovão ronca;
Treme a Terra; Vulcões borbotam chamas;
Arruína a Fome, a Peste Eoas terras,
P'rigosas sedições, Guerras estranhas
Laboram nas Províncias do Ocidente.
Esses impios Cristãos são Réus de tudo.

No amplo recinto das Cesáreas Termas,
Em meio dos Jardins sobe um Cipreste,
Mana uma fonte, se ergue uma Ara a Rómulo.
Lombos tintos de nódoas cor de sangue,
De sob Ara sai Serpe, e silva súbita:
Logo coleia, em roscas, pelo tronco ⁽⁴⁾
Entre a aguda ⁽⁵⁾ folhagem do Cipreste,

(1) Das Vítimas.

(2) Festins em que as státuas dos Deuses eram postas em cima de camas.

(3) Tito Lívio toma sempre em mau sentido a palavra *portentum*.

(4) Do Acipreste.

(5) Quasi no tope, onde o Cipreste é mais agudo.

Três, em seu ninho ocultos Pardais novos,
Os colhe, e os traga a Serpe horrenda. Em torno
Esvoaça a pia Mãe. Pela asa a prende
O Monstro, e pie embora a triste. Augusto
Transido do portento, ao sumo Arúspice ⁽¹⁾
(Que Galério peitou) consulta ansiado.

TAGES

«Essa Serpe denota o Cristão Culto,
Leva, oh Príncipe, o fito em tragar Césares
Dá-te pressa a arredar Celestes iras:
Castiga os que inimigos são dos Numes.»

Deus tinha, então na destra a áurea balança.
Em que a sorte dos Reis, de Impérios pesa.
A de Augusto ⁽²⁾ subiu. O centro da alma
De Augusto se abalou espavorido.
Antolhou-se-lhe a Dita ir-lhe fugindo,
E as Parcas, (que do peito ele ama, e adora)
Fiar-lhe o estame à vida mais ligeiras.
Sentiu agorentado o tino ingénito;
Nem tanto ao claro as vê, Paixões, nos Homens,
Quanto as próprias, de rasto o vão levando.
Manda a Oficiais Cristãos de seu Palácio,
Que aos Ídolos dêem culto; ordens envia
Que em todos os Confins do Orbe Romano
Exactos os Cristãos se recenseiem.

Já Galério se enleva de alegria,
Qual Vinhateiro, que um Terrão famoso
No Val de Tmolo tem; que em seu passeio
Entre as Cepas da Vinha florejante,

(1) Tages.

(2) O prato, ou cuia da balança em que a sorte de Augusto se pesava.

Crê, nas copas do Altar, dos Reis nas taças
Que vê manar a Báquica espadana;
Tais, já, rios de sangue avista o César ⁽¹⁾
Dos Fiéis correr; e os Bens Cristãos manar-lhe. ⁽²⁾
Partem logo Prefeitos, e Procônsoles
Cumprir do iluso Príncipe os mandados.
Beija, humilde da toga a fímbria, ao César,
Hierocles. Como quem devolve a vida
À Virtude: eis forceja, eis se resolve
A Alçar ao César olhos humilhados.

HIÉROCLES

«Filho de Jove, Príncipe sublime;
Da Sapiência Amador, eis parto à Acaia.
A castigar rebeldes, que blasfemam
Da tua Eternidade. De ti, Príncipe,
Minha Dita, e Deus meu! Concede, oh César
Me explique eu franco. Sei, que a Vida arrisco...
Mas dar Verdade inteira ao sábio incumbe.
O Divo Imperador assaz firmeza
Contra os Cristãos (odiosos!) não disfere.
Di-lo-ei? Sem que me adquira o teu enojo?
Se as mãos, que a Idade afrouxa, escoar deixam
Do Império as rédeas... Não seria digno
Galério César, Triunfador dos Partos
De colhê-las, subindo ao Sólío augusto?
Dos, que inimigos tens ao lado, oh vela-te,
Herói meu: que o Veador deste Palácio
Doroteu é Cristão. Desque, na Corte,
Um Arcádio revel foi acolhido,
Prisca, a Imperatriz ampara os impios;
E o Jovem Constantino... Oh Dor! Oh Pejo!»

(1) Galério.

(2) Pelo confisco.

Súbito se interrompe o astuto Hierocles,
Prantos verte, entranhável susto inculca
Dos perigos, que ao César ameaçam.
E, assim, ateia, na alma do Tirano
De Cruzea, e de Ambição flamas robustas:
Fundando a passo igual os alicerces
Da vindoura grandeza. Diocleciano
Sofistas desamava; e sabe Hierocles
Que, nunca, as honras lhe daria Augusto,
Que ele, do César, tantas se promete.

Voa a Tarento, embarca-se na Armada
Que a Messénia o conduz. Arde já ver-se
Na Grécia, onde Cimódoce respira,
Onde Amor o prendeu, onde o ódio ceve
Que, na alma vil, contra os Cristãos lhe lava.
Das Virtudes, aos Vícios, pondo a máscara,
Esconde, no imo peito a Audácia, o Erro,
A crebros brados, só, dos lábios solta
Sapiência, Humanidade. A água profunda,
Que, no álveo, encobre escolhos, e voragens,
Assim (não raro!) ilustra, aformosenta
Co'a face, e luz dos Céus, a superfície.

Os Demónios, em tanto se apressuram
Em destruir a Fé. Ventos favónios
A Hierocles dão, que rápido atrás deixa
O Mar, que deu passagem a Alcibíades, ⁽¹⁾
Quando encantada a Itália, a ver corria
O Grego mais gentil. Vão-lhe fugindo
Jardins de Alcínoo, alturas de Butroto,
Próximos sítios, que imortais deixaram
Os dous mais claros Cisnes. ⁽²⁾ Já Leucate,

(1) Na fatal expedição de Nícias contra Siracusa.

(2) Homero, e Virgílio.

Onde ardores de Safo inda respiram,
Crespa de Rochas Ítaca, Zacinto
Selvi-comada, e a que é tão cara às Pombas,
Cefalónia, que a vê-la olhos convida.
Já Hierocles as Estrofadas saúda,
Aufúgio impuro da loquaz Celeno. ⁽¹⁾
Avista logo, ao longe os serros de Élide:
Põe a proa no Eoo, orça as areias ⁽²⁾
Onde ao Jove do Mar ⁽³⁾ dava a hecatombe
Nestor, quando pedir vinha Telémaco
Do Pai prudente, e igual aos Deuses, novas.
Amarando-se ao Golfão de Messénia,
Deixa Sfatéria, Pilos, Mótion: rápida
Larga a Nau salso argento, fecha a rota,
Nas remansadas águas do Pamiso.

Enquanto (qual do Mar surge a tormenta)
Toca Hierocles o chão de Heróis, de Numes, ⁽⁴⁾
(Qual Ananias Anjo à Esposa Sara ⁽⁵⁾
Guia a Tobias) o Anjo do Amor santo
Desce à Gruta de Eudoro. Quando acende
Na alma amor santo, incumbe dele o Altíssimo
O mais formoso dos Celestes Anjos.
Tem por nome Uriel; na dextra empunha,
Flecha de ouro; do coldre eterno a toma:
Noutra (ao Farol divino, aceso) um facho.
Não precedeu a Criação desse Anjo
Do Mundo a Criação; ao Mundo veio,
Quando Eva olhos abriu à luz recente. ⁽⁶⁾
No ardente Querubim, criadora destra

(1) Hárpia, que tantos males vaticinou a Eneias.

(2) As arenosas praias.

(3) Neptuno.

(4) Nascidos ou inventados na Grécia.

(5) Filha de Raquel.

(6) Pouco depois de haver Deus dito *Fiat lux*.

Mesclou as mais donosas graças de Eva,
 C'ó sorrir do Pudor, c'ó olhar do Ingenho; ⁽¹⁾
 A quem fez, co'a divina flecha, o tiro,
 Em quem, co'empíreo facho, ateou chamas,
 Esse arrobado, aos feitos, se arremessa
 Mais de Herói, e às façanhas de mor p'rigor:
 Sacrifício não há, que árduo lhe seja.
 Primores da afeição entende, e estima.
 Um peito, assim ferido, medra em prantos,
 E é superste aos desejos conseguidos.
 Grande, e austera Paixão, não Amor frívolo,
 Confins não sofre, tem por nobre intuito
 Vindouros imortais ⁽²⁾ trazer à vida.

No peito acende a Eudoro esse Anjo à chama
 De ardor irresistível. Compungido,
 Sente o Cristão, ⁽³⁾ sob o cilício, o incêndio.
 Pagã será, quem da alma se lhe aposses.
 Recorrendo erros seus, já todo sustos,
 Recair teme em juvenis desmanchos; ⁽⁴⁾
 Do risco ameaçador fugir resolve.
 Tal, quando inda não rompe a Tempestade, e
 Tudo é, nas praias, quedo, soltam velas
 Imprudentes Baixéis, os mares talham:
 Mas Pescador experto, abana a fronte,
 No leito do Saveiro, a mão robusta
 Lança ao remo, e o Mar alto desampara,
 Põe proa a se abrigar detrás da rocha.
 Pela primeira vez, lhe cala a Eudoro,
 No peito, amor sem mancha, e de quão tímidos
 Sinta, afeitos, pasmou, pasmou, quão graves
 Sejam suas tenções, e quão diversas

(1) *Ingenium*, que os Franceses vertem por — *du Génie*.

(2) Que tenham de merecer a immortalidade.

(3) Eudoro.

(4) *Agnosco veteris vestigia flammæ*. — VIRGIL.

Dos audaces Desejos, dos levianos
Pensamentos, que outrora no amar tinha.

Entrava o Sol no pego das Atlântidas,
De ouro arraiando as Fortunadas Ilhas,
C'os últimos fulgores. Quis Demódoco
Despedir-se da Casa de Lastenes.
Eis que este, toda obstác'los lhe afigura
Toda p'rigos a Noite, e ruins azares.
Obtém, ⁽¹⁾ que os adeus lance ⁽²⁾ à Aurora crástina.
Cimódoce, em seu Quarto recolhida,
Rememorando a narração de Eudoro,
Se lhe roxeia o rosto; estranho lume
Nos olhos lhe resplende; ardente insónia
A despede do leito, a envia aos Campos
A espaiecer, na mansa fresca Noite.
Pela encosta do Monte, aos Jardins desce.

Suspensa, em seu Zénite, no Céu da Arcádia,
Bem como um Sol, a solitária Lua,
C'ó lustre de seus raios encobria
Os mais Astros, que adornam seu triunfo.
Mostrar-se alguns, de longe, apenas ousam,
Na vastidão da Sfera; de azul claro
Se traja o Céu, que esmaltam raras luzes:
Azul (disseras) orvalhado Lírio
Com lágrimas de aljofre. As altas cimas
Da empinada Cilene, e os espinhaços
De Foloe, e de Telfussa, as espessuras
De Anémose, e Falante, um horizonte
Compunham vaporoso e mal distinto.
Consonavam, distantes, clamorosas
Torrentes, c'ó jorrar de águas de rocha,
Que, a flux, manando estão de Arcádios serros.

(1) Lastenes.

(2) Demódoco.

Rutilando-lhe as ondas, lá, no vale,
O Alfeu, que a fuga segue de Aretusa,
Ouve, entre as canas ⁽¹⁾ ciciar ⁽²⁾ o Zéfiro;
Ouve às abas do Ládou, Filomela
Entre os Loureiros ⁽³⁾ gorjeiar saudosa.

Donosa Noite! À mente de Cimódoce
Afigura-se a Noite, que a guiara
Perto do Jovem (de Endimion transunto). ⁽⁴⁾
A tal lembrança o seio da Donzela
Mais apressado arqueja; avulta a imagem
Do destemido Filho de Lastenes, ⁽⁵⁾
E o seu garbo, e valor. Luz-lhe na ideia,
Que em seu falar de Eudoro, o Antiste, às vezes,
(Grata palavra!) *Esposo* proferira.
Toda a vida, ⁽⁶⁾ cingir, na fria frente
Vestais c' roas? Squivar nós de Himeneu,
Por escapar de Hierocles ao ruim jugo?
Da Virgem, que o impio Hierocles tanto anela
Nenhum mortal pedir-lhe a mão se afouta:
Mas de honras triunfais ornado, Eudoro,
Adorado das hostes, caro ao Príncipe,
A quem, de herança, tem de ornar a Púrpura,
Estimado de Augusto, é egrégio amparo,
Contra Hierocles, da Virgem, que ele espouse.
Foi Jove, e Amor, foi Vénus, quem às praias
Trouxeram de Messénia, o gentil Jovem.

(1) Em que a Ninfa Sirinx convertida foi.

(2) Quem bem observa o sibilante murmúrio, que o Zéfiro entre as Searas, entre os canaviais move, concordará, que esse som mais semelha a ciciar, que a sussurrar ou murmurar.

(3) Em que foi Dafne transformada.

(4) *Vd.* Livr. 8 deste Poema.

(5) Demódoco.

(6) Pensamentos interiores de Cimódoce.

Ao sítio, em que pôs termo o herói Arcádio ⁽¹⁾
À sua narração, chegou a Homérea ⁽²⁾
Abstraída. A Cordeira, que alta noite
Se esgarrou do redil, nos Pirenéus,
Certo o Pastor, que há-de encontrá-la, a busca
No sítio, em que pastou, sob o Codeço
Florido, que a abrigou, inteiro o dia.
Com descuidada planta, a Virgem sobe
Do Caçador ⁽³⁾ à penitente gruta.

No umbral dela avistou imóvel sombra,
Que sombra ser de Eudoro lhe afigura.
Tímida pára — tremem-lhe os joelhos,
Não pode adiantar pé, fugir não pode:
E era a de Eudoro, a afigurada sombra.
E ele orava; e a si junto, abonos tinha
De penitência; e cinzas, e cilício ⁽⁴⁾
Davam à Fé vigor, impulso ao pranto.
Aos passos, que sentiu, à quasi queda
De Cimódoce acode, e assegurando
Com braço auxiliador Virgem tão bela
Pouco vai, que a seu peito não a cinja.
Grave, e austero Cristão, oh! que o não era:
Homem sim, todo dó, todo ternura,
Que a Deus acarear intenta uma alma,
E de Deus alcançar divina Esposa.

Qual o Anho que hão os tojos lastimado
Com brandura à malhada o traz Bieito: ⁽⁵⁾
Tal ergue Eudoro em braços a Donzela,
Brando a reclina, no, que ao umbral da Gruta,
Pojo musgoso, jaz.

(1) Eudoro.

(2) Cimódoce

(3) Usava de traje ordinário de Caçador, Eudoro.

(4) *In cinere et cilicio.* — Psalm.

(5) Nome de pastor.

CIMÓDOCE (*com mal segura voz*)

«Perdoa, Eudoro,
Que eu turbe os sacros teus mistérios. Númen
(Qual seja ignoro) a ponto me há transviado,
Qual já me transviou, há algumas noites.» ⁽¹⁾
Treme a Vestal; como ela Eudoro treme.

EUDORO

«Moveu-te o passo aqui, meu Deus, que te ama,
E inclina a ser-me Esposa.»

CIMÓDOCE

«A lei que segues
Veda amor entre Virgens, entre Jovens.
Ou és pagão, ou falso a Deus, amando.»

EUDORO (*vendo corar Cimódoce*)

«Oh! não. Que eu nunca amei, quando ofendia
A minha Religião. Agora é que amo;
E de Deus, em te amar, o arbítrio cumpro.»
O Bálsamo, que coam, nas feridas,
Fresca linfa, que ao lasso Caminhante
Dessedenta, não são iguais, no preço
Ao da voz, que fugiu da boca a Eudoro,
Voz, que à Virgem, banhou a alma de júbilo.
Quais ao bolhão da ervosa Fonte, se alçam
Dous Choupos, na mudez da estiva Noite;
Tais ambos Sposos (já no Céu notados)
Stão, da Gruta, no umbral imóveis, mudos.

(1) Entende a noite em que o encontrou, vindo das Festas de Diana. — *Vid.* Liv. I.

CIMÓDOCE (*começando a sair desse êxtase*)

«Dá desculpa, oh Guerreiro, às importunas
 Perguntas de Messénia, ignara Virgem.
 Quem Mestre hábil não teve, muito ignora;
 Se o juízo algum Deus não lhe alumia.
 Nada sabe uma Virgem, que não versa,
 Bordando véus, as Casas de outras Virgens;
 Se aos Teatros, não vai, não corre os Templos.
 Com meu Pai, caro aos Numes, vivi sempre.
 Ama-se, na tua Lei? Há nela, um Carro,
 Que, a beijar-se e a arrulhar, as Pombas tiram?
 Monta-o Vénus Cristã, Cristão Cupido?
 Inocentes Enganos, ternos brincos,
 Que os mais cordatos corações subjugam...
 Quando irada, é temível essa Vénus?
 Impulsa ela uma Virge' a que o Mancebo
 Vá buscar ao Ginásio e que o introduza
 Furtivo em pátrio tecto? Acorra a filtros,
 Que o volúvel Amante a Casa tragam?
 Põem enleio na língua, em veias coa
 Fogo, ou gelo mortal? No umbral ensina
 Fazer conjuros, dar à Lua Cânticos?
 Cristão, acaso ignoras, que é Cupido
 De Vénus Filho, e que o nutriu, nas brenhas
 Leite de Hiena feroz? Lavrou iníquo
 O Arco de Freixo, e de Cipreste as flechas? ⁽¹⁾
 Nos quadris do Leão, nos do Centauro,
 Nos ombros se assentou do vago Alcides; ⁽²⁾
 Asas solta, e ata venda; é Marte, é Hermes; ⁽³⁾
 Na Eloquência, e Valor ombreia co' eles.»

(1) A Fábula, e as antigas esculturas o afiguram assim.

(2) *Vagus Hercules*. — HORAT.

(3) Mercúrio.

EUDORO

«Pagã Donzela, o, que eu professo, Culto
 Tão funestas Paixões não auxilia;
 Aos da alma comedidos movimentos
 Dá realces, que dar não coube a Vénus.
 Tu Numes tens, que adoras. Mas que Numes?
 Nada há mais inocente, que o teu ânimo:
 Mas quem te ouve falar de tais Deidades
 Te crera em seus mistérios instruída;
 Instruída em tanto mal. No culto de Ídolos
 Que professa, teu Pai te instruiu, no que obram
 Paixões nomeadas Numes, te instruiu pio! ⁽¹⁾
 Fora indigno a um Cristão dar cores lúbricas
 Ao retrato do Amor. Alcance eu, que olhes,
 Que me escolhas sincera, por Esposo,
 Mais, que à perfeita Esposa, amor consagro
 Ao Deus, que te há formado à imagem sua.

Quando plasmou de barro o Omnipotente
 O Homem primevo, e o pôs num Paraíso,
 Bem relevante às Selvas desta Arcádia,
 Viu-se o Homem só: Divina Companhia
 (Sua carne, e sangue seu) lhe deu na Sposa.
 Para o Domínio a Adão, para a Coragem:
 Para as Graças, e Sujeição, fez Eva.
 Dignidade no Ingenho, Altivez na Alma,
 Razão, e Autoridade a Adão couberam;
 Conquistar as vontades, com meiguice,
 Foi dote de Eva, e em mimo a Formosura.
 Tal da Esposa Cristã te of'reço o Quadro,
 Se o gostas, dar-me-ei traça a haver-te minha.
 Minha Esposa! Que, em ti, vejo enlaçadas
 Piedade, ⁽²⁾ e Compaixão, com senso justo,

(1) Credo pia a instrução que dava.

(2) *Pietas in Deum, miseratio in homines.*

C'os atractivos, que avassalam tudo.
Meu Domínio há-de ser; que para o Mando
Foi o Homem feito: e eu tanto amar-te intento,
Quanto se ama o racimo, [III] em tórrido ermo.
Iguais, nas intenções, aos Patriarcas
Daríamos, de nós, progénie herdeira;
Das bênçãos de Jacob. Que assim o Filho
De Abraão recebeu na Tenda sua
A Filha de Batuel com prazer tanto,
Que a recém-morta Mãe pôs em olvido.»
De Pudor, de Ternura soltas lágrimas
Corriam pelas faces de Cimódoce.

CIMÓDOCE

«Tuas falas, Guerreiro, são tão doces ⁽¹⁾
Como alvo mel; mas como setas pungem.
Atino, que os Cristãos linguagem falam,
Que a entende o coração. Tinha eu já na alma
Quanto me agora expressas. Minha seja
A tua Religião, no amar, tão nobre.»
Eudoro que à Fé, só, que a Amor atenta:
«Levas gosto de ser Cristã, Cimódoce?
Tal Sposa a mim, tal Anjo aos Céus eu dera?»

CIMÓDOCE

«Não me afouto a falar, sem que me digas.
Onde o Pudor reside. Ele com Némesis
Se alçou da Terra aos Céus. Cristãos, por sorte,
Obtiveram, que a nós, desça, rogado?...»
Cai, desprendido, um Crucifixo augusto!
Foi acaso, ou desígnio? Da estranheza

(1) Traduzido *verbo ad verbum* do Original.

[III] Cacho de uvas ou frutas.

Assustada Cimódoce, dá grito;
E Eudoro, erguendo a Cruz, a adora:

EUDORO

«É imagem
Do Deus, que adoro, Deus, que à sepultura
Desceu, e surgiu dela, glorioso.»

CIMÓDOCE

«Tal foi de Arábia o Moço, ⁽¹⁾ que as de Biblos
Mulheres carpem: mas, que à Luz Celeste,
Por arbítrio de Jove, foi remido.»

EUDORO (*entre brando e severo*)

«Um dia saberás, quanto é sacrílego,
Quanto impio esse teu símile. O Unigénito
Do Eterno vês pender, desse madeiro:
Nele abre o Céu, nele alça a singeleza,
Inocência, o Infortúnio. Vês prodígios
De Modéstia, e de Dor; mas não mistérios
De devasso prazer. Será possível,
Nas ribas do Ladon, nas frescas sombras
Da Arcádia, em tão donosa Noite amena;
Numa Grécia, onde Vates fantasiando,
Puseram trono a Amor, trono à Virtude,
Conter o Sp'rito da Vestal de Aónias,
Em ponderoso assunto? Austeras máximas,
Na alma fiel, reforçam laços lídimos, ⁽²⁾
Atando-a a quanto obrar possa a virtude,
E do Amor mais subido digna a fazem.»

(1) Adónis.

(2) Contraction da palavra *legítimos*. *Vid.* Moraes, que cita a Ordenação, e Barros, e Leão.

Prestava atento ouvido a tais discursos
 Cimódoce, e não sei que assombro interno
 Lhe calava pela alma. Afigurava-se-lhe
 Que uma venda, dos olhos, lhe caía,
 E luz Divina vislumbrar-lhe, ao longe.
 De Cordura, e Razão, de Amor, e Pejo
 Se lhe retrata à vista ignota aliança;
 E em tudo, que o Cristão, na vida traça,
 Entremeiar-se a Evangélica Tristeza.
 O, que a Virge' aterrou, último golpe
 Foi a magoada voz, que do mais íntimo
 Do prazer, lhe rompeu. Eudoro trava
 Do Crucifixo, e diz: «Olha, Cimódoce,
 Olha este Deus de Paz, Deus de Piedade,
 De angústias sofredor. Se me crês digno
 Da tua mão, sobre esta Image' augusta
 Só me cabe aceitar tuas promessas.
 Nunca unidos verão as Aras de Ídolos,
 De Cupido o carcaz, da Cípria o cinto
 O de Cristo cultor, Vestal das Musas.»

Que lance, para a Filha de Demódoco!
 Passar do delicioso ideal das Fábulas,
 A jurar, sobre a Cruz, aliança austera!
 No tremendo sinal do Orbe remido
 Por insólitas mãos, mãos de uso a Vítimas
 Só trançarem listões, c'roas às Musas!
 Já flecha igual que ferira a Eudoro,
 O Anjo lhe disparou. Cede rendida
 A encanto irresistível; dá promessa
 De aceitar a instrução da Fé, do Culto,
 Que o, dos affectos seus, Dono, professa,
 E Eudoro, que as mãos toma à Virgem tímida,
 Apertando-lhas, diz: «Oh Esposa minha!»
 Cimódoce, que treme em todo o corpo,
 A um Deus de pranto, e dor profere, grata
 De ser fiel Consorte, o juramento.

Já se unem pelos topes das montanhas
 Às Festas Lupercais: e o Coro enceta-as,

Cantando o Númen Protector da Arcádia,
O caprípede Pan, que assusta as Ninfas,
E à septívoca avena origem dera.
Dão, da Aurora, que se ergue, anúncio, os Cânticos.
Já os plainos Mantinéus, a Luz nascente
Fere, e os penachos das Pelasgas selvas,
E o mármore sepulcral de Epaminondas.
A voltar a seu Pai, corre Cimódoce,
Também Eudoro, a despertar Lastenes.

FIM DO LIVRO XII.º

NOTAS DO LIVRO XII.º

Pág. 42, verso 26. Serpe.

Dum Plátano frondoso, donde mana
Límpida veia, surge grão prodígio.
Serpe horrenda, malhado em sangue o lombo,
(O Omnipotente Olímpio à luz a dera!)
Do supedâneo da ara deslizando,
Ao Plátano rojou. Nele seu ninho
Tinham outo, inda implumes Avezinhas,
Entre os folhudos ramos acoutadas,
E a Mãe que as procriou as aninhava.
Era dó ver as filhas debater-se,
Quando a Serpe as tragou; e a Mãe que clama
Revoando-lhe em roda, até que a serpe
Lhe trava de asa, e súbito a devora.

(HOMER. *Ilíad.* v. 38).

Pág. 43, verso 27. Tmolo.

Monte de Lídia, mui nomeado por seus vinhos, e pelo cultivo do açafraão.
None vides croceos ut Tmolus odores. (GEORG. I, 56.)

Pág. 45, verso 29. Butroto.

Hoje Butrento, em face de Squéria (hoje Corfu).
..... *Portuque subimus*
Chaonio, et celsam Buthroti accedimus urbem. (ÆN. II, v. 192.)

Pág. 46, verso 1. Safo.

Vivuntque commissi calores
Æoliæ fidibus puellæ. (HORAT., Od. 9. lib. IV).

Ibid., verso 5. Estrofadas.

..... *Strophades Graio stant nomine dictæ*
Insulæ Ionio in magno, quas dira Celæno
Harpiaque colunt. (ÆN. III, v. 211.)

Pág. 49, verso 3. Canas.

Sirinx filha do Rio Ládou, perseguida por Pan, acolhida pelas Ninfas do Rio paterno, e convertida em Canavial. Como quer que atentasse Pan, no cicio, que as Canas fazem quando Zéfiro as abanam, compôs delas o septívoco instrumento (ou gaita) a que os antigos Sirinx chamavam.

Ibid., verso 10. Avulta a imagem.

*Multa viti virtus animo multusque recursat
Gentis honos: hærent infixi pectore vultus
Ferbaque.* (ÆN. IV. v. 3)

Pág. 52, verso 12. Ternos brincos.

Teneri sdegni, e placide e tranquille
Repulse, cari vezzi, e liete paci,
Sorrizi, parolette, e dolci stille
Di pianto, e sospir tronchi, e molli baci. (JERUS. Canto VL, st. 25.)

Ibid., verso 19. Coa.

Je sens de veine en veine une subtile flamme
Courir par tout mon corps, sitôt que je te vois;
Et, dans les doux transports où s'égare mon âme,
Je ne saurais trouver de langue ni de voix.

(BOILEAU, trad. de Sapho).

Mes yeux ne voyaient plus, je ne pouvais parler,
Je sentis tout mon corps et transir et brûler.

(RAC. Phèdre, act. I. sc. 3).

Pág. 53, verso 17. Plasmou.

*Formavit igitur Dominus Deus hominem de limo terræ.
..... Plantaverat autem Dominus Deus Paradisum voluptatis a principio, in quo
posuit hominem....* (GENES. cap. II. v. 7 et 8).

Ibid., verso 21. Sangue seu.

Et edificavit Dominus Deus costam quam tulerat de Adam, in mulierem.

Ibid., verso 22. Adão.

Not equal, as their sex not equal seem'd;
For contemplation he, and valour form'd;
For softness, and sweet attractive grace. (MILT. Parad. Lost, IV).

Ibid., verso 29. Minha.

In funiculis Adam traham eos, in vinculis caritatis. (OSEE, cap. XI. v. 4).

Ibid., verso 30. Esposa.

Et sponsabo te mihi in sempiternum, et sponsabo te mihi in justitia et judicio, et in misericordia, et in miserationibus. (OSEE, cap. II. v. 19).

Pág. 54, verso 7. O Filho.

Qui introduxit eam in tabernaculum Saræ matris suæ, et accepit eam uxorem: et in tantum dilexit eam, ut dolorem, qui ex morte matris ejus acciderat, temperaret. (OSEE, cap. XXIV. v. 67).

FIM DAS NOTAS DO LIVRO XII.º

OS MÁRTIRES

LIVRO XIII.º

ARGUMENTO

Cimódoce diz ao Pai, que para ser de Eudoro Esposa pretende ser Cristã. Demódoco hesita. Sabe que chegou à Acaia Hierocles. Astarte acomete a Eudoro, e é vencida pelo Anjo dos Amores castos. Por evitar as vexações de Hierocles, consente Demódoco em dar a sua Filha a Eudoro. Ciúmes do Procônsul. Recenseamento dos Cristãos, na Arcádia. Hierocles acusa Eudoro a Diocleciano. Partem para Lacedemónia Demódoco, e Cimódoce.

JÁ, feita a libação ao Sol, que surge
Do Mar, saudava esse astro, que alumia
Viandantes, Demódoco. O Chão toca
Inda húmido do Orvalho, e tem na mente
Da Casa de Lastenes despedir-se.
Eis de susto, e de Amor tremendo a Filha,
Se lhe lança nos braços. Ele a angústia,
E aperto da alma, presto, lhe compreende.
Mas, não sabe, que nesse amor, Eudoro
Tem tanta parte; e assim consola a Homérea:

DEMÓDOCO

«Que Númem te feriu, cara Cimódoce?
Na idade, em que sorrisos inocentes
Só lavram, choras tu? Calou-te oculta
Mágoa no peito? Aos Numes, nossos Guardas,
Recorramos, e a praticar com Sábios,
Que manso, e sossegado põem nosso ânimo.

Patentes sempre estão Aras de Juno; ⁽¹⁾
Nelas não move Eolo as sacras cinzas. ⁽²⁾
Como essas Aras seja o peito nosso.
Se os Euros dos paixões nele esbravejam,
Inalterável Paz demore, ao menos,
No Santuário da alma; nada a abale.»

CIMÓDOCE

«Não alcanças quão grande é a nossa Dita!
Ama Eudoro a tua Filha. (Oh quão ditosa!)
De Hímen lhe quer, às portas pôr grinaldas.»

DEMÓDOCO

«Deus de engenhoso Engano, acaso, iludes-me?
Cessou Verdade de velar teus lábios?
Mas, que me estranha que um Herói te adore!
Quando às Virgens do Ménalo pleitearas
Da Formosura o prémio? E a quem Mercúrio
Te estremara no serro Quelidóreo?
Conta, em que modo, o Caçador Arcádio
Da frechada do Amor te deu informe.»

CIMÓDOCE

«Por do peito afastar certo disvelo,
Soltei a voz, a discantar as Musas.
Eis, qual lúcido Sonho, que resvala
Da Elísia porta, Eudoro me aparece,
Na mansa Noite; a mão me toma, e diz-me:
“Quero, oh Virgem, que os Filhos de teus Filhos
Sétima prole, em grémio de Demódoco

(1) Juno Lacínia.

(2) Dos holocaustos.

Ledos pousem.” No seu Cristão discurso
Disse-o melhor, que eu to refiro agora.
No seu Deus me falou, que ama os que penam,
E é Deus, que os desditosos abençoa;
Deus, que assaz me encantou. Nós, nenhum temos
Deus, tão socorredor, nos nossos Deuses.
Saber, cultivar quero a Fé de Eudoro.
Tal Condição, para o Consórcio, expunha.»

Quando, c’o Sul nublado, o claro Bóreas
Peleja nas Campinas do Oceano,
Bolinando, num bordo, e noutro, o Nauta,
Dos ventos à feição mareia as velas:
Tal luta o Pai, tal cede ao vento adverso,
Que co’a Razão peleja, e já se inclina
A favor da Vestal, que o ramo estéril ⁽¹⁾
Nas aras de Himeneu depõe. Já avista
Brotar do Tronco Homéreo, que ameaça
Desfrutecer, amplíssimos renovos.
E o que a mais sobe, um Genro honroso, illustre,
Que, ao de Galério, vil Privado, oponha..
Mas, ao deixar a Filha os Pátrios Numes,
Só de pensar stremece. Às nove Piérides,
A seu Divino Avô perjura a Neta!

Enternecido a abraça, e exclama: «Oh Filha
Quão mesclada com Dor, vem a Ventura!
Consentir no que pedes, ou negar-to
Cabe em peito dum pai? Deixar-me podes,
Por um Deus que ignoraram teus Maiores!
Seguir, tu um Culto, eu outro? Orarmos juntos
A Deuses que se opõem, mercês, opostas?
Dous corações, que um só téqui formaram,
Será força, num mesmo sacrifício,
Desparti-los em votos separados?»

(1) Do voto virginal.

CIMÓDOCE

«Deixar-te, oh caro Pai! Nunca em mim coube
 Teu desejo adversar. Cristã, contigo,
 Viver, morrer só quero; junto às aras
 Do meu Divino Avô cantarmos juntos
 Seus versos imortais.» Soluça o Antiste,
 Empunha as cãs da barba veneranda,
 Retrai-se às carícias de Cimódoce,
 E em torno da pousada de Lastenes,
 Vaga cuidadoso, e só; pedindo acerto
 Aos Deuses da Montanha. Tal, outrora,
 Remontava altaneira, a Águia dos Alpes
 (Dos Fados, dos Romanos nobre augúrio)
 Entre estalos fulmíneos, tempestuosos; ⁽¹⁾
 E, no rolo da nuvem lampejante
 Desprendia o, do Céu, arcano oculto.

Olhando os topos dos Arcádios serros,
 Insignes pelo Culto de algum Divo,
 Vertia a pares, lágrimas Demódoco,
 Superstição ganhava quasi o pleito:
 Mas, da Filha à afeição negar-lhe Eudoro!
 Que eterna dor! Desígnios seus adianta
 Deus, que a alma lhe dispõe paterna, e fraca
 A que sirva os Futuros Escolhidos. ⁽²⁾
 Poderoso em soltar ambíguo senso,
 Do Antiste Homérico, os sustos lhe dissipa;
 E o Consórcio de Eudoro lhe afigura
 Sob o auspício mais próspero traçado.
 Já, des-nevoada a dúvida, ⁽³⁾ lhe fala:

(1) Quando o Trovão dispara perto, semelham seus estalidos aos redobros do bem sacudido açoute.

(2) Aos que escolhia para futuros Mártires.

(3) À maneira dos antigos, que, nos Diálogos, suprimiam o *diz*, o *disse*, o *respondeu*, etc.

DEMÓDOCO

«Não chores, Virgem digna de Venturas.
Que não quero eu custar numa só lágrima
Aos olhos, que amo mais, que a luz do dia.
Não te arranque de mim esse Deus novo;
E por Esposo, a Eudoro, embora o hajas.»
Eudoro, nesse instante, revelava
Desse Amor, a seu Pai, todo o segredo.

LASTENES

«Cristã seja, e por dom nupcial lhe leves
Ter entrada no empíreo. Em comprazer-lhe
No que for justo, o teu amor lhe abona.»
O Anjo do casto amor, a Eudoro instiga
Que a Demódoco acorra. Este em seus braços,
Tinha a Filha, no prazo, em que ia Eudoro
(Do sucedido ignaro) a sós buscá-lo.
Pára. Eis banhado o Pai, em ledas lágrimas,
A brados lhe anuncia: «É tua Esposa.»
Do novo Pai se arroja ⁽¹⁾ aos pés, e beija
Da Filha a veste. Vem, co'as Filhas, Séfora,
E vem Lastenes dar-lhe amigo abraço,
Colmá-la de carícias. Por dous títulos
Lhe dão nome de Irmã; ⁽²⁾ e ela o merece
Por Consorte do Irmão, de Cristo Serva.

Para depor da Fé sagrados germes
No peito da pré-eleita Catecúmena
Foi Cirilo escolhido a voto unânime.
Por que mais presto Hímen una os Esposos,
Concordam as Famílias ir-se a Sparta,
Onde o Bispo a instrução amiúde, e adiante.

(1) Eudoro.

(2) As filhas de Lastenes, que a Cimódoce chamam Irmã; é uso em França darem às cunhadas esse nome.

Enquanto o Céu prossegue os seus desígnios,
Cumpre o inferno a maldade ameaçada.
A jurada união, que com Demódoco
Travou Lastenes, rompe-a logo o anúncio
Que Hierocles chega, e que os Messénios choram.
Víreis as Mães cerrar ao peito as Filhas.
Sustar os Jogos, suspender Teatros,
Como em mortal terror, pública angústia;
Nos Cristãos luto, nos Pagãos espanto....
Obras do Ruim! ⁽¹⁾ No rosto as traz gravadas!

Entra Hierocles as portas de Messénia
Lictores diante. As ordens se promulgam:
Têm de ser os Cristãos recenseados.
Quando esfaimado o roaz Lobo ronda,
Olhos em brasa, em torno à Grei lanígera,
Vendo o grosso Rebanho, nos pastios
Dum fértil prado, a fome se lhe assanha;
Sai-lhe a língua dos pátulos comilhos;
(Só de ela ⁽²⁾ as Reses ver se tinge em sangue,
De em sangue se abreviar almeja iníqua).

Contra os Cristãos eivado de ódio infesto,
Assim almeja Hierocles, torvo-olhando
Infância débil, indefesas Virgens,
E essa Grei de Cristãos, que, em prazo breve
Ante o seu Tribunal tem de a ver junta.

Impelido do Sp'rito mais p'rigoso
Dos Abismos, remonta ao Itómeo cume,
Disfere, e crava os olhos, no Olivado,
Volve-os ao Templo, ⁽³⁾ volve-os às Colunas ...
Oh suspensão! Não vê nos sacros ânditos,
O Antiste da Ara! Ouviu, que era partido
Co'a Filha a ver Lastenes, cujo Eudoro

(1) Hierocles.

(2) A língua.

(3) De Homero.

Vira a Vestal, nas selvas do Taigete.
Triste nova! que a cor, no rosto muda-lhe!
Que ideias mil confusas lhe ergue, na alma!
Lastenes, que é dos Gregos o mais rico...
Émulo Eudoro seu tão poderoso...
Que arraiais desampara de Constâncio...
E às Gregas praias vem... Às bem tecidas
Tramas de Hierocles despeitoso obstáculo!
Se amado Eudoro de Cimódoce... O Impio
Arde em pôr clara a atroz suspeita; e o mina
Esse ardor, em contínuo des-sossego.

Não longe da pousada de Lastenes,
Nos rebaldes dum Templo derrocado,
Que às Graças dedicou Orestes, e às Fúrias,
Sumptuoso Alcáçar jaz. Mandara Hierocles
Fabricá-lo quando eram seus intentos
Arrebatrar a Filha de Demódoco,
E, vítima ocultá-la, em tais Elísios.
Não os pôs a fim; que foi chamado à Corte.
Hoje lhe apraz morar nesse Palácio,
E que ali venham dar seus nomes, quantos
Cristãos a Arcádia encerra, em seus Contornos:
E de Lastenes vendo-se tão místico,
Acertar meio de encontrar Cimódoce,
E penetrar no intento, que induzira
O Antiste Homérico co'a Vestal das Musas
A vir, na Arcádia, ver Cultor de Cristo.

Mais pronta que o relampo, a Fama, a nova
Derramou, desde a cima do Apesante,
(Montanha a quem venera a Gente Argólica)
Té o Cabo de Maleia (que em seu pico,
Vê descansar os fatigados Astros,)
Que é chegado o Procônsul. Vai semeando
Quanta, aos Cristãos, Desdita, lhes vem sobre.
Demódoco estremece: e, à Filha, é crível
Que ele tão arriscado Culto sofra?

E a Fé jurada? e a Virgem, que enfenece
Por Eudoro, e só quer esposo a Eudoro?

A Eudoro, no profundo peito, surgem
Procelosos cuidados. C'os ruins Anjos,
Tem briga interna. Afoutos de induzi-lo,
Contra ele o brio assestam, ⁽¹⁾ das ideias.
Suprema Dita é a dum Cristão, que a Cristo
Traz uma alma (em mil transe arriscados)
Mas tais chamas de Zelo, e tais quilates
De valor, inda Eudoro, em si, não sente.
Satã, que entre os Rivais, ⁽²⁾ travou peleja,
Retrai da afeição à Cruz a Aónia; ⁽³⁾
E a Fé, do Arcádio Jovem ⁽⁴⁾ lança nuvens.
Que acometê-lo vá a Astarte ordena,
(A Astarte, que o rendeu!) ⁽⁵⁾ Que do possante
Anjo do casto Amor, hoje o desuna.

Logo o Demónio de Volúpia toma
Todos seus incentivos, e empunhando
Facho oloroso, enfia Arcádias selvas.
Do facho a luz lhe ondeava o meigo Zéfiro,
Prodígios mil brotavam de seus passos.
Dava ares de avivar-se a Natureza,
Ao ver passar o mágico Fantasma. ⁽⁶⁾
Suspira o Rouxinol, a Pomba arrulha,
Brama, após da ligeira Corça, o Gamo.
Sp'ritos de Engano, que a floresta encantam
Do Alfeu, troncos de Robres escachando,

(1) Seus próprios pensamentos generosos.

(2) Eudoro, e Hierocles.

(3) A Vestal das Musas.

(4) Eudoro.

(5) As belezas de Roma, de Neápoli, e a Veleda.

(6) Intitulado Vénus.

Rostos de Ninfas, no âmago demostram,
Misteriosos sons, das cimas soltam:
Dançam Faunos, na flórida ^[iv] Campina,
Saúdam festivais Deia ⁽¹⁾ Volúpia.

Pela Gruta de Eudoro entrando Astarte,
De Amor profano esmeros lhe requinta:
«Podes (diz requebrada) se to influi,
Morrer pelo teu Deus; mas é crueza
Dares a Amada ao gume do Infortúnio.
Seu brando olhar, que meigas flechas vibra...
E os níveos peitos, íman dos Desejos...
Queres, com vis grillhões ver curvo o garbo?...
Cordato amansa essa áspera Virtude.
Cuidas, que irado vai frechar coriscos
Deus, porque a tua Esposa, ou tua Amante
As Aras florejou das louçãs Musas?
Ou mélicos entoou Homéreos sonhos?
Doam-te a formosura, e os tenros anos.
À fé, que assim não foste sempre austero.»

Tais do Esp'rito infernal manam p'rigosas
As influções. ⁽²⁾ No intento prossequindo,
Com ledro rosto, c'um sorriso pérfido, ⁽⁴⁾
Dardos atira a Eudoro, quais cravara
Na alma, ao mais sábio Rei ⁽⁵⁾ da Hebreia Gente.
Mas dava amparo ao salteado Eudoro
O Anjo do casto amor, que lumes da alma
Opunha às labaredas dos sentidos.
Os dardos do Demónio de Volúpia,
C'o sopro afasta Angélico, e lhe embota,

(1) Clara Deia chama Camões a Vénus, e a Calíope.

(3) Que influção de estrelas, disse Camões.

(4) *Perfidum ridens Venus*, etc. — HORAT.

(5) Salomão.

[iv] *Sic.*

No Cilício de Eudoro, o gume imbele, ⁽¹⁾
Quasi dera em broquel adamantino. ⁽²⁾

No peito do Soldado ⁽³⁾ penitente
Mundano Pundonor, e Amor cobarde
Arvoraram troféu. De colher súbito
A palavra a Demódoco, lhe pesa;
Receia expor-lhe a Filha: ⁽⁴⁾ em si resolve
Consultar, nesse transe, o Pai da Esposa.

EUDORO (*a Demódoco*)

«Fora dos dias meus a mor ventura
Cimódoce Cristã; e nos altares
Do meu Deus, aceitar -lhe a mão donosa.
Des-dar venho, porém, o nó jurado.
Franco te fique o dom, que me fizeste.
Como a escolhida ⁽⁵⁾ Grei se recenseia,
Talvez, que o amor de Pai já cobre sustos,
Bem que ainda não ronque a Tempestade.
De ti, da formosíssima Cimódoce
Depende o Fado, e a Dita de meus dias.»

DEMÓDOCO (*enternecido*)

«Jove te pôs, no peito generoso,
Dos Reis primevos o valor magnânimo.
De nobre coração te dotou, quando
Entre sacros listões, louros virentes,
Te dava, Eudoro, à luz a amável Séfora.

(1) *Telum imbellis sine ictu.* — VIRGIL.

(2) Vd. *Journal de l'Empire*, du 20 février 1811, sur *tunica adamantina* d'Horace.

(3) Eudoro.

(4) À Perseguição.

(5) Os Cristãos, escolhidos, pelo baptismo, para participarem, cumprindo a Lei, a bem-aventurança.

Sabes quanto Cimódoce me é cara.
Ser Pagã, ser-te Esposa o nega o Culto,
Que professas. Pagã nela não prende
A Lei que ameaça. Esposo, escudo lhe eras
Contra Hierocles. Que sustos nos tolhias!»

EUDORO (*entristecido*)

«Quando eu fizera esforços mais que humanos
Por despedir, do seio, amor tão puro,
Estragara a intenção, baldara esforços.

Veda ao Cristão a Lei dar mão de Esposo
A quem, a mente enturva incenso de Ídolos;
Nem, junto à Cruz, Ministro há, que abençoe,
Que emparente c'ó Céu Tartárea aliança.
Terão, no ambíguo ⁽¹⁾ berço, ouvir meus Filhos,
E de Jove, e de Cristo, a par, os nomes?
Quais, beberá lições Filha, que eu tenha?
De Vénus lhe virão? Vir-lhe-ão da Virgem! ⁽²⁾
Tolhem tal nó, as nossas Leis, Demódoco,
Com Sposa alheia ao Culto de Deus Único.
Nos p'rigos dos Esposos, tomam parte
Entre nós as Esposas: co'elas, cumpre
Que, no Céu, quando mortos, deparemos.»

Dum Quarto não distante, ouviu Cimódoce
(Não claras) de seu Pai, de Eudoro as falas:
Enche-a de brios o Anjo do amor puro;
A Mãe do Redentor lhe abunda o peito
De ímpetos generosos, resolutos;
Lança-se onde era o Pai, aos pés lhe ajoelha,
Ergue as mãos, e assim roga ao sacro Antiste:
«Não queira o Céu, que os anos teus cansados
Eu magoe. Submissa Filha amante
Sposa Cristã, ver-me-ás sempre a teu lado.

(1) Entre as duas crenças.

(2) Maria.

Os meus p'rigos, oh Pai, de os temer cessa;
Que Amor, para os vencer, me dará forças.»

EUDORO (*volvendo ao Céu os olhos*)

«Deus de meus Pais, que fiz, com que mereça
Tão nobre galardão? Deus que esta vida
Gastei em te ofender, quanto me aditas!
Teus Decretos eternos se executem.
Chama a teu grémio este Anjo de Inocência;
Subam ao seio teu suas Virtudes,
Não o Amor, que eu Cristão, vaso de erros,
(Por gran ventura minha!) lhe hei inspirado.»

De veloz Mensageiro, eis passos se ouvem
Precipitados. ⁽¹⁾ Porta se abre... O Escravo,
Do Antiste, e que ali chega, da Ara Homérea...
Da frente o suor lhe mana em longo fio,
Pés polverosos, nus, melena enleada,
Roto o broquel, com que rompera os ramos
Da enredada espessura de Enzinheiras.

ES CRAVO

«Vanglorioso, co'a sombra de Galério
Entra em teu Templo Hierocles, borbotando
Da boca ameaças, disparando fúrias
Contra a tua Cimódoce. Tres-jura
Pelo leito de ferro das Euménides,
Que lhe há-de a tua Filha entrar no tálamo,
Inda que haja, ao lumiar de tua porta,
Sentar-se, todo o giro de teus anos,
O atro Pesar, que as Parcas acompanha.»

Pelas faces do Ancião ⁽²⁾ vai devolvendo
Funérea palidez; os joelhos batem-lhe;

(1) Julgaram Portugueses, que pela palavra — Precipitados — orçava Onomatopeia.

(2) Demódoco.

Sustêm-se mal. Mas do soçobro súbito
Rebenta a Decisão. Quando Ordens sevas
Colhem, sobre os Cristãos, minaces nuvens;
Quando a afeição impia do Procônsul
(Sem falta) expõe das Musas a Ministra
A inevitáveis próximos perigos,
No único Eudoro libra o urgente amparo;
Dá presentâneo couro, onde ele ⁽¹⁾ salve
Contra Hierocles violento, a cara Filha.

DEMÓDOCO (*abraçando Cimódoce, e consolando-a*)

«Fiel ao que jurei, te entrego a Eudoro.
Tu, dele a Esposa, e Eudoro o teu amparo;
Dos Filhos Mãe, parceira dos seus anos,
Talvez desejem dar emprego os Numes
Às Virtudes, que tens. Oh não desmaies.
Se há Cristãs Musas, toma-as por valias.
Cantos lhes dá, em que a Cordura impere;
Força, e coragem te entrarão no peito,
Com que assaltos quebrantes de inimigos.»

Falava assim Demódoco; eis Lastenes
Que entrava; e Eudoro a mão, no peito, pondo,
(Senha de ânimo terno, ânimo grato)
Fita os olhos no chão e assim se exprime:
«Oh inestimável dom, e a Deus aceito!
Por minhas mãos sinceras of' recido!
Defenderei, a preço de meu sangue,
A Virgem, que me entregas. Por ti juro
Fidelidade, oh Pai, à Esposa minha.»

Tomado o juramento, o Antiste, e a Filha
Se despedem. Fechar de Homero o Templo
Leva, no ânimo o Pai, e ir com Cimódoce,
Em casa de Cirilo, achar Lastenes,

(1) Demódoco.

Que, co'a Família, a Sparta, vai sperá-lo.
Porque evite o Ruim, ⁽¹⁾ rodeios busca. ⁽²⁾
Cristais puros do Ládön, soidões ledas
Esse ímpio ^[v] enojam; nem frescura opaca
De Arcádios Vales, lhe enamora a mente;
Não verdes Pinhos que altos serros toucam,
Águas que a borbulhar das rochas rompem;
Meigos Quadros, que meigos nomes lembram. ⁽³⁾

Nos Contornos rebanham seus Lictores
Cristão Povo, de vida de inocência,
(Frouxa, um tanto do primevo impulso)
Qual de Evandro os Pastores, a viveram.
Dos penhascos alpestres, cavas Grutas,
Sacras a Pan, aos Deuses montesinos,
Vês vir rebanhos, ⁽⁴⁾ que os brutais soldados,
Com lanças (por cajados) pastoreiam.

Numa ampla veiga, em frente a Hierócleos Paços
Orlava o manso Ládön o sugesto ⁽⁵⁾
Do Procônsul, que na Curule ⁽⁶⁾ ebúrnea,
Tomava os nomes, que hão-de encher as listas
Fatais! Eis rompe súbito um sussurro.
Voltam Cristãos o rosto, e a vista alcança
A possante Família de Lastenes
Que, ao pé do tribunal, trazem Lictores.

Qual Caçador Alpino, a grandes brados,
Acoisa o fato ⁽⁷⁾ de monteses Cabras,

(1) Hierocles.

(2) Demódoco.

(3) Nomes de Ládön, de Alfeu, etc.

(4) De Cristãos.

(5) Sugesto era um posto mais alto no arraial, donde os Generais Romanos falavam ao exército.

(6) Cadeira só a Cônsules, e outras grandes Dignidades permitida.

(7) Já creio que aponte em nota que fato de Cabras, alcateia de Lobos, vara de Porcos, são frases de Francisco Rodrigues Lobo, na *Corte na Aldeia*.

[v] O poeta alterna a grafia *ímpio/impio* por razões atinentes à fonética do verso.

Que, a pulos, galgam alcantis, Cascatas;
 Se de improviso, ao pé dá Grei que foge,
 Javali surde, o Caçador infia,
 Recua, pára, os olhos não arreda
 Do feroz animal, que ouriça as cerdas,
 E alvos, remove, os dentes navalhados.
 Tal, avistando Eudoro, entre a Família,
 (E oh como o conheceu!) embaça Hierocles.
 Todo o rancor antigo se lhe esperta:
 Nem, ver que o des-companha a Homérea Virgem
 Lhe míngua o sobressalto. Em ciúmes ferve
 Do senhoril apessoado Eudoro,
 Do recacho ⁽¹⁾ Marcial. Muitos Guerreiros
 Da Guarda do Procônsul, que serviram
 Sob General Eudoro, em torno o cercam.
 Uns pregoam, quão brando, e generoso...
 Qual lhe exalta o Valor, qual o triunfo...
 Tais memoram dos Francos a batalha,
 Em que Eudoro ganhou a Cr'oa Cívica,
 Outros Britano prélio, e gran Vitória;
 É o jovem militar que venceu splêndido ⁽²⁾
 Retalhado de golpes) a Carráusio.
 General dos Ginetes, ⁽³⁾ foi Prefeito
 Nas Gálias, foi valido de Constâncio,
 E, por Amigo o presa Constantino.
 De clamor tal a Hierocles vêm delíquios:
 Despede o Povo, e encerra-se em Palácio.
 Amado da Vestal, ⁽⁴⁾ julga-o seu Émulo; ⁽⁵⁾
 Julga, que Amor lhe cr'oa troféus tantos.
 Lidam-lhe, na alma, intentos mil perversos:
 Projecta ao Pai roubar, violento, a Filha,

(1) Sá, e Miranda, e *Apólogos Dialogais*.

(2) *De nobis splendida fecerit arbitria*. — HOR.

(3) *Magister equitum*. — TIT. LIV.

(4) Cimódoce.

(5) Eudoro.

E a Eudoro ferroppear, numa masmorra. ⁽¹⁾
 Sustos o assaltam. Priva, ⁽²⁾ em Corte o Arcádio:
 Cometerei, às claras, quem triunfante,
 Foi, com postos do Império enobrecido?
 Quanto adverso no obrar violência, Augusto,
 Quão moderado seja, sabe-o Hierocles.
 Traça; mais lento sim, mas mais seguro
 Modo de contentar o ódio, em que arde
 Seu peito, há longo prazo, contra Eudoro.
 Escreve a Roma, que os Cristãos da Acaia,
 Movem tumulto, e o recenseio esquivam;
 E à testa hão posto o Arcádio que em degredo
 Mandara Augusto às hostes de Constâncio.
 Assim spera arredar da Grécia a Eudoro,
 E, sem storvo, dar ala a ruins projectos.
 Espias manda a corso, e Delatores,
 Com mira a entrar, do seu Rival, no arcano,
 Que tem de enojo dar-lhe, e termo à vida.

Não se adormenta Eudoro nos perigos,
 Que instam aos seus Irmãos. Diverso em tudo
 Do Eudoro, que ilusões, sonhos, Quimeras
 Outrora foi, maduro, agora, e sábio
 E Varão calejado de infortúnios;
 Cabal, na acção mais grave, ou feito egrégio,
 Eloquentemente em Conselho, em Guerra impávido,
 Reflectivo, avisado, adverso a ócios,
 Comedido em Paixões, sempre olhos fitos
 Na meta ilustre, afasta pequenhezes.
 Viu quanto sobre o César, ⁽³⁾ pode Hierocles,
 E sobre Augusto o César: viu agudo

(1) Falando consigo.

(2) Eudoro.

(3) Galério.

O Sofista ⁽¹⁾ Tirano de Cimódoce
Dar-se às mais sevas fúrias, contra Cristo,
Mal que amante, e Cristã a Virgem ⁽²⁾ saiba:
Dum lanço de olhos viu, quanto destroço
A Igreja ameaça. Trata de impedi-lo.
Antes que venha co'a Família a Sparta,
Despede um leal Servo a Constantino,
Que, expondo-lhe verdade o precavesse
Contra informes ruins, que Hierocles mande,
E, na mente de Augusto os aniquile.

O Procônsul descia da Curule,
Quando no Homéreo Templo se apeava
O Antiste, e a Filha. O lume, inda não morto,
Na Ara avivam; conduzem-lhe a auri-córnea
Juvenca, e a taça de ouro cinzelada
Que a Foroneu, que a Dánao, em sacrifícios
Servira já. Na taça, mão mui prima
Ganimedes sculpiu, roubando-o a Águia.
Do Frígio Caçador vês sócios tristes,
O voo olhar; latir, ouves, ⁽³⁾ saudosa
A matilha; e ao latir, ressoa a selva.

Demódoco, trajando veste alvíssima,
Cinje a fronte, c'um ramo de Oliveira,
Enche rasa, de vinho puro, a taça.
Cuidáreis ver Tirésias, o Vidente,
Ou ver Anfiarau, que, vivo, à Stige
Em brancas armas desce e em Corcéis brancos.
Faz libação, ao pé da Státua Homérea,
Do sacro ferro ao golpe, cai a Rês. ⁽⁴⁾

(1) Hierocles.

(2) Cimódoce.

(3) Parece que ouves.

(4) *Procumbit humi bos.* — VIRGIL.

Pendura a lira, junto da Ara, a Filha,
E ao Meónio Cantor este Hino entoa.

«Oh Tronco ilustre, a Lira te consagro,
Que afinar-me dignaste, em faustas horas;
Vénus, e Hímen, noutros pendões me alistam.
De Amor às flechas, do Destino às Ordens
Pode uma Virgem por possante obstáculo?
Tu cantaste, que Andrómaca não via
Mais que Astianax, e Hector, na excelsa Tróia:
Não tenho inda Astianax; mas sigo o Esposo.»

Assim dava a Vestal a despedida
Ao Cantor de Nausícaa, e de Penélope.
Humedecem-lhe as lágrimas os olhos,
E a despeito do Amor, de seus encantos,
Os Numes, e os Heróis, de quem descende,
Lhe cingem de saudade os seios da alma.
Cinge-lha o Tempo, em que, por leite, as Musas
Néctar lhe deram; deu-lhe o Pai disvelos.
Mélíco Avô, ⁽¹⁾ teu sítio, ⁽²⁾ teus domínios, ⁽³⁾
Tuas nobres feições saudade avultam.
Tu, c'ó vigor do Ingenho, oh Pai da Fábula
Subjugas, seu mau grado, a Cristã ⁽⁴⁾ Filha.
Quando a Cobra auri-cérula, no prado
Roja a cambiante escama, e entre aljofradas ⁽⁵⁾
Boninas, a vermelha crista entona,
E a trissulca, disfere, ardente língua;
Se ela a avistou, vem descaindo a Pomba
Da etérea altura o voo; que o resplêndido

(1) Homero.

(2) Sítio em que estava assentado o Templo.

(3) Os lugares, que da área do Templo eram co'a vista dominados.

(4) Que se dispunha a ser Cristã.

(5) C'ó orvalho.

Do réptil a fascina: eis já, numa Árvore
Pousa próxima; eis vem de ramo em ramo,
Degradando, ⁽¹⁾ até dar-se ao poder mágico,
Que a arranca do Ar, e a vem tirando a Terra.

FIM DO LIVRO XIII.º

(1) Ou baixando de ramo em ramo, como de degrau em degrau.

NOTAS DO LIVRO XIII.º

Pág. 64, verso 15. Quelidóreo.

Monte de Arcádia peculiar a Mercúrio, porque nele deparou co'a Tartaruga de cuja concha armou a Lira (PAUS. in Arcad. cap. 17).

Ibid., verso 20. Sonho.

*Sunt geminæ somni portæ, quarum altera fertur
Cor ea, qua veris facilis datur exitus umbris;
Altera candenti perfecta nitens elefanto. (ÆN. IV).*

Pág. 69, verso 14. Orestes.

Tornado a si Orestes de seus furiosos arrojões, sacrificou às Fúrias brancas, e no lugar, em que ele prefizera o sacrifício, fundaram os Arcádios um Templo, que Pausanias põe perto de Megalópolis no caminho de Messénia.

Pág. 72, verso 22. Listões.

Com louros, flores, fitas, usavam os Gregos, e os Latinos enfeitar os leitos das paridas.

Pág. 79, verso 26. Anfiarau.

*Ipsè habitu niveus: nivei dant colla jugales:
Concolor est albis et cassis et infula cristis (STAT. Theb. VI).*

*... Ecce alte præceps humus ore profundo
Dissilit, inque vicem timuerunt sidera et umbræ.
Illum ingens haurit specus, et transire parentes
Mergit equos (Id., Theb. VII).*

OS MÁRTIRES

LIVRO XIV.º

ARGUMENTO

Descrição da Lacónia. Chega Demódoco à Casa de Cirilo. Instrução de Cimódoce. Astarte manda a Hierocles o Demónio do Ciúme. Vai Cimódoce à Igreja para se desposar com Eudoro. Cerimónias da primitiva Igreja. São dispersos dela os Fiéis, pelos soldados, que lá manda Hierocles. Põe Eudoro em salvo a Cimódoce, e a defende no moimento de Leónidas. Vem-lhe ordem de comparecer em Roma. Resolvem as duas famílias enviar Cimódoce a Jerusalém, e entregá-la ao patrocínio de Santa Helena, Mãe de Constantino. Partem para Atenas Eudoro e Cimódoce, e lá se embarcam.

CHORANDO, as portas fecha, ao Templo, o Antiste;
Deixa, co' a Filha, inda outra vez, Messénia.
Já de Mercúrio a Státua, no Hermeu posta,
Do Taigete entre-montes ⁽¹⁾ toca o Carro;
Calvos serros, uns noutros sobrepostos,
Que, c'os seus alcantis roçam nas nuvens.
No tope, alguns Abetes se lhe apinham,
Como de erva as guedelhas vêm nos muros,
Das derrocadas Torres. A importuna
Cigarra oculta, na tostada Giesta,
Ou na amarela ⁽²⁾ salva, em seu monótono
Canto ateima, quando arde o Dia em meio.

(1) Desfiladeiros entre montanhas.

(2) Desbotada co' ardor do Sol.

DEMÓDOCO

«Já, como eu, por aqui, Licisco, e a Filha ⁽¹⁾
 O asilo se alcançaram, na Lacónia.
 Sua fuga deu azo ao lance trágico
 De Aristómenes. Quantas, não volveram
 Gerações, até vir o nosso turno
 De entrar neste sertão! Mande o grão Jove
 Fausto auspício, que o teu desastre arrede.»
 Apenas essa voz há proferido,
 Dum seco tope um fronti-calvo Abutre
 Sobre mansa Andorinha se arremessa...
 Dos empinados montes Águia altiva
 Arranca, e empolga nas pujantes garras
 O Abutre... Rasga rápido um Relâmpago
 Do Oriente; parte o Raio; a flâmea farpa
 Vara a Rainha ⁽²⁾ do Ar; baqueia em terra
 A Andorinha, o Vencido, ⁽³⁾ e a Vencedora. ⁽⁴⁾

Demódoco assustado, em vão procura
 Descifrar os decretos do Destino,
 Nesses, do Acaso, tão diversos jogos.
 Mas já transpôs o Carro as cimas do Hermo
 Já começa a descer: tira a Pilane.
 Saúda o Antiste o Eurotas, cujas ribas
 Costeando vai. Já c'ó sepulcro entesta
 De Ladas; nem tardou, que descortine
 A Státua do Pudor, que indica o sítio,
 Onde, pronta a seguir Ulisses, cora,
 E desce o véu Penélope. Já deixa
 Trás si, da Mísia Diana o Monumento,
 De Cárneo o Bosque sacro; deixa as sete

(1) Pausanias *in Arcadiis*.

(2) Das Aves.

(3) O Abutre.

(4) A Águia.

Colunas, e o Corcel, e o seu jazigo;
E vai subindo a florejante encosta
Do monte, a quem pôs Cr'oa o Aquíleo Templo.
Avista Sparta, e o Val Lacedemónio,
Co'as comas do Arvoredo encanecidas.
Pelo Ocaso o Taigete altivo surge;
Outeiros mais humildes, ao Nascente
Paralela cortina estão compondo.
Minguam por graus; vão ter acabamento
Nos vermelhados cumes Menelaios.
O Vale, que entre as duas serranias
Se encerra, embaraçado é pelo Norte,
Por confusas empostas desmentidas, ⁽¹⁾
Que formam, co' espinhaço, enfiados morros,
Ao Sul, onde foi sita, outrora, Sparta.
Dela corre, até o Mar, vasta planície
De pastos, vinha, messes chaquetada:
Tem Oliveiras, Plátanos, Sicómoros,
Que, à fértil, ⁽²⁾ sombra dão. Passeia Eurotas
Por ermos, e rebuça com Aloendros
As transparentes ondas azuladas,
Que Tindárides Cisnes ⁽³⁾ formosentam.
É Quadro, que admirá-lo assaz não podem
Demódoco e Cimódoce. A Aurora abre
Apavonada um Céu ao Sol que assoma.
Quem trilha isento o chão de Sparta? a Pátria

(1) Que na altura, desmentem umas das outras.

(2) Planície. Citara eu exemplos de Virgílio, e Horácio, e até de Camões, abastados de elipses, onde por elegância, esses Poetas sonégam o substantivo, quando pelo adjectivo claro, se pode atinar com o substantivo oculto. Mas os Leitores, que são cabais para ler Poesias deste lote, conhecem melhor do que eu exemplos tais.

Ditoso foi Chateaubriand, que não se viu obrigado a dar satisfações, por uma palavra, por uma frase que não anda corriqueira nas Gazetas! nem acumulou notas, como eu para aclarar pontos de História, ou Fábula, que em França entendidos são ainda dos menos eruditos!

(3) Nas águas do Eurotas conquistou Jove convertido em Cisne a Tindárida Leda.

De Licurgo e Leónidas, impune? ⁽¹⁾
Demódoco, inda absorto, no que via,
Vinha o ceptro augural inda meneando,
Quando em Sparta entram já os Corcéis rápidos.
Já o Carro há cortado a Praça antiga,
Passou d' Anciãos a Cúria, e o Pérsio Pórtico,
Vai via do Teatro que faz costas
À Cidadela, e Casas de Cirilo;
E de Vénus armada ⁽²⁾ ao Templo sobe.

Lastenes, co'a Família eram chegados,
Pela noiva esperando, e a espera o Bispo,
Que, da afligida Arcádia ouviu já os sustos.
Ele propõe, que o mais seguro amparo
Que à Noiva caiba, do que emprenda Hierocles,
É desposá-la. Aceita, e já Neófito,
Logo que ela renasça no baptismo,
Por legítima Sposa, cabe a Eudoro
Todo o direito, e acção de defendê-la.

Com gesto, saudaram, grave, e brando
Cirilo, e Anciãos, a amável Forasteira.
Co'a mor cópia de affectos, e carícias
Sua nova Mãe ⁽³⁾ a acolhe, e as Irmãs novas.
Dulcíssimas carícias! ignoradas
Dela atéli. Não vê Eudoro. Estranha-se.
Eudoro, em ocorrência tão ditosa
Dobrava austeridade, e penitência.

Dessa tarde não demorou Cirilo
A primeira instrução à Virge' Idólatra;
Que ingénua, e cândida escutava em êxtase,
Do Evangelho a Moral, o Afeito pio.

(1) Impudemente. Com que graça punham os Latinos estes adjectivos neutros em lugar dos advérbios!

(2) Vénus armada, Fortuna armada, simulacros foram a que os Gentios levantaram Aras.

(3) Séfora.

Ao Mistério da Cruz, em larga enchente
Lhe estão correndo lágrimas sentidas.
De Cristo à Angustia há dó; da Mãe ao Culto
Sente ímpetos de júbilo, e de pena. ⁽¹⁾
Assombra-a o grão poder do Deus eterno,
E no manto ⁽²⁾ se esconde de Maria.
Com gosto, ao Bispo ouviu contar Presepe,
Anjos, Magos contar, contar Pastores.
Só lhe era inextricável, cego enleio,
Que fosse esposa, e Mãe, ficando Virgem.
De manso orava o que aprendia atenta:
«Ave oh cheia de Graça, Ave, oh Maria.»
Por Mãe sua a tomou. Dava ao Pai conta
De algumas das lições. Era gracioso
No colo paternal sentada, vê-la
Como enfiava, em falas mui donosas,
Qual vida hão decorrido os Patriarcas.
Nacor, que a sua Sara ⁽³⁾ amou tão terno;
Tobias grato a Deus, fiel à Esposa,
Que o Arcanjo lhe adquiriu, por modo estranho:
E a Tabita, que Paulo, aos Pais saudosos
Dera, roubada à fria sepultura.

CIMÓDOCE

«Crês, que o Deus dos Cristãos, que amar me ordena
A meu Pai, porque a vida eu goze longa,
Não val Numes, que em ti nunca me falam?»
Missionária (dum género assaz novo)
Aluna dum Ancião, doutro Ancião mestra,
Entre varões tão respeitáveis, posta,
Dando a gostar ao Sacerdote Homéreo,

(1) Seguindo os lances da vida da Mãe de Deus.

(2) Alegoricamente. No amparo da Virgem Mãe.

(3) Filha de Nacor, e esposa de Abraão.

Do Cristão Sacerdote as lições graves,
De Graça, e Persuasão, pelos Céus, rica.
Oh! quanto enternecia o ouvi-la, e vê-la!

Brama o Inimigo da progénie humana,
Que lhe roubam das mãos a ingénua Virgem;
E a Astarte, em alto grito, assim argue:
«Demónio frouxo, e quedo, no Orco choras,
Com Saudades do Céu; do mais não cuidas.
O Anjo do Casto Amor te há subjugado.»

ASTARTE

«Doma essa ira oh Satã: Se obter vitória
Eu não pude desse Anjo, que no Empíreo
Meu posto ocupa, a, que supões, derrota,
Será quem teus projectos mais adiante.
Filho tenho eu... Horror me assalta, ao vê-lo!
Só de olhar seus furores, cobro sustos!
Bem o conheces tu. Desce ao seu cárcere,
Que a Hierocles vá. Lá sou: lá aguardo o Filho.
C'ó seu facho, c'ó meu, abraço Hierocles;
Ao Homicídio, ⁽¹⁾ os Cristãos dás com largueza.»

Disse: e Satã no abismo dos profundos
Tormentos se despenha. Além dos Lagos
De enxofre, e de bitume, pauis fétidos,
Na ampla região do Inferno, uma masmorra
É cavada, onde o Esp'rito jaz misérrimo
De quantos o Orco encerra. Entre mil víboras,
E espantosos reptis, eternal uiva
O infido Ciúme atroz. Nunca, em seus olhos
Lhe aponta o Sono: suspeições, vinganças
E a Desesperação, e o Des-sossego,
C'um cego Amor feroz, Quimeras turvas,

(1) Ao Demónio de Homicídio.

Urdidas na alma, avexam esse Sp'rito;
Rumores misteriosos sobressaltam-no;
Cuida que vê... ocorre... os Fantasmas!
Com lágrimas, que bebe, em brônzea copa,
Com suor (seu veneno) acode à ardente,
E nunca morta sede. Os lábios trémulos
Por ar, respiram mortes, quando a Vítima,
Que, contínuo, persegue, às mãos lhe foge.
Deslembado, que lhe é o morrer negado,
Nas entranhas, punhal buído enterra.

O Príncipe das trevas, que a tal monstro
Baixara, emboca a furna, para, e diz-lhe:
«Sempre te distingui, possante Arcanjo,
Dos, deste Império meu, Sp'ritos sem conto:
De gratidão dar-me, hoje, abonos podes.
No seio dum mortal, ateia as chamas,
Com que a Herodes cruel a alma abraçaste;
Vale ao teu Rei, nos vastos seus desígnios:
Destruam-se os Cristãos: às mãos nos torne
O Ceptro do Universo. Oh vem, meu Filho;
Da tua intrepidez é digna a empresa.»

Da boca arreda o Arcanjo dos Ciúmes
A empeçonhada copa, e co'as madeixas
De serpentes enxuga a imunda boca.
Profundo suspirou, disse raivoso:
«Todo o pendor do Inferno inda não vale
A te curvar o Orgulho? Expor-me ao Raio,
Que te arrojou no lagrimoso Báratro?
Mulher te há de trilhar da frente o entono.
Queres, inda, co'a Cruz, suster conflito?
Detesto a luz dos Céus. Cristãos destruíram
Meus domínios, c'os castos seus amores.
Leva os projectos teus, embora, avante:
Deixa-me em paz, no meu rancor cevar-me,
Sem que turbar-me, em seus furores venhas.»

Disse: e co'a mão desatinada, as serpes
Que aos lados tem ferradas, arrancando,
C'os dentes ruidosos despedaça.

Eis já Satã, que ruge de colérico:
«Donde te vem tal susto, Anjo cobarde?
O Pesar ⁽¹⁾ (vil virtude dos de Cristo!)
Te entrou no coração? Olha-te em torno.
Terás eterna essa jazida. Cabe-te
A Mal sem fim opores-lhe Ódio eterno.
Corta inútil Pesar; segue-me ardido.
Breve ⁽²⁾ farei des-parecer do Mundo
Esse Amor casto, que tão mal te assusta.
No Homem, que hei-de humilhar, recobra império,
Nem me forces o braço a que consiga
O que do zelo teu confiar dignava.»
Dessa esperança, desses ameaços
Levar se deixa o Arcanjo dos Ciúmes.
Satã contente, no ígneo Carro sobe
C'o Monstro, a quem de Filho o nome dava.
No que obre, o instrui, e aponta o golpe, e a vítima. ⁽³⁾
Porque Esp'ritos evitem importunos,
Ambos Cabos ⁽⁴⁾ enfiam invisíveis
As pousadas da Dor. Única a Morte
Açodados os viu sair do Tártaro,
E, c'um sorriso, os saudou hediondo.
Mas já do Alfeu ao vale ameno descem.
Lutava, então, c'um sonho (todo angústias)
Hierocles, de fatal amor cativo.
Na figura, dum Augur, confidente
Das encobertas mágoas do Procônsul,
O Demónio dos zelos se disfarça.

(1) Ou arrependimento.

(2) Brevemente.

(3) Em prosa devera dizer a vítima, e depois dizer o golpe: mas Virgílio, que a miúdo emprega a figura *usteron posteron*, troca por elegância os termos, pondo antes o que cabia colocar depois. De Virgílio, e outros que assim usam, tomei exemplo para assim usar.

(4) Também às vezes suprimo artículos, como Camões e Ferreira, etc., os suprimem, imitando os Latinos.

Toma do rosto do Adivinho as rugas,
As cãs, e a áspera voz; e a calva fronte,
Cobre c'um longo véu: austero, e pálido
Pelos ombros devolve os listões sacros.
Como um aziago sonho, o dito spectro
Chega ao leito, e no coração ansiado,
Có ramo toca, que lhe peja a dextra.
«Dormes (lhe diz) e o teu Rival triunfa?
Já a Sparta hão conduzido a Noiva Homérea,
Já abraça a Fé Cristã; já presto é Sposa
Do Filho de Lastenes. Sai do sono:
Roubemos, conquistemos esta presa.
Arruine-se, e tenha fim completo
(Que assim convém) desses Cristãos a Turba.»
Disse: e os listões arranca, o véu desvia;
Torna ao gesto de horror: ⁽¹⁾ curvado aperta
Nos braços, o Procônsul, vigorosos;
No impuro peito, impuro sangue coa-lhe.
C'ó pendor infernal debate-se o Impio; ⁽²⁾
Todo sustos, acorda, e todo gritos.
Tal esse, que inda em vida ⁽³⁾ sepultaram,
No Campo dos jazigos, ⁽⁴⁾ mal que esperta
Do letargo, se espanta, dá na loisa ⁽⁵⁾
Co'a frente; ao triste brado a cova toa...
Hirta a coma, do leito, Hierocles salta:
Quantos venenos há, vertera o Monstro ⁽⁶⁾
Na alma do que os Cristãos desama, e vexa:
Anela antecipar de Augusto as ordens.
Guardas chama: os Cristãos quer já nos Cárceres,

(1) À horrenda figura que lhe era própria, no inferno.

(2) Hierocles.

(3) Tendo só aparências de morto.

(4) Cemitério.

(5) Pedra, que cobre a sepultura.

(6) O Demónio de Ciúme.

Quer destruído o sítio em que se adunam. [vi] (1)
Clama Conspirações, Conluios clama
Contra o Império: (2)

HIEROCLES

«A flux se verta o sangue;
Que anda ateadado em almas voraz fogo.
Nem há hi consultar seio de Vítimas:
Não nos valem já, Preces, Votos, Aras.»

Insensato! Já chegam da Lacónia
Delatores, que muito lhe confirmam
De verídico o Sonho, que o conturba.
Da Providência às ordens resignado,
Ansiando a palma do martírio, Eudoro
(Conquanto a Tempestade inda a não julgue
Tão sobranceira) o assento cumpriu na alma,
Para os, que Paulo lhe augurou, destinos,
Digno da Esposa ser, que Deus lhe escolhe.
No prédio, cujo Dono andou ausente
Sterilizou-se uma Árvore, que cópia
Prometeu de bons frutos; volvem anos;
Torna à pousada o Dono, a Árvore cara
Visita ansioso. Ei-lo, a mondar os ramos,
Que a Cabra lastimou, Euros lascaram.
Cobra a Árvore vigor: já a coma inclina,
Que, c'ó cheiroso peso (3) vem vergando.
De Deus, assim, desajudado Eudoro,
Por falta, definhava, de cultura.
Mas o Pai de Família (4) entra no prédio, (5)

(1) As Igrejas, ou Oratórios, etc.

(2) Tramadas pelos Cristãos.

(3) C'os frutos cheirosos.

(4) Deus.

(5) Da alma de Eudoro.

[vi] Reunir, congregar.

Põe disvelo, na bem querida planta,
E o Filho de Lastenes se coroa
Co'as virtudes, que Infante prometera.
 Já dos anelos seus porção colhia;
Que lhe dava de Esposa a mão, Cimódoce,
Já merecia a nova Catecúmena
O grau de Ouvinte, ⁽¹⁾ o grau de Postulante;
E, na Igreja, a primeira vez, ser vista
No fausto dia, à Mãe do Verbo, sacro:
Já celebrados, findos os mistérios,
Prestada é a Fé de ser leal a Cristo,
Leal a Eudoro, que em Esposo aceita.

Tácitas sombras os Cristãos primevos
Para os Ritos sagrados escolhiam.
Passou-se (antecedente à noite) o dia
Orando, meditando: ali Cimódoce
Do Inferno triunfou. Lá, sobre véspera,
Co'as suas Filhas, começara Séfora
A ornar a nova Sposa. Os atavios
Aónios ⁽²⁾ pronta despe; depõe na Ara
(Doméstica, sagrada à Virgem pura)
Ceptro, Listões, e Véu. Ah! que, sem lágrimas,
Lhe não ficou, no Templo Homéreo, a Lira!
Saudosa, um tanto, se desfez Cimódoce
Das insígnias louças do pátrio Culto.
Uma Opa branca, uma trançada c'roa
De Cecém substituiu ramais de pérolas,
E colar; às Cristãs vedado enfeite.
Evangélico Pejo, nos seus lábios,
Tomou o posto do sorrir das Musas,
E atractivos lhe deu, do Céu condignos.

(1) Vid. FLEURY. *Mœurs des Chrétiens*.

(2) De Vestal das Musas.

C'uma tocha, na dextra, entre as mais luzes,
Na segunda, saiu, vela da noite.
Cirilo, e seus Levitas vão diante,
Após as Diaconisas e as Viúvas!
De Virgens Coro, às portas ⁽¹⁾ a aguardava.
Eis Cimódoce. Admira de formosa:
E exclama a Turba: ⁽²⁾ *É Helena, a Tindárida,*
Que ao Tálamo Real, ⁽³⁾ faustosos levam,
Co' a Flor do Platanista coroada.
É Vénus, quando a viu (fingindo Palas)
Licurgo, ao Rio ⁽⁴⁾ dar suas manilhas.
Nova Eva, Ester, Susana, e Sara ⁽⁵⁾ a aclamam
Os Cristãos; e aos Cristãos prezado nome
Ester, o nome foi que a Noiva aceita. ⁽⁶⁾

Junto ao Leche, e não longe, onde os Reis Ágides ⁽⁷⁾
Jazem, longe da Turba, e do bulício,
A Grei Cristã fundado tinha a Igreja,
Solta, como Ilha, do Pagão concurso,
De Átrios, em roda, e de Jardins cingida.
Fontes, no Peristilo, donde puros,
Por três portas, no Templo, os Fiéis entram.
No topo Oriental, ⁽⁸⁾ Sacrário, e Ara
Maciça de ouro, a engastam gemas, perlas.
Corpo encerra dum Mártir, corre ante ela
O brocado, em cortinas de grão preço.
Do Santo Esp'rito emblema a ebúrnea Pomba,
Co'as pandas asas, o Sacrário obumbra;
Quadros ao vivo, que as paredes ornem,

(1) Da Igreja.

(2) Dos Pagãos.

(3) De Menelau.

(4) Eurotas.

(5) Esposa de Tobias.

(6) Cimódoce.

(7) Descendentes do Rei Agis.

(8) Uso antigo de orar, em face do Oriente.

Passos da Bíblia rememoram pêndulos.
Desanexo, e à portada da Basílica,
Se erige o Baptistério, por quem novos
Insofridos, suspiram, Catecúmenos.

Cimódoce caminha aos santos Pórticos.
Dif'rença há que noteis. Lacónias Virgens
Inda adictas aos Ídolos, trajavam
Roupas abertas, affectando às Gentes
Desgarre em seu olhar, no andar soltura;
De Baco, ou de Hiacinto ⁽¹⁾ é o seu baile:
Da crua Sparta a fraude, o roubo, a índole
Feroz lhes stá vertendo em rosto, em olhos.
E as Cristãs Virgens, té no traje, castas,
São digna prole de Helena, em beldade,
Mas, mais que ela formosas, por modestas.
C'os mais Fiéis, vêm celebrar mistérios
Dum manso Deus, que os peitos enternece
E adoça para Filhos, para Servos,
Deus, que odeia o Dissimulo, a Mentira.
Irmãos nascem, ⁽²⁾ diverso Povo os crêreis:
Tanto a Religião os Homens muda!

Chegados ao festivo Templo, o Bispo
Tendo em mãos o Evangelho, ao trono sobe,
Que alçado é, no profundo santuário: ⁽³⁾
Põe-se à face do Povo. Em seus assentos,
Pela esquerda, e direita, os Sacerdotes,
Detrás, e em pé Diáconos ocupam
Do Ábside, ^[vii] em forma, o semicírculo: ⁽⁴⁾
Tomava todo o vão da Igreja, o Povo.

(1) Qual a dança usada nas festas de Baco ou de Hiacinto.

(2) Como filhos da mesma Sparta.

(3) Na Capela mor; no mais interior do Templo.

(4) Ao meio círculo, que cinge o altar mor chamam Caranguejola em várias Sés.

[vii] Hemiciclo dos antigos templos representado nos templos cristãos pela parte que fica atrás do altar-mor, em forma de semicírculo.

Separados os Homens das Mulheres,
Têm uns a fronte nua, outras a cobrem.

Enquanto seu lugar toma o Congresso
Salmeia o Coro o Intróito solene.
Dito o Salmo (em voz baixa orando o Povo)
Logo o Bispo a Oração, que os votos une
Do Cristão Povo entoa. O Leitor sobe
O Ambon; ⁽¹⁾ do antigo, ou novo Testamento
Toma um texto, que às Festas ⁽²⁾ ambas quadre.
Que Cena para a Esposa! Quanto dista
De tão queda, tão santa Cerimónia,
Canto impuro Pagão, sanguento apresto! ⁽³⁾
Fitam olhos na ingénua Catecúmena,
Que, sentada, entre as Virgens sobre-excele
Em formosura a todas. O respeito,
E a timidez a afrontam, que mal ousa
Olhos erguer, rastrear na turba, aquele,
Que após Deus, lhe ocupava os seios da alma.

Desce Leitor do Ambon, e toma o Bispo
Assento, na Cadeira da Verdade.
Do corrente Evangelho o senso explana;
Fala na conversão da Gente idólatra;
Na Dita, em que há-de entrar virtuosa, a Virgem,
Que desposa um Cristão, à sombra, e amparo
Da Mãe do Redentor. Depois conclui:
«Lacedemónio Povo, é mais que tempo
Que eu vos lembre a aliança que heis travado
Com a Santa Sião. ⁽⁴⁾ Como o Hebreu Povo
Descendeis vós de Abraão; vosso Rei Ário
Reclamou esse Santo parentesco,

(1) Espécie de tribuna.

(2) Festa de Nossa Senhora e Festa do desposório de Cimódoce e Eudoro.

(3) Todos os preparativos de degolar Bois, Carneiros, etc., como num matadouro, o faziam em seus sacrifícios os Pagãos.

(4) Dessa aliança fala o Livro dos Macabeus.

Por Carta ao Sacerdote sumo Onias.
Ele escrevia assim à Gente Hebreia:
Vossos são nossos bens, nossos rebanhos;
Nossos os vossos são. Reconhecendo
Os Macabeus comum a nossa origem
Deputação amiga a Sparta enviaram.
Se o grão Deus de Jacob, quando inda idólatras, ⁽¹⁾
Vos distinguiu, na convizinha prole
Dos Povos de Javan, Setim, e Elisa;
Quanto o Céu vos não é credor, agora,
Que vos selou c' o selo ⁽²⁾ dos Eleitos?
Eis o prazo, oh Cristãos. Mostrai-vos dignos
Do berço, que ensombrou Palma Idumeia.
Judas, ⁽³⁾ c' os Irmãos seus (ilustres Mártires!)
Vos empenha a pisardes seus vestígios,
E a defenderdes a Celeste Pátria.
Amada Grei, ao meu cajado entregue,
Por aceno de Deus, talvez esta a última
Ocasão seja, em que o Pastor, que tendes
Do seu Cajado à sombra vos ajunte.
Quão poucos dos que ao pé desta Ara estamos
Tiranos sofreram que a ver-se tornem!
Servas de Cristo, Esposas virtuosas,
Virgens sem mancha, dai-vos, hoje, o lauro
De haver despido as pompas deste século,
Por dar-vos à Modéstia pudibunda.
Quanto é para temer, que os pés enleados
Em séricos ⁽⁴⁾ listões, ao Cadafalso
Difícultem subir? Que arrochadores
De perlas, que mimosos colos cingem,
Não empachem os fios do cutelo?

(1) Quando vós Spartiatas éreis ainda idólatras.

(2) Com o baptismo.

(3) Macabeu.

(4) De seda.

Jubilemos, Irmãos! Lavrada é a Cédula
Do Livramento. Livramento eu disse?
Disse bem. Que não julgo eu Cativoiro
Masmorras, cepos, que por vós aguardam.
Para um Cristão, que avexam crus Tiranos,
Não é sítio de dor um calabouço;
É Jardim de regalo. Uma alma que ora,
Tolhe ao corpo sentir, que os ferros pesam.
A alma enleva, consigo aos Céus, o corpo.»

Da Sede o Bispo desce: clama o Diácono:
«Orai, Irmãos.» Incontinente se ergue
Todo o Congresso, se põe no Oriente o rosto;
As mãos levanta ao Céu, orando pio,
Por Fiéis, e Infiéis, e Enfermos, e Angustiadados,
Por Tiranos cruéis. Dão modo os Diáconos,
Que Pagãos, Penitentes, e Energúmenos,
A quem mistérios ⁽¹⁾ veda a Igreja, saiam.
Duas Viúvas, com a Mãe de Eudoro
Vêm buscar a tremente Catecúmena;
Que em face ao Bispo a põem.

CIRILO

«Quem és?»

CIMÓDOCE

«Cimódoce,
De Demódoco Filha.»

CIRILO

«Que pertendes?»

(1) Da Consagração, da Comunhão, etc.

CIMÓDOCE

«Deixar Deuses, e entrar no Fiel aprisco.»

CIRILO

«Com madurez pesaste o que requeres?
Não te assustam prisões? Morte não temes?
Tens viva a Fé sincera em Jesus Cristo?»

Hesita a Virgem, quando Prisões, Morte
No Quadro vê, vê mágoas de Demódoco;
Sponsais não vê. Mas eis lhe sobe súbita,
De Eudoro a sorte, à mente... Com voz firme,
Resolve-se a abraçá-la, como sua.

CIMÓDOCE

«Não me assustam Prisões, Morte não temo.
Com Fé viva, e sincera creio em Cristo.»
Impõe, então, as mãos o Santo Mártir, ⁽¹⁾
C' o sinal de Cristã lhe estampa a fronte.
Viu o Povo luzir língua de fogo
Na abóbada do Templo. O Santo Fsp'rito
Sobre a Virgem desceu predestinada.
Nas mãos lhe embebe a palma, um dos Levitas,
C' roas lhe arrojam as Cristãs Donzelas,
Qual, se já Mártir fora, e entre luzeiros,
Se remontara aos Céus. Ao banco volta
Femíneo, ⁽²⁾ de cem tochas precedida.
Saúda o Bispo ao Povo, e o Sacrifício
Começa.

(1) Cirilo.

(2) Aos bancos destinados, na Igreja, para assento das mulheres.

DIÁCONO

«Ósculos dai de Paz recíprocos.»

D'ofrendas, que ali traz Cristã Família,
Que o Sacerdote aceita, altar cumula,
E c'os Pães ao mistério dedicados, ⁽¹⁾
Que Cirilo abençoa. Os Círios ardem,
O incenso exala, a voz levanta o Povo.
Perfaz-se ⁽²⁾ o sacrifício; é repartida,
Entre Eleitos de Deus, a sacra Vítima;
E após a Comunhão, se apresta o Ágape; ⁽³⁾
A cuja Cerimónia enternecida
Todo o bom coração se volve atento.

Já Séfora a Cimódoce insinua
Que a dar a destra a Eudoro se disponha;
Têm-na Virgens em braços, Virgens cercam-na.
Mas... falta o Esposo à Cerimónia augusta.
Quem notícia dará?... Porque tão lento
Se oculta aos olhos da progénie Homérea?
Eis range a porta, ⁽⁴⁾ nos buídos quícios;
Eis penitente voz de fora exclama:
«Contra Deus hei pecado, e contra os Homens.
Na Fé, na Religião fui descuidado;
De seu regaço me expulsou a Igreja;
Causei morte, nas Gálias, à Inocência:
Irmãos, orai por mim.» A culpa, a vozes
De rastos pelas lajens ^[viii] do Vestíbulo,

(1) FLEURY. *Mœurs des Chrétiens*.

(2) De perfazer vem a palavra perfeito; como que dissera bem acabado, em que o Mestre pôs a última mão.

(3) Cristão repasto.

(4) Do Templo.

[viii] Sic.

Esparzida de cinzas a cabeça,
Num saco bento, ⁽¹⁾ num cilício estreito
De Filopœmen prole, confessava
Compungido. ⁽²⁾ Em favor de Dor tão clara;
Of'rece o Bispo a Deus seus piedosos rogos,
Que, com ele, os Cristãos, alternos seguem.

Que estranho assombro então entra em Cimódoce!
Guiam-na, inda uma vez, ante o Santuário;
A Eudoro esperar vai. Já quanto o Bispo
Profere, a ingénua Virge' assim repete,
Com voz que entenece a alma. Parte um Diácono;
Que guia o penitente, que inda, à porta,
Prostrado jaz (vedado lhe era o Templo); ⁽³⁾
Consigo o traz, e em face o põe do Bispo.
Lá quanto a Virgem disse, diz Eudoro.

De boca em boca, vai, do Altar ao Pórtico,
Duns a outros, como eco dos Ministros, ⁽⁴⁾
Dos Esposos o sacro juramento.
Compunção, ⁽⁵⁾ e Inocência ⁽⁶⁾ víreis juntas.
Símbolo puro do lavor doméstico,
Lã, como Arminho nítida, se of'rece,
Na, encamisada roca, à Mãe Sob'rana.
Todo o sacro Esposório, ⁽⁷⁾ que, com lágrimas ⁽⁸⁾

(1) *Saccus benedictus* se chamava o vestido dos penitentes, na primitiva Igreja, que, por corrupção veio a chamar-se sambenito. — Vid. Luís de Páramos, citado por Fr. Luís de Sousa, liv. I. cap. 3. da *História de Domingos*. Vid. *ibid.* Envolto num capote de saco. *In sacco obsecrationis*, e *in sacco et cilicio* são frases vulgares, na Bíblia, acerca de penitência.

(2) Quem não dará lágrimas a tão piedosa compunção?

(3) Sem que a penitência lhe seja aliviada pelo Bispo.

(4) Do Altar.

(5) Em Eudoro.

(6) Em Cimódoce.

(7) Todo o tempo que durou o Esposório.

(8) De ternura.

Os Assistentes viam, modulavam
 Virgens da Nova Sião, sponsais Cantares!
 «Minha Amada, entre as Virgens, é qual Lírio
 Entre espinhos. Oh quanto é linda! oh quanto!
 Qual Romã que escachou, rubim é a boca;
 Semelha a coma à copa da Palmeira.
 Qual a Aurora, no Eoo a Sposa splende;
 Qual o incenso que exala, e sobe em nuvem,
 Sobe Ela do ermo. Oh Filhas de Solima,
 Pelos serris Capréolos, vos conjuro
 Com frutos me sustende, e com Boninas, ⁽¹⁾
 Que o peito se me fende à voz da Amada.
 Verte, oh merídio sopro, verte aromas
 Suavíssimos, na que é do Sposo enlevo.
 Feriste-me a alma, oh muito amada minha.
 Tuas portas de Cedro me abre. O orvalho
 Da Noite humedeceu minhas madeixas.
 Aloés, e Mirra te perfume o Tálamo;
 Com tua destra mão sustém-me a face
 Que langue. Oh qual sinal me pões no peito!
 Mais forte do que o Amor é ainda a Morte.»

Dava o Virgíneo Coro fim ao Cântico,
 Eis ressoa de fora outro Concento
 Dos Parentes e Amigos de Demódoco,
 Que Cimódoce, e Eudoro Esposos cantam.
 «Brilhou da Tarde a Estrela: saí, Jovens,
 Das Mesas do banquete. Hímen se entoe,
 Cante-se Himeneu. É vista a Virgem.
 Cultor do verde Pindo, prole Urânica;
 Tu, que guias ao Sposo, a Sposa tímida
 Nas mãos sacode, facho auri-comado;
 E aos sons da tua voz melodiosa,
 O alcatifado chão pisa festivo,

(1) *Fulcite me floribus stipate malis.* — Cant.

Da alcova nupcial franqueia as portas;
Que já se adianta a Virge'. O Pejo os passos
Lhe prende; e o pátrio umbral chorosa deixa.
Vem, nova Sposa, vem: que, no teu seio,
Anela reclinar-se o fido Sposo.
Desse himeneu fecundo brotem Filhos
Mais formosos que o Dia. Um novo Eudoro
Pendurado do seio de Cimódoce,
Desejo ver, que as alvas mãos mimosas
Estenda à Mãe; e acolha c'um sorriso
Meigo, ao prestante Herói, que à luz o manda.»
Dous Cultos, com dous Hinos celebravam
O venturoso Par, o Par, que ignora,
Quais transe, quais angústias o ameaçam.

Findos apenas os festivos Cânticos;
Eis rumor de armas; eis regrado piso
De soldados, que marcham. Pelo ar rompe
Torvo arruído. A turba atroz, ferina ⁽¹⁾
Com ferro, e fogo, à Paz devassa o asilo.
Por quantas Portas rasga o Templo, em sustos,
Rompe a Gente, ⁽²⁾ em rondão. Meninos, Velhos,
Sufocam-se ao sair. Nas naves choram,
Dão gritos lamentosos as Mulheres.
Fogem: fugindo, caem. Ao Bispo, ante a Ara,
Des-soçobrado, e firme, em veste sacra
Com algemas, as mãos (impios ?) profanam.
Quis o Centúrio, a quem é nota a Esposa
Pôr-lhe impia mão... (Que assim lh'ó ordena Hierocles.)

Não já Cordeiro manso; é Leão, que ruger,
Que se atira ao Centúrio, Eudoro. Arranca-lhe
Da dextra a espada, e a rompe. A Esposa, em braços,
No escuro, no tropel, esquiva a insultos.

(1) A soldadesca.

(2) Cristã.

Desarmado o Centúrio, à tropa grita:
«Correi, no alcance, a Eudoro.» Este açodado
Couto mira em moimento de Leónidas.
Co' ouvir rastreio ⁽¹⁾ de tão vis Satélites,
Os passos força As forças exauridas
Lhe falseiam o amor. Fraqueia ao peso. ⁽²⁾
Depõe a Amada no esconderijo régio; ⁽³⁾
Junto do qual se erguia um troféu de armas,
Dos mortos, nas Termópilas. Eudoro
Do Monarca Spartano a lança empunha,
E aos soldados, que já se lhe arremessam...

Eis que, à luz de seus fachos, afigura-se-lhes
Ver em sombra o magnânimo Leónidas...
Param. Fuzis dispara o olhar de Eudoro.
Movendo a preta coma, mil relâmpagos
Relança à luz dos fachos, furibundo.
Menos hórrido a Xerxes foi Leónidas,
Morte, e espanto spargindo na hoste bárbara,
Quando lhe entrou, na Tenda, em treva escura;
Eis mor assombro! Muitos dos Romanos
Vêem, nele, o General, com quem serviram.

EUDORO

«Guerreiros, se a roubar-me a Sposa vindes,
A vida haveis, primeiro, de arrancar-me.»
Cobram spanto da voz, do torvo aspecto
Do Caudilho, que em guerra os guiou. Pararam.
Quando a segar a messe, entram Ceifeiros,
Caem, daqui, d'além, débeis espigas,
Da fouce ao gume. Vão chegando ao Robre,
Que, alteroso à seara aos Céus se arroja,

(1) O rumor dos que rastreavam descobri-lo.

(2) Da Esposa que em braços leva.

(3) Jazigo de Leónidas.

Admiram-lhe ⁽¹⁾ a estatura agigantada;
Que abater podem sós machados, Euros.
Tal (sparsa a turba dos Cristãos) a tropa
Staca ante Eudoro. Em vão o impio Centúrio
Clama: que o Chão lhes prende os pés guerreiros.
Tanto pavor, nos peitos, Deus lhe infunde!

Mais fez Deus. Ao Custódio (diz) de Eudoro:
«Descobre-te qual és, aos vis Satélites.»
Ronca horrendo um Trovão. Descobre-se o Anjo
Ladeando Eudoro; as armas centelhavam-lhe.
Pela treva entre raios, e relâmpagos,
Às costas os broquéis, a tropa foge.
Fica azo a Eudoro, que reponha aos ombros,
A Esposa, e o cinjam desta os braços lindos.
Com graça igual, oh não se estreita amante
A tenra Vide ao Choupo, que a assegura!
Nem tão viva, c'ó Pinho, que a alimenta,
Se abraça a Labareda: ao mastro, menos
Se cose, em vendaval, a frouxa vela.
Cumulado, c'ó seu tesouro, Eudoro
Entra, e em tanto, em sacro ⁽²⁾ tecto, abriga
A Virgem, que em domínio seu, lhe é dada.

Cativo Hierocles do Anjo dos Ciúmes,
Contra os Cristãos, se arroja a tais violências,
Na ânsia, que a Eudoro prive de Cimódoce.
Mas tardios ⁽³⁾ chegaram seus Satélites
E Eudoro a Esposa destemido salva.
Nesta Noite de scândalos, o Próprio
Que a Constantino fora, a Sparta chega:
Ledas novas trazia, e novas tristes;
Firme Augusto, em Conselhos moderados,

(1) Os Ceifeiros.

(2) Em casa de Cirilo.

(3) Que já desposada a tinha Eudoro.

Concordes c'ó seu génio; e que a denúncia
De Hierocles falsa achou, vigiar só manda
Os Levitas, romper ocultas Juntas. ⁽¹⁾
Das provas, que deu claras Constantino,
Não creu a Eudoro Cabo de rebeldes.

Constantino juntava mais na Carta:
«Vem; que nos valha, agora, o teu socorro.
Dar conta a minha Mãe Doroteu mando,
Das que, aos Cristãos, desditas ameaçam.
Quando embarcar-te, no Pireu, escolhas,
Lá surgirá o nosso antigo Amigo; ⁽²⁾
De boca lhe ouvirás notáveis novas.»
Pouco há, tinha aportado, num Navio,
Doroteu, no momento, em que consultam,
Na Família, qual meio adoptar devem.

EUDORO

«Força é que eu parta: e não convém, que em Grécia
Se exponha a Amada às vexações de Hierocles;
Nem Virgem ⁽³⁾ Sposa, a Roma vir comigo: ⁽⁴⁾
Mais fausta, avisto, ocasião, na Carta.
Doroteu a Solima a guie; e tenha
Ela, em Helena, e co'a instrução, amparo;
E em verdades Cristãs se embeba, e funde.
Logo que Augusto mo permita, parto
Ao sepulcro de Cristo, e lá a Demódoco
Instarei, que me cumpra a fé jurada.»

(1) Furtivas assembleias.

(2) Doroteu.

(3) Cujó martírio não era consumado.

(4) Se exponha.

Disséreis, que inspirara Deus a Eudoro!
Quando embarcados, no Baixel, os Nautas,
Do Galo ⁽¹⁾ aldeão (que a brigas não se nega,
Que ao Lavrador activo acordar usa)
Lhe ouvem o camponês, guerreiro grito,
Entre o zunir da fusca tempestade,
Meiga saudade, amor da pária, no ânimo
Lhes cala, e com prazer, ouvem remedo,
Campestre, e surdem raios de Esperança.
Esse canto, que usanças campesinas
Recorda, no alto Mar, bençoam gratos,
Em lhe dar senhas de vizinha Terra.
Ver salva ausente, a Filha, a dor adoça,
No Pai, que ao parecer de Eudoro anui.

LASTENES

«As ordens do Senhor cumpridas sejam.
Guie a Atenas, seu Pai, a nova Esposa;
Ela, a Solima vá, meu Filho a Roma:
O Tempo das provanças ⁽²⁾ breve dura;
Qual rápido Correio, oh Filhos, foge.
Se firmes sois na Fé, bem vos seguro
Sejam o Amor, e o Céu granjeio vosso.»
Bem fora o Pai, ⁽³⁾ co'a Virge', ⁽⁴⁾ ao Pólo extremo;
Mas anos, nas funções de Homéreo Templo
Na Grécia lhe têm presa a liberdade.

Novo furor de Hierocles receiando,
Para o crástino Sol partir resolvem.

(1) Não o Homem Francês: sim o sposo das Galinhas. Chama-lhe o Poeta — aldeão, — porque não nas Cidades, mas nas Aldeias há mor cópia desses animais.

(2) Em que Deus faz prova dos Cristãos.

(3) Demódoco.

(4) Cimódoce.

Como, à prisão, ir ver Cirilo, negam-lhe,
Antes que ambos de Sparta saiam, manda-lhe
Eudoro escrito seu. Lá, da masmorra
O Mártir que aos grilhões não era estranho,
Ao perseguido Par ⁽¹⁾ lançou a benção,
«Vós, no Mundo esperais ⁽²⁾ ser venturosos,
Quando Coros de Virgens, e de Mártires
Já, nos Céus, em seus Cânticos publicam
Vossa união sem fim, ventura eterna?»

FIM DO LIVRO XIV.º

(1) Eudoro, e Cimódoce.

(2) Resposta de Cirilo.

NOTAS DO LIVRO XIV.º

Pág. 85, verso 3. Hermeu.

Usavam na Grécia pôr nos desfiladeiros, státuas de Mercúrio, (Hermes). Muitos desses Hermes guiavam a Messénia, e a Arcádia.

Ibid., verso 10. Tostada giesta.

Vid. *Itinér. de Chateaubriand*.

Pág. 86, verso 1. Licisco.

Na primeira guerra de Messénia, prometeu aos Messénios vitória o Oráculo, com tanto que sacrificassem uma moça da sanguinidade de Egipto. Entre as muitas que havia, caiu a sorte na Filha de Licisco, que preferindo à Pátria a Filha, a levou fugida a Sparta. Aristodemo ofereceu a sua, mas o noivo que a quis salvar, alegou direitos ante-matrimoniais, e que o ventre da noiva os daria a conhecer; o Pai lho abriu com uma faca, e a mostrou digna de dar a vitória aos Messénios.

Pág. 99, verso 9. Javan.

Javan (na Bíblia) diz Grécia; Setim, Macedónia; Elisa, Élide ou Peloponeso.

Ibid., verso 30. De perlas.

Timeo cervicem, ne margaritarum et smaragdorum laqueis occupata, locum spathæ non det (Tertul. *de Culti femin.*)

Pág. 100, verso 4. Masmorras.

Auferamus carceris nomen, secessum vocemus. Et si corpus includitur, et si caro detinetur, omnia spiritui patent. Vagare spiritu, spatiare spiritu, et non stadia opaca aut porticus longas proponens tibi, sed illam viam quæ ad Deum ducit. Quoties eam spiritu deambulaveris, toties in carcere non eris. Nihil crus sentit in nervo, cum animus in cælo est. Totum hominem animus circumfert, et quo velit transfert (TERTUL. *ad Martyrs*).

Pág. 102, verso 22. Expulsou a Igreja.

No primeiro dia de quaresma vão-se pôr à porta da Igreja trajados pobre, sórdida, e rotamente os que ali tinham de cumprir sua penitência... Lá recebiam do Bispo cilício com que se cinjam, e cinzas, com que alastrassem as cabeças; e logo prostrados ouviam as orações que por eles faziam o Bispo, e todo o povo ajoelhados. Então os exortava o Antiste, e lhes advertia que por um certo prazo os expulsava, como Deus do Paraíso a Adão, depois do pecado cometido. E tendo-os acorçoado à penitência, na misericórdia de Deus lhes punha as esperanças. Expulsos da Igreja, as portas, se lhes fechavam (FLEURY, *Mours des Chrétiens*).

Pág. 106, verso 3. Leónidas.

Quarenta anos passados do famoso combate de Termópilas, trouxeram a Sparta os ossos de Leónidas, e abaixo do anfiteatro, de trás da cidadela, os enterraram.

Pág. 109, verso 19. Qual rápido Correio.

Transierunt omnia illa tanquam umbra et tanquam nuncius percurrens (Sap. Cap. V, v. 9).

FIM DAS NOTAS DO LIVRO XIV.º

OS MÁRTIRES

LIVRO XV.º

ARGUMENTO

Atenas. Despedida de Cimódoce, de Eudoro, e de Demódoco. Cimódoce se embarca com Doroteu para Jope, e Eudoro para Óstia. Manda Maria Virgem o Arcanjo Gabriel ao Anjo dos Mares. Chega Eudoro a Roma; acha convocada a Cúria, para julgar a causa dos Cristãos, e estes o escolhem por seu Orador. Chega também a Roma Hierocles, a quem os Sofistas encarregam de defender a sua Seita, e de acusar os Cristãos. Simaco, Pontífice de Júpiter, ora no senado pelos antigos Pátrios Numes.

NUM Téssalo Corcel, c'um só Criado,
Via do monte, deixa Eudoro Sparta,
Busca Argos. Tenções, na alma, generosas
Lhe abunda o Amor, e a Fé. Deus, que a grande auge
De glória alçá-lo quer, o guia a Scenas,
Que dêem de rosto a objectos vis mundanos.
Vagava Eudoro, pelos calvos cumes;
Do Rei dos Reis ⁽¹⁾ trilhava a antiga herança.
Três sóis, premendo ilhais do brioso bruto,
Repouso breve toma, em sítios, onde
Toa, inda Alcides, Clitemnestra, Pílades,
(Ruínas hoje!) ⁽²⁾ e em Micenas, e ermas ruas,
O jazigo se ignora de Agamémnon.

(1) Agamémnon.

(2) Refere-se aos sítios.

Busca, em Corinto, em vão, Eudoro as praças
Onde troou a voz do grande Apóstolo. ⁽¹⁾
Pelo Istmo descampado, os claros ⁽²⁾ Ludos
Recorda, quais cantara outrora Píndaro,
E quinhão, no splendor, tinham c'os Numes.
Os Penates da Avó pesquisa em Mégara,
Que as cinzas de Focion, pia acolhera.
Eleusis é sertão. Um batel único
No Salamínio, derrocado Porto!... ⁽³⁾
Segue a sagrada via, e vai subindo,
Pelo outeiro Pæcilo: o plaino da Ática
Se lhe espraia ante os olhos. Pára. Admira.
Talhada airosamente a Cidadela
Faz pedestal, que aos Céus, esbelta o Templo
Paládio, e os Propileos, ⁽⁴⁾ Ostenta Atenas,
Na extensa falda, enleio de Colunas,
De amplos Templos, de antigos Edifícios.
Fecha os longes do Quadro o Monte Himeto,
E um souto de Oliveiras, que é cintura
Da Cidade a Minerva consagrada.

Corta ⁽⁵⁾ o Cefiso, que do souto mana;
Guia aos Jardins de Academo. Os jazigos
De Timóteo, de Cónon, de Trasíbulo,
Dos três Jovens, que, por salvar a Pátria
Peloponeso os viu morrer na guerra,
Lhe indicam o retiro ⁽⁶⁾ Filosófico.

(1) São Paulo.

(2) Jogos de Atletas mui nomeados, e em honra dos Deuses. — Vid. PINDAR. od. Isthmic.

(3) Onde Milhares de Navios se uniram, para a batalha naval entre Xerxes, e a Grécia.

(4) Vid. *Voyage du Jeune Anacharsis*.

(5) Eudoro.

(6) Onde os Filósofos se retiravam a filosofar.

Saúda a honrada Campa, ⁽¹⁾ e a de Pericles, ^[ix]
(Que, nua Atenas do verdor dos anos,
Co' Ano a compara, nu de Primavera)
Entre ceifadas, jaz, e murchas flores.

Aos Jardins de Platão ⁽²⁾ a entrada inculca
Státua de Amor ao Fito de Lastenes.
Com lhes dar Adriano o antigo lustre,
Ao devaneio humano abriu asilo.
Grau de Sofista era arrogar-se foros
De insolência, e de Error. Com rota, e squálida
Capa, Saco, e Bordão insulta o Cínico
Ao Platónico, envolto em ampla púrpura.
Trajando longa preta beca, o Stoico,
Investe co' Epicúreo flor c'roadado.
No Conflito das Seitas, esses Campos
Reboavam co' arruído dos Filósofos:
Que os de Atenas haviam por toadas ⁽³⁾
De Sereias, de Cisnes. Os que, outrora,
Passeios eternou ⁽⁴⁾ Divino Ingenho,
Eram dados a Pseudo-Sabedores,
De quantos Homens há, os mais inúteis! ⁽⁵⁾

Investigava Eudoro, em tais retiros,
O mais digno Oficial da Corte Augusta.
Foi-lhe duro conter-se, e que não mostre
Seus visos de desprezo, entre-passando
Sofistas, que o presumem seu Adepto,

(1) Dos três Jovens.

(2) A campa de Pericles

(3) Angélica a toada. — CAMÕES.

(4) Os jardins, e passeios cuja fama fez eterna Platão.

(5) E os mais nocivos.

[ix] *Sic.* Liberdade poética.

Que, com ânsia se imbua, em seus sistemas
Sapiência lhe propõem (trajada à Louca). ⁽¹⁾
Por fim, com Doroteu, Cristão virtuoso
Deparou no passeio da Alameda
De Plátanos, que manso arroio banha,
Com límpida corrente. Ao lado tinha
Alguns Mancebos de renome egrégio,
Por alto Ingenho, por linhage ilustre.

Gregório de Nazianzo, e o Boca de Ouro, ⁽²⁾
Demóstenes dessa Era. Prematura
Eloquência lhe deu tão claro nome.
Basílio em senhas dá, e as dá Gregório ⁽³⁾
Crer, na Fé de Dinis, ⁽⁴⁾ na de Justino. ⁽⁵⁾
Após do infesto a Cristo, ⁽⁶⁾ vai Juliano; ⁽⁷⁾
Que convulso no andar, desvaira em sestros,
Ruins senões, na alma inculca, e nos sentidos.
Distinguiu Doroteu, com custo, a Eudoro:
Que lhe estampou na face o andar dos anos
Gentileza viril, qual da Virtude
O dá o uso, e o meneio o dá das armas.
Despedidos, ⁽⁸⁾ toda a alma ao caro Amigo
De Constantino, Doroteu descobre.
«Vi o teu Próprio: e logo deixei Roma.
Maior, que o crês, é o mal. Galério vence;
Augusto, cedo, ou tarde abdica a púrpura.
Destruem-lhe os Cristãos, tiram-lhe o esteio.

(1) Que de tais princípios a trajavam esses sofistas, que dava ares de louca.

(2) S. João Crisóstomo.

(3) De Nisse.

(4) Areopagita.

(5) Mártir.

(6) Lamprídio.

(7) O Imperador Juliano.

(8) Da companhia dos Mancebos que estavam com Doroteu.

Voto é de Hierocles, que hoje pode tudo,
Com César, ⁽¹⁾ que insta em ver-nos recensados,
A fim, que o p'riego em que labora o Império,
Lhe dê azo a clamar, que a Seita adversa,
E a assustadora multidão ⁽²⁾ reprimam
Severas Leis. Na Corte eu desvalido,
Compreendes qual razão me leva à Síria.
Em ti nossos Irmãos têm fito os olhos;
E a glória, que por armas granjeaste,
E a insigne compunção dão pleno assunto,
Em que todo o Cristão discorre, e admira.
Quer ver-te o Papa, e Constantino ver-te:
De espíões cercado o Príncipe, na Corte,
Mal se sustém: falece-lhe um Amigo,
Que, quando o lance o peça, o advirta, o ajude,
Com destemida mão, com sábio aviso.»

Sucessos, que hão, na Grécia acontecido
Doroteu ouve a Eudoro. Guiar-lhe of'rece
A Helena a Esposa. Está Baixel de Neápoli
Surto no Porto, ⁽³⁾ e sobre ferro; a Roma
Fretado por Eudoro, em bem navegue.
Para o terceiro Sol Panateneio ⁽⁴⁾
É de ambos ⁽⁵⁾ a partida resoluta.
Dia fatal! Lá chega, com Cimódoce
Entristecida, o Pai, que à Cidadela
Foi seu pranto ocultar. O mais antigo
Pritano, Amigo seu, sobre Parente,
O agasalhou; a Eudoro acolheu Pisto,
Douto Antiste de Atenas, que em Niceia,
No Concílio luziu; luzindo co'ele
Três Prelados, que a mortos ressurgiram,

(1) Galério.

(2) O sem número de Cristãos dava susto aos Idólatras.

(3) De Falera.

(4) Em que se celebravam as Festas Panateneias.

(5) De Eudoro, e de Cimódoce.

E Levitas mui sábios. Lá filósofos
(Que é mais) com os Ingenhos mais possantes
Co'a mor Nobreza, as víreis, c'os da Igreja
Varões mais sinalados em Virtude.

Dia dantes, em que hão-de separar-se,
Cimódoce do Pai, da Esposa Eudoro,
Lhes vem este indicar que tudo é prestes;
E que ao cadente Sol do dia crástino,
Virá buscá-la ao Templo de Minerva.
Chegada essa hora infausta, passa Eudoro
Ante o Areópago, onde é já conhecido,
O que Paulo anunciou, Númen ignoto. (1)
Subindo à Cidadela (sítio dado)
Nunca olhos pôs, em mais brilhante Cena!
Surge-lhe! Atenas, nunca mais pomposa.
Trajada em toga de ouro (2) o Monte Himeto
Se ufanava no Eoo; para o Norte
Debruçado o Pentélico, dá visos
De ir juntar-se ao Permeta; a Serra Icária
Se abaixa, porque amostre pela espalda,
No Ocaso, a do Citeron sacra cima:
Ao Sul, o Mar, de Egina a praia ilustre, (3)
Pireu, Costa Epidáurea, que, em distância,
Termina co'a Coríntia Cidadela,
Que o cerco fecha à tão famosa Pátria (4)
Das Artes, dos Heróis, e até dos Numes.
No centro dessa Concha ampla, e soberba
Com tantas Obras primas, que possui,
Repousa Atenas: seus polidos mármorees
Que as Eras respeitaram, vestem cores

(1) Vid. *Acta Apostolorum*, cap, 17.

(2) *Revêtu d'une robe d'or*, diz o Original: chama — roupas de ouro — as louras searas circunfusas.

(3) Por Eaco, e Radamanto, filhos de Júpiter, e Egina.

(4) A Grécia.

C'os luzeiros do Sol, que ia descendo
A banhar-se no pego Neptunino,
Ferindo com seus raios derradeiros,
Nas colunas do Templo de Minerva,
E centelhando, nos broquéis dos Persas
Do fastígio do Pórtico pendentes.
Dirieis, que o cinzel do insigne Fídias
Dera vida aos relevos das cimalthas:
Juntai-lhe ao Quadro, o da Cidade, e Campos
Bulício, e o grão concurso, e ardor ⁽¹⁾ das Festas;
Co'as sagradas bandejas, ⁽²⁾ os Canéforos,
Pelos Jardins de Vénus; e o Navio,
Que engenhos movem; tremolante o Peplo;
Coros, que Harmódio cantam, eu Aristógiton;
Correr a Gente, e os Carros ao Cerâmico,
Ao Pæcilo, ao Liceu, correr ao Stádio;
Grande apertão de Povo alegre, e vivo,
No Teatro de Baco, donde a espaços,
Aos ouvidos de Eudoro a voz subia, ⁽³⁾
O Actor, que declamava de ínclito Sófocles. ⁽⁴⁾

Nesse instante, Cimódoce aparece.
Pela alva roupa, e virginal semblante,
Pelo ademan modesto, e garços olhos ⁽⁵⁾
Os Gregos a teriam por Minerva,
Que, ao sair de seu Templo, se dispunha
A remontar ao Olimpo, havendo grata
Os humanos incensos acolhido.

(1) O ardor, que nuns lavrara para nelas figurar, e noutros para as ver.

(2) Para bem entender a descrição que o Autor aqui introduziu das Festas Panateneias, fora necessário ler *Voyage du Jeune Anacharsis*.

(3) Ficava o Teatro no recosto da montanha, e no tope a Cidadela, em que se achava Eudoro.

(4) Os versos de tragédia de Sófocles.

(5) *Cæsii oculis Minerva*.

Todo amor, todo assombros, trata Eudoro
Cobrir ⁽¹⁾ da alma o tumulto, afim que inspire
Maior destimidez à Homérea Virgem.
«Com que vozes (lhe diz) posso expressar-te
Desta alma a gratidão, o amor terníssimo?
Consentires deixar assim a Grécia?
Ir, sob estranhos Céus, volver teus anos!
Longe do amado Pai, do Esposo longe!
Eu tal de Amor abono, e de Amizade
Pertendera, a não crer, que te abro o Empíreo,
E te guio a lograr ventura eterna!
Quem pensou, que propenda humano affecto
A Mágoas tais, a dores tão penosas!»

CIMÓDOCE (*enxugando os olhos*)

«Tu és senhor do meu repouso, e vida!
E a Dita de agradar-te paga quantos
Sacrifícios, por ti, fazer me cumpra.
Amando-te, não mais que como Esposa,
Impossíveis não há, a que eu repugne.
E agora mais, quando o teu Deus me ensina
A amar-te para o Céu, para Deus mesmo.
Nem choro sobre mim, choro a amargura
Do amado Pai; e os grandes p'rigos choro,
Que usas colher, e a vida, que aventuras.»

EUDORO

«Oh Filha de Sião, só p'rigos temas,
Que nos podem custar mais do que a vida.
Deus tem de ouvir-te; a Deus, por mim implora.
Que nunca é mal, oh ama pura, a Morte,
Quando, em nosso ajuizar mora a Virtude;
Nem Fados couto dão, mansos, e obscuros,

(1) Cobrir por encobrir: o positivo em lugar do composto: como usamos do verbo — pôr, — em vez de — depor.

Contra os fios da fouce: ⁽¹⁾ em Terra estranha,
No avito leito, e sem resguardo, ceifa.
Cada ano, erguem seu voo essas Cegonhas,
De abas do Ilisso, a areias de Cirene,
E aos Campos de Erecteo, ⁽²⁾ cada ano, voltam.
Quantas vezes, não acham erma a Casa,
Que florente ficou, quando partiram?
Quantas, o mesmo tecto, em vão, buscaram,
Onde uso tinham de lavrar seus ninhos?»

CIMÓDOCE

«Temores tais desculpa, numa Virgem,
Por Numes, educada, menos rígidos,
Que sofrem pranto a Amantes, que se ausentam.»
Cimódoce represa o fio às lágrimas;
Cobre as faces, c'ó véu. Toma-lhe Eudoro
As mãos, que ao peito aperta, e as leva aos lábios:
«Minha honra, e glória ⁽³⁾ (diz) e cara vida,
Do meu Divino Culto não blasfemes,
Soçobrada de dor. ⁽⁴⁾ Deslembro os Deuses
Que, em ânsias da alma, alívio te não davam.
Cara Esposa, o teu Deus é só o refúgio
Da alma terna, que chora, e que se aflige.
Ele ouviu a voz da Pomba, no silvedo;
Mede o vento à Ovelhinha ⁽⁵⁾ tosquiada.
Tanto não quer vedar a veia ao pranto,
Que o abençoa, e o lança em seus registros.
Pois que, por ele, e pelo Esposo as ⁽⁶⁾ vertes,
No fim da vida, o galardão te aguarda.»

(1) Fouce da Morte.

(2) Antigo Rei de Atenas.

(3) *O dulce decus meum.* — HORAT.

(4) Da separação do Pai, e do Esposo.

(5) Que não seja maior o frio, do que a ovelha o possa suportar.

(6) As lágrimas.

Começava a alterar-se a voz a Eudoro;
E, alçando o véu, lhe divisou Cimódoce
Orvalhadas as faces, morenadas
Pelo Sol, pelo Tempo, e pela Guerra.
Dor grave! Dor Cristã! Desse conflito
Da Fé co'a Natureza, vinha a Eudoro,
Grata, e sem par, Celeste formosura.
A seus pés, por um moto involuntário
Ia lançar-se a Filha de Demódoco....
O Esposo a atalha, e terno ao peito a cinge,
E em meigo êxtasi casto, ambos se enlevam.
Tais Jacob e Raquel, no umbral da Tenda
De Labão, dando o adeus da despedida,
Se olham com dor, de que, inda, por sete anos,
Para Esposa a alcançar, de Isaac o Filho
Tem de ir pastorear a Grei do Sogro.

Do íntimo Templo sai então Demódoco,
Que, esquecendo, que consentiu na ausência
Da Filha, exala em ríspidos queixumes
A acerba dor, que o coração lhe abafa.

DEMÓDOCO (*a Eudoro*)

«Tão cru serás, que ao Pai a Filha arranques?
Se a te ser já completa Esposa, ⁽¹⁾ um lindo
Infante me deixásseis, que esta mágoa,
Sorrindo-me, ameigasse... E co'as mãos tenras
Brincando co' estas cãs, me olhasse rindo...
Mas, de ti, de mim, longe, em Clima inóspito,
Ou mar infesto de cruéis Piratas,
Sofrer eu minha Filha, ali, à mesa
Servir fero Senhor, compor-lhe o leito, e...
Abra-se a Terra, sorva-me em seu seio,

(1) Se consumado o matrimónio, e dado à luz um filho.

Antes que eu dor tão agra, em mim consinta.
Que rocha aos Cristãos deu tão duro peito!
Quão sevo, e inexorável Deus adoram!»

Mas já, nos braços, se lhe arroja a Filha,
Que mescla dor com dor, pranto com pranto:
E Eudoro às queixas que ouve, assim responde,
Brando mas firme, e firme bem que aflito:
«Permite oh Pai, servir-me eu desse nome.
Ante Deus minha Esposa é já Cimódoce;
Nem a arranco, violento, de teus braços.
Franco, inda, lhe é seguir, ou não, meu Culto;
Forçados corações meu Deus rejeita.
Se entras em tanta dor, fica na Grécia. ⁽¹⁾
Bênçãos liberalize o Céu contigo.
Cumpram-se os Fados meus! Se me ama a Esposa;
Se crês, que ela feliz, comigo, seja;
Se do impio Hierocles vexação te assusta,
Tolera-lhe esta ausência — talvez curta;
Que assim de mor desdita a esquiva, e salva.
Deus como mais lhe apraz, dispõe dos Homens.
Nosso dever stá fixo em sujeitarmo-nos,
Demódoco, aos supernos seus arbítrios.»

DEMÓDOCO

«Desculpa, oh Filho, a minha dor. Compreendo
Que injusto argui quem, do impio, ⁽²⁾ salva a Esposa,
E à magnânima sombra a põe de Helena.
Sei, que, em ti lucra, e Bens, e Nome ilustre;
Mas, ficar só sem minha Filha, em Grécia!...
Ah! que, a deixar ser dado Aras de Homero,
Que Messénia entregou a meu cuidado...
Ah! que, a ser eu, nos anos, que estrangeiras

(1) Falando com Cimódoce.

(2) Hierocles.

Terras peregrinei, que entrei Cidades,
 Homens tratei, notando usos, costumes...
 Como eu ledo, contigo, iria oh Filha!
 Não te verei eu mais trancar no Itome,
 Co' as mais Virgens, ligeira Dança, airosas?
 Pelas selvas do Templo, oh Flor Messénia,
 Baldarei rastrear-te? Ah! nunca ouvi-la,
 Ressoar, voz tão meiga, em Cultos sacros!...
 Dar-me o cutelo sacro, o farro [x] novo?
 Torpe a Lira do pó, rotas as cordas,
 No altar suspensa, os olhos meus saudosos
 Têm de quebrar-me. Rasos de amplas lágrimas
 Verão grinaldas ressequidas, murchas,
 Aos pés de Avô Divino, e c'roas tantas,
 Que realçaste em matiz co' a ondada coma.
 Ai mísero de mim!... Esta que havia
 De me cerrar os olhos... Morrer tenho
 Sem que ao soltar-se-me a alma, te abençoe,
 No leito, em que exalar o último arranco?
 (Leito de Solidão!) Oh Filha, oh Filha,
 Que eu mais não hei ver! Que ouço!... Oh Caronte!
 Tu vozeias — me chamas! — São contados
 Da gente idosa os dias. Quando seco
 Chocalha no casulo o grão, e no ouco toa,
 Ligeiro o leva o menor sopro, e o espalha.»

Inda as vozes soltava o Homéreo Antiste,
 Que aplausos troa o Nictileu Teatro.
 No ouvido, aos três aflitos saudosos,
 Retumbava o clamor do Actor de Édipo:
Nas minhas, ⁽¹⁾ une as mãos, co' as mãos de Antígone:
Promete ser-lhe Pai.

(1) Édipo, falando com Teseu.

[x] Bolo para os sacrifícios entre os Romanos, feito de farinha triga.

EUDORO

«*Prometo.*» E aplica
Aos Fados seus de Sófocles os versos.

DEMÓDOCO (*c'os braços, para Eudoro, abertos*)

«Ei-la. ⁽¹⁾ Eu ta dou.» Eudoro se lhe arroja... ⁽²⁾
Ao peito aperta o Ancião ambos os Filhos.
Salgueiro, que anos lentos concavaram,
Boninas no ouco dá; co'a sombra anosa
Piedoso ampara as juvenis riquezas. ⁽³⁾
Disséreis, que, para elas, stá pedindo
Orvalhosa frescura, meigos sopros.
Eis que encalma um Suão, troveja, estala,
Arranca, e leva de rondão, e a rojo
Salgueiro, e Flores, timbre do Ribeiro. ⁽⁴⁾

Vinha subindo, no horizonte, a Lua,
Coroando a argêntea face, c'os luzeiros
Do Sol medrado em vulto, e que a áurea coma
Vai, no pego, banhar. Essa hora, aos Nautas
Sopro favónio traz que os sai do Porto:
Onde entesta das Trípodes a rua
Co'a Cidadela, Escravos, a Demódoco,
C'os Carros aguardavam. Rodam súbitos
Os três desventurosos, que nem forças
Para os gemidos têm. Já, perpassando
A porta do Pireu, e as Sepulturas
De Eurípides, de Antíope, e Menandro,
Atravessado têm Campos de Aristides,
E no Porto se apeiam de Falera.

(1) Entregando-o e Cimódoce.

(2) Entre os braços de Demódoco.

(3) As Boninas que no ouco do tronco lhe nasceram.

(4) De que se ufana o Ribeiro, cuja margem aformosentavam.

Vinha-se erguendo o Vento, e em crebras rugas,
Vinham, na praia, as ondas alisar-se.

As velas desfraldavam as Galeras;
À gran faina de içar a âncora ao bordo,
Se alternava a celeuma; e já, da praia,
Doroteu avistava os passageiros.
Eudoro, com Cimódoce, e Demódoco
(Por quem aguardam dos Baixéis as lanchas)
Dos Carros, na lavrada areia, descem.
Do Antiste os joelhos vacilavam-lhe.
(Fracos para o suster) Com voz sopita,
À Filha diz: «Quanto este foi funesto
Porto, ao Pai de Teseu! Tal tem de ser-me.
Ver voltar branca vela o Céu me tolhe.» (1)

Reverentes Eudoro, com Cimódoce
Pedem ao Pai a bênção derradeira.
C'um pé, na prancha, olhos na praia, os víreis
Na postura, que tinham os antigos,
No cumprir sacrifício expiatório.
Sem poder devolver (2) uma só fala,
Ambas as mãos erguia aos Céus Demódoco;
Da íntima alma abençoa ambos os Filhos:
Dá Eudoro à Virgem, que sustém, a Carta
Que de Helena a comete ao pio amparo;
E lhe imprime, na face, ósculo santo.

EUDORO

«Sejas cedo Cristã. Lembre-te Eudoro;
Ao Mar dissociável (3) lance, às vezes,
A Filha de Solima os ternos olhos
Das ameias da Torre do Rebanho.»

(1) Vid. *Metamorfos*. lib. 8.

(2) *Verba devolvit*. — HORAT.

(3) *Oceano dissociabili*. — HORAT.

Co' as vozes, entaladas de soluços,
Cimódoce exclamou. «Para mim vive,
Caro Pai: viverei para Demódoco.
Tornar-te-ei eu a ver? a ver o Sposo?...»

EUDORO (*inspirado do Céu*)

«Havemos de nos ver. Ver, para sempre!»
Os marítimos travam de Cimódoce;
A Demódoco ausentam-no os Escravos;
E à lancha, que ao Baixel a proa inclina,
Se arremessou Eudoro. O Porto deixam.
Grinaldados de Flores vão os Nautas;
C'os remos, branqueando o Mar de spumas.
Logo a Tétis invocam, e a Palémon
Saúdam; e amaranando-se, as Sereias ⁽¹⁾
E a Sacra Sepultura de Temístocles.
O Baixel de Cimódoce demanda
A plaga Eoa; a Terra Ausónia Eudoro.
C'os olhos debruçados para o pego,
Velava na inocente Peregrina,
A Mãe do Redentor. A Gabriel manda
Que ao Anjo incumba dos profundos Mares,
Que os sopros só consinta dos Favónios.
As brancas asas recamadas de ouro
Disfere o Arcanjo, das espaldas fúlgidas,
E do alto Empíreo, ao Mar, o voo arranca.

Nas cavas grutas donde o Oceano rompe,
Que, c'ó fragor das vagas stão bramando,
Se assenta o Anjo severo, que vigia
Do Abismo o moto inquieto. Porque o inteire
Do seu dever, a Sapiência o tinha
Consigo, quando ao dar nascença às Eras,

(1) Saúdam.

Sobre o Mar se levava. ⁽¹⁾ Abriu esse Anjo
Do Céu as Catadupas, no Dilúvio,
Ao mandado de Deus; ele deste Orbe
Rolos de água, por cima das montanhas,
Devolverá, nos dias derradeiros.

Sentado, no bolhão ⁽²⁾ dos Rios todos,
Lhes dirige as caudais, ou ténues veias;
Lhes míngua, ou medra o cabedal undoso;
Rechassa ao Pólo névoas e borrascas.
Os mais cegos Cachopos lhe são claros;
Encobertos Estreitos, ⁽³⁾ plagas ínvias
Ele a Ingenhos cabais, por turno, os mostra.
C'um lanço de olhos fere em Sertões lóbregos
Do Norte, e em Climas tépidos ⁽⁴⁾ dos Trópicos
Em luz banhados. As comportas abre
Ao grande Oceano, dupla vez, ⁽⁵⁾ no dia;
Equilibra, na destra, o giro do Orbe;
Cada Equinócio reconduz a Terra
Ao, do Astro Criador, luzeiro oblíquo.

Na profundez do Mar vão submergir-se
Incógnitas Regiões; Reinos inteiros
No Lago imenso, dormem deslembados:
Monstros, quais nunca os Homens viram, surgem.

(1) *Spiritus Dei ferebatur super aquas.* — GENES.

(2) Dizemos bolhão uma nascente de água, que rebenta e ferve a rés de terra. A ideia de rebentarem os Rios todos duma só nascente me pareceu tão poeticamente sublime, que a quis eu traduzir: — Sentado no vulcão, etc., mas ainda acanhada me pareceu para o Quadro, que representa o caudaloso Nilo e Eufrates, o das Amazonas, disparados dos côncavos do Abismo. Na palavra bolhão imaginei ver o fervedouro e o ímpeto rompente dessa imensidade de águas.

(3) Como o Estreito de Gibraltar e outros.

(4) *Tepidasque præbet Jupiter brumas.* — HORAT.

(5) Sobe no Oceano, e desce a maré, duas vezes, no dia.

Entrando em penetrais profundos, tétricos,
Ao vital raio, que esse Abismo anima,
Vê combros de ruínas, de naufrágios.
Vê outro caos Gabriel. Em santo assombro,
Adora o Arcanjo a Deus, lastima os Homens.
No sólio de cristal, o Anjo dos Mares,
Fito, nas grandes comoções do pego,
C'ó ceptro de ouro, que meneia, as rege.
Verde coma lhe ondeia, pela espalda;
Com Charpa, cobre, azul, membros Divinos.

GABRIEL (*com majestosa continência*)

«Salve, temível Anjo: o Poder grande
Que de Poder mais alto te foi dado, ⁽¹⁾
Diz quanto ilustre é o grau, que tens no Empíreo,
Que Orbe novo! Que excelsa Inteligência!...
Qual, caro Irmão, te vem, de Deus, ventura!
Que arcanos vês de tanto pasmo, e os regras!

ANJO DOS MARES

«Qual ele seja o objecto, a que desceste,
Núncio Divino, é grato ouvir tal Hóspede.
Para admirar melhor do Árbitro sumo
O Poder, competia havê-lo visto
(Qual o vi) no fundar o Império aquoso.
Ver (como eu vi) pular do Abismo as águas
Celestes e Terreais. ⁽²⁾ Ver, como ao giro
Dos Astros sujeitou do Oceano as vezes; ⁽³⁾
A Leviatan doou férrea loriga; ^[xi]

(1) Verso de Camões.

(2) Génesis.

(3) *Vicissitudines maris*.

[xi] Vestimenta militar; espécie de saia de malha com lâminas de aço.

E o mandou retouçar por esses Golfãos.
Aos Peixes deu nadar, deu voo às Aves;
Pôs Selvas de Coral, nas fundas ondas.
Do grémio deste túrbido Elemento,
Mandou subir à flor, risonhas Ilhas,
Deu regra aos Ventos, Leis às Tempestades,
Praias abalizou, e ao Mar lhe disse:
Daqui se quebre o seu furor, e sanha.

Dize, a ponto, oh da Virgem Servo ilustre,
Qual te move a descer, ordem sob'rana
Às movediças grutas. ⁽¹⁾ Vão-se as Eras? ⁽²⁾
A hora apontou de amontoar as nuvens?
De romper as barreiras deste Oceano?
E arremessando ao Caos, os Orbes, ir-me
Contigo ao Céu dos Céus tomar assento?»

GABRIEL (*sorrindo-lhe*)

«Novas trago de Paz. Que sempre o Eterno
No Home' empregou feliz comprazimento.
A Cruz apresta à Terra amplos triunfos;
Será força a Satã tornar ao Tártaro.
Faze que aferrem Porto os dous Consortes
Que ora da Grécia as ribas longe deixam,
No Mar, não sofras, que outros Ventos soprem,
Além do hálito meigo dos Favónios.»

ANJO DOS MARES (*inclinando-se respeitoso*)

«Cumpra-se o mando da do Mar Estrela:
Presto aferrolhem Lúçifer no Báratro;
Já, que a mau grado, em me turbar porfia,

(1) Não que as grutas se movam; mas com o volver das transparentes ondas parecem mudar de sítio as grutas.

(2) Terá fim o Tempo, no fim do Mundo?

E tormentas revoltas desenfreia.»
Disse: e estrema os suaves brandos Zéfiros
Que ameigam plagas do Indo, e do Pacífico. ⁽¹⁾
«Enfunai velas (diz) que a opostas praias,
C'um mesmo Sopro ⁽²⁾ o Sposo, e a Sposa guiem.»

C'ó esse do Céu benigno influxo, Eudoro
Em Óstia surge; de Óstia parte a Roma,
A haver de Constantino, amigo abraço.
Contou-lhe este da Igreja os infortúnios,
E da Corte os conluios encobertos.

Para que dos Cristãos ventile a sorte
Se convocou a Cúria. Entre terrores,
Em Roma, e entre esperanças ondeavam.
Bem que cedesse às fúrias de Galério
Com gran justiça obrou Diocleciano
Em dar um Defensor, à Grei de Cristo.
Da cabeça do Império os mais ilustres
Sacerdotes tratavam, nesse prazo,
De escolher Orador, que, digno, advogue
A Cristã Causa. À luz de ardentes lâmpadas, ⁽³⁾
Preside o Papa ⁽²⁾ os Padres de Concílio,
Que nas Campas dos Mártires sentados,
Veteranos Guerreiros, Reis feridos ⁽⁴⁾
Consultando, no Campo de Batalha,
Ou defendendo os Povos, pareciam.

Em tanto Confessor ⁽⁵⁾ um só não víreis
Que sinais do Martírio não denote.

(1) Mar.

(2) Os que moram em porto de Mar vêm a miúdo duas barcas à vela seguir, uma, rumo do Norte, outra do Sul, com o mesmo vento de Oeste.

(2) Nas Catacumbas.

(3) Marcelino.

(4) No combate.

(5) Já creio que aponte, que chamavam Confessor ao Cristão, que tinha padecido Martírio por ter confessado a Fé.

Um que, em tratos perdeu das mãos o préstimo;
Outro, que a luz do Céu ⁽¹⁾ já não conquista;
Este, cortada a língua, e a quem só resta
Coração, com que louve a Deus; aquele
Que o fogo assinalou, qual do holocausto
Caiu crestada a Rês. Não concordavam
Na escolha do Orador, os Varões Santos;
Que arriscar temem dos Cristãos a Sorte
Librando-a na simpleza das Virtudes.

«Deixai a escolha ao Céu (diz Marcelino)»
No altar, Campa dum Mártir, posta a Bíblia;
Que indique o defensor, venerabundos
Rogam a Deus. Deus, que os inspira, manda
O Anjo, que a cargo tem pôr nos registros
Da Vida, eternas verbas, note os versos
Que indica Deus na Bíblia, e os Padres rogam.
Ordem, que envolto em nuvem cumpre esse Anjo.
Abre a Lei dos Cristãos; lê Marcelino:

«A Loriga vestiu, como o Gigante;
Cingiu bélicas armas no Conflito,
E sua espada foi broquel do Exército.» ⁽²⁾

Fecha o Livro profético; e, entre assombros,
Torna a abri-lo, e depara c'ó seguinte:

«Qual, num lauto banquete suave música ⁽³⁾
Será sua lembrança: decretado
Divinamente foi, porque encaminhe
Os Povos, e se dêem à penitência.»

Pela terceira vez, consulta o Oráculo.

«Nos meus jejuns, um saco me cobria, ⁽⁴⁾
E um cilício tomei por vestidura.»

(1) A luz do Dia.

(2) Macabeus.

(3) *Ut musica in convivio vinit.* — ECCLESIASTIC.

(4) *Indue me sacco obsecrationis.* — BARUCH. *Induebar cilicio.* — PSALM. 39. *Posui vestimentum meum cilicium.* — PSALM. 38.

Atónitos então os do Concílio,
Soa — *Eudoro* — uma voz (qual voz ignora-se).
À nova luz prolongam Anciões Mártires
Hossana, com que abóbadas ⁽¹⁾ reboam. ⁽²⁾

Assombrados relêem o Texto sacro:
Vêem como quadram, com Eudoro os versos: ⁽³⁾
Os Conselhos, cada um, do Eterno admira,
Tem por Santa a Eleição, por adorável.
A Fama do Orador, tão penitente,
Seu crédito na Corte, e seu Des-pejo,
No falar com os Príncipes; e os Cargos
Que bem prefez, honrado com a amizade
Do Príncipe, ⁽⁴⁾ a Divina escolha abonam.
Dar novas se apressuram dela, a Eudoro,
Que humilhado, no pó, ⁽⁵⁾ traça esquivar-se
A encargo de tal porte, honras tão altas.
Força lhe foi mostrar da Bíblia o Oráculo: ⁽⁶⁾
Então submisso, às Campas vai dos Mártires,
Onde, com rogos, com vigílias, lágrimas
Se prepara a advogar a maior causa,
Que ao Tribunal dos Homens foi trazida.

Enquanto ele a cumprir, condigno, pensa
Co'á assustosa missão encarregada,
Chegou a Roma, apaniguado, Hierocles,
Das infernais Potências. Desespera-o
Quão mal surtira em Sparta a fúria sua;
Eudoro em Roma, e a Homérea, que lhe esquivam.

(1) Das Catacumbas.

(2) O verbo reboar corresponde ao *eccheggiare* dos Italianos; e de que Maffei usou na Tragédia Mérope, quando diz: *ecchegia d'alto il tempio*. Já cuido que pus esta nota.

(3) Da Bíblia.

(4) Constantino.

(5) Prostrado por terra.

(6) Os versos, que o denotavam.

Vê, pela Ordem que Augusto deu restrita,
Que a Calúnia lhe desmedrou na Corte.
Nela estribava arruinar seu Émulo, ⁽¹⁾
A quem, pelo ter de olho, à Corte ⁽²⁾ o chama:
Já teme, ⁽³⁾ que o malquiste; e afim que atalhe
Repentino infortúnio, vai-se a César, ⁽⁴⁾
Que, com ânsia os alvitres seus abraça.
Na mente a Hierocles sopra Astarte, a fio:
«Tanto hás medrar em posses, que, nos braços
De Helena a incauta virge’, em lanço colhas. ⁽⁵⁾
Pois de Culto mudou, mais franca é a presa.
Obtém, que avexem aos Cristãos os Príncipes;
Prendes o teu Rival, e dás-lo à Morte.
Com tratos ameaçada, a Esposa, é tua,
E toda ao teu querer: ou põe-na em Juízo,
Como Escrava Cristã, que te fugira.»
Entranha-se o Sofista, em tais conselhos
Como vindos de si. De quão profundos
Os crê, gabos se dá. Que não atina,
Que o tomara Satã por instrumento,
Nos seus projectos, contra a Cruz, traçados.
Qual se arremessa, dos Arcádios montes
Stígia torrente, e, a quantos bebem, mata;
Tal de si mesmo ufano, corre a Epiro,
Embarca em Accio, e de Tarento voa,
A Galério, que, então, Jardins de Cícero
Profanava, ⁽⁶⁾ assistido de Sofistas,
Que se davam também, por perseguidos,
Pelo baldão, que os seus sistemas sofrem.
Lidavam em ter parte, na Consulta

(1) Eudoro.

(2) Augusto.

(3) Hierocles.

(4) Galério.

(5) Mandando-a prender por Cristã.

(6) Co’ a sua presença.

Da Questão grande, que ia ventilar-se:
Do humano Culto ⁽¹⁾ se apregoam Juízes.
Com gritos atroavam Diocleciano,
Que lhes dê Orador qual a nós dera.
Hierocles chega. Ei-los nadando em júbilo;
Ei-lo das Seitas suas cabal Cícero.
De honras se incha o Sofista, e se lisonja
Que acusar vai Cristãos, seu ódio, e sanha.
A Razão depravada, que arfa orgulhos,
Que larga a rédea a Amor desatinado,
Lhe afigura os Cristãos extintos, nulos,
E, em seus braços a Homérea. O iluso César,
(Cuja alma estraga, ⁽²⁾ e as ruins tenções lhe esteia)
Lhe outorga alardear, no Capitólio,
Com devassa amplidão, das seitas ⁽³⁾ o âmago,
Quando orar, pelos Pátrios Numes, Simaco.
Dia, que a sorte, a meio Império ⁽⁴⁾ trazes,
E estrago ameaças ao Cultor de Cristo;
Dia, que Homens, que Inferno, e Anjos assusta,
Dia, luziste, enfim. Desde o primeiro
Clarão da Alva, ocupou a Pretoriana
Guarda, as do Capitólio entradas todas.
O Foro se coalhou de Povo imenso.
Templo Stator, do Tibre as margens, e Arcos
Triunfais ⁽⁵⁾ Turba os peja; até se arrisca
Por esconsos telhados perigosos.
Enceta a sacra via Diocleciano,
Que os Paços ⁽⁶⁾ deixa, e sobe ao Capitólio:
(Qual, de Partos triunfara, ou de Germanos)

(1) Do Culto que os Homens devem prestar à Divindade

(2) Hierocles.

(3) Filosóficas.

(4) A metade do Império Romano era Cristã.

(5) De Tito, e de Severo.

(6) Das Termas.

Não é o que era: Languidez extrema,
Tempo há, que o vence; e lhe dão ala ⁽¹⁾ Enojos
Pesados, que Galério lhe acumula.

Debalde rebicou ⁽²⁾ a face idosa;
Que lhe revê a palidez da Morte:
Do Nada ⁽³⁾ os visos, surdem pela máscara
De intercadente humano poderio.
De todo o fausto Asiano ladeado,
Num Carro ufano, que rodavam Tigres,
Galério segue a Augusto. Treme a Gente
Do talhe Giganteu, gesto de Alecto
Do moderno Tifeu. Vem Constantino
Em brioso Cavallo, e leva os olhos
Da tropa, e os dos Cristãos. O Antiste sumo ⁽⁴⁾
Vem, c'os dous Oradores, entre os Flâmines,
Ante as Vestais, saudando o Povo, que olha,
Com gosto, o Orác'lo do Romúleo Rito. ⁽⁵⁾
Hierocles dá a Libânio o lado, e a Jâmblico
E ao tropel dos Sofistas, com Porfírio.
Desama o Povo affectações, vaidades:
Chufas, ^[xii] baldões lhe solta ⁽⁶⁾ mui sobejos.
Último Eudoro, a pé, trajando lutos
Grave, no gesto, os olhos comedidos,
Como quem, nos seus ombros, todo o peso
Da combatida Igreja, sustentava.

Com espanto, os Pagãos reconheciam,
Nesse traje singelo, o Herói Guerreiro,

(1) A essa languidez.

(2) Com posturas.

(3) Do nada, era que cedo se havia de tornar, morrendo.

(4) Simaco.

(5) Das Leis e Cerimónias da Religião Romana.

(6) A Hierocles.

[xii] Piadas, gracejos.

A quem Státuas Triunfais erguidas foram.
Inclinam-se os Cristãos venerabundos
Ante o seu Defensor; dão-lhe mil bênçãos;
Velhos, Mulheres mostram-no aos Filhinhos:
E em tanto Antistes sacros, na Ara of'recem
A Deus Padre, o seu Filho, em holocausto.

No Capitólio havia a Sala Júlia,
Que Augusto ⁽¹⁾ ornou co'a Státua da Vitória;
A Coluna Miliária ali puseram,
E a Viga dedicada a Cravos sacros, ⁽²⁾
Brônzea Loba, e de Rómulo a armadura.
Cobriam-lhe as paredes, retratados
Publícola, Fabrício, Cincinato,
(Um recto, outro brioso, outro Serrano,
Fábio, ⁽³⁾ Emílio, ⁽⁴⁾ Catões, ⁽⁵⁾ Marcelo, Cícero
Pai da Pátria. A Heróis justos, e magnânimos,
Sejanos, e Narcisos se lhe acostam,
Porque a um lanço de olhos, nos indiquem
Os requintes do Vício, e os da Virtude:
E as vezes ⁽⁶⁾ que padecem os Impérios.
Nessa ampla Sala, juntos os Juízes
Dos Cristãos, sobe ao trono Diocleciano,
Galério à dextra, à esquerda Constantino;
Do Paço Officiais degraus ⁽⁷⁾ ocupam.
Saudando a Státua, juram lealdade

(1) Octaviano César.

(2) Onde o Dictator ou o Cônsul ia com muita solenidade pregar um Cravo.
Vid. TIT. LIV.

(3) *Cunctator*.

(4) Paulo Emílio.

(5) O Altigo, e o Uticense.

(6) *Regnorum vices*.

(7) Do trono.

Conscritos Padres, tomam seus assentos,
E Oradores também. Grandes Milícia
E o Povo, enchiam Átrios, e vestibulos.
Deus permitiu às infernais Potências,
E aos moradores das mansões Divinas,
Tomar parte no pleito memorável.
Spargem-se os Demónios pela Cúria,
Estes, que empolam, e esses que apaziguam
Os estos das Paixões; uns que esclarecem
Os ânimos, e os outros que os embruscam.
Um branco Touro a Júpiter se imola
Dador de bons conselhos. ⁽¹⁾ Cobre o rosto
Eudoro, enquanto o Rito Pagão dura:
Sacode o manto, que orvalharam gotas
De água lustral. Acena Diocleciano
A Simaco, que se ergue, entre os aplausos,
Imbuído na Arte do facundo Lácio,
Volve eloquente as falas, quais o Rio
Volve manso, e caudal seu pego undoso,
Pelas, que aformoseia, verdes várzeas.

FIM DO LIVRO XV.º

(1) Júpiter Conso a quem fizeram as Festas em que foram roubadas as Sabinas.

NOTAS DO LIVRO XV.º

Pág. 113, verso 12. Micenas.

Argos, pátria do Rei dos Reis (Agamémnon) vindo por herança, na idade média, a uma Viúva Veneziana, esta a vendeu à República de Veneza por 200 ducados cada ano, enquanto ela vivesse, e 500 de contado, uma vez pagos. *Sic transit gloria mundi!*

«Sem voltar a Misitra, das ruínas de Argos parti para Sparta. Despedido de Ibrim Bei, Lacedemónia des-saudoso deixo: mas todavia tais quais toques me ficam de tristeza, quais os sente quem grandes ruínas olha; ruínas que não há-de tornar a ver. O caminho que da Lacónia guia a Argólida é inda hoje, o que já na antiguidade fora, o mais agro da Grécia, e o mais selvático. Ao cair da Noite atravessámos o Eurotas, no lugar mesmo, em que vindo de Tripolizza o tínhamos passado; descaindo logo para o Oriente, nas fauces das montanhas nos embrenhámos. Rápidos íamos correndo entre barrancos, e por baixo de árvores que nos picavam a nos enfiarmos pelo pescoço dos Cavalos; e ainda assim, tanto de chofre me embateu na frente um desses ramos que a dez passos dali, sem sentidos vim cair. E como o Cavallo continuasse na corrida, não deram fé meus adiantados Companheiros; mas tais seus gritos foram, quando a mim voltaram, que saí do atordoamento.

À uma hora da manhã galgámos o cimo da montanha, onde descansámos as cavalgadas; mas tão pungente nos colheu o frio, que com Urzes acendemos fogo. Sítio era que (pouco nomeado na antiguidade) não sube apeli-dá-lo; demorava nada menos às nascentes do Læno na cordilheira do Eva, às abas de Prusias, sobranceiro ao Golfão de Argos.

Vizinha ao Mar a grande Aldeia de S. Pedro, em que entrámos às duas horas da manhã. Lavrava muito o rumor, ali, dum trágico acontecimento, que se deram pressa a no-lo contar.

Perdera Pai e Mãe uma Moça dessa Aldeia, que os Parentes (senhora de mediano cabedal) enviaram a Constantinopla. Cumpridos os seus anos, voltou à Aldeia, falando Turco, Italiano, Francês, e sobretudo formosa. Se pela Aldeia acertavam Estrangeiros de passar, os acolhia ela com tanta polidez que deu que suspeitar de seu pundonor, aos Cabeças desse Povo; que examinado o procedimento dessa Órfã, resolveram em Conselho, dar mau fim a quem deslustrava a sua Aldeia. Ajuntada a soma que pela morte duma Cristã, se paga na Turquia, entram-lhe à noite em Casa, e matam-na; e parte súbito com a notícia ao Paxá, o Mensageiro, que lhe levava o preço dessa morte. Não a atrocidade do feito, que passou por corrente e simples; mas a rapacidade do

Paxá, revolvía então os ânimos indignados de que confessando que recebera a ordinária quantia, requeria ainda, em razão do verdor de idade, da ciência, e peregrinação da defunta, certos direitos de indemnidade, em cobrança dos quais despedia a tal efeito dois Janízaros.

Ali mudámos de Cavalos, e guiámos à antiga Cinusia. Eram três horas, quando o Guia nos bradou: «Somos acometidos.» Com efeito, alguns homens armados vimos pelo recosto do monte; que depois de muito bem nos olharem, nos deixaram passar sem impedimento. Perpassadas as Parténias serras, descemos a um Rio, que costeámos até ao Mar, donde em face de nós descortinamos Argos, Nauplia, e lá para Micenas, os montes de Coríntia.

Estávamos três léguas longe de Argos, e tínhamos de costear o Golfão, e atravessar a lagoa de Lerna, que mediava entre Argos e nós. Baixa a noite, perde-se o Guia, e perdemo-nos nós em alagadas arroseiras; muito, e muito venturosos que acertámos c'uma esterqueira ovelhuna, em que aguardámos o dia, por ser ela o sítio menos húmido, e menos sórdido daqueles pântanos.

Quanta querela não dera eu de Alcides, que à Hidra não deu tal morte, que atalhasse a febre, que nesse pego de maleitas adquiri, e que me não largou, senão quando me vi no Egipto.

Vi-me em Argos, ao romper da Aurora. Mais limpa, e mais animada que as outras da Moreia, é esta Aldeia que substitui a Argos de tanta fama. Bela, por situada na curva de Golfão, fica a légua e meia do Mar: alturas de Trezene e de Epidauro tem dum lado, e tem de outro de Arcádia e de Cinúsia as serranias.

E ora que a Imaginação, com os infortúnios, e furores dos Pelópidas se entristeça ora que tais mas afigurasse a Natureza, descampadas, e infrutíferas me pareceram essas Campinas; mal assombradas e nuas as montanhas; sítios fecundos naturalmente em grandes virtudes, em grandes crimes. Do Palácio do Rei dos Reis os destroços, e os do Teatro, e dum Aqueduto romano visitei: à Cidadela subi, e até quis ver a menor pedra, que removera a mão do Rei dos Reis.

Quem se gabara de que alguma glória desfrutara, quando olha famílias, que discantara Homero, Ésquilo, Sófocles, Eurípides, e Racine, e vê depois o pouco que de tais famílias remanesce!

Deixei à esquerda o Nemeu bosque, e cheguei a Corinto por umas terras chatas, entremeadas de despartidos montes, quais os do Acro-Corinto, com que esses montes se confundem: e o Acro-Corinto muito antes o avistámos, que dele nos avizinhássemos. Assemelhava-se ele a um morro de granito avermelhado a quem no tope uma muralha vai de fio.

Saímos de Corinto às três da manhã. Dous caminhos guiam a Megara: um que atravessa os montes Gerânios, pelo meio do Istmo; outro que costeia o Mar Sarónico, e vai prolongado pelas Scirónias rochas. Forçoso é encaminhar-se pelo primeiro, para ir dar na grande Guarda Turca, assentada nas fronteiras da

Moreia. Lá onde é mais apertado o Istmo, fiz parada, para contemplar os dous Mares, e o sítio em que se davam os Jogos Istmios, e lançar ao Peloponeso último olhar de despedida.

Entrámos nos Montes Gerânios plantados de Abetes, de Loureiros, e de Murtas. Lá, pelas quebradas, se nos furtavam, nos apareciam o Mar Sarónico, e Corinto. Tendo assomado ao cume, viemos descendo até à grande Guarda, e lá mostramos o *firman* do Paxá da Moreia, ao Comandante, que nos convidou a cachimbar, e beber Café na sua barraca.

Chegámos, dali a quatro horas a Megara, onde, sem perguntar em que sítio dava suas lições Euclides, de grado descobrira eu onde os ossos de Focion jaziam, ou algumas Státuas de Praxíteles ou de Scopas. E em tanto que eu recordava, que naquele mesmo sítio, da doença de que morreu, fora Virgílio salteado, na visita que à Grécia fez, me vêm rogar que vá eu visitar uma doente.

É de saber que Gregos, e Turcos supõem que todos os Francos se entendem em Medicina, e sabem receitas particulares. A simplicidade com que vêm rogar um Estrangeiro, que lhe acuda nas moléstias, comove, e traz à lembrança a lhaneza dos antigos usos, e a confiança dum Homem noutro Homem. Inda nos selvagens da América lavra esse costume. Persuado-me que a Religião, e a Humanidade incumbem o Peregrino, que com o que lhe pedem condescenda. Ares de seguridade, e tais quais palavras têm força às vezes de à vida restaurar um moribundo, e spargir contentamento numa família inteira.

Vem pois buscar-me um Grego; porque lhe eu veja a Filha. Estava a pobre Doente, no chão, estendida numa esteira, e como amortalhada nos trapos, com que a cobriram. Com muito pejo e repugnância despeçou de si o braço, que deixou descair sobre a cobertura. Febre pútrida julguei o que ela padecia. Mandei que lhe desafogassem a cabeça dos diches de prata com que as Albanesas ataviam os cabelos; que o pendor das tranças, e os pedacinhos de metal lhe concentravam o calor no cérebro. Como eu, contra a peste trazia alcanfor sempre comigo, dei à enferma porção dele: e como com uvas a tinham alimentado, com elas disse que continuassem. Feita oração a Cristo, e à Virgem, lhes prometi que cedo sararia. Não, que eu o assim esperasse: que tantos morrer vi, que mo dava a experiência por seguro.

Dei com toda a Aldeia em pinha à porta, quando quis sair, e a mim se abalançaram as Mulheres, gritando: *Crasi! Crasi!* que quer dizer *Vinho! Vinho!* como que por gratidão me convidavam a beber. Ridículo me era como a Médico: mas que importa, se em Megara juntava uma de mais às pessoas que em tanto Mundo que peregrinei, algum bem me desejassem? Privilégio de quem peregrina! Deixar de si longas lembranças, e mais diuturno ficar no coração dum estranho, que na memória de seus Amigos!

Pernoitámos em Megara, e às duas da tarde do outro dia nos partimos; e eram já cinco, quando entrámos numa Campina orlada de montanhas, pelo

Norte, pelo Poente, e pelo Sul; e que banhada por um longo e estreito braço de Mar (Estreito de Salamina) pelo Nascente, como que forma a corda do arco, que essas Montanhas curvam; e esse braço de Mar, bordam-no do outro lado as ribas da alterosa Salamina; Ilha, que no seu confim Oriental, quasi que beija um dos promontórios da Terra firme, dando apenas passo a um breve esteiro. Como já muito para o Mar o Sol pendia, resolvi-me a ficar na Aldeia Eleusis, que eu já descortinava, num alto serro, que ao Poente e à beira do Mar, fechava o círculo das montanhas de que falei.

Partimos de Eleusis, ao romper da Alva; rodeamos o seio do Canal de Salamina, e nos embebemos no desfiladeiro do Monte Ícaro, e Coridallo que desemboca, nas terras chãs de Atenas, junto ao Pæcilo, donde logo avistámos o Acrópole, que ostenta um enleio de Colunas do Parténon, e Capitéis do Propileo, e Templo de Erecteo, Canhoeriras de muros artilhados de bombardas, Góticos destroços dos séculos dos Duques (na Grécia), pardeiros de Musulmãos... [xiii] Dous Outeiretes, o Anchésme, e o Licabeto, empolados ao Norte da Cidadela, entre os quais, e a falda do primeiro se me manifesta Atenas. Chatos os telhados, com entremeio de Coruchéus, Palmeiras, Ruínas, e descampadas Colunas, Zimbórios de Mesquitas, coroados de ninhos de Cegonhas; e os ninhos com parecença de bandejas, onde o Sol, que nascendo vinha, vislumbres singulares dava... Se, porém, por seus próprios destroços, se dava ainda Atenas a conhecer, todavia o congregado de sua Architectura, e o carácter geral dos Monumentos, bem claro punha aos olhos, que a Cidade de Minerva, não tinha por Cidadãos os das Eras de Temístocles, e Péricles.

Um recinto de Montanhas, que ao morrer no Mar, compõe o vale de Atenas: do lugar, donde eu descortinava, até ao Monte Pæcile, demonstrava a planície, como três courelas, que iam Norte-Sul em linha recta. A primeira e mais próxima, era maninho e mato humilde, e recém-fouçadas messes, a segunda Olivais, e a terceira que vinha em cerco pelo contorno do Anchésme, desde a nascente do Ilisso, até ao Porto de Falera. Nesse Olivado, que, por antigo, parece descender da Oliveira que fez brotar Minerva, se devolve o Cefiso: de outro Lado de Atenas, entre ela e o Himeto, vi o seco Ilisso.

Numa vivíssima emoção, nunca a nossa alma desfrutava o âmago do prazer. Assim ia eu, entrando Atenas, num enleio tal, que atalhava a reflexão. Sem demora transpusemos os dous primeiros terços, o do maninho, e o lavrado; e encetámos o das Oliveiras. Fui-me entranhando no álveo do Cefiso, desfalcado, nessa sação do cabedal das suas águas, pelas sogas, que então lhe faziam os Aldeões, para a rega de suas Oliveiras. De lá entrámos num Horto

[xiii] Sic.

murado, que abrangia quasi toda a área do Cerâmico; meia hora depois, indo cortando Campinas de restolho triguenho, entrámos na Cidade, a quem cercam modernos muros. Perpassando as portas penetrámos pelas estreitas, campestres, asseidadas, e frescas ruas, em que cada morada de Casas tem seu quintal, plantado de Figueiras, e Laranjeiras. Contento, e curioso de sair me pareceu o Povo, bem dessemelhante dos envilecidos e quebrantados Moraitas. Perguntei, onde morava M. Fauvel, e me ensinaram, que às abas do Pæcilo, perto do Pórtico de Adriano, e da rua das Trípodas. — (*Itinerar.* de CHATEAUBRIAND).

FIM DAS NOTAS DO LIVRO XV.º

OS MÁRTIRES

LIVRO XVI.º

ARGUMENTO

Arrazoados de Simaco, de Hierocles, e de Eudoro. Consente Diocleciano no Édito da perseguição; mas quer, que antes, se consulte a Sibila de Cumes.

SIMACO

«**C**LEMENTÍSSIMO Augusto, felicíssimo
César Galério, se os Divinos ânímos
Vossos eram jamais provas ilustres
De Justiça, estas são, que dais, no assunto
Que, hoje (importante!), ajunta a augusta Cúria
Aos pés da eterna Majestade vossa.

Do novo Deus será proscrito o Culto?
Deixareis os Cristãos, nele, pacíficos?
Ei-la a Questão, que à Cúria se apresenta.

Jove, e os mais Numes, vândices dos Homens
Me tolham verter ⁽²⁾ sangue humano, ou lágrimas,
Vexar quem bem cumprir civis Deveres.
Os Cristãos Artes úteis exercitam,
Do Estado alentam, ricos, o tesouro,

(1) Quem acertar c'ó chiste de fazer poético este verso tenho-o pelo Corifeu da arte métrica.

(2) Cooperar a que se verta.

Com armas, valorosos, o defendem
Conselhos dão, não raro, sábios, úteis,
De grão senso, prudência, e raro acerto,
Se usais violência, errais do objecto a mira.
Sob o do Algoz cutelo, os Cristãos medram.
Quereis ao Pátrio Culto acareá-los?
Da Compaixão maviosa ao pio Templo
Os chamai; não às Aras das Euménides.

Depois que hei dito o que à Razão se ajusta,
Com igual isenção declarar devo,
Quantos, desses Cristãos, receios cobro,
Legítimo convício, que os deslustra
É a mofa (antes insulto!) aos Deuses feito. ⁽¹⁾
Quantos Romanos, de razões não sólidas,
Se hão deixado levar? E nós, impróvidos
Traçamos assaltar um Deus estranho,
Quando importa escudar primeiro os nossos!
Cinjamoss nossas Aras, recordemos,
Quão grandes são, quão óptimos os Numes.
Fuja o pavor, que dos Cristãos a Seita
C'os Desertores dos Paternos Templos,
Consiga de subir, ou de encorpar-se.

É patente verdade, há longas Eras,
Que, ao ser c'os Numes pia, deveu Roma
O Império do Universo. ⁽²⁾ Ela ergueu Aras
Aos benéficos Génios, à encolhida
Fortuna, ⁽³⁾ ao Amor Filial, à Liberdade ⁽⁴⁾
À Concórdia, à Vitória, à Paz, a Témis,
Ao Deus Término, que único, ante Júpiter,
Se não ergueu, dos Deuses no Congresso.

(1) Pelos Cristãos.

(2) Da crença do Cristianismo.

(3) Os pobres não fazem alardo de si.

(4) Dada aos Escravos.

Em que pode aos Cristãos, esta Divina
 Família desprazer? Há hi quem ouse
 Negar culto a tão nobres Divindades?
 Subis mais alto? Deparais c'os nomes
 Da Pátria, e Tradições encanecidas
 Presas à Religião, aos Sacrifícios.
 Dais co' as lembranças dessa Idade de ouro
 De Ditas, de Inocência. Eras que invejam
 Do orbe inteiro as Nações, à nossa, Ausónia.
 Quão saudoso nos és, Monte do Lácio, ⁽¹⁾
 Dado aos Laurentes Campos, pelo asilo
 Que deste a um Númen perseguido? ⁽²⁾ Em prémio
 De tal virtude, nossos Pais houveram
 Dos Céus alma hospedeira; e foi refúgio
 Roma, a todo o banido, e desgraçado.
 Que relevados lances não se anexam
 Às migrações dos Séc'los primitivos?
 Idomeneu, Nestor, com Filoctetes,
 Com Diomedes? Então cobriam matos
 O Serro, em que hoje alteia o Capitólio;
 E eram Choças o que hoje são Palácios.
 E o tão nomeado Tibre contente
 C'o mesquinho, e sem lustre nome de Álbula.
 Quem se informava, então, se merecia
 O Deus, progénie obscura da Judeia,
 Sobre os Deuses de Roma, obter ventagens?
 A convencer-vos do poder de Júpiter
 Sobra olhar, deste Império a ténue origem.
 Vem o pego caudal da Grei Romana
 De Riachos quatro. Oh Alba, amada Terra
 Dos Curiácios o amor! Tu, c'os Latinos
 C'os Soldados de Eneias, c'os Arcádios, ⁽³⁾

(1) *A latente Deo.*

(2) Saturno perseguido por Jove.

(3) Vindos com Evandro.

Que, aos Cúrios ⁽¹⁾ dos Redis o amor legaram,
Grego Sangue, ⁽²⁾ os germes de Eloquência
Coaram, nos Alunos duma Loba.
Sabinos, que trajais ovinas peles,
Pastoreando as rezes, c'uma lança,
Com leite e mel alimentais a vida;
Rendeis a Alcides culto, culto a Ceres
(Génio da lavra Ceres, pulso Alcides)
Vós a Rómulo, e aos seus Esposas désteis.

Deuses, que obraram maravilhas tantas,
Que inspiraram Catão, Fabrício, Numa,
Deuses, que amparam as ilustres cinzas
Dos nossos Cidadãos: Deuses, em cujo
Congresso estão de glória esplandecendo
Nossos Imperadores, são, por acaso,
Deuses sem posses, Deuses sem virtudes?

Figura, oh Diocleciano, que esta Roma,
Curvada de anos, súbito aparece,
Nestas bóbadas do alto Capitólio,
E que assim fala à Eternidade tua:
Põe olhos, nestas cãs egrégio Príncipe;
Enquanto qual o estou, me vir liberta,
(Fruto, é prémio de eu ser c'os Deuses pia)
Ter-me hei ao Culto dos meus bons Maiores,
Que esse Orbe ao meu domínio avassalaram.
C'os sacrifícios meus, pus longe a Aníbal,
Longe pus da Tarpeia rocha, os Galos.
Quem, sem temer, que as Legiões Romanas
Das Campas, com que Zama ⁽³⁾ as cobre, surjam,
Porá as mãos nesta Státua da Vitória?
Dos mais crus inimigos meus salvei-me
Para ver, nos descontos da Velhice,

(1) Cincinatos, e Fabrícios.

(2) Dos Arcádios.

(3) Campos junto a Cartago, onde Cipião venceu a Aníbal.

Filhos, que eu procriei, desabonar-me!
Possante Imperador, assim te fala
A Suplicante Roma. Olha-os erguidos
Lá, das Campas, repúblicos Romanos,
Na Ápia via ⁽¹⁾ (Que venerandos vultos!) ⁽²⁾
Ao Capitólio, com despojo opimo
De Samnites, de Volscos, sobem graves,
Coroadas com Carvalho a frente, juntam
A sua à voz da Pátria. O férreo sono ⁽³⁾
Não vos quebraram, oh sagrados Manes,
Nem devassos Costumes; nem Leis rotas,
Não cruel Mário, os Nobres desterrando,
Não, c'ó terror infame, os Triunviros:
Mas vem, do Céu, a Causa que os acorda;
Deixam jazigos, e apadrinham Aras.
Como embair-vos poudes o novo Culto
A desleixar, por ele, o garbo, a pompa
De nossas Festas, nossos Ritos Sacros?

Não pedimos, repetirei, oh Príncipes,
Que avexeis os Cristãos. O Deus, que adoram,
Dizem, que é Deus de Paz, piedoso, e justo.
Entre no Panteão: não lho estorvamos,
Oh piíssimo Augusto; antes ansiamos
Te ampare quanto Nume há no Universo.
Mas cessem ⁽⁴⁾ de arrojarem a Jove insultos.
Diocleciano, Galério, ínclitos Padres,
Sede indulgentes c'os Cristãos, vos rogo,
E os Pátrios Numes, protegei, sagrados.»

Disse: e, de novo a Státua da Vitória
Saudando, foi sentar-se a par da Cúria.
Lavrou, nas almas, vário movimento.

(1) Orlada por ambos os lados com sepulturas de ilustres Romanos.

(2) Apontando para os retratos que estão na sala.

(3) Da Morte.

(4) Os Cristãos.

Uns enlevados, na Oração ⁽¹⁾ tão digna,
Ouvir cuidaram Cíceros, e Hortênsios;
Outros ao sumo Flâmine de Júpiter
Taxaram de sobejo moderado.
Satã toda a esperança, toda a mira
Pondo em Hierocles, striba em que destrua
Quanta eloquência abrihantara Simaco;
Quando dessa eloquência Anjos Celestes
Lançavam mão para inclinar a Cúria
A se entranhar de affectos mais humanos,
Penachos agitar, e elmos guerreiros,
Togas de Padres ⁽²⁾ víreis, Ceptros de Augures,
Vaguear, na Sala enleio de murmúrios,
Senha ambígua de aplauso, ou desaplauso!
Messe, onde inútil Flor pulula, ou Joio,
Que mescla roxo, e azul, c'ó ouro da espiga,
Se a multi-cor Seara embala o Zéfiro,
Curvam-se ao sopro os colos dobradiços;
Mas vem pegão de Noto — ei-los se acamam,
Com as ervas estéreis, pães fecundos.
Tais ondeavam, na Cúria, os pareceres!

Punham olhos solícitos, nos Príncipes,
Os Cortesãos, que as suas falas pautam
Pela opinião dos Amos. Face Augusta ⁽³⁾
Dá bonança, a Cesárea ⁽⁴⁾ enojos, iras.
Hierocles se ergue. Estreita-se no manto; ⁽⁵⁾
Pensativo, e severo, um pouco pára.
Cabal em quanta astúcia houve aprendido
Dos Retores de Atenas, grão sofisticado,
Manhoso, dobre, chocarreiro, hipócrita,

(1) Discurso oratório.

(2) Padres conscritos.

(3) A face de Diocleciano.

(4) A face de Galério César.

(5) Apertando-o em roda de si.

Conciso, sentencioso, blasonava
De humano; e o sangue traga ⁽¹⁾ de inocentes.
Surdo às lições do Tempo, às da Experiência,
Levar, por males mil, quisera o Mundo,
E aditá-lo ao teor de seus sistemas.

Tal se ostenta o Orador, que entra em combate,
Rectidão proclamando. Oh falso Esp'rito,
Que a todo o Culto ameaça a guerra crua;
Mormente à Fiel Crença! Às do Valido
Blasfémias, campo livre dava o César.
Satã impele ao mal, da Cruz o Adverso; ⁽²⁾
Sopra ao cioso ⁽³⁾ audácias sobre Eudoro.
Da Pseudo-Sapiência o Esp'rito astuto
Disfarçado num Lente, num Filósofo,
Da Egípcia Alexandria ora chegado,
Ao lado ⁽⁴⁾ se lhe pôs. Devolve Hierocles
Atrás o manto, as mãos disfere, e as cruza
No peito; ao chão se curva a Augusto, e a César.

HIEROCLES

«Prole eterna de Jove, Diocleciano,
Augusto, Imperador, outavo ⁽⁵⁾ Cônsul;
Sapientíssimo, Piíssimo, Diviníssimo: ⁽⁶⁾

(1) Anela bebê-lo a grandes tragos.

(2) Galério.

(3) Amante desprezado de Cimódoce.

(4) De Hierocles.

(5) Outavamente, ou pela outava vez, como os Romanos diziam *tertio* ou *tertium Consul*, tomando adverbialmente o adjectivo *tertium*.

(6) Traduzi fielmente o Original. Fiz quanto pude por lhe delir o teor prosaico, dando-lhe tais voltas, que tomasse ares de teor poético: baldei estudo, e manha. Recalcitrou de modo, que o deixei qual vai. Se algum Esp'rito mais agudo que o meu, o tira a limpo com feições Virgilianas *erit mihi magnus Apollo*. Cedo-lhe ventagens sobre os meus outenta e quatro anos de metrificacão.

Galério Maximiano, Hercúleo ramo,
César, Filho ⁽¹⁾ de Augusto, ⁽²⁾ felicíssimo,
Dos Partos Triunfador, Amante ilustre
Da Ciência, atiladíssimo Filósofo,
Sagrada Cúria, a quem respeito é dívida,
Permitis vós franqueza ao meu discurso?
Insigne é honra! Turba-me o juízo.
Terei graça ou vigor, que assaz me exprima?
Frouxa é minha Eloquência. Oh roborai-ma,
Em favor da Verdade que defendo.

Na sua fecundez primeva a Terra
Os homens procriou; que, por acaso,
Por precisão, talvez, se associaram,
Logo houve Meu e Teu; violências logo.
Não poudes o Homem contê-las, criou Numes.
Culto lhes deu. Culto útil aos Tiranos!
Deu súbito o interesse medra aos Crimes;
Que as Paixões, com tais sonhos, ⁽³⁾ intermeiaram.
Deslembrados da origem de seus Deuses,
Puseram neles Fé. O assenso unânime
Das paixões, por assenso do Universo
Unânime o tomaram. À Piedade
À Clemência, os Tiranos, que assoberbam
Os Povos, Templos erguem, porque creiam,
Que têm Deus, que lhes valha, os Disgraçados.

Sacerdote embaidor, logo embaído
Foi, pelo affecto que empenhava, no Ídolo.
Das prendas divinais da sua Amante
Encantado o Mancebo, lhes deu Culto.
Adorou o Infeliz o Ídolo Mágoa. ⁽⁴⁾

(1) Por adopção.

(2) Diocleciano.

(3) Ídolos de invenção humana.

(4) Que ele desejava encontrar no peito alheio.

Eis Fanatismo; o péssimo dos Males,
Que avexou sempre o peito dos humanos!
Esse Monstro, que c'um brando na dextra,
Já decorreu as três Regiões do Mundo,
Templos de Mênfis, e de Atenas Templos
Queimou, por mãos de Magos. Guerra Sacra, ⁽¹⁾
(Que a deu ao Macedónio) ⁽²⁾ ateou na Grécia.
Eis cresce, e espraia a detestanda Seita,
Que em nossos dias, surda vai lavrando;
Que, mui mau grado as bem medradas luzes,
Veremos subvertido este Universo,
Num abismo sem fundo de Desastres.

O Quadro horrendo mostrarei, oh Príncipes,
Do mal que há feito o Fanatismo aos Homens,
Se a origem, se os progressos vos descubro
Da Religião mais torpe, e mais ridícula,
Que a humana corrupção haja engendrado.
Porque me tolhem sepultar, no olvido
Mais profundo, torpezas tão hediondas?
Mas clama-me à Verdade, que a defenda:
E ao meu Imperador, salvá-lo é dívida.
Requer-me este Orbe luz. Sei que me exponho
Duma facção às vingadoras iras...
E que val? Um sequaz da Sapiência
A toda a Compaixão, a todo o susto
Veda, no peito, acesso, quando importa
Aditar seus Irmãos, recobrar foros
Da tão assoberbada Humanidade.

Um Povo conheceis, que a Lepra, e os páramos
(Odioso Povo!) arredam dentre humanos;
Povo, a quem deu mau fim Tito Divino.
Um astuto Moisés, por longa série

(1) Do Peloponeso.

(2) Que foi a causa de cair a Grécia em poder de Filipe, Rei de Macedónia.

De crimes, de prestígios bem grosseiros,
Salvou a Escrava Turba, e a foi guiando
Pelos sertões Arábios arenosos:
Em nome de Jeová, lhe deu promessa
Duns Contornos, que em leite, e mel defluem.
Volvem-se anos quarenta, antes que encetem
Esses Judeus, a Terra prometida;
Onde passam à espada os Possuidores.
Oh Terra Hebreia, dos Jardins Delicia! ⁽¹⁾
Val de Seixos, sem pão, sequiosa de águas! ⁽²⁾
Salteadores, que, em seus covis espreitam,
Só de si deram brado, no ódio acerbo
Contra a humana progénie, e andar cevados
Em crueza, homicídios, e adultérios!

Dessa ruim relé, que esperar podes?
Mais nefanda relé. ⁽³⁾ Cristãos! que Avoengos
Nos Crimes, no Des-siso, a palma levam
Ilusos por fanáticos Levitas,
(Tão vis, tão sem poder) c'um Rei desvairam,
Que têm de avassalar-lhes todo o Mundo;
Correu voz, que a Mulher dum vil Obreiro
Deitara um dia, ao Mundo, o tal Monarca
Prometido, anelado, há muitas Eras.
Creu, no prodígio gran porção Judaica.
Viveu trinta anos, o seu Cristo oculto,
Nas sombras da pobreza; até que afouto
Pregou seus dogmas, nomeou Apóstolos
Uns pobretões da pesca, e os pôs ao lado.
Correu Cidades, escondeu-se em ermos;
Mulheres embaiu, e a Plebe crédula.

(1) Ironicamente.

(2) E por conseguinte nua de Arvoredo.

(3) *Mox daturos progeniem vitiosorem.* — HORAT.

Pura a Moral lhe abonam: mas vale ela
Mor preço, que a Moral do Sábio Sócrates?

Preso, por certos ditos sediciosos,
Ao suplício da Cruz, foi condenado.
Sonegando-lhe o corpo um Jardineiro,
Assoalham-no os Apóst'los ressurgida
À embevecida Turba: o Embuste medra,
E, hoje, os Cristãos compõem Seita avultada.

Lavra esse Culto, na mais vil gentalha,
E Escravos o propagam. Steve oculto
(De primeiro) em desertos: manso, e manso,
Se atolou em torpezas, que o Segredo,
E os Costumes abjectos e ferozes
Naturalmente engendram... Não, sem causa,
A porção principal de seus mistérios
De infâmias se compõe, de crueldades.

De noite, entre sepulcros, e cadáv'res,
Que hão ressurgir... (Donosa crença absurda!)
Se ajuntam os cristãos. A Numes, e Homens
Ódio jurado têm; total repúdio
Dão a todo o prazer, o mais legítimo.
Sentados a um jantar sevo, execrando,
Dum Homem imolado o sangue bebem;
Infantis carnes palpitantes, tragam.
(Sacro pão, sacro vinho tem de alcunha!)

Nos crimes de seus Donos adestrados
Entram Cães no Congresso, alçada a mesa;
Derrubam castiçais; e ali, no escuro,
Promíscuo lavra o Incesto, c'ó Adultério.
Irmãos, e Irmãs, Pais, Mães, Filhos, e Filhas...
Consórcio avulso, horrendo! E põem no cômputo
De crimes tais, seu Mérito, e Virtudes!

Não era assaz ter careado as Gentes
Ao Culto dum Revel, Sedicioso,

Por seus cabais, com morte, justificado.
Não foi sobeja culpa o ter querido
Embrutecer assim a humana prole;
Mas, inda, a Religião, vertê-la em Aula
De torpeza, e flagícios tão nefandos!

Do proceder Cristão requireis provas?
Desasossegos dão, motins levantam,
Descaminham soldados, nos Exércitos;
Sopram desunião entre as Famílias,
Alucinam as crédulas Donzelas,
Guerra entre Irmãos, guerra entre Esposos travam.
Têm já poder, já Templos, já tesouros;
Já de Augusto, de quem mercês conseguem,
Não o hás deles, que jurem por seus nomes.
De Diocleciano a Image', ultrajam, sacra
Sacrificar-lhe, na Ara? Antes mil mortes!
De Galério, inda há pouco, a Mãe Divina,
No, que aos singelos Numes das Montanhas,
Sacrifício cumpria, por seu Filho,
A deixaram ir só. Enfim juntando
Com a Devassidão, o Fanatismo,
Quiseram despenhar, do Capitólio
A Státua da Vitória, e os Pátrios Deuses
Arrancá-los dos sacros santuários.

Não se entenda, portanto, que eu defenda
Deuses, que (das Nações na infância) aos Homens,
Legisladores hábeis creram úteis.
Regressos baldos, hoje, que começa
Seu Império a Razão. Desd'ora altares
À virtude serão (somente) erguidos.
De dia em dia a humana prole estuda
Em se aperfeiçoar; e haver por Guias
Os clarões do Juízo. Eu não esteio
Nem Júpiter, nem Mitra, nem Serapis.
Mas, se há-de o Império conservar um Culto,
Reclama o antigo; e, preferi-lo, é dívida.

Extirpe-se esse intruso, ⁽¹⁾ a sangue, a fogo.
Do desatino seu Cristãos se curem.
Quando caiam de sangue algumas gotas,
Teremos dó dos Réus, do Céu malquistos;
Mas graças, mas bênçãos à Lei daremos,
Que há-de ferir as Vítimas. Aos Sábios
Tal Lei consola, e adquire Dita ao Mundo.»

Findara apenas seu discurso Hierocles,
Que o César fez aceno, de aplaudi-lo.
Fogo, nos olhos, lhe acendia a cólera,
Roxeava-lhe a face, afigurando-se
Signar contra os Cristãos o infesto Édito.
Como entrados de horror, frios de susto,
Seus Cortesãos, aos Céus, as mãos alçavam!
Tremem de raiva os Grandes, qual se os ímpios
Já da Vitória o altar lhes derribassem.
Nos incestos nocturnos, nos banquetes
De carne humana discursava o Povo:
Ladeando Hierocles, os Sofistas, punham
No Céu, o Amigo intrépido dos Príncipes;
O vero Amigo das Nações, o Esteio
Da Virtude e bons dogmas, ⁽²⁾ novo Sócrates.
Encantado co'a fala do Procônsul,
Dava Satã calor aos preconceitos,
Aos Ódios; adulando-se, que iria,
Pelo Ateísmo, mais seguro à meta,
Que pela Idolatria. Arrodelado
De todo o poderio dos infernos,
Engrossava o tumulto, os arruídos,
Dando, à Cúria abalada, ar de portento.
Qual se azoa, co' açoute do Menino
O lenho rodeador; ⁽³⁾ qual sobe, e desce

(1) O Culto Cristão.

(2) Sc. dos Sistemas dos Sofistas.

(3) A piorra.

O atarefado fuso, ao dar dos dedos;
Qual Ébano, ou Marfim volteia e cega, ⁽¹⁾
No torno, ao pôr-lhe o scopro; tais lidavam
Os ânimos, nessa hora. Diocleciano
Dava ares (único) de Varão imóvel,
Sem ódio, ou afeição mostrar no vulto.
Na sala sparsos os Cristãos, tristeza,
Nos rostos denotavam. Constantino,
Entranhado, mormente, em dor profunda,
Por intervalos, desferia a Eudoro
Lanços de inquieta vista enternecidos.

Sem dar visos do abalo que concebe
Do desfavor do César, ⁽²⁾ se ergue Eudoro,
Dos Cortesãos baixezas sobre-olhando, ⁽³⁾
E do vulgo o clamor. Trajava lutos. ⁽⁴⁾

Seu nobre aspecto, a quem realces dava,
(Nele estampado) um santo pesadume,
Lhe acareava, em bem, os olhos todos.
Sem ser vistos, lhe formam cerco, os Anjos,
Luzes lhe vestem, dão dos Céus firmeza.
De Eudoro, propendendo, sobre a fronte,
Lá do Empíreo, Escritores do Evangelho
Lhe influíam o senso do Discurso.

Pela amplidão da Cúria, ressoava:
É o Cristão. Qual dará capaz resposta?

(1) A rapidez com que no torno roda, deslumbra, e como que cega o apuramento de olhos.

(2) Galério

(3) Olhando por cima do ombro. *Sobre-olhar* corresponde ao *despicere* dos latinos. Não sei se *sobre-olhar* vem já no Dicionário de Moraes, porque dos Livros que tinha, já por duas vezes, me despossuíram em França: mas sei que é expresso, e usado por Poeta de boa nota.

(4) *In veste squalida* como era uso, nos suplicantes.

Nas feições comedidas, e avivadas,
Trata cada um rastrear traços dos Crimes,
Que assacado aos Cristãos, havia Hierocles.
Quando à beira dum Rio, os Caçadores
Dar cuidam salto a corpulento Abutre,
Se um Cisne vem, que, em plena veia, nada;
Contentes param: da Ave às Musas grata
A alvura admiram, e o garbo do meneio,
E a gala do ademan; o ouvido afiam
Para escutar-lhe o Canto melodioso.
Do Alfeu, não tarda a dar-se a ouvir, o Cisne;
Já, a Augusto, e ao César acatando, adrede,
A Státua da Vitória des-saúda:
Gestos desdenha; os olhos, os ouvidos
Desdenha de induzir; e assim começa:

«Augusto, César, vós Conscritos Padres,
Romano Povo, em nome dessas vítimas
Do Ódio injusto, eu nascido em Megalópolis,
Na Arcádia, e de Lastenes Filho, Eudoro,
Cristão, reverente vos saúdo.

Ao seu discurso deu princípio Hierocles,
Taxando-se de frouxo, na Eloquência.
Soldado, à Cúria, eu só bondade peço.
Que, antes, sei verter sangue por meu Príncipe,
Que apurar-me, em frasear Libelo flórido,^[xiv]
Morte clamando contra um bando fraco
De Velhos, de Mulheres, e Meninos.

Grato a Simaco sou; que, reportado,
Quis ser com meus Irmãos. O acatamento
Que aos Sob'ranos do Império devo, atalha,
Que eu, no Culto dos Deuses, fale. E breve
Digo só, que os Camilos, e Africanos, ⁽¹⁾

(1) Os dous Cipiões.

[xiv] Sic.

E Herois Emílios ínclitos não foram,
Por adorarem Jove: sim por darem
De rosto a Morais dogmas, Morais feitos,
Desses Numes do Olimpo. Em nosso Culto
Sobe ao cume da perfeição, quem de ânimo ⁽¹⁾
Imita o nosso Deus. Sim colocamos,
Como vós, nas mansões eternas, Homens,
A quem, para alcançar tal glória, coube
Mais, que C'roa Real, cingir Virtudes.
Vosso Céu lhes deixamos, sem inveja,
Aos Vossos Domicianos, vossos Neros.

É tão saudável à alma todo o Culto,
Que até brando falou vosso Pontífice
No Culto dos Cristãos. Há aqui, quem nega
Haver Deus, e requer, com voz piedosa,
Voz de Virtude, exausto o sangue nosso.
Co' esse manto, ⁽²⁾ que traças, vás, Hierocles
Semear aflições em todo o Império?
Romano Magistrado instigas mortes
De Cidadãos Romanos, por milhares?

Nem oculto vos é, Conscritos Padres;
Vossos Campos, Cidades, e Colónias,
E o Paço, e a Cúria e o Foro (excepto os Templos) ⁽³⁾
Povoamos hoje, de onte' apenas vindos.
Cristão foi, quem Cristãos acusa aos Príncipes,
Se de Ateu se empavona, é nosso Apóstata.
Quais, aos, que ostenta, e possa unir-lhe títulos,
Muito ele o sabe. É, por Sapiência, Simaco
Respeitado, e por pias cãs morígeras,
Faz peso, ele depondo, em Causa crime.

(1) *Ex animo.*

(2) Manto de Filósofo; manto de benfeitor dos Homens.

(3) Dos Ídolos.

E os que Hierócles acusa, escusa-os Simaco.
Qual é mais para crer? Augusto, e César,
Conscritos Padres, e Romano Povo,
Oh dai-me atento ouvido, quando acudo
Pelo que em nós crimina error, Hierocles,
Quando de Jesus Cristo a Causa advogo.»

Ao nome de Jesus, Cristãos se humilham,
E se atalha o Orador. Depois prossegue.

«Para a Questão actual, não irei do Orbe,
Como Hierocles, scrutar anciãs mantilhas.
Deixo a Alunos da Escola, ⁽¹⁾ o fofo alarde
De Máximas odiosas, de alterados
Sucessos, de pueris, rompantes frases.
Da formação do Mundo, nem da origem
Da Sociedade é o ponto. Só se alterca
Se contendo Cristãos, subsista o Império.
Se os Cristãos negam submissão aos Príncipes.
Se Leis, Costumes dana a Cristã Crença.
Se a Moral (num só verbo) se a Política
Tem que exprobrar a Cristo, e seus Cultores.

Não me posso conter, que a soltas, deixe
Conceito estranhíssimo, que Hierocles
Acerca dos Hebreus há levantado.
O alvo, em que os olhos pôs, com justo fito,
Quem, num sertão fundou, num sítio estéril,
O Estado da Santíssima Solima,
De mui profundo que é, fugiu da vista
Ao nosso Acusador. Quem legislava
Filhos de Abraão, compor queria um Povo,
Que, resistindo às Eras, conservasse,
No meio da universa Idolatria,
Culto do vero Deus; e achasse a força,

(1) Das Seitas Filosóficas.

Que em si não tinha, em Leis, que lha adquirissem.
De lá vem, o encerrá-la ele, entre Montes,
Dar-lhe Leis, dar-lhe Culto, que irmanasse
Co'esse insulado encerro, em que não tinham
Mais que um Código, um Templo, um Sacrifício.
Anos já quatro mil hão decorrido,
Desque esse Povo existe. Aponte Hierocles,
Noutra legislação, igual portento.
E, então moteje, quando bem lhe agrade,
Da Terra, que Israel há possuído.»

No gesto vislumbrou do velho Augusto,
Sinal de aprovação, que pôs atalho
Ao Discurso de Eudoro. Diocleciano,
Que insensível a Hierocles declamante,
E aos motos Oratórios, foi, de Simaco,
Abalou-se às razões, que ouviu, políticas
Do Orador dos Cristãos, que mui de indústria
No pressuposto abriu mais fundo o golpe,
Por demover o coração do Príncipe,
Antes que, dos Cristãos entre no assunto.

Públio ⁽¹⁾ a Galério adicto, e infenso a Hierocles,
Cortesãos, que, nos Amos, olhos cravam,
Cristãos que a sorte sua vêem, suspensos,
Vendo o abalo de Augusto, favorável,
O Orador cumulavam de louvores.
Tribunos, Centuriões, e os mais Guerreiros,
Vendo o seu General contra um Sofista,
A vida defender, se comoveram.
Que é fácil, nessas almas generosas,
Vir à boa opinião. C'um leve impulso,
Com tão claras razões, o gentil Jovem, ⁽²⁾
Move a Turba, que affecta ⁽³⁾ o toma a peito.

(1) Prefeito de Roma.

(2) Eudoro.

(3) Afeiçoada ao Orador.

Mudou-se em Constantino a angústia em jubilo:
Dá c'os olhos, c'ó gesto ausos a Eudoro.
Dobram de zelo, os Anjos, que o circundam;
De nova graça a cada alento, o adornam,
Modulam-lhe eco à voz, que longe espraíam.
Da parda nuvem, cai a neve a flocos,
Tácito a embebe o prado, e co'ela afaga
Germes, que hiberno gelo crestaria.
Como vindas do Céu, em alvos flocos,
Tácita embebe assim, de Eudoro, a Cúria
As puras falas, que ata, no arrazoado
Broquel do Mundo, que assolar intentam.

EUDORO

«Provar o Culto meu perpasso, oh Príncipes.
Montam-lhe assaz tão claras Profecias,
Tão cumpridas, prodígios tão sem conto,
E as que, há longo evo, ^[xv] abonam, Testemunhas
Do nosso Redentor a Divindade.
O Orbe lhe atesta o grau de altas Virtudes.
Deram honras a Cristo Imperadores;
Justo obséquo à Moral, ⁽¹⁾ deram Filósofos
De renome imortal, sinceros, graves:
E Hierocles, que a deixou, não lho disputa.

Dareis à queima a quem tal Deus adora?
Mansidão, casto Amor tem molde em Cristo,
Que os homens ama, que por eles morre.
Direis, que ele, por Culto, quer cruezas?
Celebrais vós as Festas de Diana
Com prostituições, a Vénus gratas?

(1) Do Evangelho.

[xv] Longa duração, eternidade.

Lavra, na plebe vil, de Cristo o Culto. ⁽¹⁾
Brasão nosso, o mais nobre, o mais formoso!
A Cristã Fé, por consolar os Homens,
Os de que olhos desviais, procura. É erro?
Só, na púrpura, há Dor? Só para os Grandes?
Só, para os Reis, quis Deus haver nascido?

Tão pouco entra a Torpeza, e Usanças cruas
Em nossa Religião, que ela as decepa.
Onde (a não ser Cristão) achareis Homem,
Mais sofrido em seu mal, mais resignado
Nas Ordens do Sobr'ano? mais inteiro
No seu dever, mais liso na palavra?
Mais casto em proceder? De ser ferinos
Tão longe estamos nós, que aos Ludos vossos
Negamos assistir: porque em tais Festas
Medra a Dissolução, escorre o sangue.
Em nossa Crença, pouco dissemelha
Matar, ou ver matar, por passatempo.

Dá-nos tanto asco a Vida dissoluta,
Que evitamos Teatros, como Escolas,
De ruins costumes, e azos de tropeços.
Mas quando neste objecto os justifico,
Noutro exponho os Cristãos: que diz Hierocles,
Que nós à sociedade nos tolhemos,
Por ódio professado à prole humana.

A ser tal, fora em nós justo o castigo.
Fulmine-nos o Céu. Mas, tomai antes
De nossos hospitais o Enfermo, o Pobre
A quem não acudísteis; as Mulheres
De Roma ide chamar, que ao dó alheio
Hão cometido os da Torpeza frutos.
Que, talvez seus infantes crêem, descidos

(1) Convício que Hierocles faz à Fé Cristã.

Às pousadas da Infâmia; único asilo,
Que os vossos Numes dão à Infância exposta.
Venham ver, como aos tais ⁽¹⁾ recém-nascidos,
As Esposas Cristãs dão terno peito:
Dão Cristão leite, que não lhes é veneno.
Mães, pela Graça, às Mães por Natureza,
Lhos darão fáceis, antes do Martírio. ⁽²⁾

Mal sabidos, peor interpretados
Ansa à Calúnia alguns mistérios deram.
Oh! se castos arcanos inocentes,
Me fosse dado descobrir-vos, Príncipes!...

Roma se ergue, e suplica (diz-vos Simaco)
Que lhe deis francos os avitos Numes
Roma, oh Príncipes, se ergue eu também digo;
Mas, Numes sem poder, vos não reclama;
Reclama Jesus Cristo, que, nos Filhos, ⁽³⁾
Restaure os comedidos, são Costumes,
E a Boa Fé, e a Probidade, e o Pejo.

Dai-me (vos clama) o Deus que há emendado
Erros das minhas Leis; que os ausos tolhe
Às falhas conjugais, ⁽⁴⁾ a infanticídios,
E, no Anfiteatro, a morticínio de Homens.
Dai-me o Deus, que dá luz à Ciência, às Artes,
Que me cobriu de instituições benéficas; ⁽⁵⁾
Que anela abolir, no Orbe, o Cativoiro.
Ah! que eu pressinto que, se um dia, os Bárbaros
Têm de invadir-me, eu já antevejo, e atino,

(1) Enjeitados.

(2) A que as condenam os Pais, talvez, desses expostos.

(3) Filhos de Roma.

(4) Adultérios.

(5) Hospitais para enfermos, Misericórdias para pobres, Amas para enjeitados, etc.

Que esse Deus é quem só salvar-me pode,
E trocar minha lânguida Velhice,
Em sempre verde eterna juventude.

Só falta rebater (se sustos cabem
Em Cristãos que choram Bens, nem Vidas)
A atroz acusam, de Hierocles última.
Diz esse Delator: São sediciosos,
Culto negam de Augusto à imagem sacra;
E pelo Pai da Pátria, sacrifícios
Rejeitam ofr'ecer, na Ara dos Deuses.
Nós sediciosos! Vexam-nos, perseguem-nos,
Como a Feras! Soltamos um murmúrio?
Veze nove ⁽¹⁾ nos dais mui cruas mortes;
E, orando, o Orbe nos viu, pelos Tiranos.
Se o Cristão conspirou, denuncie-o Hierocles.
Cristãos Soldados, que eu daqui diviso,
Pacómio, Sebastião, Victor, onde, os
Nobres membros houvêsteis golpeados?
Quando o Paço assaltou dos nossos Príncipes
Furioso o Povo? Oh não! Que as recebestes,
Quando arrostáveis Párticos venablos,
Germânicas espadas, frâneas Frâncicas.

Briosos Sócios meus, e Irmãos, e Amigos
Oh não me inquieta não, a minha sorte,
(Bem, que à vida, um motivo ⁽²⁾ assaz me prenda)
Vossos destinos, sim, que me enternecem.
Porque, num Defensor mais eloquente,
Não caiu a eleição? Merecer pude,
Quando vos redimi das mãos dos Bárbaros,
Civil C'roa. Quão pouco valho agora,
A vos salvar dos golpes dum Procônsul?

(1) Nove perseguições que a Igreja Cristã havia padecido.

(2) O amor de Cimódoce.

Ponho termo ao dizer. Diocleciano,
Tens de achar nos Cristãos leais vassalos,
Sem baixeza submissos; que ao Céu devem
O, que a te obedecer, ditame, os curva.
São de ânimo leal; não lhes desmente
Da língua o coração. Mercês não captam
Dos Sobr'anos, quando os maldizem na alma.
Pede-lhe os Bens, a Vida, pede os Filhos,
Tudo darão, que te pertence tudo.
Mas se a incensar os Ídolos os forças...
Morrerão. Perdoai, Príncipes, esta
Cristã franqueza. Antes, que tudo, cabe
Cumprir c'ó Céu. Quereis, contra ele ⁽¹⁾ inteira
Submissão? Chame o goz o humano ⁽²⁾ Hierocles.
A Augusto o sangue damos, que é de Augusto;
Nossa alma a Deus, que a Deus é reservada.»

Vai-se Eudoro a seu posto, e o desalinho
Da toga, recompondo-a prestes, no ombro,
(Com modesto rubor) cobre as feridas, ⁽³⁾
Que a impavidez do peito lhe assinalam.
Quem opiniões tão várias narrar pode,
Quais a Oração de Eudoro ergueu, na Cúria?
Furor Admiração, Sustos lavravam:
Cada um rompia, em Amizade, ou Ódio.
Pasma um, de quanto é belo o arguido Culto,
Raiva outro, que o poder taxem dos Numes;
Diz o Guerreiro, ⁽⁴⁾ que de Eudoro há pena:
«Que nos val verter sangue, pela Pátria;
Vencer contrários, cativarmos Bárbaros
Se um Sofista há poder nos nossos Príncipes,
Nos tira, em Paz, no Capitólio, as vidas.»

(1) Contra o Céu, e seus preceitos.

(2) Que tanta humanidade assoalha em seus discursos. Ironia.

(3) Que nas guerras recebera.

(4) Os soldados que havia na sala e que se condoíam do General.

Sentiu, (única vez) abalo Augusto!
E quer Deus, que, nos que aos Cristãos perseguem,
Germes de Fé, Cristã Facúndia espalhe.
Triunfa a nobre candidez de Eudoro
Do calunioso Hierocles; e até dos rasgos
Pios, com que a Vitória ⁽¹⁾ adornou Simaco.
Tudo augura aos Cristãos fausta a Sentença.

Todo pavor, oh quanto anseia Hierocles
Mostrar serenidade, e vencimento!
Porém, mau grado seu a raiva, o susto
Lhe exalava dos olhos. Quando um Tigre
Caiu, no fojo, que o Pastor cavara,
Nas areias da Líbia, a prumo a Fera
Se debate em trepar, té que, cansada
Se estira. Está no Cárcer como quieta.
Mas, vê-lhe os olhos, vê-lhe a cruenta boca;
Teme, e freme em rancor, cativa, e inulta.

Presto, a morta esperança ergue em Hierocles
César. ⁽²⁾ Feito a lisonjas, vis, e impuras,
Ruge à voz da Virtude, à Segueza
Dum Vassalo de bem.

GALÉRIO

«Vou pôr-me à testa
Das Legiões da Ásia, se os Cristãos não punem.
C'ó Céu malquistos, mãos porão sacrílegas.» ⁽³⁾

Dos mistérios, ⁽⁴⁾ que Eudoro oculta, o Apóstata ⁽⁵⁾
Se val, se afouta; e a Divindade a Augusto

(1) A státua da Vitória.

(2) Galério.

(3) Abafando de cólera.

(4) Não era permitido aos Fiéis da primitiva revelar os mistérios do Cristianismo.

(5) Hierocles.

Negar, argue ser infame o Rio,
E, co' a facúndia amotinar as hostes.

Avezo Augusto aos ímpetos do César,
Cobrou susto da ameaça. E ora o mais válido
Esteio perde, se os Cristãos proscreve.
Anos lhe têm cortado a antiga força,
Com que encarava intrépido os discrimines
Duma guerra civil. Acabou Lúcifer
C'um portento abater-lhe os restos do ânimo,
Dos artesões do tecto cai de súbito
De Rómulo o broquel; roça em Eudoro,
Roda até a brônzea Loba, que um Corisco,
Quando Júlio ⁽¹⁾ morreu, feri-la veio.

GALÉRIO (*a Diocleciano*)

«Vê, que o Pai dos Romanos não tolera
Blasfémias do Cristão. ⁽²⁾ Imita-o, Augusto:
Impios destrui; e, a tal portento, ao Génio
Acode deste Império; e ao Capitólio.»

Então Diocleciano, a mui mau grado
Da mordaz Consciência, e da Política,
Em dar contra os Cristãos o Editto, anui.
Último rasgo foi seu juízo
Que entrem, na Causa, os Céus, e se declarem;
Que a suportar da Execração vindoura
O peso acudam; com Galério o ajudem.

DIOCLECIANO

«Lavre-se o Editto, se a Cumeia ⁽³⁾ o aprova.
A meu despeito o lavrem. Mas, enquanto

(1) Júlio César.

(2) Eudoro.

(3) A Sibila Cumeia.

Não dá resposta o Orácl'o, franco fique
A cada Cidadão, qual Culto escolha.»
Disse: e logo desceu do Capitólio.
Sai ovante Galério, ovante Hierocles;
Projectos de ambição medita o César;
Vingança une à ambição, e a Amor Hierocles.
Penoso Constantino, com Eudoro
A furto evita a curiosa Turba.
Vozeou contente o Inferno. Os Anjos sobem
Com triste dor aos pés da eterna Essência.

FIM DO LIVRO XVI.º

NOTAS DO LIVRO XVI.º

Pág. 148, verso 30. Státua da Vitória.

Deliberou Diocleciano, um inverno inteiro, com os do Conselho, no concernente aos Cristãos, que, imperando Honório, quiseram tirar do Capitólio a státua da Vitória; ao que se opôs Simaco Antiste de Jove pronunciando um discurso muito eloquente, que anda nas Obras de Santo Ambrósio, com a resposta do mesmo Santo.

Pág. 149, verso 3. Suplicante Roma.

No seu sermão do resumido número dos Escolhidos, imitou Massilon esta prosopopeia de Simaco. Caso é de dizer, com os SS. PP.: *Lícito é roubar as riquezas dos Egípcios.*

Ibid., verso 22. Panteão.

No Panteão o quis Tibério colocar. Templos lhe erigiu Adriano e Alexandre Severo lhe deu cultos.

Pág. 154, verso 10. Sequiosa de águas.

No sentido próprio, ingrato, e seco território é o da Judeia; menos alguns vales, como o de Bethleem, o de Engadi, e o de Betânia; mas o país dos Hebreus eram terras de abundância. Ao Norte a Galileia, ao Sul a Idumeia e os plainos de Saron, ao Nascente os redores de Jericó são terras excelentes. É verdade, que Jerusalém fundada foi sobre penhascos; e nada menos, contornos tem de suma fertilidade.

Pág. 155, verso 27. Cães.

Dessas calúnias fazem menção os antigos Apologistas: é de supor, que do mistério Eucarístico nasceu a fábula dos banquetes de carne humana. Ignora-se o motivo donde se lhes assacou o ensino do Cão, e a torpeza dos incestos. Com muito aviso, notou Fleury, que avezados os Pagãos às festas de Baco, e de Flora, e abominações que lavravam nelas, se deram a crer, que em semelhantes torpezas descaíam os Cristãos, em seus occultos mistérios.

Pág. 157, verso 32. O lenho rodeador.

Comparação de que Virgílio e Tibulo se não servido.

Pág. 159, verso 12. Augusto, César.

Assim começa a sua Apologia S. Justino Filósofo.

Pág. 163, verso 6. A flocos.

Comparada a flocos de neve, vem, na *Iliada* a Eloquência de Ulisses.

Ibid., verso 20. Deram Filósofos.

Bem conhecida é a Carta de Plínio júnior a Trajano em favor dos Cristãos.

Pág. 164, verso 28. Hospitais.

Já, nessa Era, havia Hospitais Cristãos; e o dinheiro que se recolhia nos *Ágapes*, servia a socorrer os Pobres, que os tomava a Igreja sob seu amparo, como vem notado nas *Actas* do martírio de S. Lourenço. Nessa mesma ocorrência, Galério, por se desempecer de Pobres, os mandava lançar ao Mar.

Pág. 165, verso 1. Pousadas da Infâmia.

Vid. Apologia de S. Juliano.

Ibid., verso 9. Mistérios.

Lá o aguardava Hierocles. Bem entendido, que era todo o Cristão adstrito ao segredo, acerca de seus mistérios. Abomináveis tais mistérios são, pois que patenteá-los temes. Argumento insolúvel para Eudoro com o também o assalto de não sacrificar ao Imperador. Lá jazia o âmago do mal; e de lá rebentava o pretexto com que se imolavam os Cristãos.

Pág. 166, verso 1. Salvar-me pode.

Fala Eudoro, com Espírito profético, e essa profecia se verificou, nos tempos de S. Leão Papa, quando ele atalhou às portas de Roma o furor de Átila.

Pág. 206, verso 4. De Rómulo o broquel.

..... *Celsum subeuntibus arcem*
In gradibus summi delapsus culmine templi,
Arcados Evippi spoliū, cadit æneus orbis. — STAT.

FIM DAS NOTAS DO LIVRO XVI.º

OS MÁRTIRES

LIVRO XVII.º

ARGUMENTO

Vai Cimódoce navegando, e chega a Jope. Sobe a Jerusalém, onde, como a Filha sua, a recebe Helena. Semana Santa. Resposta da Sibila de Cumes. Manda Hierocles um Centúrio a reclamar Cimódoce. Profere Augusto o Edito de perseguição.

SOPRO do Anjo dos Mares enfunava
As velas do Baixel, em que Cimódoce
Larga veia de lágrimas vertia:
E os ares, a sua Ama Eurimedusa
Atroava, com prantos, com gemidos.

EURIMEDUSA

«Cecrópia Terra! Em ti feliz divaga
Suave hálito dos Céus, de amigos Génios. ⁽¹⁾
Para mais te não ver, te deixo, ai mísera!
Quem asas me há-de dar, asas que alcancem
Sítios, aos olhos meus, tão aprazíveis?
Asas, que eu sobre o Homéreo Templo abata,
E ao meu Senhor de novas de Cimódoce!
Desejos vão! Fendemos de Neptuno
Vagas azuis, onde Hinos as Nereides
Soltam canoros. Levam-nos Riquezas
A afrontar fúrias do Tirano ⁽²⁾ undíssonos?

(1) Platão na sua *República*.

(2) Potentado, no sentido, em que os Latinos tomavam a palavra Tirano.

Doce é granjeá-las. Leva-nos possante
Um Deus, que longe dos Minóios Reinos
Deixou morrer Ariadna, ⁽¹⁾ em praias ermas:
Um Deus, que a visitar as Torres de Iolcos
Forçou Medeia, e a se ir co' Herói mudável. ⁽²⁾

Apontava o Baixel ao Promontório
Último de Ática. Em penhasco agudo,
Se levanta o de Súnio insigne Templo; ⁽³⁾
Creras, que balouçavam as Colunas
Marmóreas, sobre as ondas, c' o a stelante
Dourada luz. Sentada, na florígera,
Alta popa, entre ebúrneos simulacros
De Castor, e Polux, ia Cimódoce:
Se a não traía o copioso pranto,
Irmã ⁽⁴⁾ a deras a tão guapos Numes,
Pronta a descer ao ávido Himeneu, ⁽⁵⁾
Na ilha (antes de ir-se a Tróia) celebrado.
Pela esquerda das alvejantes Ciladas,
Que, qual bando de Cisnes, se enfileiram
De longe, o Baixel voa, e toma o rumo
Do Sul, costeando Chipre. A Páfia Deusa
Os Cíprios, nesse instante festejavam.
Surda a vaga banhava os pés ao Templo:
Nas Murtas recedentes que o circundam
Travavam dança as semi-nuas Ninfas;
Jovens, que anelam des-cingir as Graças,
Da Cípria o Pervigílio, a Coros, cantam.
Ondas transpondo, em Zefirinas asas,
Ressoam, no Baixel, Cantos dulcíssimos.

(1) Morreria, se Baco a não esposara condoído.

(2) Jason.

(3) Onde Platão dava lições. Vid. *Voyage du Jeune Anacharsis*.

(4) Helena.

(5) Com Páris.

«Ame amanhã, quem nunca amou tégora;
 E quem já amou, inda amanhã mais ame.
 Alma do Orbe, Prazer de Homens, de Numes,
 Linda Vénus, dás vida à Natureza.
 Calá-se o Vento, as nuvens se destecem;
 Renasce a Primavera, e traja Flores:
 Sorri-te o Mar, apenas que te avista.
 Tinta em sangue de Adónis, pões a Rosa
 No seio às virgens; com Cupido asavas
 Errantes ao clarão da ruiva Diana.
 Ninfas, temei Cupido: nu, e inermes
 É mais forte, mais foute, é mais terrível.
 Nasceu no Campo, e Flores o alentaram;
 Filomela cantou os seus poderes;
 A nós cumpre também cantá-los hoje.
 Ame amanhã quem nunca amou tegóra;
 E, amanhã quem já amou, inda mais ame.
 Tudo abona de Amor altos prodígios.
 Ilha feliz, em teus Vergéis mimosos
 Trabalhados de p'rigos, lançaí, Nautas
 Nos nossos portos ferro, ferrai velas.
 Nos Bosques de Amatunta, dai combates
 Voluptuosos. Piratas, se não temam.
 Só Pirata anda aqui o Amor a corso:
 Grilhões de flores ata. As Graças fiam
 Da Vida o estame, aqui; que, as Parcas, Vénus
 No Averno, as sopitou; e a roca a Láchesis
 Aglais roubou, e o fuso a Cloto Eufrosine.
 Mas, quando Pasiteia ia as tesouras
 A Atropos subtrair... Acorda a Parca...
 Tudo a Vénus potente cede, e às Graças.
 Ame amanhã, quem nunca amou tegora:
 E amanhã, quem já amou, inda mais ame.»

Prendiam, Canções tais, no ânimo, aos Nautas.
 Com harmonioso ruído, vai rompendo
 A brônzea proa as vagas; fresco Eolo,
 Embebido em aromas, que recendem,

Boleia o bolso às velas, qual boleia
À jovem Mãe, a Natureza, o bojo.
P'rigosa languidez se apoderava
De Cimódoce; e Astarte, Esp'rito imundo,
Que, em Templos de Amatunta, ufana impera,
Dócil a intentos de Satã, combate,
A Homérea Filha (a ocultas) que abalada
Dos devassos Cantares, desce à Câmara
E, ali, medita Eudoro, sem que acerte
Qual, nas vagas de Amor, Norte a dirija;
Nem como enojo evite ao novo Culto. ⁽¹⁾
Consulta Doroteu, que lhe aconselha
Que ao Céu recorra. Curvam joelhos ambos,
Rogas a Deus omnipotente enviam.
Já rijo vento, fere ambas as cintas
Da Galera o escarcéu, ⁽²⁾ que, clamoroso,
Acompanha amorosas rogativas. ⁽³⁾
Ceva-te, oh Paixão turva: o Nauta, no ermo
Pego; e o Pastor te ceva, na erma brenha!

No enleio das lembranças de Amatunta,
Doroteu, e Cimódoce avistaram
A penha do Carmelo, que surdia
Dos palestinos plainos, designando,
À flor do Mar, as praias arenosas,
E os Hebreus serros, que por trás se empinam.
Mais sagrada, que as Naus, que Hiram, de Cedros
Carregadas, mandava para o Templo, ⁽⁴⁾
Esta, na muda Noite ancora, em Jope.
Esta, que encerra o Templo de Deus vivo,
Anteposta inocência a odors lenhos!

(1) A Religião Cristã, que novamente professara.

(2) Do Mar empolado com o rijo sopro de vento.

(3) De Cimódoce.

(4) De Salomão.

Passageiros cristãos põem pé na praia,
Com alvoroço, prosternados, beijam
Terra, em que se prefez nosso resgate.
Doroteu, com a Jovem Catecúmena,
Ao congresso se uniu dos Peregrinos.
Que ante Sol a Solima se endereçam.

Mal branquejava o Céu, co' albor do Oriente,
Que eis soa a voz do Arábio, ⁽¹⁾ que entoava
O Canto, com que abala a Caravana.
Eis Romeiros alerta. Os joelhos curvam
Dromedários; no dorso abobadado,
Aceitam carga. Os Peregrinos montam
Asnos robustos, andadeiras Éguas.
Cimódoce, atraindo os olhos todos,
Vai, com a Ama sentada, num Camelo,
Que ornam tapetes, e que enfeitam plumas.
Menos pudor cobriu Rebeca, olhando
Próximo o Esposo Isaac; e foi ao rosto
Descendo o denso véu. Menos formosa
Viu Jacob a Raquel, quando os Pais deixa,
E os Deuses, que roubou, ⁽²⁾ sonega astuta.
Doroteu vai-lhe ao lado, e mais os Servos,
Do Camelo fiel velando os passos.

Deixam muros de Jope aformoseados
Com Lentiscos, com selvas de Romeiras,
Que, vergando, c'os pomos rubicundos,
Dão visos de Rosais. Cortam Campinas
De Saron, que c'ó Líbano, e Carmelo,
Toma quinhão, ⁽³⁾ na Bíblia, e ser blasona
Retrato mui cabal da Formosura. ⁽⁴⁾

(1) Condutor.

(2) *Vid.* Génesis.

(3) Nos louvores.

(4) *Decor Carmeli et Saron.*

Flores trajava, ⁽¹⁾ quais, em régia pompa,
Salomão, no splendor, riqueza, e gala,
Nunca pode igualar. lá, no entre-montes,
Caminham, da Judeia; ao Casal chegam,
Que viu nascer o Réu ⁽²⁾ afortunado,
A quem Cristo, na Cruz, deu vida eterna.
Piedosos os Romeiros, te saúdam
Berço ⁽³⁾ de Jeremias, que inda exala
Do lamentoso Vate a dor profunda. ⁽⁴⁾

A torrente transpõe, que deu as pedras,
No Zagal de Bethleem, com que ferira
O Filisteu Goliath. Vão-se entranhando
Num sertão, onde as folhas denegridas,
Mostra, ao tórrido Sul, Figueira brava; ⁽⁵⁾
Veste, inda o Chão, tal qual verdura,
Depois é calvo, e nu. Desmaia, e morre
Quanto vegeta, morre o Musgo humilde.
Vão as serris espáduas alargando-se,
Tomam vulto maior, mais infecundo...
Da palidez das Rochas toma o posto
Vermelha ardente cor. Assoma apenas
Ao Morro a Caravana, descortinam,
Súbito, um velho muro, e a cavaleiro,
Uns vestígios de fábrica moderna.
Brada o Guia. — *Jerusalém*. — E a Cáfila
A ponto pára. Em espontâneo grito,
Jerusalém, Jerusalém, repete.

Eis dos Camelos, eis se apeiam de Éguas:
Prostram-se vezes três, os peitos ferem;

(1) A Campina de Saron.

(2) O bom ladrão.

(3) Berço da Aurora chamam os Poetas ao Oriente.

(4) Lamentações de Jeremias.

(5) Denegridas pelo suor.

C'os olhos fitos em Solima Santa,
Dão suspiros, extáticos exalam
Do coração terníssimos afectos.
De golpe os peitos mil lembranças férvidas
Lhes acendem Resgate, ⁽¹⁾ Fim do Mundo.
Tu, Musa de Sião, tu só pintaras
Sertão, que, inda, respira a Divindade
De Jeová, respira inda Profetas.

Entre o Val da Judeia, e Idúmeos Campos,
Corre um ramal de serras, que despegam
Dos férteis plainos Galileus, e escondem-se
Nos areais de Yemen. Entre essas penhas
Jaz um redondo arneiro, costeado
De amarelos cabeços, fragas rudes,
Cujos topes se afastam, pelo Oriente,
Para abrir vista ao Golfão do Mar morto,
E às, da Arábia, alongadas serranias.
Nesse alcantil scabroso, há um terreno,
De desigual ladeira, onde descobres
No recinto dum muro, a quem o ariete
Noutro séc'lo abalou, e aluiu-lhe as Torres,
Destroços vastos, raros Aciprestes,
Sarças de Aloés, Nopals, pardeiros Árabes,
Quais branqueados sepulcros, acobertam
Esse montão de ruínas. Tal é o Quadro
Que ante olhos põe Jerusalém mesquinha!
Grande anjo se apossa de nossa alma,
A vez primeira, que olha o estrago, ⁽²⁾ a angústia ⁽³⁾
Dessas Terras. Mas logo, que, passando
Soidões após soidões sem termo, espalha-se ⁽⁴⁾

(1) A Redenção.

(2) Dos muros e edifícios.

(3) Dos moradores que viram a destruição da Cidade.

(4) A vista.

Na espaçosa amplidão, vai pouco a pouco
Escoando-se o anojo; e o Peregrino
Sente oculto terror, que o não quebranta,
Mas lhe entranha altivez, brio no Ingenho.
Denunciam aspectos tão insólitos,
Chão, que foi, de milagres, já lavoura.
Veloz Águia, alto Cedro, Sol que abrasa,
Infecunda Figueira, Hissope humilde...
Toda a Poesia é lá, toda a pintura
Da Bíblia: — diz futuros cada Lapa; ⁽¹⁾
Mistérios cada nome, em si concentra;
Soa voz de Profeta em cada cima; ⁽²⁾
E Deus mesmo falou, nessas ribeiras.
Secas Torrentes, escachadas Rochas,
Campas abertas, grão prodígio ⁽³⁾ inculcam.
De terror emudece, inda hoje, esse ermo;
Depois que a voz do Eterno ouviu, não ousa
Soltar a sua. A Pia Helena os passos
Aqui endereçou; e arrancar veio
O Sepulcro de Cristo à Gente idólatra:
Cobriu, com sumptuosos Edifícios,
Lugares, que um Deus Homem consagrara,
Falando, ou padecendo. Ela, a ajudá-la,
Os Cristãos do Universo ali convoca.
Nus os pés, com toadas lacrimosas
Sobem da ⁽⁴⁾ Síria praia, ao Monte Gólgota,
Onde se consumou nosso resgate.
Sítios santos! Lá Doroteu guiava,
Porque haja a Mãe do protector de Eudoro
De instruir, e de amparar a Catecúmena.
Cruza a Cáfila as portas do Castelo,

(1) Em que morou algum Profeta.

(2) De montanha.

(3) O prodígio da Ressurreição.

(4) Os Peregrinos.

Que viu depois erguer Pisana Torre, ⁽¹⁾
E Hospício de Templários destemidos.
Correram logo vozes, que é chegado
O Supremo Veador do Paço augusto;
Que, co'ele a Esposa vem do Arcádio Eudoro,
Mais que Mariana ⁽²⁾ bela, e igual em mágoas.

Doroteu, que estremece dos perigos
Que a Igreja ameaçam, busca ver Helena.
Com bondade de Mãe, ⁽³⁾ zelo de Santa,
E nobreza Real, a Homérea acolhe.

HELENA

«Deparo, em tuas feições co'as que eu, em sonho,
Vi, duma jovem, junto de Maria. ⁽⁴⁾
Não conheceste Mãe: eu sê-la-ei tua.
Rende a Deus, Filha minha, ardentes graças,
Que à Sepultura te guiou de Cristo.
Aqui, do Céu a vera Fé parece
Baixar, dar-se a sentir, na alma singela.»

Cimódoce a palavras tão do peito
Vertia respeitosa ternas lágrimas.
A Ceba, que a borrasca enfurecida
Do Choupo divorciou, que a erguia às nuvens,
Co'a rama pampinosa alastra a Terra;
Mas se outro esteio vem, com que se abrace,
De novo, ao Sol, seus pâmpanos tremola.
Separada do Pai, assim a Esposa,
Se cinge à Mãe do Amigo do seu Sposo.

(1) *Vid.* Itinerário de Chateaubriand.

(2) A Mulher de Herodes.

(3) Helena.

(4) Mãe de Deus.

Da ruim Perseguição, que se avizinha,
Às sete Igrejas ⁽¹⁾ dá notícia Helena,
E a Doroteu, e a nova Filha informa
Do quanto se afadiga, que ressurja,
Qual já, sob Salomão, surgiu Solima.
Diz, como o Bosque, já arrasou, de Vénus;
Como acertou, có'a vera Cruz, em Gólgota;
Como o Homem, que a tocou surgira à vida;
Dera ares do outro Mundo, nessa própria
Solima, onde outros Mortos ⁽²⁾ informaram
Dos segredos, que encerra a Sepultura.

Junto ao Monte Sião, que tem no tope,
De David o Jazigo derrocado,
Se ergue o combro Calvário (nome eterno!)
Na raiz sua, em circular Basílica,
Todo mármore, e pórfiro o Sepulcro
De Cristo Helena expôs. Vem luz ao Templo
Dum Zimbório de Cedro, assente em mármore.
Serve de Ara, o Sepulcro, em Festas graves.
Sacra sombra, apta às almas recolhidas, ⁽³⁾
Cobre o Santuário, e Altares, e Tribunus.
Noite e Dia, a cada hora, soam Cânticos,
Sem que, donde te vêm tais sons, aventes.
Colhes, do incenso o aroma, e a mão ignoras
Que à brasa o dá; nas sombras vês o Antiste,
Que passa a revestir-se, junto da Ara,
E os tremendos mistérios representa,
No sítio próprio, em que cumpridos foram.

Com devota mudez, Cristãos portentos
Cimódoce observou. Nascida em Grécia,

(1) Que vêm nomeadas no Apocalipse.

(2) Que Cristo em sua missão ressuscitara, e os que, na sua morte de Cruz, saíram de seus jazigos, e apareceram a muitos.

(3) Que se recolhem em si, pela meditação.

Notou da Arte o primor, em fragas, e ermos.
Quanto és potente, oh Fé! No novo Templo,
Prendem-lhe a vista (mais que tudo) as brônzeas
Portas, que em quícios volvem de ouro, e prata,
Lavor de dous Scultores Laodicenos.
Jordânico Ermitão que o Céu influi,
Profetizou no bronze, altos arcanos.
Em poder de Infiéis, Sião cativa
Heróis Cristãos a cercam. Conheceras-os
Pela Cruz roxa, que lhe acende os peitos.
Heróis, no trajo, e na armadura, estranhos!
Respiravam feições Germanas, Galas ⁽¹⁾
Nos vindouros Campeões da hoste Romana.
Nos vultos generosos alardeavam
Esp'rito audaz de Empresas, e Aventuras;
Com tal honra, e franqueza, qual não coube
A Ajax, e a Aquiles fero. Bela Ninfa, ⁽²⁾
Que amparo implora a Príncipes Mancebos,
Dá abalo, no arraial, que ondeia ambíguo.
Já c'um Herói, aos ares se remonta, ⁽³⁾
Logo o desce a Jardins voluptuosos.
Mais longe em salas, víreis, do Orco horrendo,
De Esp'ritos infernais Congresso infando.
Ao rouco, rude som da Avérnea trompa, ⁽⁴⁾
Satã chama os que a treva eterna habitam;
As Tartáreas Cavernas estremecem,
E de Abismo em abismo, ribombando,
Se despenha o clangor. Co' a armada Virgem ⁽⁵⁾
Moribunda, deu de olhos, condoída

(1) De Franceses, Alemães, etc., que combatiam no exército de Godefredo, e vinham profeticamente anunciados na escultura das portas, tanto ao vivo, que pareciam respirar.

(2) Armida.

(3) Armida com Reinaldos.

(4) *Al rauco suon della tartarea tromba.* — T. Tasso.

(5) Clorinda.

Cimódoce, e o Cristão, ⁽¹⁾ que traz chorando
No elmo, água que dá vida eterna à exausta
Beldade, a que ele ignaro a vida encurta.
Vê, dado o assalto a todo o longo muro,
Tremolar, na alta ameia a Cruz triunfante.
Afigurou também Divino Artífice,
Entre prodígios tantos, o Poeta,
Que, indo os anos volvendo, os cantaria.
Víreis, como ouve, em tal refrega, os brados
Do Amor, da Religião, do Brio; e versos
Num scudo escreve, ardendo em chamas de estro.

Em tanto, o Tempo, que incessante foge,
Vésperas trouxe do angustioso Dia,
Em que Cristo expirou na Cruz. Cimódoce
Guiando um Coro de estremadas Virgens;
Vai, com Helena, ao túmulo sagrado.
Partia a Noite, em meio, o giro obscuro;
O Templo santo, de Fiéis refeito,
Dava ala à Devoção, ala ao Silêncio;
Arde, ante a Ara o seteno ⁽²⁾ Candelabro,
Raras lâmpadas luzem, por em torno;
Têm encoberta a face ⁽³⁾ Anjos e Mártires;
Suspense é o Sacrifício. Encerra-se Hóstia
No moimento; entre o vulgo ajoelha Helena,
Deposta a c'roa. Onde, a de espinhos, Cristo
Cingiu, desmente a de diamantes.
Sabe o Coro, ⁽⁴⁾ que a Guia é Musica; e insta-lhe
Que os Trenos Jeremíticos lamente. ⁽⁵⁾
C'um sinal de olhos, a acorçoa Helena.

(1) Tancredo, que a curta vida mortal tira Clorinda num combate, mas que lhe acode com a água do baptismo que lhe alcance eterna vida.

(2) A sete luzes.

(3) Cobrem-se as Imagens desde a Dominga da Paixão, até ao Sábado santo.

(4) Das Virgens.

(5) Lamentações de Jeremias.

Já Cimódoce chega junto da Ara;
Vestida vem de apavonado Bisso, ⁽¹⁾
De seda o Cinto: a fímbria é bordadura
(Como entre Hebreias Virgens) Romãs de ouro:
Madeixas, Colo, Braços, meias luas,
Listões de cores cinco, e arrochadores,
Pingentes, e pulseiras a adornavam.
Tal, ganhando a vitória Filistina,
David obtém Michol, em régio adorno;
Tal com frutos se enfeita a Assíria Palma;
Em fios de ouro os ⁽²⁾ crês, Corais pendentes.
Co' a pura voz, que cândida ⁽³⁾ modula,
Estas lamentações manda aos ouvidos.

«Como a Cidade já ⁽⁴⁾ tão populosa
Se assenta em soidão! Como o seu ouro
Se denegriu! Do Santuário as pedras
Como se desparziram! A Sob'rana
Das Nações enviuvou! Viu-se humilhada
Ao tributo a Rainha das Províncias.
Destroço as Portas são, prantos as Ruas:
De Sião Santa os Sacerdotes gemem;
Lastimadas se vão as Virgens suas.
Como à de barro infusa te hão tratado,
Oh prole de Judá. Das Tuas Torres,
Viste o brasão, num átomo, aluído.
Viste inimigos, na área, aquartelados,
Em que te renunciou o Justo ⁽⁵⁾ a ruína.»

No tom mavioso, e grave, que a Judeia
Transmitira aos Cristãos, cantou Cimódoce:

(1) Linho finíssimo.

(2) Os frutos.

(3) Cimódoce.

(4) Os Clássicos traduzem por *já o olim* dos Latinos. A Cidade *que foi* já tão populosa, eclipse.

(5) Jesus Cristo chorando sobre Jerusalém.

E as trombetas de bronze, ⁽¹⁾ entre-sachavam
Rouco gemido aos prantos do Profeta. ⁽²⁾
Que eloquentes lições! Nas próprias ruínas
De Solima, em umbrais do raso Templo,
Ver a Perseguição, co' a espada nua!

Nas saudades do Pai, p'rigos do Esposo
Entre sustos de amor, ansiada a Virgem ⁽³⁾
Dava aos sons mor valia, mor ternura.
Até que a Aurora rompa, as preces duram.
Então se apresta a procissão solene,
A decorrer a dolorosa via.

A vera Cruz, que arvoram quatro Bispos
Confessores, ⁽⁴⁾ da Grei Cristã na frente,
Lutuoso imenso Clero, em longas alas,
O Lenho Redentor tácito segue.
Logo os Coros de Virgens, de Viúvas;
Contritros, ⁽⁵⁾ que a Mãe pia, ⁽⁶⁾ em grémio aceita
E há-de absolver: e os seguem Catecúmenos.
Termina a pompa o Bispo de Solima
Nus os pés, nua a frente, e ao colo a corda.
Sinais de expiação! Vem perto Helena:
Na Sposa ⁽⁷⁾ do Orador do fiel Culto,
Descansa a majestosa, pia dextra.
Vem o Órfão, logo, e o Cego, e larga cópia
De multímmodo Enfermo, que co' a turba
Do mais Povo confia, que o mal todo
Sara a Cruz, e aflição toda alivia.

(1) Que acompanham os Cânticos do Templo.

(2) Jeremias.

(3) Cimódoce.

(4) Que confessaram a Fé perante os Tiranos.

(5) Penitentes.

(6) A Igreja nossa Mãe.

(7) Cimódoce.

Da porta de Bethlehem, para o Nascente
Se prolonga, ⁽¹⁾ a Piscina costeando,
E, ao Poço de Nefi, depois descende,
Porque remonte ao combro de Siloé.
Quando o de Josafat Vale se avista,
Coalhado de jazigos e onde a Tuba
Do Anjo arrebanhe os Mortos a juízo,
Da Alma Cristã, se empossa terror santo.
Pelas faldas do Monte Mória, a pompa
Religiosa passa, e prosseguindo,
Atravessa o Cédron, cuja torrente
Ondas lodosas, vermelhantes volve.
De Josafat, e de Absalão as Campas,
Deixa à dextra, e aos Jardins vai de Olivete,
Orar, no sítio, em que suor de sangue
Vertera Cristo. Um Sacerdote explana,
A cada uma estação, aos Peregrinos,
Milagre, Acção, Discurso, que em tal sítio,
Se disse, ou fez. Das palmas se abre a porta;
Vem voltando a Solima o Rito santo.
Cruzando combros de destroços, ⁽²⁾ chega
Aos derrocados Paços do Pretório,
Junto da área do Templo, e ali entesta
Co' a via do Calvário. Ao Sacerdote,
Que o Evangelho há-de ler, tão caudais lágrimas
Rompem, que mal se lhe ouve a voz mudada.

(1) A Procissão.

(2) Não traduzi ao pé da letra a palavra — *décombres* — que vem no Original, e que significa desentulho, pois, não sendo baixa, em Francês a nossa que lhe corresponde o *é*, e não digna dum Poema. Talvez haja em Português outra mais apta ao intento; mas se ela existe, é de perdoar, a um Tradutor que, há trinta e oito anos que saiu de Portugal, e se viu, e vê destituído de livros, e de conversação Portuguesa, não se lembrar dessa palavra.

SACERDOTE

«Aqui situado foi, Irmãos, o Cárcere,
Onde a Jesus coroaram com espinhos.
Deste arruinado Pórtico, Pilatos
Disse mostrando-o às Gentes, *Ecce Homo.*»
De ouvi-lo, ⁽¹⁾ as alas ⁽²⁾ soltam-se em soluços.
Da via dolorosa, vai-se ao Gólgota. ⁽³⁾

SACERDOTE

«Esta Casa habitou-a um Rico avaro.
Jesus, co' a Cruz pesada, aqui caindo:
Não sobre mim choreis (disse às Mulheres)
Mas sobre vós, e sobre os Filhos vossos.»
Já, remontando acima do Calvário,
A Insígnia exaltam do Resgate humano. ⁽⁴⁾
Treme súbito a Terra, o Céu se enluta;
Rasga-se o véu do novo Templo. Ao lado
Do sacro Lenho então, vos apinhásteis,
Imortais, ⁽⁵⁾ que a Paixão, vísteis, de Cristo.
Dos Céus, também, desceu a Mãe piedosa;
E co' esse ⁽⁶⁾ que o perjúrio lava em lágrimas,
Contrita a Madalena, e João, que ao Mestre
Nunca desamparou: vem o Anjo tímido,
Que o Cáliz lhe of'recera da amargura;
Co Anjo da Morte, que, inda a mão lhe treme
Do golpe, que empregou, no Eterno Filho.

(1) De ouvir pronunciar ao Sacerdote essas palavras.

(2) Dos Fiéis, que compõem a Procissão.

(3) Monte Calvário.

(4) O Santo Lenho.

(5) Potências Celestiais!

(6) S. Pedro.

Quão diverso do Dia de pesares
Rompeu do Triunfo o Dia! Descobertas
As Imagens, ferido o novo lume,
Bençoado o Altar, reboam as abóbadas
Do Templo c os entoados Aleluias.

«Oh da Santa Sião, Filhos, e Filhas; ⁽¹⁾
Eis sai o Rei dos Céus da sepultura.
Qual nós diremos o Anjo, que sentado
Nela, trajava alvura. Vinde, Apóstolos.
Oh quão feliz, quem bem o creu, sem vê-lo!»

Aplaudindo, alternava esse Hino o Povo.
Que Dita iguala, a que orna os Catecúmenos,
Quando, hoje, à plana sobem de Escolhidos!
Com vestes alvas, com florentes c'roas,
Pelas frentes lhe ondeia sacra linfa,
Que à Inocência, os restaura, primitiva!
Com invejas olhava, ali, Cimódoce
(Não profunda na Fé, nem nos mistérios)
Desses novos Cristãos a alta ventura!
Não longe, avista a luz do seu baptismo;
Mas, com extrema prova, comprar deve
A Dita de igualar, no Culto, o Esposo.

Enquanto a isenta de perigo, e sustos
De Helena a protecção, versa em Solima
Centúrio; e empolgar vem fugida Pomba.
Deixara Roma Auspice, que, em Cumes,
Ouça ⁽²⁾ à Sibila dos Cristãos a sorte.
Satélite de Hierocles, leva ocultas
Ordens do César, ⁽³⁾ que lhe negoceie

(1) O *Filii et Filiæ*, Cântico Pascal.

(2) *Ouça* por *há-de ouvir*; o subjuntivo pelo futuro: figura assaz óbvia nos Poetas Latinos. Camões os imitou, quando na estância 6 do primeiro Canto, diz — *que todo o mande por — que todo o há-de mandar*.

(3) Galério.

Orác'lo a gosto seu. Mal que a Febade ⁽¹⁾
Solte o aresto ^[xvi] fatal, se embarque súbito
Para a Síria o Satélite, e a Cimódoce
Prenda em Solima, por Cristã Escrava
Fugida a seu Senhor, nova Virgínia
Ante o novo Ápio, reclamada a acuse.

Deixa Roma também; ruins projectos
Proseguindo, entra em Cumes, na Sibila
Inspira infido Orác'lo o Rei das trevas,
Que aos Cristãos dê mau fim. O Averno Lago ⁽²⁾
Com gosto avista, entre assombradas
Do âmago do Orco, às Terras se arremessam
Anjos maus, pela furna, ao Lago mística
Furna empestada! E dela obscuras fábulas
Contam, sobre a amplidão de seus domínios,
Sobre o silêncio, e a Noite. O arcano vendem
Mau grado seu dos males, que ali sofrem.
Que, em via de seus Reinos, os Remorsos
Pousam em férreos leitos, sonhos pendem
Dos ramos de Olmo antigo; ata a Discórdia
Coma de serpes c'um listão sanguento:
Afã, Tristezas, Sustos, Morte, ao lado
Andam do réu prazer, da alma perversa.

Vendo o Eterno a Satã, que se avizinha
À furna da Sibila, põe atalho,
Que surtam pleno efeito as tenções do Orco.
Se Deus, (em seu profundo arbítrio) sofre
Que seja perseguida a Igreja sua,
Nunca aos Demónios deixa o atribuírem-se
Essa culpável glória: e humilha sempre,

(1) Ministra de Febo.

(2) Virgil. *Aeneid.* 6.

[xvi] Decisão de tribunal que faz lei para casos idênticos.

Anjos revéis, quando os Cristãos castiga.
Quer que infidos Orác'los emudeçam,
Quer que Ídolos, vencidos, se lhe prostrem,
E da Cruz apregoem o Triunfo.

Dos mandados do Altíssimo incumbido
Desce um Anjo ao cabeça, onde já Dédalo,
Tendo franqueado os Céus (sabida é a fábula),
Na Ara, ao Génio da Luz, sagrou as asas.
No Templo da Sibila, entra o Celeste
Paraninfo, no instante, em que o Arúspice
Que Diocleciano enviou, sacrificava.
Por terra jazem quatro ao Culto de Hécate,
Truncados Touros, negra Ovelha à Noite,
Mãe das Fúrias. Ondeia a labareda
Nas piras de Plutão; tostas entranhas
Em óleos nadam; Flégeton, e as Fúrias,
Parcas, e Stige, e Chaos, divindades
Do Tártaro se invocam, devolvendo-lhes
As fronte dos Cristãos. Logo que é findo
O sacrifício odioso, a Vate alheada
*«Tempo é (bradou) que o Orác'lo se consulte
Eis o Deus! eis o Deus.»* Enquanto, no ádito,
Do Templo exclama, a abate, a agita Lucifer.
Na trípole rabeia, contra impulso
Do Príncipe das trevas, que do rosto
Lhe desmancha as feições, lhe ouriça a coma;
Medra em voz, cresce em vulto, e o peito arqueja-lhe.

ARÚSPICE

«Potente Apolo, Deus de Sminta, e Delos,
A quem deu Jove descobrir futuros,
A sorte dos Cristãos nos vaticina.
Tais adversos dos Numes, tais sacrílegos,
Tem de os varrer do Mundo, o pio Augusto?»
Três vezes se ergue a Vate de avexada
De tais vaivéns; três sobre-humana, à Trípole,

Força a arremessa: portas se abrem cento,
Do Templo, a dar saída à voz Profética.

Oh portento! Emudece a Profetiza!
Por mais que Esp'ritos ruins lhe afanem a alma,
Que a mudez rompa, enleados sons borbota.
Súbito a Vate dá, co'a vista, no Anjo!...
Aberta a boca, os olhos esgazeados,
O amostra desgrenhada à Turba atónita,
Que pasma, (e em que ⁽¹⁾ o não vê) treme de susto.

Pelo Monarca do Orco assoberbada
Forçando o hálito a Vate, que proscritos
Anela, os Cristãos ver, arroja a brados:
Tolhem-me a fala os Justos do Universo.
Vencido pelo Orác'lo, Satã voa,
Envergonhado, aflito; mas não perde
Toda a esperança, ou nas tenções desmaia.
Quanto, por si, não val, por obra o cumprem
As humanas Paixões! Confia o Arúspice
A um Cavaleiro Númida, que os Ventos
Excede, no veloz, o Orác'lo obscuro.

Recebe-o Augusto: ajunta-se o Conselho.
«Os que se dão, por Justos (disse Hierocles)
São Cristãos. Que os moteja assim o Oráculo,
Selando-os c'ó brasão, que a si se deram:
Cristãos à voz do Orác'lo hão posto o estorvo.
Tanto os Homens, Augusto, e tanto os Deuses
De semelhantes monstros se horrorizam!»
Turbado Augusto, pela serpe antiga, ⁽²⁾

(1) *Em que* em lugar de — *bem que* é tão trivial nos Clássicos, que escuso citar exemplos. Os que os lêem, o encontram a cada passo. Direi eu que Poetas mais modernos que eu se não acanham no uso dele! Sim o digo, pelo gosto que me deu o Senhor Belmiro, lendo-lho nas suas Poesias. — Alegro-me, quando vejo os novos Alunos dar-se à boa lição.

(2) Que tentou Eva.

Co'a explanação de Hierocles stupefacto,
Não vê quanto aos Cristãos o Orác'lo é brando.
Superstição lhe apaga a luz do acerto;
Teme amparar quem dana ⁽¹⁾ o Fado às Fúrias.
Hesita. Eis que um rumor se estende súbito
Os Cristãos ao Palácio hão posto fogo.
(Foi conselho de Hierocles, dado ao César ⁽²⁾
Por que vença de Augusto o ânimo incerto.)

GALÉRIO (*affectando consternação*)

«Deliberas ainda? Quando os impios ⁽³⁾
Te dão morte apressada, num incêndio.»
Disse: e dantes peitado, ou iludido
Todo o Conselho clama: *Os impios morram.*
E até o Imperador, fraqueando ao susto.
Vexem (diz) os Cristãos; lavre-se o Edito.

FIM DO LIVRO XVII.º

(1) *Mihi castæ que damnatum Minervæ.* — HORAT. lib. 3. od. 3.

(2) Galério.

(3) Os Cristãos.

NOTAS DO LIVRO XVII.º

Pág. 177, verso 1. Ame amanhã.

*Cras amet qui nunquam amavit:
Quique amavit, cras amet.* (PERVIGIL.)

Ibid., verso 3. Prazer de Homens, de Numes.

*Hominum Divumque voluptas,
Alma Venus.
Te, Dea, te fugiunt venti, te nubila cæli,
Adventumque tuum.....
Tibi rident æquora ponti.* (LUCRET.)

Ibid., verso 8. Pões a Rosa.

*Ipsa jussit mane ut udæ
Virgines nubant rosæ,
Fusæ aprugno de cruore,
Atque amori osculis.
.....
Totus est armatus idem
Quando nudus est Amor.* (PERVIRGIL.)

Ibid., verso 13. Nasceu no Campo.

*Ipsæ Amor puer Diones
Rure natus dicitur
.....
Ipse florum delicatis
Educavit osculis.* (PERVIRGIL.)

*Omnis natura animantium
Te sequitur cupide, quocumque inducere pergis, etc.* (LUCRET.)

*Avia tum resonant avibus virgulta canoris,
Et Venerem certis repetunt armenta debus, etc.* (VIRGIL. Georg.)

Pág. 180, verso 25. O Guia.

O bone Jesu, ut castra tua viderunt hujus terrenæ Jerusalem muros, quantos exitus aquarum oculi eorum deduxerunt! Et mox terræ procumbentia sonitu oris et nutu inclinati corporis sanctum sepulchrum tuum salutaverunt; et te qui in eo jacuisti, ut sedentem in dextera Patris, ut venturum judicem omnium, adoraverunt. (BOB. Eonach. lib. IX.)

Ubi vero ad locum ventum est unde ipsam turritam Jerasalem possent admirari, quis quam multas ediderint lacrymas digne recenseat? Quis affectus illos conuenienter exprimat? Extorquebat gaudium suspiria, et sirgullus generabat imensa laetitia. Omnes visa Jerusalem substiterunt, et adoraverunt; et flexo poplite terram sanctam deosculati sunt: omnes nudis pedibus ambularunt, nisi metus hostilis eos armatos incedere debere præciperet. Ibant, et flebant: et qui orandi gratia convenerant, pugnaturi prius properis arma deferebant. Fleverunt igitur super illam, super quam et Christus illorum fleverat: et mirum modum, super quam flebant, feria tertia, octavo idus junii, obsederunt. Obsedeunt, inquam non tanquam novercam privigni, sed quasi matrem filii. (BALDRIC. Hist. Jerosol. libr. IV)

Pág. 187, verso 2. Bisso.

Dele fala a miúdo a Bíblia. E era amarelo de mui leviana tecedura. Quanto às Romãs de ouro, listões de cinco cores, meias luas, etc., enfeites são mui sinalados nos Profetas.

Ibid., verso 14. Como a Cidade.

*Quomodo sedet sola civitas plena populo.
Quomodo obscuratum est aurum, mutatus est color optimus.
Dispersi sunt lapides sanctuari.
Facta est quasi vidua Domina gentium.
Viæ Sion lugent. Omnes portæ ejus destructæ.
Sacerdotes ejus gementes: virgines ejus squalidæ.* (JEREM. Lament.)

Pág. 192, verso 10. O Averno Lago.

*Vestibulum ante ipsum, primisque in faucibus Orci,
Luctus et ultrices posuere cubilia Curæ;
Pallentesque habitant Morbi, tristisque Senectus,
Et Metus, et malesuada Fames, et turpis Egestas,
Terribiles visu formæ; Letumque, Laborque;
Tum consanguineus Leti Sopor, et mala mentis*

*Gaudia, mortiferumque adverso in limine Bellum,
Ferreique Eumenidum thalami, et Discordia demens,
Viperum crinem vittis innexa cruentis.* (VIRG. *Æn.* VI, v. 273.)

Pág. 193, verso 6. Onde já Dédalo.

*Redditus his primum terris, tibi, Phæbe,
Remigium alarum.* (VIRG. *Æn.* VI, v. 18.)

Ibid., verso 12. Jazem quatro.

*Quatuor hic primum nigrantes terga juvencos
Constituit.....
Voce vocans Hecaten cæloque ereboque potentem.
..... Ipse atri veleris agnam
Æneas matri Eumenidum, magnæque sorori
Ense ferit.
Tum stygio regi nocturnas inchoat aras.*

Ibid., verso 22. Eis o Deus.

*Poscere fata
Tempus, ait: Deus, ecce Deus.* (*Æn.* VI, v. 45.)

Ibid., verso 27. Medra em voz.

*..... Cui talia fanti
Ante fores, subito non vultus, non color unus,
Non comptæ mansere comæ; sed pectus anhelum,
Et rabie fera corda tument, majorque videri,
Nec mortale sonans.* (*Æn.* VI, v. 43.)

OS MÁRTIRES

LIVRO XVIII.º

ARGUMENTO

Alegria no Inferno. Galério, aconselhado por Hierocles, obriga Diocleciano a que abdique o Império. Preparam-se os Cristãos para o martírio. Ajudado de Eudoro, escapa de Roma Constantino, e foge para Constância. Lançam Eudoro na masmorra. Hierocles, primeiro Ministro de Galério. Perseguição geral, da qual leva a nova a Jerusalém o Demónio da Tirania. Põe fogo aos Lugares Santos o Centúrio que Hierocles enviara. Doroteu põe a Cimódoce em salvo. Encontro de Hierónimo na gruta de Belém.

DESDE o Dia, em que Lucifer viu Eva
Aos lábios achegar o fatal fruto
Nunca alegria igual sentiu, no peito.
«Abre os Abismos teus (bradava) oh Tártaro;
E, as que Deus te arrancava, almas recolhe.
Cristo é vencido; e o ceptro seu quebrado!
É minha, e sem regresso a humana prole.»
Disse: e, de cabo a cabo, a voz rodando,
Rimbomba pelas fúrias dos tormentos.
Rebentam uivos hórridos, nos Réprobos;
Qual se, de novo, o Arresto ⁽¹⁾ ouvissem pávidos.
Correndo ao Mundo vêm quantos maus Anjos
Cerra, em seu alabouço, a Noite eterna,
Escurece-se o Ar co' enxame iníquo!
O Querubim, que o giro do Sol rege,
De horror recua; a face cobre. As brenhas

(1) Da sua eterna condenação.

Exalam da espessura, ais lamentosos;
Sorriso aponta aos lábios, na Ara, aos Ídolos;
Dobram de ânsia os Ruins em seus ruins feitos,
Bons pervertendo, e Reinos arruinando.

Mormente Hierocles não resiste à ardência
De pôr a última mão ao começado.
Como, imperando, tolhe Augusto a Hierocles
Lograr-se da absoluta autoridade,
Colhe este ensejo próspero, e, assim se abre
Com Galério, cuja ambição lhe é clara:

«Reinar queres? Não percas o propício
Lance, oh Galério. Augusto ei-lo privado
Do Cristão, firme esteio. Dará cabo
De revoltosos tais o austero Edito;
Sem, talvez, que em ti prenda o Ódio, que inspira ⁽¹⁾
Augusto foi, não tu, quem deu tal ordem.
O resoluto alvitre o espavorisa.
Colhe o precioso instante. Representa-lhe,
Que requerem repouso já seus anos:
Que deixe a um moço Herói vigorar Ordens
De que depende a salvação do Império.
Serão, depois, feitura tua os Césares.
Farás, que impere a Sapiência, a Dita:
Que, a ti, desd'ora, os séculos a devam,
Que os Vindouros te exaltem as virtudes.»

De Hierocles aprovou Galério o zelo;
E, ao Conselheiro vil (seu digno amigo!)
Fiel Ministro o aclama. Aplaudem férvidos
Validos scolha tal. E o mesmo Públio, ⁽²⁾
Rival de Hierocles, que studava ensejo

(1) O Ódio, que o Edito inspira.

(2) De Roma.

De o desvaler (Palaciano astuto!)
Comedido, se veda opor-se ao crime,
Que ao César ambicioso lisonjeia.
Tomou, como Prefeito que era, a cargo
Toda acarear a Guarda do Pretório,
E as Legiões do Quartel do Campo Márcio.

Vai-se às Termas (Palácio vasto) o César:
Como, em retiro, e só, lá vive Augusto.
Quando, contra os Cristãos lavrou sentença
Deus sentença lavrou, também, contra ele.
Se à Justiça faltou, lhe falte o Império.
Gastado de remorsos, e amargura
Sentia Augusto o Céu desampará-lo:
E angústias mil lhe assoberbavam o ânimo.
Eis que Galério chega. Diocleciano.
Com o nome de César o saúda.

GALÉRIO

«Sempre César: e nunca mais que César?
Esse, que publicar mandaste, Edito,
Os Cristãos (de insolentes!) o rasgaram.
Quantas, às tuas cãs, essa impia Turba
Mágoas te há-de causar! lá as antevejo.
Deixa-me castigar teus inimigos,
Depondo, em mim o encargo deste Império:
Que pedem já remanso os teus trabalhos,
Os teus anos, e a inválida Saúde.»

DIOCLECIANO

«Quem me consume a vida, e m'a soçobra,
És tu. Sem ti, despira-me eu do Império,
Não saudoso. Vinte anos de triunfos
Tenho eu de ir enterrá-los, num retiro?»

GALÉRIO (*enfurecido*)

«Não queres renunciar? Vê-lo-ei ⁽¹⁾ comigo.
Quinze anos a lutar sempre eu com Bárbaros;
Em selváticos Climas! e os outros Césares
Férteis Províncias dormindo quedos?
Já me cansa viver em grau segundo.»

DIOCLECIANO

«Deslembras-te, que estás, no meu Palácio,
Guardador de Rebanhos? Assim débil,
Reduzir-te inda posso, em vil poeira.
Cansado de reinar! contei sobejas
Ingratidões. Reinar? Honra é bem ténue!
Não cuido em t'a altercar. Infeliz Homem!
Cobiças o que ignoras! Há vinte anos,
Que as rédeas rejo deste Império; e ainda
Me não cerrou os olhos sono plácido.
E que me hei visto ao lado? O Enredo, o Aleive,
A Baixeza, a ⁽²⁾ Traição! Levo, do Trono,
Que o Trono é vão, Grandeza é vã! e em pouco
Tenho o que os Homens são, quando mais valham.»

GALÉRIO

«Co' a Baixeza, e Traição co' Enredo, e Aleive
Como hei de haver-me o sei. Os, que hás deposto,
Frumentários restauro; à Plebe, Festas
Darei, do Orbe Senhor, e larga Fama
De mim deixo, com feitos estrondosos.»

(1) Considerá-lo-ei a sós, comigo.

(2) Delatores, espias.

DIOCLECIANO (*com desprezo irónico*)

«Não, como a pintas, é segura essa arte.
Darás que rir à turba dos Romanos.»

GALÉRIO (*com ferocidade*)

«Hão-de chorar, não rir. ⁽¹⁾ Sirvam-me, ou morram.
Pelo terror me salvo do desprezo.»

DIOCLECIANO

«Se não te atalha o Amor, que aos Homens deves,
Mova-te o dominar seguro, e quedo.
Não, que eu despenho súbito t'agoure:
Mas certa meta ao Mal neste Orbe existe,
Que a natura transpo-la não consente;
Nem gume eu sei, que na raiz a corte.
Tanto Príncipe mau, que a mão no leme
Da República pôs, só de Tibério
Foi longo o mando, e só, na extrema quadra
Deu solta mão Tibério a usar violências.»

GALÉRIO (*impaciente*)

«Não te peço lições, requieiro o Império.
Vozes baldaste. Já a teus olhos (dizes)
A suma autoridade desmerece;
Deixa-a, que em mãos descaia de teu Genro.»

DIOCLECIANO

«Boquejaste em meu Genro? Nada monta
Título tal comigo. Foi ditosa

(1) Darei antes que chorar, que não darei que rir.

Contigo a minha Filha? À afeição sua
Desleal, vexas o Culto, que ela adora.
Talvez, que aguardas só, que eu ceda a púrpura,
Para, em desterro a pôr, em praias ermas.
Eis, dos bens que te fiz qual prémio colho.
Quanto me vingo (eu já c'os pés, na Campa)
Do ingrato, que o Poder traça arrancar-me!
Não que ameaços teus valham vencer-me:
Vence-me a voz do Céu, que me anuncia,
Em fuga, a Quadra ufana das Grandezas.
Esse purpúreo andrajo, ⁽¹⁾ (antes mortalha)
To largo sem despeito; e co'ele, em prenda
Todo o amargor do trono. Rege esse Orbe,
Que a esconjuntar-se inclina; e onde mil germes
Brotam (mortais) em todas as Províncias.
Os costumes devassos, regra; e os Cultos,
Congraça, que uns com outros, se pelemam.

Subverte-me esse Esp'rito de Sofisma,
Que do Corpo civil rói as entranhas,
Recalca, em suas brenhas, esses Bárbaros,
Que o Império hão-de tragar, ou tarde, ou cedo,
Vou-me a Salona: e dos meus mansos Hortos,
Verei, como esse Universo te abomina.
Tu (Filho ingrato!) hás ser de ingratos Filhos,
Antes que morras, vítima de brado. ⁽²⁾
Reina; e põe peito a instar do Império a queda,
Que, um tanto eu retardei. Tu sais a Príncipes,

(1) *Andrajo*. Palavra Espanhola. com menos necessidade que eu, lançou mão dela Sá e Miranda. Fez mais. Dela compôs o adjectivo — andrajoso —. Ora *lambeau* que vem no Original, não é termo, que soe mal no delicado ou melindroso ouvido francês; quando *trapo*, ou *frangalho* que nos Dicionários corresponde a *lambeau*, ninguém mo sofreria num Poema como este. É lícito, e tem de sempre o ser, o uso uma palavra peregrina, com que se evite outra nacional, mas baixa ou mal-soante; com que se evite uma circunlocução tediosa, por estirada.

(2) Cujá queda dará brando no Mundo.

Em cujo evo, as Revoluções rebentam;
Em que Orde' os Numes dão, que, do Universo
Reinos, ou Dinastias se esvaneçam.»

Tal, nas Termas, ⁽¹⁾ volveu de Roma o Fado!
Em tanto os Cristãos vovem, ⁽²⁾ qual à Igreja,
Em tribulado Mar, rumo convenha.
O Edito, promulgado ao som da Tuba,
Bíblias queimava, altares demolia;
Vis os Cristãos, e infames proclamava
Cidadãos esbulhados de seus foros:
Tolhia aos Magistrados receber-lhes
Crelas de rapto, crelas de adultério, ⁽³⁾
Mau trato, ou feito, ofensa, agravo, injúria;
Dava auso à delação, punha a tormento;
Dava morte a quem não imola aos Deuses.
Cruento Edito! A quanto crime o aplique
Hierocles, que o ditou, dá campo aberto.
Completo estrago ameaça à Grei de Cristo.

Qual lhe o génio requer, cada um se apronta;
Cinge-se este ao combate, ⁽⁴⁾ aquele à fuga.
Os que fraquejar temiam na refrega,
Por ermos, brenhas, furnas se entranhavam,
Ou buscavam abrigo em Climas Bárbaros.

Víreis Cristãos, nas ruas, abraçar-se,
No terníssimo adeus, chamar só Dita
Bem padecer por Cristo: — Veneráveis
Confessores, ⁽⁵⁾ já dantes perseguidos

(1) No Palácio do Augusto.

(2) Discutem, dão pareceres.

(3) Cometido em agravo dos Cristãos.

(4) No Martírio

(5) Que, nas perseguições passadas tinham confessado a Fé, e por ela padecido. *Nec enim quemquam confessoris vocabulo minorm credas quam martyrem.* — S. PETR. CRISOLOG.

Mesclar-se nesses bandos, porque o zelo
Mitiguem nuns, e noutros o afervorem.
Moços, Velhos, Mulheres, e Meninos
Rodeiam aos ⁽¹⁾ que exemplos rememoram
Dos que, por Cristo, o corpo a algozes deram.
Lourenço, que em rubentes grelhas arde;
Vicente, em ferros, ⁽²⁾ que o visitam Anjos;
Pelágia Antioquena, que se afunda
Abraçada co' a Mãe, e Irmãs, no Oronte; ⁽³⁾
Perpétua, com a Irmã Felicidade,
No Circo de Cartago, vitoriosas. ⁽⁴⁾
Teodota Ancirense, e as Irmãs sete;
E, em Campas separadas, dous Esposos,
Por milagre, num só jazigo juntos.
Em tanto, Anciões escondem, 'scondem Bispos
Sacras Bíblias; e em Pixides fund-dobres, ⁽⁵⁾
O Viático encerram Sacerdotes.
Abrem, de novo, as ermas Catacumbas;
Pelas, que Ódio lhe abate, Igrejas, sagram-nas. ⁽⁶⁾
Nas entranhas das minas, das masmorras,
Na agudez dos Equúleos, dão Levitas,
Com disfarces subtis, socorro aos Mártires.
Para o Conflito ⁽⁷⁾ aprestam linhos, bálsamos;
Sem vanglória, ou clamor, se pagam dívidas,

(1) Os bons Autores, por evitar a anfibologia, ajuntam a preposição *a* de dativo ao artigo *os*, que servindo igualmente ao nominativo, acusativo, e ablativo, sem a proporção *a* tornaria ambígua a frase.

(2) Queimado em grelhas, depois de laceradas as carnes com unhas de ferro; tostado ainda com lâminas ardentes e arrojado depois num cárcere alastrado de estilhaços de cantaria, e cacos de lousa, e telhas quebradas.

(3) Grande Rio de Ásia.

(4) Dos seus Perseguidores, aceitando depois do martírio, a palma da vitória.

(5) *Boîtes à double fond*, diz o Original.

(6) Ódio dos Pagãos lhes demolia as Igrejas. Então os Cristãos se juntavam nas Catacumbas, para celebrar os Ofícios Divinos.

(7) Martírio.

Sem clamor, inimigos se concordam.
Dispõem-se a padecer; dócil a Igreja, ⁽¹⁾
Como a Filha de Jefe, que se pede
A seu Pai, curto prazo, em que lamente,
Pelos Montes, o amargo sacrifício.

Os soldados Cristãos, que os pendões seguem
Das Romanas Legiões a Eudoro avisam
Que é pronta a rebentar mina p'rigosa.
Peitam-se, em voz de César, os Exércitos,
Que, amanhã, se hão juntar, no Campo Márcio,
E se espalha rumor, que abdica Augusto.
Toma ⁽²⁾ informe melhor, lança-se a Tibur,
Grata vivenda ao Filho de Constâncio!
Junto à Cumeia, e a Vesta, quedo asilo,
Longe da Corte, e dos enredos longe:
De Propércio, e de Horácio aos prédios próxima,
Sobre a Cascata do Anio estende a vista:
(Prédios maninhos hoje! e à beira do Anio
Entre Olivais, tornados Zambujeiros). ⁽³⁾
O ameno Tibur que à Latina Musa
Inspirou tanta vez, só dava agora
Aos olhos, derrocados Edifícios.
Fostes delícias já. ⁽⁴⁾ Vêem-se, hoje, aí, loisas
De Era antiga, e moderna; e em vão lá buscas,
Na encosta do Lucrétil, as lembranças
Do Vate voluptuoso, que acanhava,
Em confins curtos, longas esperanças. ⁽⁵⁾
Com vinho, e flores, consagrava ao Génio,

(1) Os Fiéis, que compõem a Igreja.

(2) Eudoro.

(3) Por falta do cultivo.

(4) Em eras de Augusto.

(5) *Vitæ summa brevis spem vetat inchoare longam.* — HORAT.

Que a curteza da vida nos recorda.

Dão súbito, alta noite, aviso ao Príncipe, ⁽¹⁾
Que é vindo Eudoro: eis se ergue, e leva o Amigo
Ao Belveder, que sobranceiro, e em círculo,
Junto da Ara de Vesta, o Anio ⁽²⁾ descobre.
Noite escura o Céu dava, envolta em nuvens:
Nas Colunas do Templo uivava Eolo,
Voz triste soava, no ar; e, a espaços crêeis,
Que a Cova ouvíeis mugir, da Vate, ⁽³⁾ em Cumes;
Ou Cristãos, que salmeiam, por Finados.

EUDORO

«Não só, Filho de César, darão morte
Aos Cristãos: — amanhã no Campo Márcio,
Ante as Legiões, Augusto abdica o ceptro.
Cena grande! Em Poder — não terás parte;
Tens, por crime, os brasões do Pai, e os próprios
E o pender, na alma ao Culto de Deus único.
Roma verá Severo, e Daia Césares;
Sobrinho um de Galério, ⁽⁴⁾ outro ⁽⁵⁾ Soldado. ⁽⁶⁾
César foras, se ameaças de Galério
Não receiasse Augusto. Caro Príncipe,
Em ti, estriba a Igreja, estriba o Mundo.
Cede à tormenta. Mal que, ao claro, avistes,
Amanhã, Fados teus, voa a Constâncio.
Tudo é prestes. Jarreta, a cada posta,
Corcéis: tolhe, que em teu alcance, corram.

(1) Constantino.

(2) E suas Cascatas.

(3) Da Sibila Cumeia.

(4) Daia.

(5) Severo.

(6) Raso.

(7) Cristão.

Afouta-te a salvar o Império, e o Culto. ⁽⁷⁾
Quando a hora for, franquear-te-ão via os Galos,
Que, já, de perto o Capitólio viram.» ⁽¹⁾

Constantino calava, e revolvia
Mil violentas ideias, na alta mente;
Co' ultraje urdido, em cólera abafava.
Põe pé firme, na lúcida esperança
De vingar, dos ruins, ⁽²⁾ o fiel ⁽³⁾ Sangue.
Um tanto o abala o resplendor do Trono;
(Altiva tentação de ânímos grandes!)
Não é nele o fugir. O ardor lho atalha.
Somente a Gratidão, que deve a Augusto,
Junta ao Respeito... Mas pois que ele abdica
Quebram-se, a Constantino, esses dous vínculos.
Já amotinar Legiões, no Campo Márcio,
Já vinganças respira, arde em batalhas. ⁽⁴⁾
Tal, da erma Arábia, na torrada areia,
Curva a frente, o Corcel, crava-a nos peitos,
Clinas descai, e, à sombra, amparo busca
Contra abraçado Sol; de onde está preso,
De esguelha ao Dono, os grandes olhos vira.
Ouça ⁽⁵⁾ os clarins (das peias solto, e franco)
Como relincha, e freme! A cauda, as clinas
Sacode! Come o chão: ⁽⁶⁾ quasi diz — *Vamos*.

Tais lhe apazigua os ímpetos guerreiros,
Em Constantino Eudoro, que assim fala:

(1) Capitaneados por Breno.

(2) Perseguidores.

(3) Dos Cristãos.

(4) Como se já em refrega combatera.

(5) Aconteça que ele ouça. Eclipse

(6) *Fervens et fremens, sorbet terram, ubi audivit buccinam, dixit Vah.* — JOB. cap.
Pusera eu o número do Capítulo, se tivera livros. Deus o pague a quem deles me

«As Legiões? peitadas. Tu? vigiam-te.
Dera a troncos co' Império, a empresa tua.
Virás (não tarde) a dominar neste Orbe,
De ti, aos Povos dimanar ventura.
Deus te arreda das mãos, por ora o ceptro
Querendo a provas pôr a sua Igreja.»

CONSTANTINO (*com vivacidade*)

«Vem pois, comigo, à Gália, e marcharemos
Logo, juntos, a Roma, c'os guerreiros,
Que, em proeza tanta, intrépido te viram.»

EUDORO (*com a fala, um tanto, demudada*)

«Diferem, entre nós, nossos deveres.
Pelo Céu, te é credora, e te insta a Terra;
E a mim credor me é o Céu, me insta por ela.
Convém que eu fique; e a ti, partir te incumbe.
Os, que Hierocles de mim concebeu, zelos,
A sorte dos Cristãos apressuraram.
Devo aos Cristãos conselho, e bens, e vida.
Fugir, no ardor do duelo? (Oh que des-brio!)
Proposto ⁽¹⁾ a Campeão tal! Brados saudosos
Da Esposa, e Pai reclamam-me no Oriente. ⁽²⁾
Devo a Irmãos meus transunto de firmeza;
E, as que em mim faltam, dar-me-á Deus, Virtudes.»

Eis sobrenatural súbita flama
Rompe das margens do Anio, e ilustra as loisas
De Sinforosa, e sete Filhos Mártires.

EUDORO

«Olha os sete jazigos. Vê que forças

(1) Por mim.

(2) Demódoco.

(Se o quer Deus) sente a Mãe, e os Filhos sentem!
Cinzas, que aos olhos meus, sois mais ilustres
Que as de egrégios Romanos que ali jazem!...
Igual sorte, ⁽¹⁾ igual glória, oh não m'a roubes. ⁽²⁾
Dá, ⁽³⁾ que eu te jure, por tão santos Mártires
Lealdade, cujo termo seja a vida.»
Disse: e a beijar se inclina a mão do Príncipe,
Que o ceptro há-de empunhar. Este ao magnânimo
Nobre Amigo, com meigo abraço o cinge.

Já, no Carro montados, ele, e Eudoro
Entre o opaco da Noite, vão rodando.
Costeiam da Ara Hercúlea os ermos Pórticos.
Nos derrocados Paços de Mecenas
Resvala o Anio, e retumba: e eles vão tácitos
De Homens, de Reinos consid'rando a sorte.
De Albúnea as Selvas, onde os Reis do Lácio
Os Deuses consultavam campesinos,
Se adensavam ali: Povos agrestes
Moravam pela encosta do Soracte;
E de Ustica no Vale, que foi berço
Das Sabinas, que correm desgrenhadas, ⁽⁴⁾
Entre as hostes de Tácio, hostes de Rómulo:
Sois nossos Filhos, sois Esposos nossos.
(A uns já dizendo vão; já a outros bradam)
Sois nossos Pais, e Irmãos. Lá as substituíram
Quem com César privou, ⁽⁵⁾ quem cantou Lálage. ⁽⁶⁾
Férteis ribas que passeiou Zenóbia

(1) Exclamando como inspirado pelo Céu do vindouro martírio.

(2) Falando a Constantino.

(3) Dar, por conceder, permitir, usaram-no os nossos Clássicos, imitando os Latinos.

(4) T. LIVIO, Decad. 1.^a.

(5) Mecenas valido de Octaviano César.

(6) Horácio.

(Esbulhada do trono de Palmira!)
Transpõe de Bruto o prédio, o veloz Carro,
De Adriano os Jardins; da Gente Pláucia
Parou no Monumento. Junto à Torre
Funérea, ⁽¹⁾ o Amigo deixa Eudoro, e parte.
Toma um deserto atalho, e guia a Roma,
Onde apreste do Príncipe a fugida.
Este, que às Termas vai, e busca Augusto
Mal traga enojos, mal embuça as iras.

O assalto de Galério foi tão súbito,
Tão pronto Diocleciano em resolver-se,
Que o Adversário ⁽²⁾ colheu desprevenido
(No quanto os Fiéis lhe doem) a Constantino.
Muito há, que aventa quanto esforça o César
Que lhe ceda do Império a rédea Augusto.
Catástrofe infeliz! que assaz remota
Sempre entendeu, iluso, ou já, traído.
Vai entrar: — Como tudo era mudado!
Impediu-lho, com fala desabrida,
Um Oficial do César: — Manda Augusto
Que, em Campo Márcio o aguarde Constantino.

Nesse Campo, e vizinho à Sepultura
De Ocávio, um Tribunal se ergue de céspedes;
Dele sobe Coluna, que é peanha
Duma státua de Jove. Ante as armadas
Legiões, mal rompa a Aurora, Diocleciano
Lá virá dar renúncia ao ceptro, à púrpura.
Desque despiu a Ditadura Sila,
Nunca, em tal cena há posto os olhos, Roma.

Curioso, esperançado imenso vulgo,
Co'as Paixões todas, nesse abalo, acesas,
Fixa a mente em Augusto, e em seu destino,
E, no que há-de sortir, corre açodada.

(1) *Moles Adriani*, hoje Castelo de Santo Ângelo.

(2) Galério.

Quais Césares virão? E a esmo erguiam
Aras, os Cortesãos a ignotos Numes. ⁽¹⁾
Já temem de ofender por pensamento,
Potências, que existência inda não tinham,
Já adoram esse Nada, que vem prenhe
De extensa ⁽²⁾ Escravidão! Afanam, lidam
A atinar, qual do Príncipe futuro
Seja a Paixão; e ir ávidos, proverem-se
Da baixaza, que mais lhe cate a Índole.
Já tratam de assoalhar, os Maus, seus vícios,
E os Bons se esmeram, no ocultar Virtudes.
Ver que Amos lhe nomeiam, vinha stúpido
O vulgo: vêm soldados forasteiros
Ao próprio Foro, em que os Romanos livres
Votavam, seus Pretores, e seus Cónsules!
Subindo ao Tribunal, Diocleciano
Impõe silêncio, e diz: «Soldados, Povo,
Força-me a anosa Idade, a que em Galério,
O Sob'rano poder deponha, e Césares
Novos nomeie.» A Constantino ⁽³⁾ os vultos
Toda a Plebe volveu. Nomeia Augusto
Daia, e Severo.

O Povo (*atónito*)

«E quem é Daia? Acaso
Mudou de nome Constantino?» Em tanto
Galério o ⁽⁴⁾ afasta, e traz do braço a Daia,
Que às Legiões amostra. Augusto a púrpura
Despe; e a lança, ao Pastor, ⁽⁵⁾ e o Punhal (Símbolo

(1) Aos Césares, que nem ainda nomeados eram.

(2) Que estende os limites de Escravidão, aumentando o número dos Césares.

(3) Que nesse átomo chegava.

(4) A Constantino.

(5) A Galério, que foi Pastor de gado.

(6) De vida, e morte.

Do absoluto Poder) ⁽⁶⁾ dá-o a Galério.
Desce do Tribunal, ao Carro sobe;
E o que era Diocleciano, agora é Diócles.
Sem, no Paço, olhos pôr, sem voltar rosto,
Enfia Roma, e sem soltar palavra,
Guia a Salona, à Pátria. Deixa o Mundo
Entre assombros do Mando, que fenece,
Entre sustos do novo, que começa.

Enquanto ao novo Augusto, e aos novos Césares,
Saúda a Soldadesca, dentre o vulgo
Desliza Eudoro, e chega a Constantino,
Que irresoluto, ondeava, entre a estranheza,
Despeito, indignação, e dor profunda.

EUDORO (*com voz baixa*)

«Viste qual sorte é a tua? Que demoras?
Vem comigo ou te perdes. De prender-te
Orde' é dada ao Tribuno do Pretório.»
Trava do Amigo, ⁽¹⁾ e fora o pão de Roma,
Onde ⁽²⁾ Servos o esperam, para a fuga.
Bem que (Mártir futuro) imóvel fique
Eudoro, a que se salve, ⁽³⁾ insta, com lágrimas.
«Foge aos que vêm prender-te. Não os ouves?
Se o reservas, Senhor, ⁽⁴⁾ porque em teu Povo
David moderno, reine, a Saul o esquiva:
Mostra-lhe o trilho dos sertões de Zeila.» ⁽⁵⁾

(1) Constantino.

(2) Num sítio descampado, onde, alguns anos depois, em memória deste sucesso lavrou Constantino uma Basílica, intitulada à Cruz de Cristo.

(3) Constantino.

(4) Levantando as mãos ao Céu.

(5) *Paralipomenon*.

Ronca um Trovão, no Céu sem nuvens: fere
Muro de Roma, o Raio; no Anjo lavra,
Lá para o Ocaso, um luminoso sulco.
Ao Celeste sinal se humilha o Príncipe,
Abraça o Amigo, ⁽¹⁾ bate esporas, voa.

EUDORO (*bradando-lhe de longe*)

«Lembre-te Eudoro, quando eu deixe a vida.
Sê Pai, sê Protector da minha Esposa.»
Inútil voz! Que esfalfa aquém do Príncipe.
Eis Eudoro, sem Protector: ei-lo alvo
Da cólera, e furores de Galério,
Dum Rival, ⁽²⁾ seu Privado, e seu Ministro!
Pesa em Eudoro, dos Cristãos o Fado,
Pesa a Perseguição, e os ódios, e iras.
Por denúncia dum Servo, ⁽³⁾ foi Eudoro
Preso, à noite, e em masmorra vil, lançado.

Satã, Astarte, e o Pseudo-sábio Esp'rito
Tudo atroam, com gritos de Triunfo,
E ao Demónio Homicida o Mundo entregam.
Quando, furioso esse Anjo a Terra aflige,
C'ò vulto seu, deixando os sítios do Orco,
Usa morar, não longe de Cartago,
Nas ruínas dum Templo, em cujos Ritos
Se queimaram, outrora, humanas Vítimas.
Hidras de infesto olhar, Dragos do toque
Dos que a Catão as hostes lhe tragaram; ⁽⁴⁾
Ignotos Monstros, quais, cada ano, essa África

(1) Eudoro.

(2) Hierocles.

(3) De Hierocles.

(4) Vid. *Lucani Pharsal*.

Produz; Pragas de Egipto, Ares pestíferos
Guerras Civis, Moléstias, Leis injustas,
Que o Mundo despovoam, Tiranias,
Que o consumem, desse Anjo aos pés, se arrastam.
Desperta: e a enorme voz sai das ruínas
A, no Ar, revolver poeira em nuvens; ⁽¹⁾
Transpõe Mares, à Itália se arremessa,
Absconso em nuve' ardente; e em Roma, pára.
Na dextra a espada tem, na esquerda o Facho,
Com que ele anunciou, reinando Herodes,
Dos Meninos Hebreus o morticínio. ⁽²⁾

Ah! que, se o Ingenho meu, esteiassem Musas,
Celestes; ... de alvo Cisne dessem canto,
Sublime Estro, voz áurea me afinassem:
Quão fácil fora modular piedoso
Da cruel Perseguição as amarguras!
Vir-me-ia à mente a Pátria, ⁽³⁾ e retratando
De Roma o dó, de França o dó pintara.
Salve, Esposa de Cristo, Igreja santa;
Tens de triunfar. Também no Cadafalso,
Te vimos nós; também, nas Catacumbas.
Em vão te avexam; que do Inferno as portas
Não têm, de contra ti, prevalecerem.
Nos maiores soçobros longe-avistas
As plantas dos que a Paz te evangelizam. ⁽⁴⁾
Não careces de Sol; que em ti resplende
De Cristo a Luz: tu brilhas nas masmorras.
De Basan, do Carmelo a formosura
Definha, e murcha; cai a Flor do Líbano:
Mas tu sempre és louçã, sempre és formosa. ⁽⁵⁾

(1) Que, com a voz que rompe desses destroços se levanta aos ares.

(2) Dos Santos Inocentes.

(3) Os estragos da Revolução Francesa.

(4) *Pedes evangelizantium pacem*, dos que trazem a boa nova de Paz.

(5) *Super omnes speciosa, vale, o valde decora.*

Lavra a Perseguição, (qual lavra incêndio)
Desde as margens do Tibre, aos confins do Orbe.
Guerreiras mãos ruidosas desmoronam
As Igrejas: nos Tribunais, e ante Ídolos,
Se assentam Magistrados, que violentam
Turmas Cristãs, a dar incenso aos Numes.
Quem rejeita incensá-los, dão-no a Algozes.
De vítimas se atulham as Cadeias;
De rebanhos de gente mutilada, ⁽¹⁾
Vai pejado o caminho; à morte a levam,
E a forçado labor, e a cavas minas.
Cruzes, equúleos, férreos pentens, látegos,
Rasgam Filhos, e Mães; atam a postes
Nuas Donas (suplício infame, e torpe);
Dos pés lá pendem. Pejo, e Dor as matam.
Prendem, aos ramos, que a gran força curvam,
Membros que a rama, a soltas, ⁽²⁾ scacha, vivos.
Suplício próprio ⁽³⁾ dá cada Província.
Mesopotâmia queima a fogo lento;
Degola a Arábia; em aspas mata o Ponto;
Derrete o chumbo a Capadócia, e o verte; ⁽⁴⁾
No ardor dos tratos, matam sede aos Mártires
Co' a água arrojada ao rosto, a fim que a febre
Não lhes encurte o fio dos tormentos.
De os queimar, um por um, talvez casados
No fogo, de rondão, lhes dão consumo; ⁽⁵⁾
E, em cinzas, pelos ares, os derramam.

Galério, em ver dar tratos, deleitava-se:
Tão ferozes como ele, enormes Ursos

(1) Pelo martírio.

(2) Na força que os ramos fazem para soltar-se e virem ao seu estado natural.

(3) Da invenção de cada Província.

(4) Nos membros dos Mártires.

(5) Abreviando-lhes a vida.

Lhe vinham, a alto preço, e nome impunha-lhes
Terribil o cada Urso: enquanto janta,
Em repasto lhes dá Cristãos. Derrama
O teor desse avaro e torpe Monstro
Des-sossego, no Império; aumenta a sôfrega
Vexação. Capitães sem leis, sem sludo, ⁽¹⁾
Que, por sentença dão somente: — *Morra*,
Manda às Cidades; com rigor, pesquisam
Bens, medem prédios, contam cepas, árvores,
Registam cada rês. Força é cada Homem
Dar-se ao Censo, e do Censo ir a proscrito. ⁽²⁾
Porque a Galério avaro nada encubram,
Tratos aos servos dão, aos Filhos tratos,
Que contra os Pais deponham, contra os Amos,
E contra seus Maridos, as Mulheres.
Saiões vos forcem que nomeeis, oh Míseros!
Havidos Bens, e Bens que nunca houvestes.
Débeis enfermos, e Anciões caducos
Força o Exactor que cumpram seus mandados.
Todo o vivente o abrange a Lei tirana;
Que avulta a idade à Infância, acanha-a aos Velhos;
Nem desfalca do Augusto ⁽³⁾ o erário, a Morte,
Que até, co' a Sepultura, se aquinhoa.
Riscou-te a Morte; ⁽⁴⁾ não te risca o Censo:
Que, morto pagas, com se inda vivas.
Nem põe em couto aos Pobres a penúria;
Chasqueados, os cura da pobreza.
Barcas atulha, ⁽⁵⁾ o fundo se abre, e afoga-os.

Faltava inda aos Cristãos o último insulto!
Desquitá-los, do qual, não sofre Hierocles.

(1) Sem algum estudo de Leis.

(2) Logo que é rico, para o confiscarem, o proscrevem.

(3) Galério.

(4) Dentre os vivos.

(5) De pobres, que prende; para diminuir a miséria (diz ele chasqueando).

Sobre os de Cristo lacerados membros,
E entre os seus degolados Sacerdotes,
Esse, dos Sábios generoso Aluno ⁽¹⁾
Dous livros de blasfémias publicava ⁽²⁾
Contra o Deus, que adorou, em que a Mãe ⁽³⁾ crera.
Quanto é feroz, no Orgulho, esse Impio, e torpe!
Hardido, na Afeição, ardido no Ódio,
Aura propícia aguarda, em que o triunfo
Lhe orne a nova Cristã. ⁽⁴⁾ Demora, adrede
O suplício ao Rival, ⁽⁵⁾ fixo, em que a Homérea
Virgem, por que resgate a Eudoro a vida,
Quebrará do rigor, que use com ele.
Desesperado, alegre, vergonhoso,
Diz consigo: — «Valha essa extrema astúcia,
Co' a esquiva, co' a insolente Formosura.
Essa a dome. Vê-la-ei cair-me em braços,
Rogar de Eudoro a vida. E desfrutando
Duplicada vingança, em mãos de algozes
Lhe amostro o meu Rival. Leve, morrendo,
A dor, que, aos olhos seus, gozei da Esposa.»

Ébrio do alto Poder, Paixões não doma.
Nega Hierocles, que há Deus. Contraste estranho!
Crê no ruim Génio, crê no arcano mágico!

Falido à crença de seus Pais, habita

(1) Ironicamente.

(2) De Maximino (Galério) cruelíssimo tirano, e o mor inimigo do nome Cristão, refere Eusébio Cesariense, que mandou compor um livro cheio de mentiras, e blasfémias contra J. C. Nosso Redentor, e que os Mestres das escolas o lessem, e os Meninos aprendessem por ele, e o cantassem pelas ruas; que foi a mais prejudicial de todas as perseguições, que os Imperadores idólatras levantaram contra a Igreja. — JOÃO DE LUCENA. *Vida de Xavier*, lib. 2, cap. 4.

(3) A Mãe de Hierocles, que era Cristã.

(4) Cimódoce.

(5) Eudoro.

Em Roma, Hebreu, a quem comércio, co' Orco
Assoalha o Vulgo. Em rotos Subterrâneos,
Do Palácio de Nero tem pousada.
A apaniguado seu encarga o Apóstata,
Co' infame Hebreu vá deparar nocturno.
No mandado fatal, imbuído o Servo,
Corta, pelas ruínas; dá, lá no âmago,
Entre lóbregas campas, c'um Velhusco,
Que, as mãos que lhe engelhara o frio, aquece
Ao lume ascoso de ossos insepultos.

SERVO (*espavorido*)

«Velho, tens tu poder de pôr em Roma,
Uma Escrava Cristã, fugida a Hierocles?
Toma a esse ouro: ⁽¹⁾ e responde sem receios.
Em Solima ela jaz.» O ouro fulgente,
E o nome de Solima um sorriso hórrido
Arrancaram do Hebreu.

HEBREU

«Conheço Hierocles,
Por quem tudo obrarei. O Orco eis consulto.»
Cava chão, o trava da Urna, que em seu bojo,
De Nero as cinzas guarda sanguinosas.
Quem, primeiro aos Cristãos vexou, foi Nero;
Gemer, nessa Urna, lástimas se ouviram!
Por vezes três no Oriente, afirma o rosto;
Três bate as palmas, três (profano!) a Bíblia
Revolve; eis que exala misteriosas
Palavras três; evoca o atroz Esp'rito. ⁽²⁾
Morre o brasido de ossos! O Chão treme.

(1) Arrojando-lhe uma bolsa.

(2) Dos Tiranos.

Pelos membros do Servo co' o susto,
Eriça-se-lhe a coma. Ante o Hebreu, pára
Sp'rito de ignoto vulto.

HEBREU

«Oh tardo ⁽¹⁾ Esp'rito!
Transferir, de Solima, a Roma, vales
Cristã Escrava, a seu Senhor fugida?»

ESP'RITO INFERNAL

«É fraco o poder meu: Maria a ampara.
Dum voo, à Síria levo o Édito, e as Ordens
De Hierocles, se te apraz.» Consente o Servo
E a seu Amo impaciente informe leva.

Transmuda-se em Correio o torpe Esp'rito
Pousa em Jerusalém, insta ao Centúrio
Em nome do Ministro de Galério,
Que as Ordens cumpra, que a Cristã reclame.
Cumpridas são. Dá-se ao Governo o Edito.
As portas do Sepulcro os Guardas fecham: ⁽²⁾
Expulsos os Cristãos, são derramados,
Sem que, pia, a ampará-los baste Helena.
Galério ovante, Constantino prófugo,
Da Princesa, (e não tarde!) a sorte mudam.
Que, como a Dita aos Reis submissão firma,
Firma a jurada Fé, firma a Lealdade,
Lhes solta, ou rói os laços o Infortúnio!

Era o prazo, em que o sono os olhos cerra,
Repousa a Ave em seu ninho, a Rês no vale:
Fadigas cessam; torce, lenta, o fuso

(1) Que não acudira presto a seus conjuros.

(2) Do Santo Sepulcro.

A de famílias Mãe, ao Lar vizinha;
É amortecido o lume. Então Cimódoce,
Que o Esposo, e o Pai aos Céus comete assídua,
Orando, se adormece. Avista-o ⁽¹⁾ em sonho, ⁽²⁾
Squálida a barba, e as cãs, brotando lágrimas,
Jove o ceptro augural com mão bem frouxa;
Do cavo peito arranca agros suspiros.

CIMÓDOCE

«Como, oh Pai, tua Filha desamparas.
Já a Fé jurada não reclama Eudoro?
Porque sulcam teu rosto, acerbos prantos,
E, te esquivas de apertar Cimódoce?»

DEMÓDOCO (*figurado em sonhos*)

«Cerca-te ateado incêndio. Foge a Hierocles,
A quem te entregam deuses que deixaste:
Há-de o teu Deus triunfar. Mas quantas lágrimas
Tem de teu Pai verter, em larga veia!»
Desaparece o Spectro, e rouba o Círio,
Que, no Esposório a Eudoro, da Ara, deram. ⁽³⁾
Viu, co' incêndio roxear paredes, leito...
Salta ao chão, que já lambe a labareda
O sagrado Sepulcro. Vão-se às nuvens
Rolos de fumo, e flamas; nas montanhas
De Judeia, e ruínas de Solima,
Flavi-rubro clarão trémulo fere.

Desque a nova do Edito entrou em Síria,
Nunca de Helena se afastou Cimódoce.

(1) O Pai.

(2) Imitação de Virgílio na *Eneida* II.

*In somnis ecce ante oculos mæstissimus Hector
Visus adesse mihi, largosque effundere fletus, etc.*

(3) Dos Círios, que estavam no altar, quando o Esposório se celebrou.

Co' as mais Damas Cristãs, numa Capela,
Da nova Sião angústias lastimava.
O Ministro de Hierocles, dissuadido
De deparar, co' a nova Catecúmena,
E da Sposa dum César não ousando
Por alto esguardo, quebrantar o asilo,
No Templo, ⁽¹⁾ incêndio ateou. Fia, em que a Virgem
Sairá do asilo, ⁽²⁾ e a espera, com soldados,
Porque a prenda, na envolta e no Alvoroto.
Doroteu, que aventara o intento astuto,
Sobe ardido às paredes desabadas,
Por pêndulos, queimados vigamentos;
No Paço entra de Helena. Algumas Damas ⁽³⁾
Nas ermas galarias, pátios íntimos,
Fora de si, o altar dos Reis ⁽⁴⁾ cingiam.
Vê Cimódoce, co' a Ama, irem correndo:
Ama, que mais não viu, nem dela soube.

DOROTEU

«Fujamos. Que é negado quanto amparo
Te houvera Helena dar. Teus inimigos
Foutos são a arrancar-te de seus braços.
Um subterrâneo sei, sei porta oculta,
Que dá longe dos muros de Solima.
O resto — encomendá-lo à Providência.»

Por onde o Paço, com Sião, confronta,
Guia ao Calvário uma ignorada porta;

(1) O Santo Sepulcro, contíguo ao Palácio de Helena.

(2) Cimódoce.

(3) Imitação de Virgílio, *Eneid.* II.

*Hic Hecuba est nata, nequicquam altaria circum
Præcipitas, etc.*

(4) Em que os Reis de Judá sacrificavam, dentro do seu Palácio.

Por ela (obséquios ⁽¹⁾ esquivando) Helena
Ia, às vezes, orar à Cruz sagrada.
Doroteu, manso e manso, com Cimódoce,
(Quanto o corpo ali passe) a abriu, e em fora,
Nada, que assuste, vendo, lentos surdem;
Dando-lhe ⁽²⁾ o braço; ruínas atropelam;
Mais o passo aceleram, quando cortam
Por sítios de concurso. Se ouvem passos,
Trás si, se escondem: se armas, pelo escuro,
Vêem luzir, de atalaia; param quedos.
Trás eles brama o incêndio, a Plebe grita...
Salvos, por fim, transpõem desertos Vales
Que separam Sião, do monte Gólgota.

Da sua encosta rompe ignota via:
Tapam-na moitas de Aloés, de Zambujos.
Desmaranha-as o Guia; ⁽³⁾ e o umbral ⁽⁴⁾ transposto,
Fere a pedra, dá lume a um seco lenho:
Segue-o a Virgem, por lóbregas abóbadas.
Nelas, David, outrora, chorou culpas;
Como o indicam, no longo dessa estrada ⁽⁵⁾
Versos ⁽⁶⁾ de imortal dor, na ânsia exalados.
Nas muralhas subtérreas vês sculpidos
Seu Cajado, sua Harpa, seu Diadema.

Lembranças do passado urgentes sustos,
E esse Monte, ⁽⁷⁾ que viu o sacrifício

(1) O acatamento, que em público, e em particular cabia à Esposa dum César.

(2) Doroteu a Cimódoce.

(3) Doroteu.

(4) Do subterrâneo.

(5) Subterrânea.

(6) Escritos pelas paredes. *Miserere; De profundis; Domine; Ne in furore, etc.*

(7) Monte Mória.

De Abraão, no cimo seu; e, nas entranhas,
Do Rei Profeta o Monumento encova
Dos dous Cristãos ⁽¹⁾ os peitos comoviam.
Dão-se pressa a sair da senda escura,
Olhai-os entre Montes, e em caminho
De Betleheem, de Ramá, Campinas mudas,
Onde consolações Raquel enjeita. ⁽²⁾
No Presepe repousam do Messias.
Ermo é Betleheem, a Grei Cristã dispersa.
Entra, onde nasceu Cristo, a Virge' e o Guia.
Pasmam de ver, que o Deus, que os Orbes volve,
Em tal gruta nasceu. Venerabundos,
Anjos, Pastores, Magos, o Universo
Têm de ali vir, um dia, render cultos.
De of'rendas, que Zagais Hebreus deixaram, ⁽³⁾
Houveram refeição, de sobra, os míseros.
De ternura, Cimódoce chorava:
Dão-lhe, na alma, prodígios do Presepe.

CIMÓDOCE

«Pela primeira vez, Jesus Divino,
Sorrio, neste presepe à Virgem pura.
Ampara, oh Mãe Divina, esta Cimódoce.»
Dá graças logo ao generoso Guia,
Que a p'rigos tais, por ela se aventura.

DOROTEU

«Velho, e (por sobra) já Cristão provado,
Tribulações converto em regozijos.

(1) Doroteu, e Cimódoce.

(2) *Rachel plorans filios suos, et noluit consolari quia non sunt.*

(3) Por devoção.

(4) Doroteu, e Cimódoce, prostrando-se ante o presepe.

De nós te apiada, ⁽⁴⁾ oh Pai de gran Clemência.
Por nos remir, teu Filho, aqui, nascendo,
Primeiras te of'receu Divinas lágrimas.»

Já punha o Sol, ao giro o usado termo:
Sai Doroteu co'a Filha de Demódoco,
Na fé, que algum Pastor encontraria.
Eis do monte Engadi, vê vir descendo
Varão cingido, com trançados juncos;
Desalinhada a barba, hirsuta a grenha,
Cargo de areia, em vasto cesto, aos ombros,
Com que, curvado emboca, numa furna.
Mal que avistou os dous, derruba a terra,
O cargo, e arremessando irada a vista: ...
«Até, neste ermo (diz) vindes turbar-me,
Vãs Delícias de Roma? Aniquilai-vos!
De penitência armado, assaz descubro
Tramas vossas: de tais forcejos mofo.»

Qual, no mergulho, afunda uma Águia aquática,
Tal se atira o Varão à cava gruta.
Doroteu, que Cristão o julga, adianta-se;
Pela fenda do umbral, assim lhe clama:
«Cristãos fugidos pedem-te hospedagem.»

SOLITÁRIO

«Não: que é mui bela; e é mais que Filha humana.»

DOROTEU

«Grega, e Esposa de Eudoro, e Catecúmena;
Quais Cristo aos servos ⁽¹⁾ pede, verte prantos.»
Qual, de Oliva c'roado, à Olímpia luta,
Corre Atleta, tal corre a abrir-lhe, e exclama:

(1) Aos Cristãos, que o servem.

«Franca é a gruta à, do caro Eudoro, Sposa;
Sou Hierónimo.» Conhece a Virge' o Amigo ⁽¹⁾
Do que ouviu Tráseas, de Cipião na Campa.
Doroteu, que, na Corte, vira a Hierónimo
(Vero Epicúreo então) estava estranho
De o ver austero, e magro Anacoreta.
Entram na Spula: a Bíblia, em sparsas folhas,
Stá co' a caveira. Explica-se a jornada
Da Peregrina, mil lembranças brotam
Maviosas, casos mil que assomam ⁽²⁾ lágrimas.
Assim as águas vêm de vários Montes,
A correr juntas, num cavado Vale.

HIERÓNIMO

«Meus erros deram causa à Penitência.
Ser-me-ás campá, se berço foste a Cristo;
Belém, ser-te-ei leal. Que fito levas?» ⁽³⁾

DOROTEU

«Buscar, em Jope, amigos.»

HIERÓNIMO

«Hoje, Amigos?
Que desditoso que és! Um Moabita,
Que, dessas fragas, e alcantis, baixando,
Caminha a Jericó, na Primavera,
Limpo o Céu, fresca a aragem, des-sequiioso
Depara, a cada instante, com vertentes
De cristalinas águas. Vem de volta,

(1) De Eudoro, e companheiro de Agostinho, de quem tinha falado Eudoro, na relação que fez da sua vida.

(2) Fazem com que assomem lágrimas aos olhos.

(3) A Doroteu.

Quando estala o Trovão, na acesa Quadra;
Arde em sede, e não vê mesquinha veia
De água no Vale, ou Monte. Secou tudo.

Altos Destinos! ⁽¹⁾ Quais, contigo, Eudoro,
C'ó broquel dos Cristãos, são meus deveres!
Sustos, ⁽²⁾ que montam? Sposa... amas, e foges?
E, se nesta hora a Fé o teu Esposo aclama,
Não vás pleitear-lhe a palma do Martírio?
Crês, que, no Trono da fogueira ardente,
Te aceite Esposa, se te vê sem palma? ⁽³⁾
Só Rainhas, ao lado, um Rei consente.
Cumpre o dever: reclama o Sposo, em Roma.
Lá a palma cortarás, que te orne as núpcias...
Que digo? Inda não és da Grei de Eleitos. ⁽⁴⁾
Sê já Cristã. Na frente ondas saudáveis
(É vizinho o Jordão) prestes lhe verto.
Deus lhe doou vigor, nelas banhado. ⁽⁵⁾
No seu pego achas vida, e a Morte ⁽⁶⁾ isentas.
Doutrina suficiente te alumia,
E muito já aprendeu, quem, por Deus morre.»

CIMÓDOCE (*com temida mansidão*)

«O teu dizer Divino, em mim, se cumpra
Doutor sagrado, e Sacerdote Santo.
Dá-me o baptismo. Aos pés do amado Esposo,
Serva fiel serei, que não Rainha.

(1) Tendo ficado suspenso, e entranhado em profundas considerações, arrebatado rompe no seguinte.

(2) Como fora de si, e esclarecido com Divina luz.

(3) Do martírio.

(4) Pára extático, e logo continua.

(5) J. C. baptizado no Jordão lhe deu Celeste virtude.

(6) A Morte eterna.

Só me pena o negar-se-me, no Itome,
Ir ver c'ó caro Pai, o meu rebanho;
Não lhe dar meus disvelos, na velhice,
Como ele os seus me deu, na minha infância.»

De mesclar, c'ó moderno, o antigo Culto,
Lhe vem às faces cor, que lavam lágrimas.
Assim, na sossegada, Noite amena,
Quando, co' alento seu, bafeja o Zéfiro
Duas Harpas, seus sons fugaces mesclam-se;
Assim duas Liras fremem, quando juntas;
Grave uma, em Dório tom, ressoa, a tempo
Que outra dá Iónio acento voluptuoso.
Tais, na Florida, ⁽²⁾ argenti-plúmeas Aves ⁽³⁾
Asas movem sonoras, nos pastios
Seu meigo ruído, a par nos ares rompe
Na orla da Selva, o Indiano apronta o ouvido
Aos sons, que no ar ondeiam, e imagina
Que, de almas Paternais o Canto escuta.

FIM DO LIVRO XVIII.º

(1) Na América ocidental.

(2) Cegonhas da América.

NOTAS DO LIVRO XVIII.º

Pág. 208, verso 6. Lourenço.

De S. Lourenço falou já o Poema. S. Vicente era de Saragoça. Padecidos imensos tratos, o arremessaram numa masmorra, onde os Anjos lhe vieram falar, e sará-lo das feridas. Algozes depois o degolaram. Eulália, ou Olaia, Virgem, e Mártir de Portugal, era de Mérida: no instante em que morria exalou uma Pomba pela boca; Pelágia de Antioquia sumamente formosa (como também sua Mãe, e Irmãs) vendo-se presas, e em poder de soldados, receosas que lhe maculassem a pureza, sob pretexto honesto, se retiraram, e abraçadas umas com outras, se arremessaram no Oronte, e se afogaram. Inspiração do Espírito Santo se presumiu. De Santa Felicidade, e Perpétua se fez menção, e se fará ainda no fim do Poema.

Ibid., verso 16. Pixides.

Ainda hoje, se vêem, em Roma, no Museu Clementino, essas Píxides e os instrumentos, com que atormentavam os Mártires, *v.g.* pesos, com que lhes estiravam os pés (quando postos no Equúleo), unhas de ferro, com que lhes rasgavam as carnes, Scorpiões (os açoutes, com rosetas) com que os dessangravam, etc.

Pág. 209, verso 12. Tibur.

Sabem as pessoas lidas, que Horácio viveu (e morreu talvez) em Tibur; mas poucos sabem, que esse aprazível Tibur, o immortalizam as relíquias de Santa Sinforosa, e seus sete filhos Mártires, que não quiseram, sob Adriano, sacrificar aos Ídolos. Novos Macabeus, enterrados nas margens do Anio (seu paterno Rio), junto ao Templo de Hércules.

Pág. 217, verso 24. Dragos.

Catão, se a Plutarco, e a Lucano damos crédito, tão monstruosa Serpente achou em África, à borda do Rio Bágrada, que foi necessário para a matarem, que trabucos de guerra laborassem.

Pág. 219, verso 14. Rasgam Filhos.

Grande quantia de Cristãos condenados foram a morrer à força de ferro, e de fogo. Dizem que apenas o arresto foi pronunciado, infinda soma de Homens e Mulheres apressados, e contentes se arremessaram à fogueira. De incrível multidão de Cristãos se conta, que maniatados foram em barcas afogados no Mar. As prisões, que outrora encarceravam criminosos por homicídio ou desacato de sepulturas, rebentavam da imensa quantidade de pessoas inocentes, de Bispos, de Sacerdotes, de Diáconos, de Leitores, de Exorcistas... a não dar sítio para aí encerrar os Réus.

Quem, sem pasmos, contemplou a invencível constância com que esses generosos defensores da Religião aparavam os golpes dos açoites, as mordeduras, e rasgões das feras avezadas a chupar o humano sangue? o ímpeto de Leopardos, Ursos, Javalis, e Touros que com férreas rubras choupas contra eles assanhavam?...

Indizível quantia de Homens, de Mulheres, e Meninos desprezaram vida mortal em defesa da Doutrina de J. C.. Uns foram queimados vivos, outros lançados ao Mar, depois de os haverem rasgado com unhas de ferro, e terem padecido quantos tormentos algozes dão. Alguns iam alegres oferecer os pescoços ao cutelo, alguns morreram nas angústias da tortura, consumidos outros pela fome; muitos, na Cruz cravados e até com a cabeça para baixo; e ali os deixavam perecer de fome... Não deparam os Historiadores com palavras que exprimam a violência das dores, e a crueldade dos suplícios, que os Mártires padeceram na Tebaida.

Em lugar de unhas de ferro, com cacos de louça os dilaceravam até darem o último arranco. Mulheres em guindastes penduradas por um pé, expostas inumamente nuas à infâmia; Homens, presos os membros a troncos forçadamente curvos, esquartejados. E violências tais continuadas, não por dias, mas por anos: hoje dez em variados tormentos, talvez vinte, cinquenta, e ainda cem...

Já à força de matar andavam embotados os fios das espadas; e cansados se revezavam os verdugos. Mas que generoso ardor, que insofrimento nobre o desses Cristãos! Não há frases, que descrevam a generosa constância que nos suplícios demonstravam. Como era ao vulgo concedido o ultrajarem os Mártires, com bordões os feriam, e com vaquetas; já com lâtegus de couro cru, com cordas; escolhendo cada um, segundo sua ruindade, particular instrumento com que os atormentasse.

A colunas eram alguns atados, e com máquinas lhes estavam estirando os membros. Logo lhes rompiam as carnes com unhas de ferro, não só pelas costas, como aos homicidas, mas pelo ventre, pelas coxas, e semblante. Pendentes por uma das mãos, aos balcões duma galaria, estirados os nervos, lhes

davam dor incomportável: ou já atados a postes, sem que toquem com pés o chão, lhes apertavam peso do corpo os nós, e nessa postura constrangida, lhes fazia o Juiz perguntas, ou os deixava assim dias inteiros. (EUSÉBIO, cap. 62, 8, 9, 10 e 12 do Liv. 8).

Pág. 222, verso 20. De Nero as cinzas.

Lavra, em Roma, uma tradição vulgar, que havia, nos tempos passados, à porta, dita hoje *d'el Popolo*, uma Árvore, em que vinha pousar, de vezo, um certo Corvo. Cavaram ali, e deram c'uma Urna, e nela rótulo — *Cinzas de Nero*. Derramadas elas ao vento fundaram a Igreja de N. S. *d'el Popolo*. Se é certa a tradição, falso é o Túmulo de Nero a duas léguas de Roma, caminho da Toscana.

Pág. 223, verso 1. Co' o susto.

*Pavor tenuit me et tremor, et omnia ossa mea perterrita sunt.
Et cum spiritus, me præsentem, transiret, inhorruerunt pii carnis meæ.
Stetit quidam cujus non agnoscebam vultum et vocem quasi auræ lenis
audivi.* (JOB. cap. 4.)

Ibid., verso 24. Era o prazo.

*Tempus erat quo prima quies mortalibus ægris
Incipit.* (*Æn.* II).

Pág. 224, verso 4. Avista-o em sonho.

*In somnis ecce ante oculos mætissimus Hector
Visus adesse mihi: largosque effundere fletus.
.....
Squalentem barbam.
Sed graviter gemitus imo de pectore ducens.* (*Æn.* I. 270 et seq.)

Ibid., verso 12. Foge a Hierocles.

Heu fuge eripe flammis. (*Æn.* II, v. 289).

Pág. 225, verso 15. Nas ermas galarias.

Apparet domus intus, et atria longa patescunt.

.....

*Ædibus in mediis, nudoque sub ætheris axe,
Ingens ara fuit, etc.*

FIM DAS NOTAS DO LIVRO XVIII.º

OS MÁRTIRES

LIVRO XIX.º

ARGUMENTO

Volta Demódoco ao Templo de Homero. Mágoa que ali concebe. Dão-lhe novas da Perseguição. Parte a Roma, onde cuida que Hierocles mandou trazer Cimódoce, que Hierónimo baptizara no Jordão. Ela chega a Ptolomaida, e se embarca para Grécia. Deus levanta uma tormenta, que a lança em Itália.

DAS tristezas dum Pai, quem a amargura
Poderá descrever? Levado a Atenas
Tinham servos o Antiste. Este, nos Pórticos
De Palas protectora, a noite aflita
Passou, a fim, que ao primo Sol nascente,
Descortine a Galera de Cimódoce.
Apenas que assomou, no monte Himeto,
A Estrela da manhã, perenes lágrimas
Deslizam, pelas faces de Demódoco.
«Quando hás do Oriente vir, como ora esse Astro
Sobe, raiar-me, na alma oh Filha, júbilos?»

Já a Aurora apavonava as ermas ondas,
Ermas, que nenhum lenho nelas voga.
Só nota alguma esteira, que alisaram
Baixéis, que já c'os olhos não conquista. ⁽¹⁾
Já doura, e enfusca o Sol a equórea face ⁽²⁾

(1) O liso rego que nas vagas deixa o Navio, pela popa, quando navega.

(2) Dúplíce reflexo, que o Sol nascente causa nos mares da Grécia, bem observado já por Chandler.

No azul do Ático Céu: nuvens serenas, ⁽¹⁾
Cá, e lá paradas, rósea cor as tinge,
(Qual cingem vanda as Horas) ⁽²⁾ stão banhando-se
No rosicler do Sol. Donoso Quadro,
Dás prantos, dás soluços a Demódoco!
Que desque à luz Cimódoce lhe veio,
Foi este o primo Sol, que o viu, sem ela.

Baldando empenhos, ⁽³⁾ nele, louva-se o Hóspede
(Vendo tal pranto, e dor) que ermo ⁽⁴⁾ é de Filhos.
Tal o pastor, no côncavo dum Vale,
Se ouve troar, ao longe, a artilharia,
Lastima as, que na Guerra, caem, vítimas;
Seus penhascos bençoa, e seu tugúrio.

A Messénia voltar, deixando Atenas,
Desde o crástino Sol, traçou Demódoco.
Magoado, ir por caminhos, não consente,
Que, co' a Filha trilhou. De Olímpia o rumo
Toma em Corinto. As, que celebram, splêndidas
Festas o cansam, causa-o o regozijo
Que ouve, em margens do Alfeu. As serras de Élide
Transpondo, avista Itome, e os altos cumes.
Cai, em braços dos Servos, c'um delíquio;
Entra, no Homéreo templo, infiado, ⁽⁵⁾ e trémulo.
Juncavam-lhe o lumiar ⁽⁶⁾ des-verdes folhas;
Erva apontava em todas as veredas.
Tanto, do chão se apagam passos de Homens!

(1) *Unde serenas*
Ventus agat nuves. — VIRGIL. *Georg.* 1.

(2) Cor de rosa é a vanda, com que as Horas se cingem.

(3) Disvelos com que o amigo, que hospedou Demódoco, forcejava distraí-lo da mágoa, que lhe causava a ausência da Filha.

(4) É atrevida a metáfora. Mas creio, que em parte a desculpa a similhaça dum campo sem arvoredo c'uma Casa sem família.

(5) Camões disse: Apolo a cor perdeu, como infiado.

(6) Do Templo.

Extinto o Candelabro, morta a cinza
Ali jaz, do holocausto derradeiro,
Que imolou, pela Filha, aos Numes. Prostra-se
Ante a Imagem do Vate. (1)

DEMÓDOCO

«Oh tu, que és o único,
Que és todos meus Parentes, e que as mágoas
De Príamo cantaste: hoje, oh! lastima
A dor do último garfo desse tronco.»

Eis que estala, na Lira de Cimódoce,
Uma corda. Estremece ao stalo o Antiste!
Ergue olhos, vê pendente, da Ara, a Lira...

DEMÓDOCO

«Que hei-de mais ver? Não tenho Filha! É morta!
Na corda, que estalou, mo indica a Parca
Infeliz Pai!» Ao grito, os Servos correm
E, a seu mau grado, em fora o pœm do Templo.
Cada Aurora amarguras vão medrando,
Ferem-lhe a alma lembranças saudosas.

DEMÓDOCO

«Aqui lições te dei de Canto, oh Filha!
Comigo, além, passeavas! Nada aflige,
Como o ver sítios, onde, já, ditosos
Versámos; se acontece, que percamos
O Objecto, que aditava a nossa vida!»

Comovidos das penas de Demódoco,
Consentem os Messénios, que interrompa
Das sagradas funções a usada série.
Banhado em prantos, se ia, a passo cheio,

(1) Homero.

Definhado, ao sepulcro: vir, da Filha
Descaminhadas Cartas, nega o Oriente.
Empregar, nesse Ancião, meigo disvelo
Não podia Lastenes, nem Família;
Que, morta a Mãe, ⁽¹⁾ andavam foragidos.
Quantas, aos surdos Numes, não deu Vítimas?
Que hecatombes ao Deus do Mar não vota,
Se às margens do Pamiso volta a Homérea?
Morre o Dia, e renasce, e vê Demódoco
Co' as mãos, no sangue, a devassar entranhas
De Touros, de Juvencas. Não há Templos,
Que não visite: a consultar Arúspices,
Vence as fragas do Ténaro empinado.
Trajando lutos, bate às brônzeas portas
Do Delúbrio das Fúrias; dons of'rece,
Às três fatais Irmãs, expiatórios;
Como que fora crime o seu desastre. ⁽²⁾

Já, de flores se c'roa, e riso afecta,
Num rosto, onde resvalam crebras lágrimas
Porque (adversário a prantos) algum Númen
Lhe acuda, a si propício. Se obsoleto
Lá, de eras de Nestor, lá, de eras de Inaco,
Rito aventa, renova-o apressurado.
Lê sibilinas laudas; solta acentos
Por, de ventura havidos; foge a encontros
De estreia ruim, e a réprobos ⁽³⁾ manjares.
Ventos, nuvens observa, Aves inquire...
Não depara à sua ânsia assaz Oráculos.
Cansado Ancião, da tua Filha a sorte
Escuta-a, lá, no Itome, a sons de Tuba. ⁽⁴⁾

(1) Séfora.

(2) De não ter novas da Filha.

(3) Que a superstição reprova.

(4) Que anunciava o Edito contra os Cristãos.

Corria os Campos, com infindo séquito,
O Pretor da Messénia, e proclamava
Galério Imperador; vozeava o Editto,
Que proscreve os Cristãos. Não crê Demódoco
Que bem ouviu. Corre a Messénia. Tudo
Confirma o seu desastre. Um Baixel vindo
Da Oriental praia, em Coroneia surge.
Conta a Virgem ⁽¹⁾ roubada de Solima,
E dela já apossado impio Hierocles.
Dá-te a Desgraça força, oh Pai misérrimo,
Com que vás reclamar a Filha, a Roma,
Prostrado ante Galério. Antes que partas,
Ao Divo Homero, no seu Templo, of'reces,
Co'a Urna lacrimal, Galera ebúrnea.
Vendes Lares, e as púrpuras do Tálamo,
Da Esposa o véu nupcial, guardado à Filha!
Embolsado de quantos bens possuis,
Vás resgatar a Filha único-amada.
Disvelos vãos! Não cede o Céu conquistas;
E não paga todo o Orbe, e seus tesouros
A C'roa, que a recém-Cristã granjeia.

Nem tinha o Mundo já parte, em Cimódoce,
Que em saudáveis águas renascida,
C'os Celestes, ganhou, no Empíreo, assento.
Deixa, com Doroteu, Bethleem, e a Gruta; ⁽²⁾
Trilha, ao nascer do Sol, estéreis fragas.
Qual João no ermo, trajou, ⁽³⁾ trajando Hierónimo,
Nos caminhos, guiava a Catecúmena.
Já, às últimas, chegava, Serranias
Da Judeia, que às ondas do Mar-morto,
Que aos vales do Jordão são cerco, e muro.

(1) Cimódoce.

(2) De Hierónimo.

(3) S. João Baptista que trajava um tecido de pêlo de Camelo.

Do Norte, ao Meio-dia se prolongam
Duas alas de Montes (saibro, e greda)
Sem colos, sem rodeios, parecidos
Com troféus de armas, rolos de bandeiras, ⁽¹⁾
Com Quartéis, nos confins do plaino assentes.
Lá, do ramo da Arábia, negras rochas,
A prumo, em borbotões bolsam ⁽²⁾ precípites
Enxofre, no Mar-morto, ⁽³⁾ e atro bitume.
Uma ténue avezinha, ali, de balde,
Talo de erva rastrear, que a alimente.

O val, que abarcam serras tão esquivas
É o chão que o Mar deixou, há longas eras,
Marinhas, seco lodo, areia móbil,
Que, inda amostrando está undosas rugas.
Longe em longe enfezado Arbusto aponta
Num chão mortal; com custo, vem, tardio e,
Do sal, que o nutre, as folhas vêm lavradas;
De fumo a casca tem ressaibo, e cheiro.
Vilas não vês, vês Torres derrocadas;
E ao val retalha um desbotado Rio,
Que, como a seu mau grado, ao Mar resvala,
Que pestífero o sorve. Não distingues
Qual rumo, no areial, a veia toma.
Por orla, tem Salgueiros, e Tábuas,
Em que se embosca o Arábio, e donde espregita
Romeiro, ou Viandante, a quem despoja.

HIERÓNIMO

«Estes sítios me olhai; sítios de fama
Por maldições, por bênçãos, na Escritura!

(1) Bandeiras enroladas.

(2) Dizem as Amas, que o Menino bolsa o leite, quando a sobejidão lho não consente no estômago.

(3) Rugas, na areia, ou no lodo, parecidas com as que encrespa o vento, na face do Mar.

Jordão é o Rio, é morto o Mar, e o Lago... (1)
Brilhar o vedes: mas as Rés Cidades, (2)
Que em seu álveo tragou, o empeçonharam.
Órfão de alma vivente, nunca as ondas,
Sulcou Baixel, de seu profundo pego.
Seu brejo é sem verdura, é esquivo às Aves;
De sobra amarga, e anoja a linfa sua.
Tão pesada, que o mor rojão de vento
Não consegue enrugá-la. Os Céus se abramam
C'os fogos, que a Gomorra consumiram.
Quão alheias às ribas do Pamiso,
Ou Vales do Taigete! Estás, Cimódoce,
No caminho de Hebron. Aqui troava.
Josué, sustando o Sol, no giro etéreo.
Iras de Jeová fumeia ainda
O chão, que vês! O chão, que Jesus Cristo
Depois, com voz piedosa, há consolado,
Por tão sacros Sertões, vás, Catecúmena
Buscar o Esposo que amas. As memórias
Deste ermo triste e grande, irão mesclar-se,
Co'as do amor teu; fá-lo-ão mais grave, e forte.
Basta olhar estas margens de amargura,
Por que as Paixões mais ceves, ou mais domptes.
Legítimo amor tens, cândida Virgem,
Nem te é forçoso, como ao triste Hierónimo,
C'ó Peso o (3) assoberbar de ardente areia.» (4)
Disse: e já do Jordão descendo ao Vale
Cimódoce, a quem sede aflige, e abrasa,
Colhe um pomo, que imita a Cidra de ouro,
Toda cinzas a polpa, amargo o suco.

(1) Asfaltite.

(2) Sodoma, e Gomorra.

(3) O Amor profano que causa foi da sua penitência.

(4) Vid. verso 714 do Livro 18.

HIERÓNIMO

«Gostos da vida!» O pó dos pés sacodem,
E vão vencendo via os três Romeiros,
Para um Tamarindal, ⁽¹⁾ onde vêm Bálsamos,
De Troncos, que em areias alvas medram.
Pára Hierónimo ali; parando aponta,
No imóvel do sertão, móbil objecto.
Flavo, profundou Rio, que devolve
Linha pesada, e lenta. ⁽²⁾

HIERÓNIMO (*saudando o Jordão*)

«Oh! não se estrague,
Virgem mais que ditosa, um só momento.
Acorre a vida haurir, no sítio próprio.
Onde, ao sair desse ermo, a pé enxuto,
Gente Hebreia o passou; onde o Baptismo,
Das mãos do Precursor recebeu Cristo.
Do tope do Abarim, Deus denotava
Ao grão Moisés as Terras prometidas.
Na c'roa desse Monte, aí fronteiro
Orou Jesus, por ti, quarenta dias.
Caia o muro de trevas, quando ante olhos,
Os de Hiericó, stás vendo, aluídos muros, ⁽³⁾
Na alma, a que pôs assédio, ⁽⁴⁾ entre hoje Cristo,
Alegre Triunfador, a passo franco.»

(1) Dizemos Rosal, onde vem muita Rosa; Canavial, onde muitas Canas crescem.

(2) Como água que tanto enxofre, tanto bitume consigo leva.

(3) Les Grecs et les Romains qui peignaient tout avec vivacité et goût, usaient d'inversions de frases; leurs mots n'avaient point de place fixe ils les arrangeaient comme ils vouloient. (*Dialogue sur le Poème épique*).

(4) Compara a alma pagã à Cidade de Hiericó, na qual entrou Josué, depois de sete dias de assédio e aluídos os muros seus, ao som das tubas dos Levitas.

Ao Rio o Solitário, ⁽¹⁾ e a Virgem descem.
Doroteu, que contempla, único, a cena,
Com pio afeito ajoelha, e o nome indica
De Ester, que orne o Baptismo da Afilhada.
Quais se afastaram já, no mesmo sítio,
As águas do Jordão, para a Arca santa,
Tais, para a nova Ester, se abrem, se arredam.
Das roupas Virginais, que a veia ⁽²⁾ embolsa
Lhe veleja, enfunada, ao longo, a cauda.
Ante Hierónimo inclina a frente, e abjura
(Com voz que tudo encanta, de suave)
Quanto obra é de Satã, de Satã pompa.
Colhe a linfa, que as almas regenera,
Numa concha, e lha derrama Hierónimo
Na frente humilde, e o Céu fitando invoca
Os nomes sacrossantos de Deus trino.

Pelos ombros, ao golpe da água rápida,
Que lhe embebe os anéis, e os des-novela,
Destoucada a madeixa, se debruça.
Assim, da Primavera o rócio brando,
Os nevados Jasmins humedecendo,
Pelo aroma ⁽³⁾ das hásteas, se desliza.
Baptismo santo! Oh como enternecias,
Dado, ali, no Jordão, quasi, que a ocultas!
Quanto Céu não roubava então Cimódoce,
No agreste dum sertão! Em formosura
Só ventagens consente ao (sem-par) Dia,
Em que o sp'rito de Deus figurou Pomba,
Abriu-se o Céu, rompe a voz do Eterno:
Este é o em quem me agrado, amado Filho.

(1) Hierónimo.

(2) Do Rio.

(3) Pelas hásteas aromáticas.

De ânimo e Fé, ao sair da água, abunda
Ester, que a Jesus Cristo encerra, ⁽¹⁾ e traja, ⁽²⁾
Contra o amargor da vida. Assim, ditosa
C'ó Filho, que à luz deu, cobra a Mãe forças,
Com que amparo lhe dê, lhe dê sustento.

Perto, avistam, do Rio, um bando de Árabes,
Que à prima vista, a Hierónimo dão sustos:
Mas são Cristãos, criados a seu bafo.
Breve Igreja! ⁽³⁾ Onde em Tenda, ⁽⁴⁾ qual nas Eras
De Jacob, o Deus sumo era adorado;
Que, nem mesmo, por pobre, foi remida. ⁽⁵⁾
Éguas, Rebanhos, tudo lhe roubara
Romana soldadesca; deixando únicos
Camelos, a soldados roubo inútil.

Andam a monte: ⁽⁶⁾ ao leve aceno, acodem
C'ó leite aos Donos, servos nunca ingratos.
Sustento único! O mais lhes foi roubado.

HIERÓNIMO (*a Doroteu, e a Cimódoce*)

«Deus Providente! A Ptolomais vos guiam. ⁽⁷⁾
Lá acertais (fácil) com Baixel, no Porto.
Que em breve rota, a Itália vos navegue.»

(1) Diz; J. C. que ele virá com seu Eterno Padre morar na alma do Justo: *mansionem apud eum faciemus*.

(2) *Quicumque enim baptizati estis Christum induistis*. — PAUL. ad Galatas.
Quotquot enim in Christo baptizamur Christum induimus. — S. HIERON. Ep. 150.
Induistis Christum forma sacramenti. — S. AUGUST. Serm. 269.

(3) *Ecclesia est congregatio*. — PHIL.

(4) Tenda de campanha.

(5) Igreja desses Árabes, a quem a sua mesma pobreza, não remiu da Perseguição.

(6) Os Camelos.

(7) Os Árabes Cristãos.

CAUDILHO DOS ÁRABES

«Antílope ⁽¹⁾ veloz, do olhar mais meigo,
Virgem mais grata, que a vertente pura,
Não temas: guiar-te-ei, se o manda Hierónimo,
(Pai da Tribo) onde ponhas o desejo.»
Disse: e, junto ao Jordão Tendias seguram. ⁽²⁾
Assam inteiro um Anho, que degolam,
E num prato de Aloés o põem na mesa.
Um rasgão ⁽³⁾ a cada um, coube da vítima;
Leite bebem, que dentre areias tórridas,
Houve ⁽⁴⁾ a Camela, e a Tâmaras ressabe.
Vem a Noite. Em redor duma fogueira,
Dos Filhos de Ismael o Pai da Tribo
Conta os males, com que aos Cristãos avexam.
Vêem-se-lhe, à luz da chama, ao vivo, os alvos
Dentes, a negra barba, o gesto enérgico,
E as pregas, que lhe enruga na marlota,
O mais leve ademan, que é voz segunda. ⁽⁵⁾

Com profunda atenção a Tribo inteira
Pende do seu contar: curvas as fronteas
À chama, que os reluze, com grande ênfase,
Vão os ditos, reflexos ⁽⁶⁾ repetindo.
Cabeças dos Camelos, alongando-se,
Por cima das dos Donos, são-lhes sombra.
No Quadro pastoril ⁽⁷⁾ Ester medita;

(1) Compara o Caudilho dos Árabes Cimódoce, com a Antílope, Rês que procede do ajuntamento do Veado com a Cabra montês.

(2) Tendias, que vinham dobradas, estendem, e com cordas, e estacas fazem firmes.

(3) Rasgados com as mãos os membros da Rês.

(4) De enfezadas ervas, que mal nutre o ardente arenoso chão.

(5) Todos convêm, que o gesto do Orador e a metade da energia do discurso.

(6) Fazendo reflexões nos ditos.

(7) Vida pastoril usada pelos Árabes.

Como amansando a Fé bravios Povos,
Do inocente, hoje, são, do Fraco o amparo!
Como os Numes pagãos barbárie induzem,
Os rasgos da Justiça, e Dó delindo!

Ao despontar da Aurora, toda a Cáfila,
Nas ribas do Jordão, a Deus seus rogos
Unida of'rece. C'um tapete, ornado
Serve de altar o dorso dum Camelo,
Em que essa Igreja errante a Cruz arvora.
Cartas entrega a Doroteu, Hierónimo
Para os de Ptolomais Cristãos mais grados;
Dando-se os parabéns, que enviava a Eudoro
A Sposa, já Cristã; e a exorta assíduo,
Que de esforço se vista, e sofrimento.

HIERÓNIMO (*a Cimódoce*)

«Vai, Filha de Jacob, (se eras de Homero)
Rainha, hoje, Oriental, pelo Baptismo,
Rutilando splendor, saíste do ermo; ⁽¹⁾
Perseguições do Mundo afouta arrosta.
Já não chora, sentada à raiz da Palma, ⁽²⁾
A nova Hierusalém, quando por Tito
Foi cativa a Judeia; mas triunfante,
Vitoriosa, colhe da Palmeira
O símbolo ⁽³⁾ imortal da sua glória.»

(1) *Cantic. Canticor.*

(2) Alude a uma medalha que celebra o triunfo de Tito, vencedor da Judeia. Vem sculpida nela Jerusalém, na figura duma Mulher, sentada junto ao tronco duma Palmeira.

(3) Símbolo do vencimento: porque levantando-se a Palmeira com o peso que a acurva, denota o esforço da virtude que se levanta com o peso dos trabalhos, e aflições.

Assim o consegue a Igreja, aparando no sofrimento os tiros da Perseguição, e deles saindo mais exaltada.

Assim diz. Despedido já dos Hóspedes,
À Gruta de Bethleem dirige o passo.
Aos dous que fogem guia a Arábia Tribo,
A Ptolomais, por serros inacessos.
Não cessa de velar sobre Cimódoce
A Rainha dos Anjos, confortando-a,
Por teor milagroso, em tais fadigas.
Porque ela, a pagãos olhos passe a ocultas,
Mete ambos, na Cidade, em nuve' envoltos.
Muitos Cristãos, nessa Era atribulada,
Seus Irmãos, gasalhavam, perseguidos,
Com ternura, ocultando-os, com respeito:
A Caridade abria mãos profusas!
Não demolida a Igreja a Casa indica
Do Pastor, que sabendo-os Peregrinos,
Corre piedoso à porta:

PANFILO (*exclamando*)

«E bem: são Mártires.
Bendito Sol vos guia ao meu alvergue.
Vinde a Gedeão, Celestes anjos, vinde.
Tomai quinhão, na Ceifa, a Moab roubada.»
Então lhe entrega Doroteu as Cartas,
E de Ester conta (breve) os infortúnios.

PANFILO (*com assombro do que ouvira*)

«Do nosso defensor és a Consorte?
Virgem, que em toda a Síria o nome estendes?
No Egipto, a Eudoro vi. Que egrégio houveste
Dom do Céu raro, oh Virgem de Solima!
Nulo é de Helena o amparo: Helena é presa.
Hierocles ⁽¹⁾ te investiga, no Orbe todo.
Pronta foge. Onde crês, que inda há refúgio?»

(1) Pelos seus Satélites.

Doroteu, que no ardor da Fé, a Hierónimo
Ventagens cede, humano inda intermeia
Na Fé, tibiezas; nega, que em tal transe,
Caiba, que Ester, na Itália, o Esposo busque.
«Fora entregar-te (disse) ⁽¹⁾ em mãos de Hierocles;
Sem te salvar, ⁽²⁾ sem ver o Esposo que amas,
Caso, que preso o tenham seus contrários.
Dá, ⁽²⁾ que eu te guiando, ao Pai ressurja, em ver-te.
Gruta ignota acharemos, que te oculte;
E irei buscar-te o teu Eudoro, a Roma.»

CIMÓDOCE

«Siga a Filha Cristã, Moça inexperta,
Seu Pai ⁽³⁾ ante o dulcíssimo dos Homens.»
Leva ferro, no Porto, um Baixel único
Rumo de Tessalónica. Obrigados
Mudam nome, se embarcam, soltam velas.

Cristã buscas teu Pai junto ao Pamiso;
E ele corre, por ti ao Tibre undiflavo.
Ai! que sem Valedor, e em Roma estranho,
Põe firmeza em Eudoro, que o não ouve!
Nem lhe pode valer recluso, e a ferros.

À raiz do Aventino, e abas dos muros
Do Capitólio jaz anoso ⁽⁴⁾ cárcere
Tuliano, e que Eras viu de Tácio, e Rómulo.

(1) A Cimódoce.

(2) Do perigo.

(2) *Dá*, por *consente* ou *permite*: muito dele usou, à maneira dos Latinos João Franco Barreto, e não foi ele só; muitos outros o usaram como ele.

(3) Doroteu, Padrinho de Cimódoce, granjeava pelo Sacramento, foros de Pai, acerca da baptizada.

(4) Ainda hoje se mostra em Roma essa prisão.

Lá, da masmorra, a voz com que troava,
No Templo da Concórdia o imortal Cícero,
De Catilina os Cúmplices a ouviam.
Esse Cárcer, depois, purificaram,
Lá preso um Paulo, um Pedro. ⁽¹⁾ Lá o Mártir ⁽²⁾
Quedo aguarda, que o chamem a Juízo.
Lá soube morta a Mãe, (Martírio inchoado!)
Cartas, de lá mandava à Homérea Virgem,
Que Amor, que Religião amplo-recendem.
Sorveu-lhe umas o Mar, no fundo avaro;
Sonegam-lhe outras, vexadores ímpios:
Sem que esse dissabor lhe acanhe o arrobo
De mil consolações ⁽³⁾ e de mil júbilos
Piedosos, que dos Fiéis só são sabidos.
Cada dia, no Cárcer lhe remessam
Companheiros de glória, e de infortúnio.

Quando o abastado Lavrador recolhe,
Na vasta Granja, e empilha à nova Ceifa,
Grãos, que por pés de Bois serão trilhados,
Grãos, que golpes de pirtigo, os tesouros
Des-vestem dos folhelhos, ou da leve
Palha os des-mescla o rodo; troa a Aldeia,
Do Dono c'ó clamor, clamor dos Servos;
C'ó tiple das Ceifeiras, que preparam
Jantar aos Segadores; os Meninos
Às risadas rebolcam sobre os feixes;
Mugem os Bois, que vêm, que vão, c'os cargos
De enfeixadas paveias. Tal Galério
Nas prisões de são Pedro encova, atulha
Os mais grados Cristãos de todo o Império.

(1) Santos Apóstolos.

(2) Eudoro.

(3) Celestes. No Tratado dos Costumes dos Cristãos, e na sua História Eclesiástica, descreve o Abade Fleury a felicidade, que nas visões desfrutavam os Mártires.

Colheita Divinal! Estreme trigo, ⁽¹⁾
Com que enriquece o Lavrador Celeste!
Via Eudoro chegar, da Itália, e Grécia,
De Egipto, e última Gália, os seus Amigos
Vítor, Sebastião, Rogaciano ⁽²⁾
Gervásio, com o Irmão, Lactânccio, Arnóbio,
C'ó Tráseas do Vesúvio, e a Pérsea prole, ⁽³⁾
Que morrer, pela Cruz, vem com mais brio,
Do que o Avô pelo trono de Alexandre:
Cirilo enche a prisão de novos júbilos.
Novo Canto aos Cristãos de plana ilustre,
Novo Ósculo de paz, novo contento!
Do Cárcer tinham feito Igreja, os Mártires,
Onde o Senhor louvavam, noite e dia.
Vítimas sacras, vosso estado invejam
Cristãos, que inda os Tiranos deixam livres.
Ao vosso discorrer de Deus, do Empíreo,
Soldados, Guardas ⁽⁴⁾ se convertem, dizem:

CARCEREIRO (*a um Guarda*)

«Toma as chaves; c'os presos, dou-me preso.»
Nos sócios do suplício, Homens que em turmas,
À morte mandam, lavra norma tanta,
Quanta, em mansa morígera Família.
Para alívio dos Presos, santas fraudes
Inventa a Religião, o Amor dos Homens.
As dez Perseguições à Igreja acodem
Com subtis hardidezas. Sacerdotes,

(1) *Fru mentum Christi sum, dentibus bestiarum molar, ut panis mundus inveniar.*
— Epist. S. Ignatii ad Romanos.

Fru menta nos caelestibus
Matura condet horreis. — Hymnus de Sanctis Martyribus.

(2) Com seu Irmão Donaciano.

(3) O Cristão descendente de Perseu, Rei de Macedónia. Vid. Liv. 5 deste Poema.

(4) Do Cárcere.

Levitas, com dissimulo guerreiro, ⁽¹⁾
Já Scravos, já Mercantes.... Até Damas,
E Infantes, com sagaz, com santa astúcia,
Penetravam, por minas, por masmorras,
Pelo afumado ambiente das fogueiras.

Dum retiro profundo, e ignoto, o Papa
Os impulsos do zelo dirigia.
Inviolável, leal, cinge os Católicos
O nó da Religião, nó do Infortúnio.
Que a Igreja aos Filhos seus não sós valia,
Mas nos do adverso Culto, inda, velava,
Em seu grémio acolhendo-os, quando míseros.
Por lhe acudir, na dor, nos infortúnios,
Toda empenhada por socorro alheio,
Se esquecia de si a Caridade.

Era pasmo o que obrava a Fé, nos cárceres.
Que suspensão não foi, Eudoro, a tua,
Quando a formosa, a tão brilhante Aglais
Disfarçada em Escrava entrar a viste!
E te disse: «Varado foi de flechas
Sebastião, no umbral das Catacumbas!
Pacómio, num sertão foi retrair-se;
Deu a vida por Cristo Bonifácio,
Mandou, qual prometeu ⁽²⁾ relíquias, Mártir.
Dá-lhe honra igual, meu Deus, de Aglais aos erros.»
Eis que ingente clamor se ergueu, quando entra
Ginez, e a gritos: «Desterrai os sustos.
Sou Irmão vosso. Sou Cristão. Se há pouco
De Cristo blasfemei; se grato ao vulgo
Mártir me arremedei, pedi Baptismo,
Mudado ao toque das sagradas ondas,
Dos Céus vi descer dextra rutilante,

(1) Com farda de soldado.

(2) *Vid.* Liv. 5. deste Poema.

Que, num livro, apagava meus erros.
Eis-me outro! *Sou Cristão!* (Com veras brado)
E o Vulgo a rir... Não cai em me dar crédito.
Conto o que vi: de agozes fustigado
Mandado aqui, morrer irei convosco.»

TRÁSEAS (*a Eudoro, que abraçava Ginez*)

«Lembra-te a campa de Cipião? Que ideia
Lá concebi de ti!»

MÁRTIRES ⁽¹⁾ DAS GÁLIAS (*a Eudoro*)

«Lembras-te quando
Ver-nos (quais ora) em Roma, ansiámos juntos?
Quão longe eras do lauro, que hoje cinjes!»
Enquanto assim os Mártires discorrem
Entra um Velho com farda veterana,
Aos que os Fiéis ⁽²⁾ servem na prisão, ignoto.
Marcelino o enviou; traz o Viático,
Com que Cirilo os Mártires conforte.
Do cárcere a luz fusca mal permite
Notar feições do Ancião, que a Eudoro busca.
Ajoelhado o vê, cinge-o nos braços;
Solto em lágrimas brada, entre soluços,
Sou Zacarias. ⁽³⁾ Zacarias, eco
Soou: (no enlevo, Eudoro) «Oh Pai...» ⁽⁴⁾

ZACARIAS (*levantando-o*)

«Compete-me
A teus pés me ajoelhar. A par de Eudoro,
Que mais sou eu, que um Velho ignoto, inútil?»

(1) Santos Confessores.

(2) Mártires.

(3) Repetiu Eudoro o nome de Zacarias, como um eco o repetiria.

(4) Lançando-se aos pés de Zacarias.

Já todos ⁽¹⁾ os rodeiam, todos querem
Seus sucessos ouvir; e Eudoro os conta;
E o pranto molha as faces dos Ouvintes.

EUDORO

«Prole de Cássio, qual, das ribas do Albis, ⁽²⁾
Santo abalo de Deus te há transmitido
Ao flavo Tibre?»

ZACARIAS

«Os Francos já domara
Constâncio. Faramundo então à ténue
Vencida Tribu, que a Colónia e termo
Transferem os Romanos, fez que eu passe.
Na Gália, onde aos Cristãos Constâncio ampara,
Inda a Perseguição não lavra activa.
De Lugduno, e Lutécia os Bispos mandam
Sacerdotes às mais Regiões do Império,
Aos Mártires ser úteis. Eu, julgando-me
Avançado na idade, a correr p'rigos
Me of'reci; por que logrem de seus anos
Os que longe inda estão das cãs maduras.
Meu rogo aceito foi. Guiei-me a Roma.»

Contou a Eudoro mais, que Constantino
Junto é do enfermo Pai; e que os Soldados
Para o Filho, já a púrpura designam.
Com tal nova, os Cristãos o ânimo alentam:
E, dado que as possantes Protectoras
Lhe faleçam; que Prisca acompanhasse
A Salona, o Consorte, e que Valéria

(1) Todos os presos.

(2) Colónia Agripina, sobre Albis, ou Elbe.

Em terras da Ásia a desterrasse Augusto, ⁽¹⁾
Nunca Eudoro perdeu toda a esperança.
Seguiu, na prisão mesma, um plano fixo
Com que, em bem, salve a Igreja, salve o Mundo.
Manda um Próprio, que induza Diocleciano
A reassumir o Império. (Fiéis lho rogam).

Toda a Igreja estribava na coragem,
Nos, de Eudoro, conselhos previdentes.
Pedia ao Sposo amparo, em vão, Cimódoce,
Por Macedónios mares navegando;
Soldados, Marinheiros (chusma horrenda!)
Submersos na embriaguez, e em mil torpezas,
A Candura, a Inocência lhe insultavam.
Presto inteirados, que ela, que o seu Guia
São Cristãos... (Há, na Cruz, virtude inata,
Que aos olhos dos ruins logo é patente!)
A Insolência avultando, nesses Bárbaros,
Ora a ameaçam de entregá-la a algozes,
(Mal que surjam) ⁽²⁾ e ora arrojá-la ao pego,
Por que as iras se aplaquem de Neptuno.
Com torpes Cantos ferem-lhe os ouvidos,
Por na Virge', atear brutais desejos;
E o susto cresce, que os malvados tracem
Os ultrajes na Virgem cumprir últimos.

Qual valente Campeão, qual Pai previsto,
Doroteu era o escudo da Inocência.
Mas, que pode Homem, só, contra essa turba
De enraivados Leões? Da raia extrema
Do criado Universo, então, voltava
Entre Celestes Coros, o Unigénito,
De remoçar envelhecidos Orbes:
A tal caso as mansões, deixara, Empíreas.

(1) Galério, então Augusto, pela abdicação de Diocleciano.

(2) Nalgum porto.

Lustrou ⁽¹⁾ de Sol a Sol, de Globo a Globo,
A passo majestoso, Sferas, onde
Divinas, têm pousada, Inteligências,
E Homens, de nós os Homens, não saídos.
Vai sentar-se no trono inacessível
Do Eterno à dextra, e a vista inclina ao Mundo.
Das Obras, que criara, o Omnipotente
O Home' é a que mais lhe apraz: Viu que Ester, corre
Discrime na pureza, ela que Idólatra, ⁽²⁾
As bênçãos de Israel granjear-lhe cabe.
Mas cumpre, que ao crisol, passe essa Virgem,
Porque avulte em vigor, com que supere
Trances, que hão-de lucrar-lhe imortal glória.
Longo crisol! que em tanto, a não afasta
Da cena do triunfo, no Conflito,
A que a chamam arbítrio de Deus sumo,
E aos Céus a predestinam vencedora.

De nuvem, que lhe é trono, Cristo acena:
Compreende o Anjo do Mar Divinas Ordens.
Pronto amortece o próspero Galerno,
No Baixel de Cimódoce. Nos ares
Se estende mansa calma; ambíguos hálitos
Resfolgam pelas praias circunfusas,
E a face ao pego enrugam, a reverses:
Vem lento ósculo dar às bambas velas,
De impotentes que são, no dar-lhes bolso.
No seu Zénite, o Sol amarelece;
Cingem o azul dos Céus, verdoengas faixas,
Que a luz pura lhe embruscam, lhe desbotam;
Sulcos sem fim se alongam achumbados,
No ponderoso Mar. As mãos erguendo:

(1) A genuína significação de *lustrar* é a de visitar com a vista.

(2) Que vinha de Pais idólatras.

PILOTO

«Oh Neptuno, quão torvo é o teu presságio!
Se não mente a minha Arte, nunca às ondas
Tormenta revolveu mais arriscada.
Ferra, ferra (bradou) que é enorme o p' rigo.»

Entre Austro, e Oriente se encavalgam nuvens,
E, no horizonte, em batalhões funéreos,
Em turvos farilhões, ⁽¹⁾ formas figuram
Do Exército da Morte. Résteas lívidas
Desleixa ⁽²⁾ um Sol mortal, que entre eles ⁽³⁾ coa,
E a profundez denota dos negrumes.
Cai a Noite, que o lenho ⁽⁴⁾ em treva envolve,
Tal, que um Nauta outro Nauta não distingue;
Junto deste, que treme, treme aquele,
Rompe, e zunindo vem pegão ⁽⁵⁾ do Eoo.
(Que abriu Deus o tesouro das tormentas) ⁽⁶⁾
Roto é o muro, que o assalto ao Euro, e a fúria
Pairava: ante o Rector do Mar rebentam
Quatro cardeais ⁽⁷⁾ procelas. Vai ruidosa,
Vagas rasgando a Nau; a popa, era transe
Cede ao Chofre dos rábidos Levantes:
Todo o giro da Noite, arfa e soluça ⁽⁸⁾

(1) Farilhões chamam os Nautas a certos escolhos pontiagudos, empinados acima da água, e que mui sinalados vêm nas Cartas de Pilotagem. Não longe das Costas de Portugal se encontram.

(2) Despede de si, como a desleixo.

(3) Entre os farilhões de nuvens, coa as suas réstias o Sol.

(4) Lenho, por Baixel, usam os Poetas dizer.

(5) De vento.

(6) *Qui producit ventos de tauris suis.* — Psalm. 134.

(7) Ventos cardeais (*de mundi cardinibus*), se chamam os quatro ventos principais da agulha Norte, Sul, Leste e Oeste.

(8) Como o dão à arca do peito os que soluçam, o dava arcabouço do bojo do Baixel, com os solavancos do escarcéu dos mares.

Na undíssonã ardentia. ⁽¹⁾ O Sol que assoma,
Só tanta luz descarta, quanta supra
A ver a tempestade, e os combros de água,
Arrebrandando em flor, ⁽²⁾ por longos rolos.
A não ter bojo a Nau; não ter enxárcias,
Em que, em rajadas, des-braveça o Vento,
Fora mudez o Mar. Nada esmorece
Tanto, como o silêncio, no alvoroto!
Norma, e teor, na gema do desmancho!
Quem da tormenta, que traz fito, e inculca
Meditado furor, salvar-se pode?

Nove dias cabais, rumo de Oeste,
Levada é a Nau de impulso incontrastável.
Punha termo a seu curso a Noite décima
Eis que à luz dos relâmpagos, vislumbram
Negras gigantes rochas empinadas
Naufrágio prometer. Crava a seu posto
Cada Nauta o Mandante. Ouvem fechar-se
Sobre eles, a escotilha, os Passageiros. ⁽³⁾
Nos transe é que os Homens se demostram!
Cantava em franca voz, além, um Scravo;
Chorando, aqui, a Mãe, ao Filho pende
Peito, que tem de ser-lhe, presto, inútil.
Perder a vida lamentava um Stóico;
Pelo Pai, pelo Sposo Ester penava,
Com Doroteu orando ao Deus, que acerta,
No ventre da Baleia, ⁽⁴⁾ c'os que busca.
Furiosa outra rajada abre o Navio;
Cai, no porão de golpe um serro undífluo. ⁽⁵⁾

(1) Chamam os Nautas ardentia a fosfórica luz, que à noite dão as embatidas vagas.

(2) Desta frase usa Jacinto Freire, na *Vida de D. João de Castro*.

(3) Lançados no porão da Nau.

(4) Como com Jonas.

(5) *Præruptus aquæ mons*. — VIRGIL.

No rolo de água envoltos os misérrimos
Dão sufocado grito... A popa inteira,
C'os degraus do bailéu, o spúmeo açoute
C'os trocos, que estroncou, levou roncando,
E ambos Cristãos, do bojo, arrebeçou.
Na área dum sparcel [xvii] dá à costa o lenho;
Cum morro, entesta, que o sparcel alpendra, (1)
E a dous tiros de besta lhes demora. (2)
Alguns, que esse escarcéu acapelara,
Nadando, raros, vão no imenso pego: (3)
Outros boiam, nas vergas debruçados.
Fere o Piloto, a golpes de machado,
O Masto do Baixel; ruidoso ruge,
E ao desamparo, vai, e vem o leme.
Uma esperança, (e ténue) só restava;
Vir-se a vaga engolfar, na embocadura,
Dar pincho à quilha, e na ressaca, ir fora
Do náufrago sparcel. Mas, nessa angústia,
Quem, sem pavor, irá reger o leme?
Um errado meneio do Piloto
Duzentas almas, no profundo arroja.
Os Nautas de terror assoberbados,
Cessavam, c'os Cristãos mofas, e insultos;
Antes, *salvai-nos*, rogam rependidos
Riscos, ultrajes deslembrou Cimódoce.
Insta ajoelhada a Deus Ester piedosa:
«Tolhe-nos morte.» Doroteu empunha.
O desvalido leme: os olhos fitos
Na popa, a boca hiante, espera a vaga,
Que acapelando a Nau, dê vida, ou morte.

(1) Que assemelha servir de alpendre ao sparcel de areia.

(2) Fica à vista, ou de frente. *Vid.* Barros, Couto, etc.

(3) *Apparent rari nantes in gurgite vasto.*

Surge a vaga... revolve-se... espedaça-se...
Gemeu o leme, nos ferrados gonzos!
Viras, no arranco... ir despedado, ⁽¹⁾ o escolho...
Deu susto? Deu prazer? No arranco rápido,
Vai a Nau... (Mudez hórrida nos Nautas!)
Sonda (pede um) — E a sonda empega, afunda:
Exala-se a alma, e rompe os Céus com júbilos.

Milagre foi do amparo teu Divino
Fausta Estrela do Mar, ⁽²⁾ lume dos Nautas,
Dos Disgraçados salvação segura!
Não surgiu lá Deidade crini-cérula,
À flor da água, na bijuga carroça,
Apaziguando o Mar. ⁽³⁾ Viram-se em nuvens
Rasgadas, transluzir clarões Celestes;
E a Sob'rana dos Céus, gloriosa em trono,
C'um infante Divino, em seu regaço.
Ei-los, aos pés de Ester, Nautas prostrados,
Rendidos a Jesus! Prémio adiantado
Pelo Eterno, às virtudes da escolhida. ⁽⁴⁾
A Nau, resvala à praia, onde houve Ermida
Cristã, que o Tempo a deu a olvido eterno.
Com calabres de Tiro, presto ajustam ⁽⁵⁾
Sacos cheios de seixos, que ao Mar lançam.
Cai a ancora sagrada, ⁽⁶⁾ último aferro
Contra o naufrágio. A Nau já subjugada,

(1) Parece a quem vai embarcado, que a Terra é a que se move.

(2) *Ave, maris Stella.*

(3) *Levat ipse tridenti,*
Et vastas aperit syrtes, et temperat æquor. — VIRGIL.

(4) Por Deus, para o Martírio.

(5) Nome técnico entre marítimos, e como tal usado neste sentido por Fernão Mendes Pinto, pág. 71.

(6) Que bem coubera aqui, a permiti-lo a fidelidade da tradução, o lindíssimo verso de Camões: *Da ancora o Mar ferido, em cima salta.*

Correm todos por pés na salva praia.
Qual Rainha, ladeada de Cativos,
(Que remiu) desce à Terra em ombros válidos
Dos Nautas, e a cumprir, corre Cimódoce,
Na derrocada Igreja, o voto puro.
Quasi nus, do marulho inda orvalhados,
Vão dous a dous seguindo aos Navegantes.
Foi caso? ou quis-lo o Céu? Inda nesse ermo,
Truncada imagem resta de Marta.
Lá vota ⁽¹⁾ Ester o véu, que o Mar molhara.
Do Italo chão (seu lauro e seu triunfo!) ⁽²⁾
Toma ali posse; e o Céu, em dom lho estrema.

FIM DO LIVRO XIX.º

(1) *Votiva paries indicat, uvida
Suspendisse potenti
Vestimenta maris Deo.* — HORAT. *Lib. 1. Od. 5.*
(2) Onde há-de triunfar pelo martírio.

NOTAS DO LIVRO XIX.º

Pág. 246, verso 6. Um bando de Árabes.

Vid. *Itinéraire* de Chateaubriand.

Pág. 249, verso 15. Do Pastor.

Panfilo, Mártir, discípulo de Timóteo, condiscípulo de Eusébio.

FIM DAS NOTAS DO LIVRO XIX.º

OS MÁRTIRES

LIVRO XX.º

ARGUMENTO

Prendem a Cimódoce os Satélites de Hierocles, e a conduzem a Roma. Alvorota-se o Povo. Livram Cimódoce das mãos de Hierocles; mas é encarcerada como Cristã. Des-privança de Hierocles, a quem dão ordem de partir para Alexandria. Carta de Eudoro a Cimódoce.

CHAMA os Homens a Aurora, à lida, à pena:
O Lavrador co'a mão no arado, os sulcos
Que rasga o Boi, com seus suores banha.
C'os malhos mesurados, rebatidos,
Na faiscante bigorna a frágua troa;
Traja de azul o Céu, de luz o Oriente;
Sobe aos Ares o popular bulício.
Não mandam à Cristã, ⁽¹⁾ Galé dourada,
Nem vem de alvos Corcéis Quadriga ao Porto: ⁽²⁾
Morte, e Perseguição ⁽³⁾ lhe apresta a Itália,
Honras que à Grei Cristã desdina Augusto. ⁽⁴⁾

Os Decretos do Céu tinham guiado
Não longe de Tarento a Homérea Filha,

(1) Cimódoce.

(2) A esperá-la.

(3) Devia dizer, falando em prosa, Perseguição e Morte, mas os Poetas pela figura *usteron posteron* tomam licença de transverter os termos.

(4) Galério.

Num Cabo, que ao Mar sai, que esconde aos náufragos
Onde a Pátria é de Arquitas. Sobe à rocha,
Cerca o Piloto, com a vista, as terras,
Itália, Itália (clama). Apenas o ouve,
Os joelhos a Ester fraqueiam, tremem,
O peito se lhe altera, e empola em vagas:
Força é que em braços Doroteu a tome.
Tal júbilo lhe entrou, pisando a Terra,
Que o Sposo lhe contém! Deus que a separa
Do Pai, (que ela em Messénia morar julga)
Azo lhe dá, de encaminhar-se a Roma.

CIMÓDOCE

«Já sou Cristã: já me não pode Eudoro
Tolher, que eu tome parte em seus trabalhos.»
Eis que a uma Nau, que vem cingindo o Cabo
Crespa de armas ⁽¹⁾ a lancha dá reboque.
Já a lancha pára. É a corda, à Nau atoadá
Cortada por Soldados; pouco a pouco
Se esconde, vai sumindo... Ei-la se afunda.
Era das ⁽²⁾ que Galério abarrotava
De Pobres, dando-a ⁽³⁾ ao Mar, que lhos afogue.
Nadando, bracejando, vêm à lancha:
Dela, os brutais ⁽⁴⁾ rechaçam-nos a golpes,
Chasqueando-os: *Vai ceiar c'ó Grão Neptuno.*
Os Nautas da Galé, ⁽⁵⁾ do insulto ⁽⁶⁾ atónitos,
Longo das Sirtes, vão dali, fugindo.

(1) De soldados armados.

(2) Maus.

(3) A Nau.

(4) Soldados.

(5) Que trouxe Cimódoce.

(6) Feito à humanidade.

No peito os dous Cristãos ⁽¹⁾ sopear não podem
Da Caridade o ardor (marca indelével
Dos de Cristo) acenando Naufragantes,
Que lutem contra a Morte, as mãos lhe estendem;
E obtêm a alguns salvar. Logo os Ministros
De Galério acorrendo, e circundando-os....

CENTÚRIO (*com voz de ameaço*)

«Quem sois? Vós que arrancar ousais à Morte
Os de Augusto inimigos?»

DOROTEU (*imprudente de indignado*)

«Dever de Homem,
Doroteu cumpro. Adora irados Numes
Tarento, nu de afeitos justos, pios?»

Em Doroteu, que em todo o Império é noto
Pôr-lhe o Centúrio a mão não ousa; atenta
No Posto, ⁽²⁾ na Pessoa preeminente.

CENTÚRIO

«E essa Mulher quem é? que incorre em culpa,
Violando Editos, de imprudente, e pia?
De certo, que é Cristã. ⁽³⁾ Porque, em tais sítios...
Não sabes, que ninguém põe pés na Itália
Sem concessão special obter de Hierocles?»

Conta o naufrágio Doroteu, e o nome
Da Companheira encobre. Eis que o Centúrio
Sobe à Galera, há pouco naufragada.
C'ó susto, de que ali lhe fuja a vida,

(1) Doroteu, Cimódoce,

(2) De Veador do Palácio Imperial.

(3) Abalado de tanta modéstia de Cimódoce, e de tanta humanidade.

Dava, no transe, o adeus ao Pai, a Eudoro,
Por Cartas, que a descuido, a Virgem, deixa
Na Galé; elas dão do nome, e culto
Co' a Cruz do leito, ⁽¹⁾ luzes ao Centúrio.
Assim, gorjeando ao Caçador se indica
Saúdosa Filomela: assim, por ceptros
As Esposas dos Reis são conhecidas.

CENTÚRIO (*a Doroteu*)

«Força é, que eu presa guarde essa Messénia.
Contra os Cristãos se observa o Editto à risca.
Vida aventure no deixar-vos soltos.
Mando um Próprio ao Ministro de Galério;
E ele da sorte vossa, em bem, disponha.»

Bem que, lutando em Mar de des-sossegos,
Sobre o Mundo Romano, exerça Hierocles
Os mais amplos poderes absolutos;
Mais, que ele, com Galério, Públio ⁽²⁾ priva,
E todo o intento a Hierocles atravessa.
Se aflito que a Vestal tão volte, aos tratos
Quer cometer Eudoro, achava Públio,
Teor de lhe emprazar o sacrifício.
Se Hierocles fixo, na intenção primeira,
Retardava a sentença contra Eudoro,
Lá o malquistava Públio. ⁽³⁾ «Porque atrasa
Morte ao perigoso Cabo dos Rebeldes
À tua Eternidade, há tanto, Hierocles?»

Não dar novas da Homérea o mudo Oriente
Ao culpado Amador ⁽⁴⁾ dá pena, e sustos.

(1) A Cruz, que por uso Cristão, tinha Cimódoce à cabeceira do leito.

(2) Prefeito de Roma.

(3) Com Galério.

(4) Hierocles.

Quantos Sícilia tem, e Itália portos
De atalaias coalhou impaciente.
Novas lhe dão Correios, noite, e dia.
Tarento a gosto as deu. Já nada em júbilos,
Quem se afundava em dor. Salta do leito,
Qual o Vate de Ilion pinta furioso
Plutão arremessando-se do trono.
C'os lábios a tremer-lhe, alheada a vista,
Louco de Amor, e de Contento:

HIEROCLES

«Tragam-me

A minha Escrava. A Doroteu dêem solto.
Trouxe-te, oh cara, aqui minha ventura!»
Doroteu tinha em Roma apaixonados,
E entre os Pagãos zelosos protectores.
Justo empregara posses, e valia
Na Inocência amparar, tolher Violências;
Virtudes, cujo fruto agora colhe!
Contra o Ministro ruim, ⁽¹⁾ a opinião pública
Lhe serviu de broquel. De mais que Hierocles
Teve a acaso esse encontro com Cimódoce.
Num Cristão de alto porte, não quis dar-se
Adversário maior. Tem-no harto em Públio!
Sente, quanto, a si chama, ódio universo;
E, nos sustos, que o Povo se amotina
Pelo Homérico Ancião, se o anoja, e avexa,
Lá o deixa obscuro vaguear, em Roma.

Deus cegara inda mais esse impio Apóstata,
Que desponta de agudo em previdências,
Em cômputo enredado de Políticas,
Erra o alvo, e cai, no fojo, que cavara.
Poder tudo alardeia, a olhos do Vulgo;

(1) Hierocles.

Quando aos previstos ⁽¹⁾ falha, e se desmedra.
Tal topetar c'os Céus blasona o Robre,
Que, em profundez do Abismo, a raiz prende,
Coriscos, vendavais, afronta, hibernos:
Junto dele sentado o Viandante
Lhe está admirando os ramos inconcussos,
Que eras tantas, e eras volver viram.
Mas o Pastor, que o vê da altiva serra,
Nesse Rei da Floresta, bem devisa
Sobre o viço da rama, seco o tope.

Numa emposta que se ergue a cavaleiro
Do Circo, lavrou Tito, dos destroços
De áureos Paços de Nero o seu Palácio.
Obras primas da Grécia, amplas Fachadas
Embutidos salões de Eoos mármore,
Mosaico ⁽²⁾ o Soalhado (enlevo de olhos!)
Com portentos da antiga statuária
Fazem alarde à vista. O de Zenóodoro
Hermes, roubado a Arverno, ⁽³⁾ embelezas.
Seu talhe é Colossal; mas não desmente, ⁽⁴⁾
No leve, e denodado. A Tangedora
De Flauta de Lísipo, sob o Númen ⁽⁵⁾
De Baco, ri, tituba. A brônzea Vénus
À marmórea pleiteia a Formosura. ⁽⁶⁾
A Matrona, que chora, alegre Frine,
O flexível primor mostravam da Arte.
A afeição ⁽⁷⁾ do Scultor bem transluzia

(1) Olhos.

(2) Floreio de mármore de várias cores embutidas.

(3) Hoje *l'Auvergne*.

(4) Das requisitas proporções.

(5) *Sub numine Bacchi*. Assoberbada dos poderes da embriaguez.

(6) Duas Vénus, lavor ambas de Praxíteles.

(7) O quanto a amava o Statuário.

Pelas feições de Frine; ali ressumbra
O amado galardão, que o Ingenho anela.
Des-linguada a Leoa, aos pés de Frine,
Com agudeza a indica morta em tratos,
Varonil, que c'os dentes corta a língua,
Por não trair Harmódio, e o Companheiro, ⁽¹⁾
A Státua do Desejo (a Státua o inspira)
Vesta sentada, Marte em seu repouso ⁽²⁾
De Scopas o talento immortalizam.
Monumentos sem preço! ⁽³⁾ O brônzeo Touro
De Perilo lhes sociou Galério,
Que esse Alcáçar ocupa sumptuosíssimo.

Nele, mora, num mui formoso Pórtico,
Seu ministro mui digno, o ímpio Apóstata.
No magnífico, às salas de Galério,
Davam mate as do Stóico Procônsul.
Com muita arte polidas, as paredes,
Têm por adorno, plácidas paugagens, ⁽⁴⁾
Amplas florestas, frescas Catadupas;
Camarins sem iguais, banhos de custo,
Pincéis mui primos tinham-no formoseado.
Para o painel de Juno, ⁽⁵⁾ os de Agrigento
Tinham a Zêuxis dado Moças nuas.
Digna de ter, em seu domínio os Deuses,
Ou que a amasse Alexandre, ⁽⁶⁾ dentre spumas,
Nasce a Vénus de Apeles. Cai ao Sátiro, ⁽⁷⁾

(1) Aritógiton.

(2) Das fadigas da Guerra.

(3) Que preço não há que os pague.

(4) Assim lhe chama Damião de Góis, na Crónica d'El Rei D. Manuel. Lembra-me ter lido paisagens, e usara desse termo, se estivesse tão certo da sua autoridade clássica, como o estou de paugagem. Que desconto é não ter livros!

(5) Juno Lácia.

(6) Alexandre Páris, filho de Príamo.

(7) Pannel muito estimado, Obra de Protógenes.

(Que de amor morre) da mão frouxa a flauta:
Jaz, num canto da gruta o tirso em troços,
Quebrado o tarro, emborca-se, e derrama-se,
Pelo apinhado musgo, e Hera enredica,
Tal arte é a do Pintor, que uniu, no Quadro
Quanto o Home' há mais de Céu, de brenha o Bruto.
Ai! do que aos Templos rouba o primor de Artes;
E ousa co'elas ornar mortais pousadas! ⁽¹⁾
As mais sublimes Obras, que criara,
Meditando-as o Ingenho mudo, e quedo
Vem ser Causa, Elementos, Testemunhas
Dos mores Crimes, das Paixões mais torpes.

Na sala mais formosa desses Paços,
Aguardava esse Apóstata a Cimódoce.
Num dos topos da Sala arqueja ainda
Vencedor de Piton, ⁽²⁾ cansado Febo.
Noutro topo Laocon, a quem, e aos Filhos
Cingem Serpes, com duros nós. O Stóico,
Nos gozos seus, talvez, quer saboreá-los,
Co'a alheia dor, co' alheio sofrimento.
Tudo splende em cristais, em ouro, em púrpura;
Ressoa a fio, Música, em retiros;
E grato, as Fontes dão, brando murmúrio.
Da Ásia as mais raras flores, lá, recendem;
De alabastrinos vasos, em que ardiam,
Trabalhados aromas se exalavam.

Traziam-lhe os Satélites infames,
(Há longo tempo, perseguida, e presa)
Por desvios obscuros, cegas portas,
Que, ao passar (de previstos!) fecham súbito,

(1) Não deveram as belas Artes empregar-se, senão no adorno dos Templos, e não se aviltarem em decorações profanas.

(2) Serpente, inimiga de Latona Mãe de Febo.

A Virgem, ⁽¹⁾ que aos pés lançam do Tirano.
 Retiram-se os Escravos, e ela fica
 C'um Monstro, que é labéu de Homens, de Numes.
 C'ó trémulo cendal ⁽²⁾ a dor cobrindo,
 Só se lhe ouve dos prantos o sussurro,
 Qual sussurra, na brenha o jorro alpestre.
 Bate-lhe o alvo brial, ao crebro impulso
 Do peito, que lateja: qual luz sparge
 Corpo de Anjo, na sala, luz tão clara
 Mana da Virge'. Ao Monstro acanha um tanto
 A vista de infeliz fraca Inocência.
 Sós, pasce, em tal Beldade, ávidos olhos.
 Contempla, c'um ardor, que incita sustos,
 A, que, nunca, de si, logrou, tão perto;
 Cuja voz, só, no Coro ouviu das Virgens.
 Contempla a que dispôs, de dia e noite
 Do seu pensar, dos Sonhos, seus — e crimes!
 Vence o Tição do inferno ⁽³⁾ o ambíguo da alma;
 Some Zelos, Orgulham, Amor, Vinganças,
 Que o devoram; e diz-lhe comedido:
 «Cimódoce, a que vêm tal medo e choros?
 Que eu te amo sabes; sabes que rendido
 A um leve arbítrio teu, me prostro Escravo.»
 Audaz, e apadrinhado da Fortuna,
 Põe mão no véu, e o move. Cora a Virgem;
 E escondendo, no seio as faces húmidas:

CIMÓDOCE

«Entrega-me a meu Pai: mais nada peço.
 Mais, que quantos Palácios, me contenta
 O Pamiso, e as Florestas, que ele banha.»

(1) Cimódoce.

(2) Que co' susto lhe treme nas mãos.

(3) Hierocles.

HIEROCLES

«Não só te entrego o Pai: abundo-o de honras:
De riquezas o acurvo. Expões-te esquiva
A mais não vê-lo.»

CIMÓDOCE

«Nem mais ver o Sposo?»
De raiva o Monstro infiou, de ouvir nomeá-lo.
Mas colhe a rédea às iras.»

HIEROCLES

«Um malvado,
Que o teu amor acareou, com filtros?
Tem de exalar a vida, em mão de algozes.
Vê quanto é o meu Amor! Da morte salvo
Esse odioso rival. Pesa o que eu digo.»
Enganada Cimódoce, entre júbilos,
Se lança aos pés de Hierocles, exclamando:
«Oh dos Sábios mais Sábio, oh ilustre Hierocles.
Sobre os que já adorei, Numes, dizia-me
Demódoco, o Saber exalça os Homens.
Protege, oh Sábio, Esposos inocentes:
Se os perseguem ruins, tu bom os une.»

HIEROCLES (*em êxtase de amor*)

«Ergue-te, egrégia Ninfa: oh não contemplas,
Que anulas, co' esse rogo, quanto encantas?
Quem, tão bela, a um rival ceder-te pode?
Oh mui linda Cimódoce, a Sapiência
Em seguir gratos ímpetos se funda.

Deixa a atroz Religião, que a alma sopeia.
Úteis, no Povo são austeras máximas
De Modéstia, Inocência, e de Virtude;
Sábio é quem goza (e a ocultas) bens da vida
Deus? não o há: e a haver... do Orbe não cura.
Portanto, ingénua Virgem, desfrutemos,
Sem remorsos, no grémio de Volúpia, ⁽¹⁾
Da Fortuna o favor, mimos de Vénus.»

Disse: e em braços aperta a casta Virgem,
Qual a Serpe se enrosca na Palmeira,
Ou na Ara, que ao Pudor foi consagrada.

CIMÓDOCE (*desprendendo-se de Hierocles*)

«Doutrinas tais a Sapiência inculca?
Assim prometes de soltar Eudoro?»

HIEROCLES (*abafando de ira, e zelos*)

«Mal me entendes. Nesse Homem, que eu detesto
Mais que o Inferno, com que os Cristãos me ameaçam,
Boquejas tu? Co' esse amor teu, o matas.
Ouve, a que preço, lhe consinto a vida:
Sê minha... ou sentencio Eudoro à morte.»

Estampou-se em Hierocles, face réproba;
E, franzidos os lábios c'um sorriso,
Gotas de sangue rompem-lhe dos olhos.
A Cristã que de horror, téli se entrara,
Do golpe, que a abateu, restaurou forças:
Da desgraça, o mais torvo, é o primo aspecto.
Quem, por ela, ⁽²⁾ se alou, quanto mais dista

(1) Deusa do deleite.

(2) Quem se foi alando, pela desgraça mesma, acima de seus terrores.

Do chão, mais mansas vê regiões amenas.
Quem, da aluvião caudal à ourela ⁽¹⁾ trepa;
Se do undoso trovão, no vale, há susto, ⁽²⁾
Mal vai vencendo o Mote, o fragor mingua;
E dá fim à jornada o Caminhante,
Em des-ruído tope, aos Céus vizinho.

CIMÓDOCE (*olhando Hierocles com desprezo*)

«Bem te compreendo agora, e avisto a causa,
Por que a meu Sposo a c'roa assim demoras.
Tens, porém, de saber, que eu, com deslustres,
Não remirei, ao meu Eudoro, a vida;
Bem que o ame eu mais, que a luz dos Céus. Suplícios
Não há, que eu não prefira ao ver-me tua.
Despreza o teu poder Eudoro inerte ⁽²⁾
No laurel, ⁽³⁾ que lhe vem oh! tenha eu parte!»

HIEROCLES (*enfurecido*)

«De tanto abatimento, tanta astúcia, ⁽⁴⁾
Tanto sofrer, oh não me fuja o prémio!

(1) Iam caminhando à ourela do Rio. — *Primavera*, de F. R. LOBO.

(2) Entende Chateaubriand significar os roncões, que o peso das águas, dando nas quebradas, faz a rota levada, e os compara aos roncões, e estampidos do trovão, no romper da nuvem.

(3) Sou obrigado a me servir alguma vez de termos Latinos, *propter egestatem linguæ et rerum novitatem*, como já assim o fez Lucrécio na abastada língua dos Romanos. Sou obrigado a servir-me de termos antigos que não têm, na nossa língua moderna, correspondentes; ou se os têm, não os valem na força da significação, ou na viveza do matiz. E ouço que por lá me achacam esses dous defeitos. Querem pois, que na língua que eles, ou outros empobreceram, ache eu tesouros com que enriqueça o que escrevo. Confesso que não tenho posses, para tais milagres. A língua que eles usam é assaz rica para décimas de Outeiro; mas para pinturas vivas de Épica Eloquentemente ou para o Lírico sublime é preciso ajudá-la.

(4) Do Martírio.

(4) Que usou, para colhê-la em seu poder.

Dê-me a força o que negas. Verás morto
O Traidor, que salvar (podendo-o) enjeitas.»
Disse: e, a colher, pela ampla sala corre,
A Cristã, que lhe foge, e que se abraça
C'os pés de Laocoon, ameaça a Hierocles
Romper, no mármore duro à inóxia fronte.
Como um terceiro Filho ⁽¹⁾ abraça, e cinge
O desditoso Pai, que de ânsia expira.

CIMÓDOCE

«Oh Demódoco! oh Pai! oh Virgem santa,
Apiedai-vos de mim. Vinde; acudi-me.»
Apenas vozes tais clamado havia;
Que o Alcáçar troa, com motins, com gritos,
E, a dobres golpes brônzeas portas ferem,
Pára, no insulto, Hierocles. Deus, que o assusta,
Que o sopeia, a alma iníqua lhe congela.

CIMÓDOCE

«É Maria, ⁽²⁾ que vem, em meu amparo.
Co' ela, oh malvado, chega o teu castigo.»
Cresce o alvoroço — a porta Hierocles abre,
Fronteira à Galaria, e sagões Áulicos,
Das varandas, na infinda turba, avista
Ancião, que suplicante ramo empunha;
De Antiste sacro traz listões, traz opa.
Rompe em gritos a turba alvoroçada:
*Dê-se-lhe a Filha. Em mãos o Traidor caía
De quem ao Povo suplicou Romano.*
Ouve-os a Virgem, lança-se às Varandas,

(1) De Laocoon. Tão abraçada com ele como o estão os dous Filhos, que as Serpes entrelaçam.

(2) Mãe de Deus.

Vê o Pai. Se lhe debruça... ⁽¹⁾ O Povo grita:

É das Musas Vestal, do Antiste Filha.

Vertendo pranto a mares, e rasgando-se,

Clama o Pai. «Oh Cimódoce!» A mãos juntas,

Desse agravo vingança ao Povo pede.

Chama Escravos o Monstro, que a Cimódoce
Arrebatem dali. Mas grita a turba.

Vai-te Hierocles a Vida. Co' estas dextras,

Te hemos de espedaçar, se usas violência, a

Mais mínima, co' Virgem das Aónias.

Co' Povo entresachada a soldadesca,

Despe as espadas, mostra o corte a Hierocles.

Co'as Colunas Cimódoce se estreita

Com laços, que invisível deu Maria. ⁽²⁾

Não foi dado aos Escravos desprendê-la.

Nesse instante, Galério espavorido

Do tumulto, que lavra, em seu Palácio,

Num fronteiro balcão se mostra ao Povo,

De Cortesãos, de Guardas ladeado.

Povo

Justiça, oh César! Faze-nos justiça!

Co' a dextra o Imperador impõe silêncio.

Prudente (como o deve) o Povo escuta.

Junto a Galério é Públio, que apadrinha

O alvoroço (sob mão) a fim, que a Hierocles

No conceito arruine de Galério.

(1) De tal maneira pende da varanda, como se a Demódoco arrojara se dela intentara.

(2) Mãe de Deus.

PÚBLIO (*ao Povo*)

«E qual justiça requireis de Augusto?»

POVO (*a Demódoco*)

«Fala.»

DEMÓDOCO

«Oh eterno Augusto, oh prole Hercúlea,
Sê Pio a um Pai, que te reclama a Filha.
Tu desgrenhada a vês. Em Casa a prende
Seu roubador, no próprio teu Palácio
Contra a Vestal violências executa.
Ampara, Augusto, o Antiste ancião de Homero;
Ampara essa Inocência, e as Cãs, ⁽¹⁾ as Aras.»

HIEROCLES (*das varandas da Galeria*)

«Divo Augusto, Romano Povo, enganam-vos.
Grega Escrava, e Cristã roubar-ma querem.»

DEMÓDOCO

«Nem scrava, nem Cristã. É minha Filha.
Romano eu Cidadão. Não scutes, Povo,
Esse inimigo meu.»

POVO

«Cristã tua Filha?»

DEMÓDOCO

«Vestal; que, c'um Cristão, quis desposar-se.»

(1) Mostrando as suas.

Povo (a *Cimódoce*)

«És Cristã?»

CIMÓDOCE

«Cristã sou.»

DEMÓDOCO (a *Cimódoce*)

«Não o és. Tão crua
Foras, que um Pai deixaras para sempre?
Augusto, e Vós, Romano Povo, ouvi-me.
A nova Religião não stampou inda
Na minha Filha, o seu carácter último.»

Cimódoce, que avista entre esse Povo,
Doroteu, exclama ao Pai, lavada em pranto:
«Doroteu, que guiou aqui, teus brados,
Porque me salves, Doroteu presente
Ao Baptismo, te informe da Verdade.
Viu quanto eu fui feliz. De Eudoro Esposa,
Confesso a Fé de Eudoro.»

Povo (a *Doroteu*)

«É verdadeira?»

Doroteu baixa o rosto, e não responde.

HIEROCLES (*cobrando audácia*)

«Declarou-se Cristã. Reclamo-a Escrava.»
Entre ódio ⁽¹⁾ e compaixão ⁽²⁾ suspenso o Povo,
Paixões equilibrando co'a Justiça:

(1) Hierocles.

(2) Cimódoce.

Povo

«Seja entregue ao Prefeito Públio a Filha
Dum Cidadão Romano, nunca Escrava.
Livre de Hierocles, por Cristã padeça.»

Firmou o arresto, c'um aceno, Augusto.
Públio o cumprimento. No Quarto entrando, em ondas
De Ira, e Vergonha, Augusto bracejava.
Culpa Hierocles, que deu ansa ao tumulto,
Que ousou violar a Imperial pousada.

PÚBLIO (*que vem dar parte*)

«Aplacado é o tumulto; e a Cristã presa.
Mas não devo encobrir-te o quanto Hierocles
A p' rigo pôs a salvação do Império.
Dá-se adverso aos Cristãos; e poupa a vida
Ao mais foute Revel? Mal cabem ciúmes
Fúteis, (num teu Ministro) duma Grega,
Que esposou o Campeão dos teus contrários.»
Viui lidar o que diz, na alma, a Galério.

PÚBLIO

«Dá a crer, que dele tens, se és hoje Augusto!
Dum Grego, que acolheste, bom... ⁽¹⁾ o ceptro!...
Públio se atalha, como enfreado na alma,
Desdouro mais infame à Majestade.
Corou Galério: e o Cortesão astuto
Se inteira, que roçou na chaga antiga.
Informado, de que era vindo a Roma
Doroteu, e se vira com Demódoco,
E que ele foi quem rebanhara ao Paço

(1) Por tua grande bondade. É imitação do *bone* de Horácio na Ode a Augusto, lib. 4. od. 5.

O amotinado Povo, fácil lhe era
A Públio preveni-lo; mas convém-lhe
Quanto acaso ao Rival, ⁽¹⁾ lho arruine e afunda.
Tendo em mãos, todo o jogo dessa agência,
Por secretos Espias, insidioso,
Em Demódoco os clamores favoneia,
No Sp'rito de Galério entranha susto.

GALÉRIO (*a Públio*)

«Desse Cristão, e cúmplices descarta-me.
Nem cabe, que a meu lado a Hierocles vejam.
Mas de antigos serviços leve em prémio
O Governo do Egipto; e parta, e fuja.»

PÚBLIO (*contentíssimo*)

«Descansa, em meu cuidado, Eterno Augusto.
Bem que à traição de Eudoro falhem provas,
Sobra a que por Cristão, à morte o julguem,
Cimódoce, co'a turba desses impios
Será sentenciada. Hierocles, súbitas
Da tua Eternidade imponho as ordens.»
Disse: e a Hierocles intima ásperos Fados.
O perverso Ministro lê cem vezes
A cédula Imperial, que o manda a exílio. ⁽²⁾
Pálido o rosto, a vista esgazeada,
A boca mal aberta, Dor exprimem
Do Cortesão ⁽³⁾ culpado, que em breve átomo,
Esvaecidos vê da vida os sonhos.

(1) Hierocles.

(2) Exílio com honra.

(3) Hierocles.

HIEROCLES

«Tu és, Deus dos Cristãos, quem me assim vexa.
 Por me gozar da Esposa a Eudoro alargo
 Vida; ela perco-a, e ao meu Rival dá morte
 Alheia mão, não minha. Um Velho obscuro ⁽¹⁾
 Em Roma descuidei; não pus a ferros
 Um Cristão poderoso; ⁽²⁾ ambos me arruinam.
 Quão cega que és, humana Providência!
 Filosofia, ufana-te. Oh! que és fraca!
 Nem susténs a Privança, nem a supres.» ⁽³⁾

Tais discursos arranca a Mágoa a Hierocles.
 Com pranto indigno, os olhos arrazaram-se-lhe.
 Carpia os Fados seus, qual fêmea imbele,
 De senso escasso, e coração mesquinho.
 Salvar quisera a Virgem; ⁽⁴⁾ mas, cobarde
 Falha em corage'; expor a vida o assusta.
 Em mares de projectos bandeando,
 Nem arrosta a procela, nem a esquiva.
 Notícias dava Doroteu a Eudoro,
 Que, em Roma é a Esposa cara; e quanto arruído
 Revolvera o Palácio. Os Companheiros, ⁽⁵⁾
 Rodeando Eudoro, parabéns lhe davam
 De que Esposa escolheu leal, magnânima.
 Sumo Prazer! Mas, que o desbota o susto
 Dos p'rigos, que à recém-Cristã ameaçam.

(1) Demódoco.

(2) Doroteu.

(3) Consolando os que da privança descaíram.

(4) Cimódoce.

(5) Os Mártires que com ele estavam na prisão.

EUDORO

«E antes que o Esposo, à Fé deu testemunho!
Guardava o Céu tais vivas à Inocência!
E Hierónimo é quem deu, na água Jordânica,
Baptismo à minha Ester? Cristã confessa
Ante o Povo Romano, a Cristo? E é certo,
Que, no Império a verei? Contento morro.»

Começava a raiar, então, no cárcere,
Um albor de esperança. Desvalido
Hierocles, talvez face o Império mude.
Lá, do Ocaso, dá sustos a Galério
Constantino. E a trazer notícias prósperas
O que, Eudoro enviou, Próprio, a Salona...
Quando o Baixel naufraga, em noite horrenda,
Lutando, contra as ondas, bebe o Nauta
Salso humor: se, por caso, no afã, rompe
Pela treva albor falso, avista o mísero
Vizinha a praia, e nada afervorado:
Eis morre a Aurora infida; e o Vento cresce,
Que afunda o nadador, no undoso abismo.
Tais, dos Cristãos os Fados, e esperanças!

Inda, em boca dos Mártires, soava
Cântico ao sumo Deus... Eis Zacarias,
(Que os casos sabe já de Eudoro) entrava.
«Cantai, Irmãos (clamou) que há assunto a júbilos;
Grão Mártir, amanhã, aumenta o número
De Intercessores vossos, ante o Eterno.»
O Hino cessou. Derrama-se o silêncio
Pela torva prisão. Cada um se lança
A atinar, qual será a ditosa Vítima.
Cada um quisera que lhe caia a sorte;
Recorda os foros seus, ao lauro ilustre.
De Zacarias colhe Eudoro o senso; ⁽¹⁾

(1) Adivinha o sentido.

Mas do Martírio impugna as esperanças,
Qual sugestão do Inferno, e ufana glória;
E que peca em Orgulho esse conceito.
Dá-se indigno, que o ponham, ante Atletas
Anciãos que a Fé de Cristo hão confessado.
Divina emulação! sublimes dúvidas!
Mas presto lhes pôs termo Zacarias:
«Deves-me, oh Filho, salvas, Fama, e Vida;
De mim te lembra, quando ao Empíreo subas.»
Logo ante o Mártir, Sacerdotes, Bispos,
Prostrados, e nas vestes dando-lhe ósculos,
Pede a Jesus, por nós. Em pé, Eudoro,
Cedro erguido, entre cedros derribados,
(Relíquias já ⁽¹⁾ do Líbano) ⁽²⁾ parece.

Um Lictor, que precedem dous Escravos,
Com brandões de Cipreste, entra no cárcere.
Vendo imóveis Cristãos venerabundos,
Atónito, não crê, no que está vendo.

LICTOR

«Rei dos Cristãos, qual é desse teu Povo,
Tribuno Eudoro?»

EUDORO

«Eu sou.»

LICTOR (*admirado*)

«Morrer te incumbe.»

(1) Tomado pelo *olim* dos Latinos.

(2) Resto de destroço consumado nos arvoredos do Líbano: como dos poucos Troianos que ficaram depois de Ilion destruída, disse Virgílio *Relíquias Danaum*.

EUDORO

«Tais honras de lá vêm.» (1)

ES CRAVO (2)

Eudoro, Filho

De Lastenes, nascido em Megalópolis,

Na Arcádia, e já Tribuno na Britana

Legião, General já dos Ginetes, (3)

Já Prefeito nas Gálias, compareça

Ante Festo amanhã. Cristão havido,

Aos Deuses sacrifique, ou morte morra.

Eudoro se lhe inclina: e o Lictor parte.

Qual vês, as Festas da Paládia Atenas,

Jovem Canéforo esquivar-se ao Vulgo,

Ao Vulgo, que lhe louva o Pejo, as Graças,

Tal Eudoro, que já, do sacrifício

Empunha a palma, à profundez se lança

Da tétrica prisão, porque aos louvores

Dos Companheiros fuja. O licor pede

De misterioso préstimo, nas Quadras

De provação. (4) À Esposa, esse adeus último

Dá por letras. Oh Tu Custódio sacro

Da virtuosa Afeição, grato confia-me

A lauda, em que os afeitos pios, ternos,

Em memória do Mártir, descreveste.

(1) Aludindo ao uso de beijarem os pés ao Mártir, que ia padecer. Essas as honras, que admiraram o Lictor.

(2) Envolvendo o rolo de pergaminho em que vem escrita a sentença, e lendo-a em voz alta voz.

(3) *Magister equitum.*

(4) Em que Deus põe a prova os que lhe são Fiéis.

CARTA DE EUDORO A CIMÓDOCE

«Por amor de Jesus, a ferros posto,
 Eudoro, de Deus servo, à Desposada,
 E havida Companheira, Irmã Cimódoce,
 Em Conflitos, Amor, e Paz, e Graça. ⁽¹⁾
 Soubemos Pomba, e muito amada minha,
 Com prazer digno, e que a minha alma acolhe,
 Que, em ondas do Jordão te renascera
 O Amigo nosso, Anacoreta Hierónimo.
 Confessaste a Jesus, ante os Juízes,
 E Príncipes do Mundo. Oh! como splêndida
 Brilha, nesta hora, a tua formosura!
 Podemos-nos queixar, nós, castigados,
 Mais que mui justamente, quando uma Eva
 Que ainda não pecou, é perseguida?
 P'rigosa é a tentação, se vou pensando
 Que, ao peso dos grilhões, esses mimosos
 Braços descaiam; que essa fronte, ⁽²⁾ ornada
 De graças virginais (que ser sustida
 Por mãos de Anjos merece) numa pedra
 Se reclina em masmorra tenebrosa!
 A ser-nos dado ter, convosco, a Dita...
 Mas vá, longe de nós tal pensamento.
 Filha de Homero, Eudoro vai diante
 À mansão dos concentos inefáveis.
 Qual corta em meio o Tecelão a teia,
 Da vida o estame hão de cortar-mo algozes.
 Da prisão de são Pedro esta escrevemos,
 Desta perseguição no ano primeiro.
 Amanhã, me verei, ante os Juízes,
 Na hora, em que Deus morreu na Cruz. Oh cara,

(1) Divina. Como nas Epístolas dos Apóstolos: *Gratia vobis et pax in Christo Jesu.*

(2) Fronte, por cabeça, a parte pelo todo é figura usada por Poetas e Oradores; e até na frase familiar, onde eu apontaria exemplos muito óbvios, em que ninguém repara.

Fora, o que eu te consagro, Amor, mais forte
Se dos Paços dos Reis, no Ano de núpcias,
Esta fora a ti scrita? Dar-nos cumpre
O último adeus, oh Virge' a mais formosa
Que, entre as Filhas dos Homens, veio ao Mundo.
Aos Céus enviamos prece, envolta em lágrimas,
Que um raio de teu rosto inda me lustre.
Os Céus nos hão-de ouvir. E, a ser-nos ásperos
Valha a Resignação na Providência.
Sem desar da Pureza, Esposa, e Virgem,
Da dos Anjos Rainha, em parte, os foros
Logras. Despeito é sumo afecto humano
Não gozar, o que, em puro amor, é jubilo!
Foras Mãe; serás sócia em Bens eternos.
Desculpe o Pai, ⁽¹⁾ na angústia de perder-te,
Prantos, lhe roga, ⁽²⁾ que os Cristãos, lhe agravam.
Saudando-te, fecha Eudoro a Carta.
Lembrem-te os meus grillhões, cara Cimódoce,
Mansidão de Jesus te assista, e guarde.»

FIM DO LIVRO XX.º

(1) Demódoco.

(2) Por desaparecer o Original não vi traça mais óbvia, que destroncar os membros do período.

NOTAS DO LIVRO XX.º

Pág. 265, verso 8. Galé dourada.

Muitos exemplos citar-se podem dessas honras outorgadas pelos antigos, a pessoas egrégias. Baste o recebimento que Dinis fez a Platão.

Ibid., verso 13. Tarento.

Architas, grande Matemático, e insigne Filósofo, a quem Tarento, Pátria sua, ergueu um jazigo, que de longe se avistava. Dele fala Horácio, Lib. X, od. 22.

Pág. 267, verso 10. Irados Numes.

Propondo a Marcelo, que (infiel à promessa) levasse de Tarento as Státuas, respondeu: «Deixemos aos Tarentinos os seus Deuses, contra eles agastados.»

FIM DAS NOTAS DO LIVRO XX.º

OS MÁRTIRES

LIVRO XXI.º

ARGUMENTO

Cirilo releva Eudoro de sua penitência. Demódoco se lastima de sua desventura. Cimódoce é encarcerada. Recebe, na prisão, Carta de Eudoro. Actas do Martírio de Eudoro. Purgatório.

CORTESÃOS de Galério, na hora mesma,
Em purpurinas colchas recostados,
Lauta, opípara mesa circundando,
Delícias prolongavam do banquete,
Pelo giro da Noite As mãos pejudas
De Endro, as frentes lhe enrama a Viola, a Rosa:
Cada Conviva enleva-se, transporta-se.
As Flautistas, Cultoras de Terpsícure,
Com Cantos voluptuosos, moles Danças,
Põem Desejos em Campo. Ao bando alegre
Dava alma a Taça Báquica, no bojo
Igual à de Nestor, ⁽¹⁾ e em formosura.
O Deus vendado, que desfrecha o tiro,
E ri do mal que fez, lá dava assunto,
Qual deu já, no banquete de Alcibíades.
Gemas, mármore, cristais, e argento, e ouro
Reflectem, duplam esplêndidos luzeiros;
E os aromas da Arábia, os de mais custo
Entram de par, c'os Gregos, raros Vinhos.

(1) Imitação duns versos da Ilíada.

Desvalidos do Mundo, à Morte adictos,
Confessores Cristãos, nesse momento,
Também Festa, e banquete aparelhavam,
Na prisão de São Pedro. Tinha Eudoro
No Sol crástino, a Juízo ir ante Festo.
Da Penitência incumbe relevá-lo;
Que em frágua expirar pode dos tormentos.

No cárcere uma lâmpada se acende.
Cirilo, a quem poder enviara o Papa,
O sacrifício dos Perdões celebra.
Gervásio é seu Acólito, e Protásio;
Túnicas brancas, à prisão trazidas ⁽¹⁾
Vestem; e a loura coma, no alvo colo,
Se devolve em anéis; pelo semblante,
Pejo de puras Virgens se lhe estende.
Disséreis, que ao martírio se encaminham.
Tanto, transluz em ambos os Mancebos,
Contento, de modéstia acompanhado!

Ajoelham todos. Sem altar, sem cáliz
Cirilo, em baixa voz entoa o Intróito.
Mas, onde consagrar a Sacra Vítima?
Oh sublime invenção da Caridade! ⁽²⁾
Oh Cerimónia terna! O anoso Bispo
Pousa a Hóstia no peito; e o peito é Ara,
Onde Cristo se of'rece em holocausto.
Recebe, em tanto, Eudoro a veste alvíssima,
Despida a penitente: Zacarias
Se ergue, e ao Bispo ⁽³⁾ assim requerem: ⁽⁴⁾
«Mui amado de Deus, este é o propício

(1) Por Cristãos, para a Cerimónia.

(2) *Caritas in Deum, pietas in Patrem.*

(3) Cirilo.

(4) Os Levitas ofereciam a absolvição aos penitentes.

Momento de Perdões. Contrito pede
Reconciliar-se, à Igreja; e ela to implora.
Põe Eudoro, na plana dos Eleitos: ⁽¹⁾
Foi Postulante, Ouvinte, foi Prostrado.» ⁽²⁾

CIRILO

«Compungido prometes mudar vida?
Confirma-me a promessa, a dextra erguendo.»
Pesados com grilhões, Eudoro os braços
Ergue ao Céu. Os grilhões o adornam tanto
Quanto à Sposa manilhas e broslados.
Sobre ele estende a dextra, e diz Cirilo:
«Por Jesus, que nos Céus, os nós das culpas
Mui Clemente desata, e que os Apóstolos
Na Terra desataram, dou-te absolto.»
Então se prostra Eudoro aos pés do Bispo,
E da mão do Diácono recebe
O Viático Santo; Pão disposto
Ao Viador Cristão, que à vida eterna
Peregrinando vai. Os Confessores ⁽³⁾
Admitem, no seu grémio o estreme ⁽⁴⁾ mártir.
Igual ao, que há nomeado o Povo, Cônsul, ⁽⁵⁾
Eudoro, do Perdão, ostenta a insígnia. ⁽⁶⁾
Nessa mó de Proscritos padecentes,
Que via o Vulgo? Uns Homens, sem renome;
Mas troncos de sem conto de Famílias,
Que o Mundo hão-de cobrir; que com seu sangue
Têm de apagar o incêndio ⁽⁷⁾ que ora lava,

(1) *Multi sunt vocati, pauci vero electi.*

(2) *Vid. FLEURY, Mœurs des Chrétiens.*

(3) Os que já confessaram a Fé ante os Tiranos.

(4) Estremado dos outros presos para ir padecer.

(5) Que devolve a púrpura, distintivo da sua dignidade.

(6) A branca vestidura.

(7) Da Perseguição.

Que hão pôr a Cruz, por timbre, em cada trono,
Mas, antes que triunfe dos Tiranos
Quão sem conto hão verter-se acerbas lágrimas!

Chegado, há muito a Roma, era Demódoco.
Roma! onde o coração de dor lhe estala.
Certo da angústia em que a Vestal labora,
Reclama-a a Augusto, ao Povo: salva apenas
Das mãos de Hierocles, por Cristã, lha arrancam
E lhe impedem que a veja. Foge ao Povo
O dó, mal que da odiada seita a culpam.
Humano (ao luzir do ouro) o Carcereiro
Dava entrada a quem vinha ver os Mártires.
Mas Sevo, ⁽¹⁾ que aos Cristãos jurou furores,
Nem sofre à Sposa (que lhe estranha os vícios)
Que à Virgem ⁽²⁾ fale. Expulsa o Pai ⁽³⁾ magoado,
Com baldões, e o ameaça enfurecido.

Não longe da prisão, onde Cimódoce
Geme de angústia, e dor, um Templo, sacro
Se ergue à Misericórdia. Ornã-lhe os frisos
De mármore relevos, onde as Musas
Quadros gravaram, de cantada ⁽⁴⁾ História.
Vê-se a Moça piedosa, que alimenta,
Qual Mãe, ao que a gerou, com virgem leite.
Mais longe, Mânlio, ao Filho, desumano; ⁽⁵⁾
Que ao voltar vencedor ao Capitólio,
Vão-no encontrar Anciões — mas os Mancebos
Fogem de o ver, de olharem seu triunfo.
Lá, co'a cinta, a Vestal a Nau atoa

(1) Carcereiro de Cimódoce.

(2) Cimódoce.

(3) Demódoco.

(4) De Histórias antigas cantadas por Poetas.

(5) Que lhe desobedeceu, em dar batalha, contra as suas ordens, e dado que a ganhou, o mandou o Pai matar.

Que de Cartago, e Roma encerra os Fados;
E pelo Tibre acima traz Cibele.
Virgílio (inda Pastor) paternas jeiras
Deixa forçado; em fatal noite, Ovídio
Se arranca à Sposa, a Roma, e a exílio parte.

Começam giro os Astros, giro acabam;
Sentado o vêem no pó, nesse átrio, a fio.
Triste o Pai, ⁽¹⁾ roto o manto, a barba squálida,
Cheios de cinza e hirsutos os cabelos,
De alta dor davam fé, no Antiste súplice.
Beijava os pés da Imagem ⁽²⁾ compassiva,
As Gentes comovendo a dó, com prantos,
Ou co'a Lira empenhando os que ali passam.
Mas, mais que pranto, e dor represa os Homens
O laço do Prazer: à Dor esquivam-se.

DEMÓDOCO (*lastimando-se*)

«Séc'lo de bronze! Oh Gente a Jove odiosa!
Oh duros! que esquivais paternas mágoas!
Pôs Ara ao Dó Filial a Idade antiga!
E estas honradas cãs não vos comovem?
Sou dos Povos horror? Sou Parricida?
Hei merecido ser votado às Fúrias?
Dos Numes sou Ministro, e fui no grémio,
De Homero alimentado, e me admitiram
No seu Coro sagrado, as doutas Musas.
Orando ao Céu, por vós, gastei a idade;
E Vós, aos rogos meus, sois mármore surdo?
Que gran mercê vos peço? Oh consenti-me
Ver milha Filha: em seus grilhões ter parte,
E, antes que ma roubeis, morrer-lhe em braços.

(1) De Cimódoce.

(2) Da Misericórdia.

Olhai quão tenra é de anos, quão formosa!
De quantos cobre o Sol com seu luzeiro
Era eu o mais feliz! Que Escravo há no Orbe
Que, co'a minha, trocar queira, hoje, a sorte?
Deu-me Jove em mercê, alma hospedeira:
De quantos gasalhei, nos faustos Lares,
Um só não vejo, que de mim se doa.
Em que sítio firmou seus pés a Dita?
Quem crê constante a feliz Roda, é louco.»
Fere, quando assim diz, desesperado,
As mãos; e pela terra se rebolca, ⁽¹⁾
Sem que os seus brados na masmorra ⁽²⁾ calem.
Quantos Cristãos, lá, a Homérea precederam!
(Sítio cruento!) e padeceram Mártires!
Lá presa, e solitária jaz Cimódoce.
E Sevo, a quem cansavam os disvelos,
Que dar cumpre à tal Órfã carcerada,
Lhe insultava a desgraça acerbo acerbo, assíduo.
Se rústicos Aldeões caçam no monte
Águia inda nova, Imperial herdeira
Da franca Sfera, ⁽³⁾ em vil encerro a prendem,
Com trato ruim, com mofas, com insultos,
Lhe abatem (desvalida!) a majestade.
Na c'roa da alta frente, impios a ferem,
Cravam-lhe olhos, que a fito conquistavam
Raio a raio, do Sol todo o luzeiro,
Inulta a Rainha do Ar vexam multímodos.
Faltam-lhe asas, com que ares talhe, e sulque;
Faltam garras, com que baldões castigue.

(1) Este é o verbo, que dá o genuíno sentido do *vautrer* francês; e é mesmo mais nobre que ele: só lhe chamam antigo os que não lêem; se não é corrente nas conversações a culpa não é minha.

(2) Em que a Filha encarcerada jaz.

(3) Da franqueza dos ares!

Criada a Virgem ⁽¹⁾ nos Jardins das Fábulas,
Téli pascera, nas ficções donosas,
Sem ver desdita, ou dor. Na Cristã scola,
Não ouvira: *A sofrer nascidos somos.* ⁽²⁾
Voz, que soa ao Cristão, inda em mantilhas.
Noviça em provas, com que Deus apura,
Mudou ventura, com mudar de Rito. ⁽³⁾
Contra angústia, porém, o Céu lhe acode,
Qual nunca lhe acudissem falsos Ídolos.
Dá-se ⁽⁴⁾ aos livros, que ali deixaram Mártires;
Mas juvenis lembranças malogravam
Quanto alto a Religião nos remontara,
Sobre as saudades das humanas pompas.
Quanta vez, lendo páginas sagradas,
Recordou de Messénia a luz brilhante!
Recém-Cristã, das Musas a Ministra
A face reclinou, entregue à mágoa!
Soutos, sonhou, do Anfiso e em Gregas Festas
Pelo opaco Nemeu, rodando, os Carros,
As Teórias transpor, a som de flautas?
Lembram-lhe os cumes de Ira, e Steniclaras
Veigas; ela ditosa, e o Pai ditoso
O Pai, que ora o ruim Pesar acurva.
Que faz? Onde é? Quem lhe apiada os anos?
Lhe enxuga o saudoso ansiado pranto?

Mas, quão leves que são da Filha as mágoas,
Que às do Esposo, às do Pai as pões em frente!
No mais vivo da Dor, passadas toam, ⁽⁵⁾
No cárcer ouco. Branca, Esposa a Sevo, ⁽⁶⁾

(1) Cimódoce.

(2) *Homo ferendo est.*

(3) Da Religião.

(4) Cimódoce.

(5) Numa ampla cadeia despovoada, aos mais leves passos as lajes toam.

(6) Que era Cristã.

Dá a Carta, e foge, com temor do Esposo.
Pronta apresta o licor, que à Carta em branco,
Vertido, cores abre a quanto estampa
O Amor e a Religião. Ternos afeitos
Dão luz de si. Mas, eis que, entre eles surge
Presságio ruim. Eis fecha-a. Eis abre, lê a medo...
«Filha de Homero, ⁽¹⁾ Eudoro vai diante
À mansão dos Concentos inefáveis.
Qual corta em meio o Tecelão a teia,
Verdugos me hão cortar da Vida o estame.»
Súbito os olhos da Donzela enublam-se;
Pelos membros lhe coa ânsia, e delíquio;
Verga; e nas lajes da masmorra, cai.

Celeste Musa, dize de que rompem
No Empíreo, enlevos tais, tais alegrias.
Porque áureas Harpas dão sons tão suaves?
E o Himnógrafo Rei ⁽²⁾ entoa júbilos?
Quão gozosos os Anjos!... Do Santuário
Arranca Estêvão Palma fulgurante,
E a vem descendo a nós venerabundo!
Anjos cantai do Justo a ovante lide.
Do curto prazo dum viver penoso
Ressalta a Dita, que esplandece eterna.

Vai, ante o Juiz comparecer Eudoro,
Dos Amigos magoados se despede;
Recomenda Cimódoce, e Demódoco.
Já Soldados o Mártir conduziam
Ao Templo da Justiça. Ao pé do Teatro
De Marcelo o fundara outrora Augusto. ⁽³⁾
No topo duma sala imensa, aprica,
Se alça cadeira ebúrnea; no alto é Témis,
Mãe de Equidade, e Leis, Mãe da Concórdia.
Peja a Curule o Juiz. Stão Sacerdotes,

(1) Palavras da Carta de Eudoro a Cimódoce.

(2) David.

(3) Octaviano.

Ara, e Vítimas seguem pela esquerda,
Pela dextra Soldados e Centúrios:
Ante ele Equúleo, Cepos, e Fogueira,
Férreo banco, ustensis de hartos algozes.
Ferve a Sala em Plebeu. Chegado Eudoro,
Preso, ante o Tribunal, e em pé. Silêncio
O Arauto ⁽¹⁾ diz (de Jove é servo, e de Homens).

JUIZ

«Quem és? teu nome?» ⁽²⁾

EUDORO

«Eudoro, de Lastenes.»

JUIZ

«Contra os Cristãos ouviste as Leis?»

EUDORO

«Ouvi-as.»

JUIZ

«Aos Deuses sacrifica.»

EUDORO

«Eu sacrifico

Ao Deus único Autor dos Céus e Terra.»

(1) Desde Agamémnon que, por Arautos, mandou tirar Briseis da Tenda de Aquiles, Leis de Homens, e de Numes, e Paz, e a Guerra por Arautos publicadas foram. Eles são a voz pela qual os Homens, e os Deuses dão saber a sua vontade aos Povos.

(2) Nada, enfastia tanto ao Leitor (por mim o julgo), nada é mais prosaico num Poema, que o *disse*, e o *respondeu*, num interrogatório jurídico. Evitei-o, como pude. As Actas dos Mártires devem passar, para abono da História, tais, quais escritas foram: mas num Poema Épico desbotariam todo o Poético matiz.

JUIZ

«Despido o estendam nesse equúleo; e lhe atem
Pesos aos pés. Descoras? Dor te anseia?
Tem compaixão de ti. Lembre-te o cúmulo
De havidas honras. Lança à Pátria os olhos
Lá finda o teu Solar, ⁽¹⁾ teu lustre, e fama.
Chora teu Pai, lastimam-te os Maiores.
Não temes agravar de enojo eterno
Aflitas cãs de quem a vida houveste?»

EUDORO

«No Céu tenho Parentes, Honras, Glória.»

JUIZ

«Aos castos gozos de Himeneu és mármore? ⁽²⁾
Enterneces-te? Comovido imola,
Ou treme ante as angústias, que te aguardam.»

EUDORO

«Treme que vale ante um Juiz, que à morte
Tão adito é como eu?»

JUIZ

«Com férreas unhas,
As carnes se lhe rasguem.» Qual a púrpura
Tinge Índico marfim, lãs de Mileto
Nevadas, tinge o sangue o corpo ao Mártir.

(1) Nele, último Varão, fenecia a sua nobre, e antiga linhagem.

(2) Eudoro nada responde.

JUIZ

«Confessa-te vencido: imola aos Numes.
O Pai, e Irmãs destruis, [xviii] se aporfias;
E a Esposa matas, quando a espera o tálamo.»

EUDORO

«E eu dar a Deus (que Dita!) quatro vítimas!»
Travam-lhe os pés em cepos — lhos estiram;
É brasa o férreo banco, o pez referve,
Tratam tenazes de morder-lhe as carnes.
Nos tratos sofre Eudoro, e o não parece;
Que o grave, e o alegre lhe transluz no rosto;
E entre graças louçãs, senhoril gesto.
Ditames do Evangelho em sólio ardente, (1)
Mais facundo pregava o Orador Mártir. (2)
De auxílio santo Serafins o orvalham,
Co' as asas, seu Custódio o ampara, e areja.
Pão (3) regalado, que no lar se coze,
É o Mártir, porque à mesa eterna suba.
Pagãos de endurecido peito arredam
Rostos, que Eudoro, c'ó fulgor deslumbra.
Cansados os algozes se revezam, (4)
E o mesmo Juiz que o vê, no rubro assento,
Ver um Deus, se afigura, espavorido.

(1) No banco de ferro em brasa.

(2) Eudoro.

(3) *Fruentum Christi sumus*, etc. — *Vid.* lib. 9. vers. 320. not. ibi.

(4) *Et tortus ipsis qui cadit.*

Torquentitus fit fortior, canta a Igreja.

EUDORO

«Contempla o rosto meu, por que o conheças,
No Juízo universal, no dia da Ira.»

JUIZ (*turbado*)

«Cesse o suplício.» Deixa o posto, e foge:
Treme-lhe o corpo, e a língua. Encarga o Scriba,
Detrás do reposteiro, ⁽¹⁾ leia o arresto:
Do invicto Imperador manda a Clemência
Às Feras, quem a seus Editos sacros
Rejeita obedecer, e imolar nega.
No anfiteatro ordena, seja exposto,
No dia do divino nascimento
Do nosso eterno Augusto. Logo a Eudoro
Ao cárcere os Soldados reconduzem.
Já o seu triunfo os Mártires sabiam.
Aberta apenas da masmorra a porta...
Eis lhe olham palidez, rasgadas carnes; ⁽²⁾
Cirilo, e os mais, que o encontram, cantam o Hino: ⁽³⁾

«Venceste o inferno, e conquistaste a Palma;
Entrarás nos divinos Tabernáculos,
Egrégio servo de Jesus Sob'rano.
Que splendor te não raia das feridas!
Passaste, como a prata, pelo fogo,
Pela sétima vez acrisolada.
Venceste o inferno, e conquistaste a Palma:
Entrarás nos divinos Tabernáculos,
Egrégio servo de Jesus sob'rano.»

(1) Larga cortina, que faz respaldo à Cadeira curale.

(2) Mártires.

(3) Todos os presos.

Tinha Eudoro, na série dos tormentos
Em sufrágio da Mãe oferecido,
No íntimo peito, a angústia do Martírio.
Que, há longo tempo aviso teve, em sonho,
Que Séfora não vive: e a Deus rogava,
Reclame ao Empíreo, Mãe de tais virtudes.
Descera ela, do Mundo ao dado sítio
Em que as almas expiam leves culpas;
E ele, ⁽¹⁾ of'recendo, voluntário, o sangue,
Obteve à Mãe, que expiada ao Empíreo suba.

Três Profetas; ⁽²⁾ que lêem perante o Eterno
Da vida o Livro, aclamam-lhe a Alma ⁽³⁾ absolta.
Do trono se ergue a Virgem. ⁽⁴⁾ Quantos Anjos,
Votos de Mães, ou lágrimas de Filhos,
Dor de Pobres, angústias de Infelizes
Lhe apresentavam, param co'as of'rendas.
Ao Filho, que os Anciões ⁽⁵⁾ rodeiam, sobe,
E se inclina à segunda increada Essência:

VIRGEM MARIA

«Se eu mortal fraca no meu seio, oh Filho,
Dei pousada à Divina Essência tua,
Quando confiar dignaste ao meu disvelo
O Corpo teu passível, rogo me ouças.
Absolta proclamaram teus Profetas
A Mãe de novo Mártir. Findo é prazo,
Em que a Paz de Deus sumo o Orbe desfrute?
Dá, que humana eu te of'reça humanos prantos:
Vejo um Tigre rasgar membros dum Mártir.

(1) Eudoro.

(2) Moisés, Isaías, e Ezequiel.

(3) A alma de Séfora.

(4) A Virgem, Mãe de Deus.

(5) Os 24 anciãos do Apocalipse.

Não verteu sangue assaz, não verteu lágrimas,
Com que, remida a culpa, se alce ao Empíreo?
Nem do arresto o rigor maciar-lhe posso,
Sem, da vida haver corte o extremo fio?»
A Dolorosa Mãe ⁽¹⁾ assim orava,
Ao Filho, que Clemente, assim responde:
«Dos trabalhos ⁽²⁾ do Mundo (assaz te é claro)
Tomei, sobre mim, cargo. Mas Decretos
De meu Pai é forçoso que se cumpram.
Se uma hora no Orbe avexam os meus Mártires,
Virão gozar, nos Céus glória, sem termo.
Já, a c'roar-lhe o triunfo, desce a Graça.
Desce, oh Mãe, onde as culpas são delidas;
Traz a Feliz, ⁽³⁾ que leram os Profetas.
Pela Dita da Mãe enceta a sua,
O Mártir, por quem rogas.» C'um sorriso,
Banhou o Redentor a suave fala.

Nos tronos seus, se inclinam reverentes
Os vinte e quatro Anciões Querubins cobrem
Co'as asas os semblantes; para ouvirem
O Verbo Eterno, param as esferas;
Do escuro Caos a profundeza subsulta;
De luz recebe um raio, qual se nova, a
Surgir do Nada, Criação se apreste.

Ao sítio, em que as Almas se depuram
Maria desce: esmaltam sóis a estrada.
Novo aroma Anjos spargem, novas flores;
Matronas, co'ela vêm de nome ilustre;
Essa ⁽⁴⁾ a quem exaltou no ventre, o Filho,

(1) *Stabat Mater dolorosa*, canta a Igreja.

(2) *Labores nostros ipse portavit*.

(3) Séfora.

(4) A Mãe do Baptista. *Exultavit Infans in utero meo*.

E, a que precioso ⁽¹⁾ Nardo, nos pés verte,
A Mãe dos Macabeus e Sinforosa, ⁽²⁾
Lia, Raquel, e Ester, Rainha santa,
Débora, a quem brotou da Sepultura
Choroso Robre, ⁽³⁾ e a Viúva, a quem chamaram,
Os Homens Noemi, ⁽⁴⁾ Formosa os Anjos.

Estendem-se, entre os Céus, entre os infernos
Amplos sítios onde almas se acrisolam.
Toca a base, em Regiões de eterno pranto;
Toca o cimo em regiões de eterno júbilo.
Aos confins das pousadas venturosas ⁽⁵⁾
Leva alívios Maria. Além se agitam
Lavados em suor, arquejam míseros;
Colhem só luz, da inferna flama próxima. ⁽⁶⁾
Almas purificandas em tais sítios,
Nos infernais suplícios não têm parte;
Mas ouvem os tormentos horrorosos,
O arrastar dos grilhões, do açoute o estalo.
Um Rio ardente (lágrimas de Réprobos!)
Do Orco as separa, onde encovar-se temem:
A não as sustentar uma Esperança,
Que ora lhes morre, que ora lhes ressurge.

Aparece dos Anjos a Rainha
Aos que afina o crisol. Fica suspenso
Um tanto, o horror de assíduos seus temores:
Brilha alma luz na expiatória treva,
E aponta um certo albor nos muros do Orco;

(1) Maria Madalena. *Nardi pystici pretiosi*.

(2) Que sete Filhos padecer viu, e que depois foi como eles martirizada.

(3) Vid. *Lib. Judic*.

(4) Vid. *Lib. Rut*.

(5) Limites do Céu.

(6) Convizinha co' inferno o Purgatório.

Crê, que assoma a Esperança ⁽¹⁾ o Inferno atónito.
De compaixão movida a Virgem ⁽²⁾ lustra ⁽³⁾
Sítios de menos noite, e menos mágoa,
E ao ponto que se afasta, e que remonta
Do encerro das provanças a Deípara, ⁽⁴⁾
Tudo se aformosenta: mais se ameigam
As penas, menos duram: bem que austeros,
Se embrandecem os Anjos, que vigiam
As Almas, no crisol da penitência.
Não, como os ruins Espíritos (que insultam
As almas dos prescitos), os bons Anjos
Stão consolando e à compunção dobrando-as,
Com dar-lhes rasos da Bondade eterna,
Co'a Dita, que lograr (Almas felizes!)
Vão, contemplando a Essência de Deus sumo.

Quadro inda, mais que todos raro e estranho
Nos olhos fere as Célicas Matronas,
Que desceram do Céu, co'a Virgem pura.
Vão-se Almas arraiando, com luzeiros,
Entre outras Almas, que lhe estão aos lados,
As frentes lhes circunda, bem tecida
Lauréola gloriosa; transmudadas
A Regiões mais subidas se remontam,
Onde concentos Divinais escutam.
Almas são, a quem penas encurtaram
Orações de Parentes, e de Amigos,
Que inda no Mundo estão. Celestes foros
Da Amizade, da Fé, e do Infortúnio!
Quanto há mais infeliz, mais pobre, e inválido
Mais desvalido do Orbe, ali mais monta,
Mais Dita, e mais soltura a uma Alma adquire.

(1) Aludindo ao verso do Dante, no seu Inferno – *Lasciat' ogni speranza voi ch' entrate.*

(2) A Virgem Maria.

(3) Visita com os olhos.

(4) Nome que a Igreja, os Padres, e os Concílios dão à Virgem Maria.

Com inefável brilho a feliz Séfora
Raiava, entre essas Almas redimidas.
A Mãe dos Macabeus à Mãe de Eudoro
Trava das mãos, e à Virgem a apresenta.
Brandamente, se eleva a Comitiva
Aos sacros Taberná'los; vários Orbes,
Que, à noite luzir vemos; e gran cópia
Que a distância nos pôs além da vista;
Quantos criados Sóis, quantos Poderes,
Viram a Criação ⁽¹⁾ formavam Coros,
À Mãe do Redentor, cantando este Hino:

«Abri-vos franqueai passo, Eternas portas
À Sob'rana dos Céus. Ave, oh Maria,
Que és de Graça tesouro, e que és protótipo
Das Virgens, das Esposas. Vós, ardentes
Querubins, sopesai, nas asas vossas,
A que é do Verbo Mãe, dos Homens Filha.
Qual revê mansidão, no olhar modesto!
Como sorri pudica e bonançosa!
Nas feições lhe transluz inda a Beldade,
Da mágoa, que seus júbilos eternos,
Quando em Terras viveu, lhe moderava.
Fremem de amor, quando ela passa, os Mundos.
Da luz incriada em que respira e move-se,
Escurece ⁽²⁾ Splendor. Ave, oh Bendita
Entre as Mulheres; que és de nós culpados
Refúgio; que és de aflitos certo amparo:
Abri-vos, franqueai passo, Eternas portas
À Sob'rana dos Céus. Ave, oh Maria.»

FIM DO LIVRO XXI.º

(1) Do Mundo.

(2) *Escurece a neve*, diz Camões; dando a entender, que à vista de alvura tanta, parece escura a neve.

NOTAS DO LIVRO XXI.º

Pág. 291, verso 6. Endro.

Circunstanciada exposição faz Ateneu dos banquetes dos antigos, e das coroas com que cingiam as frentes; também do Endro de que usavam, que muito se parecia com o Funcho.

Pág. 292, verso 24. Hóstia.

Vistos foram alguns Prelados consagrar (por falta de ara) nas mãos dos Diáconos: e o ilustre Mártir S. Luciano de Antioquia, no peito consagrou; porque de tal maneira o tinham preso, que mover-se não podia. (FLEURY, *Mœurs des Chrétiens*).

Pág. 307, verso 12. Eternas portas.

Attollite portas... Et elevamini portæ æternales. (Psalm.)

FIM DAS NOTAS DO LIVRO XXI.º

OS MÁRTIRES

LIVRO XXII.º

ARGUMENTO

Fere o Anjo Exterminador a Galério, e a Hierocles. Este vai ter com o Juiz dos Cristãos. Volta o Mensageiro, que enviado fora a Diocleciano. Pesares de Eudoro, de Demódoco, e de Cimódoce. Livre Repasto. Tentação.

QUE são penas do corpo se as comparas
Com os tormentos da Alma? Ou há hi fogo
Que abraze, a par do fogo dos remorsos!
Atormentai o Justo: inexpugnável
Castelo é o peito seu; e é em si ⁽¹⁾ tão quedo,
Quanto, fora, afigura estragos, ruínas.
Olhai o Ruim, nas flores reclinado,
Ou ao purpúreo leito; sem que inculque
Repouso desfrutar, lavra-lhe na alma
Des-sossego inimigo; e indica infesto
Nesse Ditoso ⁽²⁾ a angústia, em que labora.
Tal da veiga florida, avistas fúnebre
Bandeira ondear, nas Torres da Cidade,
Onde a Morte, co' a Peste travam pleito
Sobre as vidas dos míseros humanos.

Hierocles nega Deus: Deus dá-o ao Tártaro.
Públio, que do Rival anela a ruína,

(1) No interior da alma.

(2) Ironicamente.

O descobre desleal, que desfalcara
Os Cofres Imperiais, e os seus enchera.
Novos crimes cada um assaca a Hierocles:
Tão vis em acusá-lo, desvalido,
Quão vis, em desculpá-lo, na privança!
Que fará esse Adverso ⁽¹⁾ de Deus sumo?
Tem de ir-se ao seu Governo, sem que solte
A Virgem que jaz preza? Ou fica em Roma,
Para assistir-lhe às fúnebres exéquias?
Vexa-o o comum rancor, ⁽²⁾ ameaça-o Augusto. ⁽³⁾
Feroz, torva afeição lhe arde as entranhas;
Raiam-lhe os olhos sangue, embaça atónito,
Aberta a boca, as faces tremem lívidas,
Coa-lhe o horror nas veias. Quando a Serpe
Se empeçonhou a si com mortais sucos,
Na estrada estira o corpo, o pó revolve:
Já, mal cerrados os vidrados olhos,
De negra spuma empesta a boca impura,
Laxa a pele lhe amarelece, e afrouxa;
Força, e não vence, a enovelar as roscas.
Já baldos sustos são, sustos que infunde: ⁽⁴⁾
Que as posses, com que dana, são falidas.
Quão diverso o Cristão! Stanques as veias,
Sobra-lhe a cor ⁽⁵⁾ do sangue, a dar-lhe brios.
Mas pouco lhe eram Mágoas, e Remorsos,
Precursores de angústias reservadas
Aos que avexam Cristãos. Fez Deus aceno
Ao Anjo, que extermina, e duas Vítimas
Co' a dextra lhe assinala. As asas prende
Aos ombros o Ministro das Vinganças;

(1) Hierocles.

(2) O ódio que lhe tinham todos.

(3) Se não parte.

(4) A quem a vê, e não sabe que ela é moribunda.

(5) A cor avermelhada que o sangue deixou pelas veias, em que correu.

Igni-frementes asas, que o estampido
Imitam do Trovão longe-ruidoso.
Das sete Taças de ouro, cheias de Ira
De Deus, toma uma; e, noutra mão a espada,
Com que feriu, no Egipto, os Primogénitos;
No Campo Assírio, ante ela o Sol, parou.
Anjo, de Baltazar, no ímpio banquete,
Na parede estampaste ignotas vozes;
Lançaste ao Mundo (quando em formas várias
João avistava em Patmos, o vindouro) ⁽¹⁾
Fouce, que ceifa, e fouce que vindima.

Qual, se arranca dos Céus frechada Estrela,
E o peito vem do Nauta encher de sustos ⁽²⁾
Vem disparado, num relampo, esse Anjo,
Entra o Paço dos Césares, envolto
Numa nuvem, quando, em banquete opíparo,
Celebra Augusto ⁽³⁾ prósperos sucessos.
Morre às lâmpadas luz: fora, a grão ruído,
Rodam falcatos Carros fragorosos.
Já a coma aos Convidados se lhe eriça;
Pulam-lhe aos olhos lágrimas forçadas;
Ressurgem, no Salão, antigos vultos
De Romanos varões. Galério aventa,
Em sombra enleada, a perdição do Império.
Ao do Mundo Senhor, ⁽⁴⁾ o Anjo (invisível)
Goteia Ira de Deus, na Imperial taça.
Põe-lhe ruim Fado à boca voraz Baco. ⁽⁵⁾
Mal que à ventura quis brindar dos Césares,

(1) *Vid.* Apocalipse.

(2) Diria Camões: qual a seta bem talhada, vendo o meteoro despedir da Sfera, e nos fugir dos olhos.

(3) Galério.

(4) Galério.

(5) Toma-se Baco pelo vinho, como Vulcano pelo fogo, e Neptuno pelo Mar.

Verga, e aos pés dos Escravos vem de tombo.
Queda improvisa! Eh oh como Deus aterra,
C'um sobreceño, ⁽¹⁾ atroz Gigante altivo!

A viga, que cortada foi, no Gárgaro,
E, em régio, envelheceu, Palácio antigo,
Se medra a flama em laqueares ⁽²⁾ de ouro,
Vai lambendo, e trepando até ao Robre, ⁽³⁾
Em brasa a viga estoura, e, ao baque, o estrondo
Reboa, nos Salões. Baqueado em terra
Galério, actuam nele as gotas de Ira.
Ao que, em seus Paços geme, ⁽⁴⁾ enterra-lhe o Anjo
A Espada do Senhor até ao punho.
Fraqueiam-lhe os ilhais: Doença ascosa ⁽⁵⁾
(Que a Plaga Eoa lhe embebeu no sangue),
Se lhe declara: crostas de alva Lepra,
Lavram desse infeliz inteira a cútis.
Co' as carnes se lhe grudam os vestidos,
Quais Dejanira, ou, deu, Medeia, roupas.
Blasfema (alheado o juízo) os Céus, e as Gentes.
«Soltai-me! Obsesso eu sou de Sp'ritos do Orco.»

A noite ia no meio de seu giro:
Aos Servos, por Liteira, ansioso clama:
Toma um manto: delira; vai-se a Festo.

HIEROCLES

«Tens presa uma Cristã (ânsia desta alma!)
Oh! salva-a. Às Feras, não: a mim, a entrega.
O Edito, ao lupanar.... Bem me comprehendes.»

(1) *Cuncta supercilio moventis.* — HORAT. Lib. 3. Od. 1.

(2) *Laquearia circum.* — VIRGIL. *Æneid.*

(3) Até à viga de Carvalho.

(4) A Hierocles.

(5) Lepra.

Prenhe do ouro ao Juiz a bolsa arroja;
Arqueja, e vai-se. Da Lagoa aos juncos,
Assim se arrasta o Touro combalido.

Dentre os Cristãos se esvai toda a esperança!
Zacarias traçou, que entre no cárcere
O Próprio, que enviara Eudoro a Diocles, ⁽¹⁾
Que recobrasse o trono mal regido.
Condenados ⁽²⁾ às Feras, com Eudoro
Leito de honra lhe estendem com seus mantos,
Qual forte General, sobre as bandeiras
Dos vencidos Contrários, jaz ferido.
Os Bispos as feridas lhe fomentam!
Mudo o Próprio, e embargado de alta mágoa
Fita os olhos no Filho de Lastenes.

EUDORO (*ao Mensageiro*)

«Inda na alma há vigor, se o corpo é fraco.
Os parabéns me dá, que me consolem
Mãos, que de Cristo o corpo em si tomaram.»
Logo que enxuga o Mensageiro as lágrimas,
Assim conta o que ouvira a Diocleciano.
«Como o mandaste, embarco no Mar de Adria,
Surjo presto em Salona, busco Diocles,
Nos seus Jardins, a pouco mais de légua. ⁽³⁾
Guardas não vejo às portas; não, nos Quartos;
Vejo ocupados, em trabalhos rústicos,
Nos, que atravesso, pátios, alguns Servos.
Não sei a quem pergunte. Vejo um Velho
Lavrando no Jardim. Onde é, que o Príncipe...»

(1) Ex-imperador Diocleciano.

(2) Os mártires da prisão de S. Pedro.

(3) Salona.

DIOCLECIANO (*sem levantar mão do trabalho*)

«Buscas Diocles? Dize o que lhe queres.»

MENSAGEIRO

«Atónito fiquei, fiquei sem fala.»

DIOCLECIANO

«É bem! Dize o negócio a que vieste.
Mimo me trazes de sementes raras?
Por outras, também raras, farei troca.»

MENSAGEIRO

«Ao velho Imperador entrego a Carta;
Dos Romanos relato os infortúnios,
E com que ânsia os Cristãos desejariam
Ver-lhe a dextra no leme do Governo.»

DIOCLECIANO (*parando no lavor*)

«Oxalá! como tu, os que te enviam,
Esta hortaliça olhassem, que em Salona,
Com minhas mãos cultivo! Oh! que era certo
Me não rogassem, que recobre o Império.»

MENSAGEIRO

«Pospondo o seu Jardim; houve Abdolónimo,
Que se não dedignou de alçar-se ao trono.»

DIOCLECIANO

«Houve: mas não desceu como eu, do trono;
Que o trono (a haver descido) o não tentara.
De mim, nunca Alexandre o conseguiu,

Sê-me ora dalgum préstimo. Eis um poço;
Sou Velho, e tu Mancebo; tira-me água,
Que m'a pedem sequiosos os legumes.»

MENSAGEIRO

«Mais resposta não deu. Voltou-me costas;
Tornou c'ó regador, a ser Diocles.»

CIRILO

«Nova é feliz! E os Bispos receiavam,
Que o recado de Eudoro bem surtisse.
Na mente lhe abriu luz o seu Martírio,
Viu seu dever; que Augusto ⁽¹⁾ é seu sob'rano.»

EUDORO

«Do que empreendi me humilho, e me arrependo.
Minha intenção ruim castigo pede.»

De látegos, de equúleos quebrantados
Falavam de Galério assim, os Mártires!
Tal o Molosso ardido, que, nas brenhas,
Escuras de Aqueloo, avexa os Ursos,
Os Javalis, se incorre (não culpado)
Do Caçador nas iras, e este o vara,
C'ó dardo, que se afiara contra as Feras,
Sobre o golpe mortal, revira ⁽²⁾ o corpo,
Na relva ensanguentada volve, e arqueja:
Submissos olhos põe, no Dono ingrato,
No instante de espirar; como se o arguira
De que se descartou dum fiel servo.

(1) Galério.

(2) O Cão Molosso.

No prazo de partir da Terra ao Empíreo,
Tomava a Eudoro afectuosa pena;
Fervoroso, na Fé, no enlevo de alma,
A sorte o atribulava de Cimódoce.

EUDORO

«Que há ser de ti? De novo, irás, oh Vítima
Nas mãos cair de Hierocles? A perguntas
Te hão-de ao Juiz levar. Terás tu forças
Para os tratos sofrer tão despiedados?
C'os Mártires do cárcer de São Pedro,
Sentenciada a morte, por teus ditos
Te hão garras de Leões rasgar as carnes,
Quando a teu Sposo, clames vão socorro!»
Juntava ao Quadro a Dita fugitiva,
Que, co'a Esposa lograsse bela, e pura.
Súbita voz lhe troa, ali, no peito:

EUDORO (*repetindo a voz, que lhe soou na alma*)

«E alheia-se a tal ponto o Esp'rito a um Mártir!
Quando já põe um pé na Eternidade!»
Aventam-lhe o conílito interno os Bispos:
Versados nas ciências de interiores,
Tomam-lhe a ideia às mãos, e alentam-lhe o ânimo.

CIRILO

«Exultemos, oh Mártir! jubilemos!
Para a Glória aviamos a partida.
Este cárcere nosso é como um Campo
De maduras paveias já ceifadas,
Que hão-de ir do Bom Pastor colmar celeiros.
Talvez acompanhar-nos tem Cimódoce,
Qual a Cecém, segada c'ó mais trigo,
Que ao trigo aromas dá. De Deus se cumpra
O sumo arbítrio. A Deus (val mais) roguemos

Que ela fique; e por nós, a Deus of'reça,
Virgem, de castos rogos puro incenso.»

Quando, na estiva abochornada Noite
Aponta a aragem fresca, e antes da Aurora
Vem bafejando o Oriente; o que, em Mar-leite
Nauta a dormiu, ⁽¹⁾ saúda o alado Zéfiro
Filho da alva, que lhe a derrota ⁽²⁾ encurta.
Qual benéfica arage' a Eudoro alenta
A fala de Cirilo, e a alma lhe impele
Pelo rumo do Empíreo. Tinha o Mártir
(Mártir, mas Homem!) a Cristãos intrépidos
Pedido, que lhe ponham salva a Esposa!
«Não poupeis ouro, lidas, nem disvelos.»
Estriba em Doroteu, que, há duas noites,
Traça escalar o cárcer de Cimódoce.
Doroteu, mais surtiu co' Antiste Homéreo:
Que em distraído ⁽³⁾ asilo obteve pô-lo,
Arrancando-o do umbral do cárcer lúgubre.

DOROTEU (*a Demódoco*)

«Porque, Velho infeliz, despenhar queres
No jazigo, esse resto de teus anos?
Receias, que assaz rápidos não fujam?
Reserva à Filha as tuas cãs prezadas,
Se Deus, que inda te abrace, lhe concede.
Consolações requer, de ti, maiores,
(Se o Sposo a perder vem) que tu, da Filha.»

(1) O Nauta, que em Mar bonança dormiu a noite.

(2) Menos tempo lhe dispende para a derrota que leva.

(3) Adjectivo passivo com significadção activa, como muito elegantemente usamos, quando dum homem que lê muito dizemos, que é um homem muito lido.

DEMÓDOCO

«Que não requeira a Filha? quando os olhos
 Nela fito, do umbral da sepultura?
 Nela, última fenece a Homereia Lira,
 E tantos dons das Musas preciosos!
 A Casa me regia: e, ela presente,
 Quem ousara insultar-me na Velhice?
 Medrar pimpolhos seus vira, em meu colo,
 Parecidos co' a Mãe, que tão donosa
 Tantos bens me falava, e prometia.
 Quanto me disse: "Oh Pai, como eu penara,
 Se ao meu amor te roubam Parcas duras!
 Na pira, te hei queimar estas madeixas,
 Co' as Companheiras, em funéreos brados".
 E hei-de eu (Mísero Ancião!) ser quem te chore?
 Eu, sem Filha, eu sem Pátria, e em Terra estranha!
 Três vezes te hei chamar, curvado de anos,
 Triste rodeando o teu funéreo tálamo?»

Qual Touro, a quem arrancam nos pastios,
 A Juvenca, e imolá-la vão aos Numes;
 Tal, longe da prisão, onde é Cimódoce,
 Doroteu lhe levava o Pai consigo.

Abrira olhos à luz (antes do Cárcer
 Trevas) a Cristã virgem; lê de Eudoro
 A Carta, e a lê sem fim: banha-a de lágrimas.
 «Caro Sposo, desta alma Árbitro, e Dono,
 Herói, a par dos Numes; ⁽²⁾ tu, a Juízo?
 E um ferro irá... Não star, e eu não as chagas
 Ligar com meiga mão... E ao desamparo,
 Me deixas, Pai. Ao mais gentil dos Homens

(1) Recém Cristã, ainda se lhe não apagaram todas as ideias do Gentilismo.

(2) Da prisão.

Corre. Aluí-vos, caí, tiranos muros! ⁽¹⁾
Que esta vida, que é sua, levar quero
Ao Dono de minha alma.» Mudo o cárcer
Lhe ouvia o pranto, a tempo, que o alvoroto
Rodeava? e o tropel, os presos Mártires.
De fora, há ⁽²⁾ tal vozeio, e tão confuso,
Que iguala o fervedouro da Caríbdis, ⁽²⁾
E as, c'os céculos cões, bramantes rochas,
Ou, alta serra debachando ⁽⁵⁾ Eolo;
Ou stala incêndio, e se devolve ⁽⁴⁾ a chama,

(2) Do cárcere.

(3) *Ter gurgite vasto*
Sorbet in abruptum fluctus, rursusque sub auras
Erigit alternos et sidera verberat unda. — Virgil. *Æn.* 3.
..... *Et cæruleis canibus resonantia saxa.* Ibid.

(4) *Qua parte debacchentur ignes.* — HORAT. Lib. 3. Od. 2.

(1) Muito há, que Cícero e Quintiliano ensinaram, que uma atrevidíssima metáfora, lançada com intrepidez, no maior fervor do Discurso (*verbum ardens* lhe chama o Orador Latino) orçando de ordinário, pelo sublime desperta, contenta, e abala os ânimos do auditório, *Præcipue his oritur mira sublimitas, quæ audaciæ proxima: periculo translationis atollitur.* (QUINT.).

Como afigura bem Horácio ao vivo, liv. 4. od. 2., o alvoroto, e tropel com que, em bolhões rompim da boca de Píndaro, e devolviam as palavras de lei soltas, *lege solutis*, e quando diz:

Monte decurrens velut amnis, imbres
Quem super notas aluere ripas
Fervet, immensusque ruit, profundo
Pindarus ore
Verba devolvit numerisque fertur
Lege solutis (Lib. 4. od. 2.)

Comparo a esse alvoroto, o das labaredas desenfreadas, que o lume incauto do Pastor, cevando-se nos matos, devolveia, arremessando-se pelas ramas, duns troncos a outros troncos, com clamorosa fúria. Dirão, que é mais que afouta a metáfora: e eu responderei, que afigurando-se-me, no instante, em que escrevia, o arruído do incêndio, a par rugindo, e lavrando pelo souto rédea solta, etc., etc., e aparecendo-me no Eleu certame fronteiro a mim, abraçado de Estro, o Ditirâmico Píndaro, devolvendo a atropelada torrente de atrevidas vozes, me não pude conter. Abrasei-lhe co' *verbum ardens*, firmei-me em Cícero, e no *translationis periculo*; atirei c'ó *devolve*, que vá correr fortuna, em mar de críticas.

Que, em souto, ateou Pastor, com lume incauto.
Vozeava o Povo: que era Roma aveza
Quando às Feras vão Réus, dar-lhes na véspera,
À porta da prisão, público bodo.
Bodo liberto o apelidavam. Nele,
Quanto, em lauto banquete, é mor regalo
Se alardeava ali, co' a mão mais pródiga.
Bárbara Lei! mais bárbaro costume!
De tal Religião brutal Clemência!
Uma, ao que a perde faz saudosa, a vida;
Outra, ao que expira os gostos acumula.

Esse último repasto em mesa imensa,
Se adereça, do cárcer na portada;
Curioso, e cruel, faz roda o vulgo,
Mantido, por soldados, em sossego,
Das masmorras vêm fora, então, os Mártires,
Ao banquete da Morte vão sentar-se,
Arrastando grilhões, co' as mãos, sós, livres.
Dos que é vedado andar (tratos lho vedam)
Se encargam seus Irmãos. ⁽¹⁾ Eudoro vinha,
Nos ombros de dous Bispos encostado.

Com respeito, com dó, aos pés, os mantos
Piedosos Confessores lhe estendiam.
Quando à porta assomou, ⁽²⁾ não pode a Turba
Tolher, que em brado enternecido rompam
Os que ele comandou. ⁽³⁾ Tomam, nos leitos
Fronteiro à Turba, os Mártires, recosto. ⁽⁴⁾
Cirilo, e Eudoro têm da mesa o centro.
Mártires de alto grau! Neles se uniam
Formosa Mocidade, e cãs ilustres!

(1) Irmãos pela Religião, e pelo martírio.

(2) Eudoro.

(3) Quando Tribuno e Prefeito

(4) Comiam, recostados em leitos, os Romanos.

Ver Jacob, e José te afiguraras
À mesa de Faraó! Cirilo empenha
Seus Irmãos, que repartam, pelo vulgo,
O opíparo manjar: e se contentem
Com vinho, e pão, em ágape singelo.
Pasma a Turba: e, calando, ávida escuta
As, que Cirilo, vozes proferia.

CIRILO

«Com razão lhe chamais — *Bodo liberto*:
Que, das prisões do Mundo, e humanas penas,
Nos livra. Nem foi Deus quem fez a Morte;
Fê-la Adão. E, amanhã, essa obra sua
Lhe herdaremos. Mas Deus nos dará vida. ⁽¹⁾
Roguemos, Irmãos meus, por esse Povo,
Que, hoje, e aqui, se condói do nosso transe;
E amanhã, palmas bata ⁽²⁾ à nossa morte.
Lástima grande! Oremos por Augusto,
Por este Povo.» E os Mártires oravam.
Aveza Roma a ver, nessa Orgia franca,
Insanos de alegria os Réus, ou dados
A lamentar a morte, e seus rigores:

«Qual de Catões congresso! (ia dizendo.)
Que, da morte discorrem ledos, mansos,
Às abas do medonho sacrifício!
Filósofos cabais convém que sejam;
Os que inimigos dizem ser dos Numes.
Quão majestoso o aspecto! Quanto lhanos
Nas acções, no falar! (dizia o Povo.)
Como esse Ancião autorizado fala!
Que doutrina, que dá, tão meiga, e ingénua!
Cristãos, rogar por nós! e por Galério!

(1) Eterna.

(2) Amanhã, sentado esse mesmo Povo no Anfiteatro, aplaudirá a morte de cada um de nós. Há elipse aqui. *Palmas bata por — acontecerá que palmas bata.*

Rasgados de tormentos, nem boquejam
De Juízes, de nós! Ah! se, por caso
Fosse o Deus dos Cristãos o verdadeiro!...»

Tais eram desse Povo os raciocínios!
Entre os muitos misérrimos Idólatras,
Retiravam-se alguns, com a alma em transe:
Choravam outros, publicando a gritos
Grande é o Deus dos cristãos, o Deus dos Mártires.
Tais há, que em Cristo crêem, tais que se instruem. ⁽¹⁾
Para a Roma gentia, que espectáculo!

Nesta, dos Presos, Comunhão, que ensino!
Falar em dons de caridade, e Graça,
Homens, que a ponto são de dar a vida!
Quando Andorinhas a partir se aprestam,
Dos nossos Climax, juntas no ermo Lago,
Ou Campanário da Campestre Igreja,
Spargem nos ares Canto de partida;
Sopra-lhes Norte; aos Céus alteando o voo,
Vão remoçar verão, em feliz plaga.

Lavrava o dó: ⁽²⁾ Eis rompe um Servo a Turba,
E uma Carta de Festo entrega a Eudoro.

CARTA

«Festo, a Eudoro Cristão, Juiz sauda.
Ao Lupanar ⁽³⁾ julgada é tua Esposa:
Lá, a aguarda Hierocles. Pura, e de ti digna
Ta dou, se imolas. Pela estima rara,

(1) Na doutrina da Religião.

(2) Que acerca dos Mártires tinham os Pagãos concebido, no Bodo.

(3) Alcouce.

Que me inspiras, te rogo.» A Eudoro,
Acodem, que esmaiou: Guardas, Guerreiros, ⁽¹⁾
E o Povo a Carta rogam. Lê-a o Tribuno.
Consternados os Bispos, emudecem.
A plebe se amotina. Em si tornado
Eudoro, e, ante ele, em joelhos, os Guerreiros:
Eia, sus: ⁽²⁾ *Companheiro, sacrifica.*
A falecer-te altar, aqui stão Águias:
Eis, cheia a Taça; eis vinho, com que libes. ⁽³⁾
Que hórrida tentação! Que assalto! E em que hora! ⁽⁴⁾
Num lupanar a Esposa! E tem-na em braços
Hierocles já!» Arqueja de ira, e ciúme.
Rompem-se as ataduras, jorra o sangue.
Condói-se o Povo; ajoelhado clama,
C'os soldados. — *Imola.*

EUDORO (*com voz, que mal se ouve*)

«Onde é que as Águias?...»
Soldados a triunfar, tripudiar todos; ⁽⁵⁾
Dão golpes nos broquéis; trazem-lhe as Águias.
Sustido por Centúrios, lento o passo,
Para as Águias o Mártir... Mudez suma! ⁽⁶⁾
Põe mão na Taça Eudoro ... Os Bispos cobrem

(1) Soldados, que sem estarem de guarda, eram, como o mais Povo espectadores do Bodo.

(2) Camões disse: *Eia sus*, gente forte, etc.

(3) *Libar* é o termo próprio desse rito.

(4) Em que leu o que continha a Carta de Festo.

(5) Ei-os os soldados, que triunfam, etc. Desta figura usam muito os Oradores Latinos, escondendo por elipse o verbo, que rege os infinitivos, para dar pressa à acção, que contam. Óbvios são os exemplos, não só em Poetas, e Oradores, mas ainda nos que escrevem história.

(6) Tanto da parte dos Pagãos, como da parte dos Mártires.

Co'as túnicas a face. Os Confessores
Alçam grito... E esse grito, a Eudoro, a taça
No chão derruba. Crava os olhos neles: ⁽¹⁾

EUDORO (*em alto grito*)

«Sou Cristão.» E arremessa em terra as Águias.

FIM DO LIVRO XXII.º

(1) Nos Bispos e Confessores.

NOTAS DO LIVRO XXII.º

Pág. 313, verso 3. Taças de ouro.

Et unum de quatuor animalibus dedit septem Angelis septem phialas aureas plenas iracundiæ Dei. (Apocalyps., cap. 5, v. 7.)

Pág. 324, verso 23. Lupanar.

Enorme perversidade dos Gentios! Mandar aos alcouces, as Virgens, a perderem lá, a jóia da castidade.

FIM DAS NOTAS DO LIVRO XXII.º

OS MÁRTIRES

LIVRO XXIII.º

ARGUMENTO

Satã aviventa o fanatismo do Povo. Festa de Baco. Explicação da Carta de Festo. Morte de Hierocles. Desce a Cimódoce o Anjo das Esperanças. Cimódoce recebe a veste do martírio. Vem Doroteu salvá-la do Cárcere. Contentamento de Eudoro, e dos outros Confessores. Cimódoce depara, com seu Pai. Anjo do Sono.

O PRÍNCIPE das trevas olha iroso
Do Povo o dó, dos Mártires o lauro.
«Farei tremer (bramava) no seu trono,
Esse, que Anjos servis crêem potentíssimo.
A deslustrar-lhe essa Obra de seis dias, ⁽¹⁾
E o Homem lhe cativar (imagem sua)
Pus breve prazo. Quasi que hoje triunfo
Desse Cristo, meu último inimigo.
E a mim, Sob' rano, um Mártir insultar-me!
Dum Povo insano, avive-se, hoje, a fúria
Contra os Cristãos. Embriaguemos Roma
De Cristão sangue, de incensados Ídolos.»

Disse: e eis de Tages toma, sumo Arúspice,
A voz, e o gesto; despe a imortal fronte
Do restante splendor da coma antiga,
Das labaredas do Orco re-crestada:
As, que lavrara o Raio, ⁽²⁾ cicatrizes,

(1) A Criação.

(2) Com que o Messias o despenhou no inferno.

Transmuda em nobres venerandas rugas;
Nas pregas amplas duma línea toga,
Encolhe a vastidão das asas rápidas;
No báculo augural o corpo encurva;
E, ante o Vulgo, que o Bodo desampara,
Respeitável, parando, assim lhe fala:

TAGES (*nele disfarçado Satã*)

«Donde é, que hoje vos vem, Povo Romano,
Tão sacrílego dó? O vosso Augusto
Vos prepara spectác'los; e vós prantos
Dais a malvados, das Nações refugo!
Vós, Soldados, derrubam-vos as Águias,
E vós vos condoeis? Que não disseram
Um Camilo, um Cipião se à luz surgissem?
De tão réu condoimento oh descartai-vos.
E, em vez de lastimardes inimigos
Dos Homens, e dos Numes, ide aos Templos
Rogar prosperidades por Galério,
E as Festas celebrar dos Deuses vossos.»

O Anjo revel, tais vozes proferindo,
Sopra atroo, ⁽¹⁾ e furor na leve ⁽²⁾ Turba;
Nos peitos, ⁽³⁾ em que o dó desmaia, e morre,
De sangue a sede, e a do deleite acende.
Eis grita um Vitimário: — «Oh Céus! qual fere
Portento em olhos meus! No Capitólio,
Tages deixei nesta hora; e aqui o encontro!
Certos sede, oh Romanos, que algum Nume,
No sumo Auspice vosso anda encoberto;
Que do querer de Jove dando anúncio,
Dessa ruim compaixão vem repreender-vos.»

(1) Ou atroamento.

(2) Dizemos de algum pouco sensato, que tem leve o juízo.

(3) Dos que assistiram ao Bodo.

Galério à Festa unia de seus anos,
Nesse dia, a do Pórtico Triunfo,
Que, c'os Ludos Florais lhe recaía.
Por mais se acarear plebe, e soldados,
Festas de Baco restaurou supressas, ⁽¹⁾
Tempos há, pela Cúria. No Anfiteatro,
Virão pôr c'roa a horrores tais, nos ludos,
Cristãos dilacerados por Feras.
Desvergonhados dons, que sangue, e lágrimas ⁽²⁾
Dos Povos ⁽³⁾ são, e dos Cristãos confisco;
Dons, que o siso do vulgo transtornavam.
Concesso (e inda mandado!) era o Desçoço. ⁽⁴⁾

Grande cópia de Povo era presente
Ao prostituir-se em público as Rameiras, ⁽⁵⁾
E à luz de fogaréus fumi-flamantes
Com canto obsceno, ao retintim das Tubas,
Nuas, e em bandos, celebravam Flora,
Que impuro ⁽⁶⁾ cabedal legara ao Povo,
(Pudicíssimo então!) Ao Capitólio,
Num Carro, que Elefantes vão rodando,
Sabe Galério; e ante ele vai cativa
De Narsés, Rei dos Partos, a Família.
Das Bacantes furiais os crebros uivos,
C'os bailarins variavam, a desordem.

(1) O Senado Romano as tinha suprimido.

(2) Não costumavam os Reis de Portugal beber as lágrimas dos seus vassallos em baixelas douradas. — JACINTO FREIRE, *Vida de D. João de Castro*.

(3) Extorsões que cometiam os Arrecadadores da Fazenda Imperial.

(4) Arredam-se os olhos honrados da devassidão, e desvergonha que laborava nessas Festas à honra das suas Divindades. Como a muitos parecerá menos fiel a versão desta passagem, peço-lhes que considerem, que para apagar ou ao menos desluzir o teor prosaico do Original, me foi forçoso dar-lhe outros atavios. Conservei-lhe, todavia, o essencial.

(5) Chamaram-na assim os Espanhóis em razão dos ramos que punham às portas; ou porque se punham às portas em que havia ramo.

(6) Ganhado no trato meretrício.

Pelas encruzilhadas junto às Fontes,
Franca era infirmitade de Odres, de Ânforas. ⁽¹⁾
Com sarro, mascaravam, e com lama,
Amassando-a, com vinho, os vultos. Baco
Subido num tablado, as Servas suas,
Em redor, fogaréus lhe sacudiam.
Enramados de pâmpanos os tirsos,
Dando pulos ao som dos atabaques,
De Címbalos, Clarins, soltas as grenhas,
Aos ventos dão: por todo traje, Nebridas ⁽²⁾
Que nos ombros, com laços prendem Cobras.
Estas ⁽³⁾ descem; retouçam-lhes no seio.
Cabritinhos, no colo algumas trazem;
Dão outras a mamar a alguns Lobachos.

Com ramalhos de Enzinha ou de Pinheiro
Todas c'roadas vêm, seguidas todas
De Histriões, que arremedam torpes Sátiros;
Que engrinaldado Bode a rojo trazem.
Co' a gaita Pan, toldado, vem Sileno, ⁽⁴⁾
No couce, e a fronte escamba a um lado, e a outro,
Escanchado em seu Asno; e vem sustido
Por Faunos, e Egipães. A c'roa de Hera
Lha traz uma Bacante; e, a meio cheia
Traz-lhe um Silvano a taça. Cambaleando
O farrancho folião bebe à saúde
De Baco e Vénus; faz à Injúria brinde,
E a Coros alternados vem cantando:

«Cantemos Nictileu, Evoé, Evoé.
Brasão de Tebas auri-clípea. ⁽⁵⁾ Oh facho,

(1) De vinho gratuito.

(2) Peles de Tigres, e outras alimárias.

(3) Cobras.

(4) De vinho.

(5) Epíteto que os Poetas Gregos davam a Tebas que afiguravam como um broquel de ouro. Como Alexandria figurava uma couraça Macedónia.

Vem com Flora dançar: Sposa é do Zéfiro
Das Flores é Rainha, A nós, oh desce,
Consolador Ariadna: tu que lustras
Topes do Ismaro, Ródope, e Citéron.
Neto de Cadmo, Deus do Regozijo;
Amparadas das Musas, te criaram
De Nissa as Ninfas, na cheirosa gruta.
Apenas fora da Paterna coxa,
Domaste Homens rebeldes ao teu culto,
Zombaste dos Piratas de Tirsena,
Que te roubavam, qual mortal Menino.
No Baixel negro, ⁽¹⁾ Vinho regalado ⁽²⁾
Mamar fizeste; e as fecundadas cepas
Das vergas debruçar-se Corimbíferas.
Hera trepava a enverdecer os mastros;
C'roas juncavam bancos de remeiros;
Peja a popa um Leão. No salso argento
Os Nautas já Delfins ⁽³⁾ dão de mergulho.
Do mergulho Delfínico tu rias.

Cantemos Nictileu. Evoé, Evoé.
Por Hiadas criado, e pelas Horas
Das Aónias aluno, e de Sileno,
Auri-come qual Febo; e, como as Graças
Olhi-preto, de eterna juventude;
De Índia vassala ⁽⁴⁾ deixa as praias rútilas;
Vem na Itália reinar. Falerno e Cécubo
Na Itália se vindimam. Duas, no ano

(1) Epíteto que de ordinário dá aos navios Homero.

(2) Vinho que regala. Já creio que apontei numa nota deste Poema, quanta elegância deram à nossa língua os Autores, que imitando os Latinos, tomaram em significação activa os participios, e outros adjectivos verbais passivos; como quando dizemos — Fulano é mui sabido, em vez de Fulano sabe muito.

(3) Os Piratas que o levavam roubado, e que Baco transformou em Delfins. Vid. *Metamorph.*

(4) Que avassalaste.

Vezes, madura a fruta pende da Árvore.
Da teta pende à Mãe folgaz Cabrito;
Comem strada ⁽¹⁾ os Corcéis ardentes, rápidos;
Pascem Touros, nas ribas do Clitumno,
Que, alvos, sem mancha, ao Capitólio sobem, ⁽²⁾
Ante o Romano Triunfador. Dous Mares
Riquezas do Orbe aos portos nos navegam.
Corre, nas veias deste chão sagrado,
O bronze a flux, a prata, o ouro em minas.
De ínclitos Povos Mãe há sido a Itália,
E Mãe de Heróis, em sumo grau prestantes.
Chão de Saturno. ⁽³⁾ Oh Terra fértil, Salve,
De claros Varões Pátria. Oxalá, queiras
Longa brotar de Ceres os tesouros,
E tripudiar ao grito de Evoé.
Cantemos Nictileu. Evoé. Evoé.»

Tão diverso de si um mesmo Povo!
Cristãos, Pagãos, da mesma Roma Filhos,
Uns folgam noite e dia; os outros penam.
Canta Hinos este, chora aquele exéquias.
Que absurda Roma! Humildes rogos
Mandam Cristãos ao Céu; com casto aviso
Choram devassidões, e embriaguezes
Que os teus Pagãos cometem diliriosos.
São-lhe Ara oculta a Campa de seus Mártires,
Nas masmorras, nas cegas Catacumbas, ⁽³⁾

(1) Desde a primeira vez que li em Job a hipotipose do Cavalo, que ouve o bélico clarim. *Sorbet humum, et quasi dicite Vah!* me contentou muito, e folgo que me caiba aqui.

(2) A ser sacrificados.

(3) Em cuja era os Poetas assentam a Idade do ouro.

(3) Escuras, e encruzilhadas onde se anda como às cegas.

Que trabalho para um triste Poeta, ver-se obrigado a largar o fio do esquentado estilo, para apontar uma nota, desnecessária para gente lida e mui precisa para tapar a boca a ignorantes, que criticam tudo o que não sabem.

Que aos vexados Cristãos servem de Igrejas.
Velam, jejuam, (vítimas piedosas!)
Por que as culpas expiem do Universo.
E enquanto, em impios Hinos Baco, e Flora,
Entre arroios de vinho, e sangue, ⁽¹⁾ atroam,
Cristãos, a occultas, rezam castos Cânticos;
Cristo e Maria imploram compungidos.

Porque o plebeu furor; cenas idólatras
Fiéis fujam, se encerram; ⁽²⁾ raros vagam.
Vagam Levitas, por prisões, e Hospícios;
E em remir Pobres peito põem Diáconos:
Pobres, que à morte pauta o cru Galério.
Donas, que a Escravos, dão, desamparados ⁽³⁾
O compassivo abrigo, ou que recolhem
Crianças, pelas Mães (ruins Mães!) expostas.
Oh Caridade dos Cristãos, primevos!
Dessas Festas pagãs a egrégia c'roa
Foi dar morte a Cristãos, ⁽⁴⁾ Cristãos condoídos
Da sorte dos Pagãos; que aos Pagãos valem,
Como a Irmãos servem com piedade activa,
Rechazado o assalto ⁽⁵⁾ o Anjo das trevas,
Ovantes entram, na masmorra, os Mártires.
Quais, em bando, os Heróis de Ilion se arrojam
Contra os Gregos, que os cercam; lhes destroem;
As máquinas de guerra, entulham fossos,
Arrancam valos, volvem triunfantes
E se recolhem na sagrada Tróia.
Mas lasso Eudoro do último conflito,
A fronte angustiada erguer não pode:

(1) Dos sacrifícios a Divindades tais.

(2) Em Casa, ou nas Catacumbas.

(3) E como lançados à margem, como animais, por seus senhores.

(4) Mandando-os lançar às Feras.

(5) Na tentação de Eudoro com a Carta de Festo.

Falam-lhe, em vão lhe exaltam a coragem,
Por consolá-lo, os Bispos. Triste, e tático
Lida no p'rito, que ameaça a Esposa.
Vacilou! Quem não diz, se inda vacila?
Quasi subido às nuvens... ⁽¹⁾ que tormento!
Dão-lhe tratos, nessa hora mil angústias.
Viu-se ao Tártaro, quasi entregue, e Apóstata!
Ignorou, que o Juiz, adrede o engana.
Que amigo é Festo do Prefeito Públio;
Que este impede, que a Hierocles dê Cimódoce;
Que entrado das magnânimas respostas
De Eudoro, apenas desce da Audiência,
Se apressa a ir, com súplica, a Galério,
Que a outro Juiz cometa a Cristã causa.

GALÉRIO (agastado)

«Juiz? A que fim? Brasão tiram da morte;
Povo, e tropas corrompem-me à porfia.
Quão protervo sofreu suplício o Cabo! ⁽²⁾
Às Feras, para o dia de meus anos,
Sem distinção de sexo, nem de idade,
Quanto há Cristão, nos cárceres, condeno.
Vai: faze que este Édito se promulgue.»

Parte; ⁽³⁾ e promulga o Edito, sem dar réplica;
Que sabe quanto Augusto é assomado.
Na escusa de Pilatos se ressalva.
Não vem de mim a morte desses justos.
Quando, alta noite veio Hierocles vê-lo,
De Eudoro novo dó lhe moveu a alma.
Bem que Festo aspereza, more, de índole,
Sempre a baixezas vis lhes deu de rosto.

(1) Pelo impulso com que rebateu a tentação.

(2) Eudoro.

(3) O Juiz.

Do Des-Privado ⁽¹⁾ a torpe ideia o indigna;
E faz que penda a pôr Eudoro em salvo.
Pela Carta, que o Escravo deu no Bodo,
O induze a que ofereça aos Deuses culto.

Quer Deus, que triunfe a Igreja: muda em louros
Traça urdida a roubar a C'roa aos Mártires.
Assim, Eudoro, intrépido, no equúleo,
A morte aos Companheiros acelera:
Assim Festo, que o mal ⁽²⁾ impede, ⁽³⁾ o agrava. ⁽⁴⁾
Soube Galério o que passou no Bodo:
Deu baixa aos dous Centúrios condoídos,
Dóceis ao Cabo seu. ⁽⁵⁾ De Roma arreda
Estrangeiras Legiões, paliando as ordens.
Dá a guarda da Cidade aos do Pretório, ⁽⁶⁾
De ouro, e vinho repletos. Vem de novo
Toar-lhe odiosos nomes ⁽⁷⁾ nos ouvidos,
Que em desmandadas iras o despenham.
Mui de pronto designa a Virgem Grega
Ao crástino furor: ⁽⁷⁾ que compareça
Primeiro, e só, no Anfiteatro, Eudoro.
(De morrer, c'os Irmãos lhe tolhe a Dita)
Manda, enfim, que lançado Hierocles seja,
No porão dum Baixel, que o leve a exílio.

Sentença foi que ouvindo-a Hierocles súbita,
Punhal de Morte foi. Tocou na meta

(1) Hierocles.

(2) De dar Cimódoce a Hierocles.

(3) Com a Carta.

(4) A tentação de Eudoro.

(5) Que tendo militado nas bandeiras de Eudoro, vissem de mau olho, o seu suplício.

(6) À Guarda Pretoriana.

(7) Nomes de Eudoro, de Cimódoce, e de Hierocles.

(8) A ser no dia seguinte exposta ao furor das Feras.

O sofrimento da Clemência suma;
E clamou-lhe a Justiça. A Casa apenas
Deixou do Juiz, que o golpe iroso, o alcança,
Do Anjo exterminador. Cortou aos Médicos
Toda a esperança o Mal, que o morde, e o gasta.
Crêem firme (inda os Pagãos) que a voraz Lepra
Foi maldição dos Céus: fogem do Apóstata;
Escravos se lhe esquivam. Asco a todos,
Obtém socorro só, dos que avexara.
Cristãos, que arrostam caridosos, quanta
Miséria, no Orbe cai, dão franco hospício
Ao seu Perseguidor. Junto dum Mártir,
Cujas chagas ameiga mão piedosa,
Piedosa a mesma mão ameiga ao Ímpio, ⁽¹⁾
A infanda, ascosa dor. Tanta Virtude
Ao Ruim, que Deus repulsa, inda é mais agra.

Ele a altos gritos clama por Cimódoce,
Ou vê, da Eterna mão vir flamejando
A que a vará-lo vem, ultrice espada.
Mor vulto ao transe dão ordens de Augusto. ⁽²⁾
Eis se ergue como um Spectro o pseudo-sábio,
Sobre o empestado leito; e mal sussurra,
Com titubeante voz intercadente:
Para sempre me vou achar repouso.

E morre! Que medonha, que enganosa
Sua esperança foi! Cuidara o Insano,
Que dum tracto morriam e Alma, e Corpo.
Eis que em vez dessa obscura noite, avista
Um prodígio de luz, na queda Campa,
E romper-lhe, da luz, voz, que retumba:
Eu sou quem sou. Ante a alma atea se abre
Toda a amplidão da imensa Eternidade.

(1) Hierocles.

(2) De ser lançado no porão, etc.

Três Verdades lhe dão súbito espanto.
Deus Vivo, Deus Juiz, e imortal a Alma.
Há eterno galardão, castigo eterno.

Quanto a Alma anseia então ser soterrada
Nas ruínas do Orbe! anseia, ser furtada
Do olhar do sumo Juiz! Força invisível,
No tiro dum relâmpago a arrebatada
Ao Tribunal de Deus trémula, e nua.
Face a face, vê o Deus, que (impio!) negara;
Que nunca há-de ver mais. C' o Filho à dextra,
Exércitos de Santos, (sobre as nuvens
Patente) se lhe apinham. Corre o Inferno
A reclamar a preza. O Anjo ⁽¹⁾ de Hierocles
Confuso, mavioso, e todo lágrimas,
Junto desse infeliz demora, e pena!

«Anjo (lhe diz a Eterna Potestade)
Por que essa alma deixaste sem defesa?»
Despreza as asas o Anjo, o rosto oculta:
«Senhor misericórdia!» (só responde).
A alma, que havia, com terror infando,
Julgado-se a si mesma — emudeceu!
Ela é nossa: (clamavam Sp'ritos réprobos)
Com falsa ciência ela há iludido os Povos,
A Inocência vexou, zombou do Pejo,
Verteu, sem dó não criminoso sangue.»

Diz o Antigo dos dias a um Profeta:
«Abre o Livro da Vida.» Abriu-o, e o nome
De Hierocles apagado se acha, e nulo.

O Juiz insubornável sentençaia:
«Vai-te, maldito, às chamas sempiternas.»
Já a Alma do Ateu imbuída em rancor réprobo,
Borbota ódio blasfemo à Divindade,

(1) Da Guarda.

E vai cevar os nunca extintos fogos;
Abre-se o Abismo; e traga a infeliz Alma:
Fecha-se, restrugindo. Eternidade
Vai, no Orco, em ecos oucos rimbombando.

O Criador, que no Impio, ⁽¹⁾ os crimes pune,
Para a Virge' inocente, ⁽²⁾ apresta c'roas.
Há, no Céu, um Poder, assíduo sócio
Da Religião Divina, e da Virtude;
Que a suportar a Vida nos dá forças,
E, embarcando connosco, o Porto indica.
No rijo da tormenta é meigo auxílio
A Passageiros célebres, e a obscuros.
Bem que os olhos lhes vende, em noite espessa,
Conquista-lhe uns alcances do Futuro.
Talvez recentes flores traz na dextra,
Talvez de almo licor traz plena a taça;
Co' a voz encanta, co' sorrir enleva:
Nada há com que compares: mais se amostra,
Pura, e brilhante à consolanda gente,
Quanto orçam mais teus pés, co' a sepultura.
Irmã lhe chama a Fé, e a Caridade;
Deus lhe pôs o nome de Esperança.

A tão formoso Espírito o Eterno ordena,
Que a Cimódoce desça, e aponte ao longe,
Celestes gozos que a sustentam no âmago
Dos transe desta vida. Interrompera
Falso rumor as mágoas de Cimódoce.
Correu em Roma, que era absolto o Mártir. ⁽³⁾
De Festo a Carta, e o Bodo o boato ergueram.
Prestes veio, contá-lo Branca à Virgem. ⁽⁴⁾

(1) Hierocles.

(2) Cimódoce.

(3) Eudoro.

(4) Cimódoce.

Imprudente! que lhe avolumou pesares,
Quando o arresto de Eudoro, e o Editto soube,
Que a todo o Cristão preso envia às Feras.
Mandou-lhe ⁽¹⁾ Sævo (brutalmente alegre)
Que à Virgem leve as vestes do Martírio,
Veste azul, branco véu, preta a cintura,
Pretos os borzequins, e o manto preto. ⁽²⁾
Chorando cumpre o encargo doloroso
A fraca, e compassiva Carcereira,
Vigor lhe falha, no insinuar à Órfã ⁽³⁾
Qual seja a sorte sua. «Irmã (lhe disse)
Eis um vestido novo. A Paz Divina
Descenda em teu favor.»

CIMÓDOCE

«Vestido novo!
Nupcial! De Eudoro vem.»

BRANCA

«Para ele o vistas.»

CIMÓDOCE (*por extremo alegre*)

«Livre é meu Sposo Hímen terá seu prazo.»
A Branca o coração se lhe rasgava;
Só lhe disse ao partir: «Irmã, te rogo,
Que ores por mim, por ti.» E a deixa, e parte.
Gloriosa c'ó vestido, ⁽⁴⁾ e a sós, Cimódoce
O mira, e o toma, em suas mãos nevadas.

(1) A Branca.

(2) Vid. FLEURY, Mœurs des Chrétienis.

(3) Cimódoce, órfã de Mãe, e ausente de Demódoco.

(4) Que pelo martírio lhe havia de alcançar a glória.

Cobre c'os borzeguins, os pés, que o mármore
De Paros escurecem; lança à frente
O véu, no ombro, ata o manto. Assim nos pintam
A Noite Mãe do Amor. De azuis e pretos
Fúnebres véus trajada, pintam Márcia,
(Não tão bela, tão jovem, tão virtuosa)
Quando aos olhos se mostra do Uticense, ⁽¹⁾
E na angústia de Roma, ⁽²⁾ Esposo o clama,
E, ante as Aras, viúva arrasta lutos.
Cimódoce não sabe quais a cingem
Roupas de morte; e nesse adorno lúgubre,
Que ares lhe dá mais ternos, mais mimosos,
Recorda o dia em que, Vestal das Musas
Se ornou, para ir, com gratidão devida,
Ver, co' Antiste, a Família de Lastenes.

CIMÓDOCE

«Para roupas nupciais, não são luzidas!
Mas, talvez, Cristã veste agrada a Eudoro.»
Vêm-lhe ideias de quão feliz, na Grécia,
(Na amena Grécia!) fora: e vai sentar-se
À janela do Cárcer. Pousa a face
Na esquerda mão. Louçã, c'ó véu de Mártir,
Suave canta ⁽³⁾ entre áridos suspiros:

«Fendei o Ausónio Mar, Baixéis ligeiros;
Soltai velas, Ministros de Neptuno:
Aos hálitos dos ventos sonorosos;
Dai, curvados, vigor ao ágil remo;
Levai-me à feliz praia do Pamiso,
À sombra de meu Pai, do Esposo à sombra.
Voai Aves de Líbia, (cujo colo

(1) Catão.

(2) Guerras civis.

(3) Imitação latina do *dulce loquentem*.

Tão airoso se arqueia) à Itómia cima;
 Dizei, que a Homérea Virge' à Grécia volta,
 A ver Messénios Louros. Quão ditosa,
 Quando, c' o leito meu, depare, ebúrneo!
 Que eu veja do almo Sol a luz dourada,
 E o matiz das Boninas pelas Várzeas,
 E, a que rasgando-as vai, linfa de argento,
 Que o Pudor formosenta com seu hábito!
 Co'a Novilha, que sai da cava gruta,
 E errando pela Serra, a ervinha toza,
 Ao som do rabel rústico, e da avena,
 Muito eu me parecia. Hoje, num cárcer,
 Pobre leito, em soidão, Ceres ⁽¹⁾ me of'rece.
 Eu, que amo entoar da Toutinegra o canto,
 Suspiro sons, quais carpe a flauta fúnebre.
 Vesti roupa nupcial. Virão com ela
 Disvelos maternais? maternais júbilos?
 Verei prendido o caro Filho às roupas,
 Qual Avezinha tímida, que busca
 Couto, na asa da Mãe? Sou Avezinha
 Do seio Paternal arrebatada.
 Quanto em vir se demora o Pai, o Esposo!
 Se as Graças implorar, se implorar Musas
 Me fora dado, e aos Céus extorquir novas, ⁽²⁾
 Nas entranhas da Rês... Mas Deus ofendo
 Mal conhecido. ⁽³⁾ A Cruz me dê descanso.»

Já a Noite envolve a embriagada Roma.
 Eis se abrem da prisão, súbito, as portas:
 Apresenta-se à Virgem um Centúrio
 (Como vindo de Augusto, a ler-lhe o arresto);
 Soldados o acompanham. Lá, nos pátios,

(1) Palha para leito.

(2) Por meio dos augúrios.

(3) Que recém Cristã mal conhece ainda.

Outros entretêm Sevo; dão-lhe, activos,
Com mais que larga mão, vinho dos Ídolos.
Qual Pomba, (a quem, no côncavo da rocha,
Deu salto o Caçador) presa de susto,
Não ousa alçar-se à azul líquida ⁽¹⁾ sfera,
Tal, atónita a Filha de Demódoco
No roto banco jaz, de medos fria.

Um fogaréu, que acendem os soldados...
Oh que assombro! Há farda do Centúrio;
Vê a Doroteu! E, ao vê-la ele nos trajos
Em que há-de ir ao martírio, fica mudo.
Nunca ele a viu tão bela! O preto manto
Com a túnica azul davam realce
À alvura do semblante; e assíduas lágrimas
Davam ternura de Anjo aos lassos olhos.
Era alvo Lírio, que em deserto arroio,
Debruça, estivo, ⁽²⁾ o lânguido penacho.
Doroteu, e os Cristãos (falsa milícia) ⁽³⁾
De assombro, as mãos ao Céu erguendo, choram.

CIMÓDOCE (*ajoelhada*)

«És tu, que além da Pátria, em longas vias,
Sócio, e Guia de Ester, vens visitar-me?
Generoso varão, ⁽⁴⁾ vens neste prazo,
Guiar-me ao Sposo meu, ao Pai guiar-me?»

DOROTEU (*com voz entalada entre suspiros*)

«Se os Fados teus souberas.... E essa túnica?»

(1) *Per liquidum æthera.* — HORAT.

(2) No grande ardor do estio.

(3) Os Cristãos, que vestiram farda, sem ser soldados.

(4) Travando-lhe das mãos.

CIMÓDOCE

«Quão longa me era a noite, em que não vinhas!
Roupa é nupcial. Que causa há porque chores?
Se é salvo Eudoro, e todo o mal é findo?»

DOROTEU

«Fujamos. Não se estrague um só momento.
Nesta toga te envolve. Acompanhado
De intrépidos amigos, com dissimulo,
Colei-me na prisão: mostrei de Augusto
Sentença; e Sevo, que me creu Centúrio
Mandado a t'a intimar...»

CIMÓDOCE

«E a que sentença?»

DOROTEU

«E ignoras, que amanhã, no Anfiteatro
Todo o preso Cristão às Feras lançam?»

CIMÓDOCE (*grave, e sem se erguer*)

«E em tal sentença o Sposo meu se inclui?
Oh não me enganes? Jura. Bem que eu certa
Não sou, se entre Cristãos val juramento.
Pelo Érebo jurado houvera outrora;
Pelo Génio do Antiste. (1) O Livro sacro (2)
Me diz: — Não mentirás. Neste Evangelho
Põe a dextra, e me jura: — *É salvo Eudoro.*»

(1) Demódoco.

(2) A Bíblia.

DOROTEU (*infiado, e rasos de pranto os olhos*)

«Queres que a glória, que ao teu Sposo ilustra,
E a que inda o espera eu diga?»

CIMÓDOCE (*como assombrada de raio*)

«Essas palavras
Como um punhal no peito, se me enterram.
E entendes tu que, ouvindo tal, eu fuja?
Dum Cristão não são máximas que eu siga:
Pelo seu Deus é viva chaga Eudoro,
E que ao seu Fado o eu deixe, e ao meu me esquive?
Ouço a voz da Esperança: ela promete-me
Vida feliz, divina formosura.
Se alguma vez de fraca, e descorçoada,
Olhos saudosos revolvi à vida,
Nulos são hoje os sustos de perdê-la.
Não deslizaste em vão na minha frente,
Oh Jordânica linfa! Oh sacra veste, ⁽¹⁾
Não sube eu ⁽²⁾ quanto vales. Tinta em púrpura
Tens de ser amanhã, veste de Mártir.
Tens de ser imortal. Far-me-ás mais digna
Ante o meu Sposo, ao ver-me em ti trajada.»
Disse: e em Divino impulso, toma a túnica
A arrebatava nas mãos, com ânsia a beija.

DOROTEU

«Não nos queres seguir? Morramos juntos.
Digamo-nos Cristãos. Guia-nos todos
Às feras amanhã. Tal barbaria
Não manda a Fé de Cristo. E morrer queres,
Sem teu Pai abraçar? Sem bênção sua?»

(1) Pondo os olhos na túnica azul.

(2) Quando a imaginou roupa nupcial.

Teu Pai, que aguarda o teu abraço extremo?
Antecipar-lhe a morte hás resolvido?
Ai! que, ao vê-lo manchar com cinza squálida,
As veneráveis cãs, rasgar a toga,
Rebolcar-se no pó, junto ao teu cárcere.
Oh! quanto dó tiveras de Demódoco!»

Qual gelo, que uma noite endurecera,
(No entrar da Primavera) se derrete,
Ao Sol que raia; ou qual Bonina aponta
No casulo que a prende, e a prisão rasga;
Tal se esvaece o intento de Címódoce,
À voz de Doroteu. No íntimo peito,
Brotava filial piedade, ⁽¹⁾ e lá floreja.
Nega-se a aventurar Cristãos impávidos,
Que se expõem por salvá-la. Sofre a vida
Por consolar seu Pai. Tácita um pouco,
Dá atento ouvido ao Anjo da Esperança
Que conselhos do Céu lhe verte na alma,
Onde súbita intenção sublime rompe.

CIMÓDOCE

«Quero abraçar meu Pai.» C'um elmo, alegres
A coma da Donzela os Cristãos cobrem.
Vestem-lhe uma pretexta, ⁽²⁾ dão-lhe o traje
Dos Mancebos, que em Roma, saem da Infância.
Víreis nela Camila, ou víreis Iúlo,
Ou Marcelo infeliz. Levam-na entre eles;
Luzes matam vão juntos. Sevo deixam
Solícito trancar, toldado, e trémulo,
Do cárcere vazio as férreas portas.

Derrama-se, no escuro, a escolta pia:
Zacarias vai dar a Eudoro a nova.

(1) *Pietas in patrem.*

(2) Toga branca com lavor de púrpura.

Vêem clara ⁽¹⁾ a generosa acção de Festo, ⁽²⁾
E Eudoro de ânsia e dor se desfoga.
Mas quando Zacarias pôs patente
Que do antro dos Leões saíra a Ovelha,
Deu grito Eudoro: deram-lhe eco os Mártires.
Bem que lhes doa o sangue, que Irmãos vertem,
Admiram tal valor, tal zelo, todos;
Faces condoídas da aflicção do Mártir ⁽³⁾
Cobram do alívio a cor. E graves, pios
Da morte falam, e a morrer se exortam:
Com pio zelo entoam gratos Hinos
Ao Deus que salva Joás da impia Atália.

Com majestosa voz, Cirilo alenta, ⁽⁴⁾
Com gracejos Ginez, Vítor com força,
Gervásio, e o Irmão, com celestial doçura;
Dava Perseu (progénie de Alexandre) ⁽⁵⁾
Lições, cavadas no amplo chão da História.
Do Vesúvio o Ermitão, ⁽⁶⁾ ditames Santos,
Em aprazíveis Quadros retratava;
E dizia a Perseu: «Pois que esta vida
Se acanha em curtos dias, que te viera
Da grandeza do trono, e Régio sangue?
Hoje que val o haver o mar sulcado,
Em Barco? em grossa Nau? mais vale em Barco,
Que, vogando no Rio, terra-terra,
Com mil abras depara; e a Nau bojuda
Com mil cachopos dá, em mar tormenta.
Portos... raros! Ou no ir sondando, encontra
Pego sem fundo, onde âncora não morde.»

(1) Vêem claramente.

(2) Por salvar Eudoro.

(3) Eudoro.

(4) Anima, dá coragem aos Mártires.

(5) Magno.

(6) Tráseas.

Tão livre, tanto em graça tinham o ânimo
Homens, que a vida têm, no extremo fio,
Que Anciãos, ou Jovens, todos esses Mártires
A quem bafeja Espírito Divino,
Despendiam tesouros de Virtudes.
Jovens, a par de Anciões, alardeavam
De Sapiência frutos deliciosos.
Tais os terrenos férteis da Campânia,
Onde a verde seara cresce à sombra
Do Choupo anoso, dos volúveis pâmpanos,
Engrossa o talo, em Julho, e o cacho beija
Roxo, que à loura espiga se debruça.
Pelos caramanchões, etéreo Zéfiro
Se encana, e dá balouço ao Choupo, à messe,
Às grinaldas de pâmpanos, e enleia
Do bosque, dos jardins, da seara, aromas.

Já Doroteu, como um Pastor intrépido,
No idólatra apertam, ⁽¹⁾ abriu caminho.
Na encosta, se ergue, do Esquilino monte,
Um retiro: Virgílio, ali, morara;
E um Loureiro, que à porta lhe nascera
Da plebe aceita os cultos. Tal retiro,
Quando em Corte valeu, Doroteu Dono
O aformoseou. Lá esconde a Virge', ⁽²⁾ ao vulgo.
Já nele, morador era Demódoco;
E lá, clamores ocultava, e lágrimas.
No empoeirado Pórtico sentado,
Cuida entrever, nas sombras, dous Guerreiros.

DEMÓDOCO (*reforçando a voz*)

«Quem sois? Mandam-vos cá duras Euménides?
Às trevas arrastar-me? *É morta a Filha?*»

(1) Dos que celebravam Orgias de Flora, etc.

(2) Cimódoce.

Templos Cristãos aluí-vos! Caia o Númen,
Que põe, na Cruz, seus míseros Cultores!»

CIMÓDOCE (*arrojando-se-lhe nos braços*)

«E são Cristãos, quem te re-traz a Filha!»
Cai-lhe, e roda, no chão, à Mártir, o elmo
Nos ombros as madeixas se lhe espargem;
E é louçã Virge' a que era Márcio Jovem.
Ali, perdem, no Pai, uso os sentidos.
Mas, quando os cobra, lhe é patente o arcano;
Ele o compreende apenas em tal júbilo.
Com carícias Cimódoce o alentava,
com dizer-lhe. «Oh Pai, quanto hei sofrido
Cruel separação! Enfim te vejo;
E inda uma vez em braços tens Cimódoce,
Que tua cara Filha, ao Mundo vinda,
Com terna voz chamaste; e a quem mil bênçãos,
Mil meiguices, no colo, acumulaste.
Quanta vez, de teus ombros pendurada,
Te prometi venturas mais que humanas!
Ouviste-mas, rociando o rosto em lágrimas.
Peito a peito inda oh Pai te aperto e cinjo;
Logremo-nos deste átomo gozoso.
Que inopino que foi! Toma o Céu presto
Os dons que faz!»

DEMÓDOCO

«Brasão de meus Maiores,
Filha mais cara a esta alma, que o luzeiro,
Que aos Manes venturosos alumia!
Como as mágoas direi tão penetrantes!...
Oh! cárcer tão esquivo à afeição minha!
Sítios, em que eu te vi, sítios saudosos! (1)

(1) Sítios, que lhe causavam saudades da Filha, quando a não deparava neles.

Eu que aprestar-te havia o nupcial tálamo,
Fico mísero e só! E os Deuses levam-me
A que era meu brasão, minha ufania!
Para mais não cingi-la, nestes braços,
Minha Filha abracei, na Ática margem?
Quão meiga em mim fitava os lindos olhos!
Co' sorrir derradeiro me sorria!
Inda, oh queridas faces, torno a ver-vos?
Faces que vertem cândida Inocência!
E a quem devidas eram mil venturas!
Oh que prazer, pela alma se me entranha,
Quando o seu coração, na flor da vida,
Palpita contra o meu, da Dor gastado!...
E de Amor!» Tal pranteiam Pai e Filha.

Quando Alcion lavra o ninho, em vaga undíssona,
Assim c'os Filhos geme, em sons mimosos,
No movediço berço, que, não tarde,
Tem de o tragar o Mar! Guia, com luzes,
Doroteu Pai, Filha, onde há dous leitos;
Em mútuo afeito os deixa, e se retira.
Em contar do passado, em piedosas
Carícias, se volvera inteira a Noite,
Se, arrojando-se o Antiste aos pés da Filha,
Com açodada voz, lhe não clamara:
«Põe limite a meus sustos, meus enjoos.
Abjura, oh Filha, as aras, que incensaste;
Que te dão morte. Volta ao Culto antigo,
Que, infante ⁽¹⁾ te ensinei. É morto Hierocles:
Quem ser teu sposo houvera...»

(1) Quando eras infante.

CIMÓDOCE (1)

«Aos meus joelhos!...
A extremo tal, as forças se me quebram,
Têm delíquio os sentidos. Não me induzas,
Que ao Deus, que o Esposo adora, renuncie:
Ao Deus, que o amor, que o augusto acatamento,
Que a ti devo, dobrou nos seios da alma.»

DEMÓDOCO

«Deus, que me rouba a Filha, e à Filha o Esposo?»

CIMÓDOCE

«Não perco o Esposo: eterna vida o aguarda:
E reverbera em mim a glória sua.»

DEMÓDOCO

«E, sepultado o Esposo, não o perdes?»

CIMÓDOCE

«Eudoro sepultado! A Grei de Cristo
Não pranteia, à maneira dos idólatras,
Os seus, quando, por Cristo, à morte os deram.»

Cimódoce, que esconde, no imo peito,
Concentrado desígnio, ao Pai empenha,
E com rogos obriga a recostar-se.
Mas ele, que, na Filha deparada,
Quer seus olhos pascer, não perde instante,

(1) Cimódoce enlevada na ideia de morrer Mártir com Eudoro, não atentava, que tinha aos pés Demódoco. Súbito que reparou no seu desatento, o toma em braços, e o levanta.

Receoso, se lhe evada. É como aquele,
Que, de sonho funesto atribulado,
Quando acorda, inda vê o feio vulto.
(Vulto, e terror, que o Sol, co'a luz lhe espanca.)
Queixa-se a Filha do cansaço de ânimo,
E se inclina, no leito, que da sala
Peja o topo. Em voz baixa ao Eterno implora:
«Ignoto Deus, que da alma o seio scrutas,
Que a morrer o Unigénito enviaste,
Se te são gratas as tenções, que volvo;
Dá, que desça a meu Pai, um de teus Anjos,
Lhe cerre os olhos grávidos de prantos.
Vês qual o deixo, oh Deus! Dele te lembres.»

Ouviu-lhe o Eterno o rogo, que a seu trono
Subiu em flâneas asas. Compassivo
Manda às terras descer o Anjo do Sono.
Ceptro de ouro sopesa a dextra angélica,
Co'ele as mágoas do mando amansa aos Justos.
Baixa do Empíreo, etéreas plagas corta;
O penoso clamor à Terra o guia.

Das montanhas da Arménia no agro ⁽¹⁾ cume
Pára. E c'os olhos cerca os Jardins ermos ⁽²⁾
De Éden, que Paraíso foi terrestre.
Lá de Adão lhe lembrou o sono místico,
Em que da Adâmea costa Deus tirara
A linda Companheira, que a progénie
Na culpa submergiu. Salvou-a outra Eva. ⁽³⁾
Já o voo enfia ao Líbano, e olhos desce
Aos fundos vales, pálidas torrentes,

(1) Não que seja agro o cume; mas sim agra a subida. Virgílio aplica muita vez assim os seus epítetos. Apadrinhe-me tão poderoso exemplo.

(2) Jardins do Paraíso terreal, deliciosos quando Adão os habitara; e agora ermos, depois do seu pecado.

(3) Descendente da primeira, dando ao Mundo o Redentor.

Sublimes Cedros, inocentes várzeas,
Onde, à sombra das Palmas, dons do Empíreo
Patriarcas desfrutavam. ⁽¹⁾ Sidon, Tiro,
E o Mar (librado em quedas asas) nota.
Longe deixa a que exílio foi de Teucer, ⁽²⁾
E a que jazigo ⁽³⁾ fora de Aristómenes,
Creta amada dos Reis, Sicília célebre
Por Cantos Pastoris, Italias praias
Descortina; fendendo, a manso voo, ⁽⁴⁾
Sem demover as asas, o Ar, derrama
Fresquidão orvalhosa, deslizando:
Dorme, no pego, a vaga, a Flor reclinase,
A Pomba esconde na asa a plúmea fronte,
Na Caverna o Leão ao sono cede.

A septicole, em fim, a eterna Roma
Se of'rece à vista do Anjo alivioso.
Sustou-se o Anjo de horror! Viu mil Idólatras
O remanso des-sossegar nocturno!
No devasso velar, desamparou-os.
Surdo à voz de Galério, ⁽⁵⁾ passa aos Mártires;
Vai-lhes olhos cerrar; vai a Demódoco,
Buscar no solitário seu retiro.
Pai infeliz, no leito, ansiados membros ⁽⁶⁾
Ardente agitas! Mas do Céu vem o Anjo
Pacífico estender-te o Ceptro, e os olhos
Receosos tocar-te. Cai súbito
Em profundo repouso regalado;
Nunca até então provaras de tal sono:
Mas sim do hóspede do Orco, e Irmão da Morte;

(1) Nas Eras subsequentes ao dilúvio.

(2) *Ambiguam tellure nova Salamina futuram.* — HORAT. Lib. 1. Od. 7.

(3) Rodes.

(4) Tão manso voa que parece deslizar pelos plainos do Ar.

(5) Que clamava favor ao sono.

(6) De perder Cimódoce.

Filho de Anjos revéis, tidos por Numes,
Entre ilusos Mortais. Nunca obtiveste
A dádiva dos Céus, *Sono de vida*.
Composto ⁽¹⁾ de Inocência, e Paz, é encanto
Poderoso; e que nunca torvos sonhos,
Que as mentes atribulam, acompanham:
Antes é vapor meigo da Virtude.
Não ousa avizinhar-se de Cimódoce
O Anjo dador do sono; antes inclina-se-lhe,
Que, orando a viu. Respeita-a, e a deixa,
Para a ir esperar, no Céu superno.

~~~~~

Apesar de serem correctas estas folhas por Filinto Elísio, e revistas pelo seu amigo o Dr. F. S. Constâncio, há nelas mais defeitos do que fora muito de presumir. Pede-se ao benigno Leitor que quando deparar com eles no fio da leitura, recorra às erratas, que vão no fim dos volumes; e quando ainda assim lhe emendas falhem, supra a sua benignidade os descuidos tão anexos a tudo o que é obra de Homens. — *Nota do Editor*.

Se o público pudesse ver em que estado saiu das mãos do autor as provas, e os contínuos descuidos e negligência do impressor, talvez que concedesse algum merecimento ao *Revisor*.

FIM DO LIVRO XXIII.º

---

(1) O Sono.



---

---

NOTAS DO LIVRO XXIII.º

Pág. 331, verso 6. Pela Cúria.

No ano 368 de Roma, tais abominações descobriu o Senado nas Festas de Baco, que as suprimiu.

*Ibid.*, verso 14. Rameiras.

Vd. TERTUL. *de Spectac.*, cap. 17; — LACTANC. lib. 1, cap. 20; — S. AUGUST. epist. 102; — SENECA. epist. 57.

Pág. 336, verso 14. Que a outro Juiz.

Mil exemplos existem de Juizes, Carcereiros, Verdugos, que se converteram de ouvir os Mártires, e de os ver padecer.

Pág. 342, verso 9. Viúva arrasta lutos.

*Sicut erat, mæsti servans lugubria cultus*, etc. — LUCAN. 2.º.

Pág. 349, verso 20. Virgílio, ali, morara.

Mostram, ainda hoje, em Roma, essas Casas, em que (dizem) morara Virgílio.

FIM DAS NOTAS DO LIVRO XXIII.º



---

---

## OS MÁRTIRES

### LIVRO XXIV.º

#### ARGUMENTO

*Despede-se da Musa o Vate. Doença de Galério. Anfiteatro de Vespasiano. Levam Eudoro ao Martírio. São Miguel submerge a Satã no Abismo. Às encobertas, se escapa de seu Pai, Cimódoce, e se acha com Eudoro, no Anfiteatro. Recebe Galério a nova, que proclamaram César a Constantino. Martírio de ambos os Esposos. Triunfo da Religião Cristã.*

MUSA, que em tão p'rigosa, e longa estrada  
Te dignaste suster-me, à Sfera Empírea  
Volve: que a meta avisto da carreira.  
Do Carro desço; e canto o Hino dos Mortos. <sup>(1)</sup>  
Já do socorro teu posso privar-me.  
Que Francês, hoje, ignora cantos fúnebres!  
Qual não cercou, luctuoso, um ataúde?  
Céus não rompeu, com lúgubres clamores?  
Já concluo: inda, oh Musa, um curto prazo  
Te dou; e as aras tuas pronto deixo.  
Não canto mais de Amor, em sonhos de Homens; <sup>(2)</sup>  
Vá-se a Lira, c'os juvenis verdores.  
Adeus, Consoladora de meus anos;  
Mais parceira, na Dor; que nos Prazeres.  
Este adeus, que de lágrimas me custa!

Da infância a quadra apenas que eu transpunha,  
Tu me entras no Baixel veloz, e cantas

---

(1) Refiro o padecimento dos Mártires.

(2) Fábulas sonhadas por Poetas.

Tormentas, que o velame despedaçam.  
Vens, comigo, ver choças de Tapuias,  
Que as telha arbórea cute; <sup>(1)</sup> e lá deparas-me,  
No Américo sertão, selvas do Pindo.  
A que praias não tens arremessado  
Os devaneios meus, meus infortúnios?  
Subido em tuas asas, lancei olhos,  
Por entre nuvens, a afligidas serras  
De Morwen; de Irminzul penetrei Bosques;  
As flavas ondas vi do Tibre, e a Oliva  
Do Cefiso saudei, Louros do Eurotas,  
Do Bósforo os agudos Aciprestes,  
E ermas campas do Simois, me apontaste;  
Contigo, o Hermo, que emula ouro ao Pactolo,  
Hei sulcado, e adorei linfas Jordânicas.

No monte Sião orei venerabundo;  
Mênfis, Cartago meditar me viram  
Sobre as ruínas suas. Nos Alcáçares  
Derrocados da Alhambra, em fama, ilustres,  
De Honra evocámos, e de Amor lembranças,  
Quando lá me dizias: «Dá-lhe o prémio  
Que à Gloria cabe, e cuja cena pode,  
Em poucos dias, decorrer, sem custo,  
Obscuro e débil, vago Peregrino.»

Não me tem de esquecer as lições tuas:  
Nem sofro, oh Musa, me resvale a mente  
Das sublimes Regiões, a que a subiste.  
Afrouxa a Idade os dons, com que a enriqueces,  
Perde seu garbo a voz, os dedos gelam.  
Nos trastos do alaúde: mas os nobres  
Movimentos que inspiras, não nos deixam,  
Quando teus outros dons nos desamparam.  
Companheira fiel da minha vida,  
Quando te ales ao Céu, deixa-me, oh Musa,

---

(1) A quem servem de telhado cascas de árvores.



Virtude, e independência, austeras Virgens,  
Que, no vedar-me arcanos de Poesia,  
Da História às laudas trânsito me outorguem.  
Pois que anos de ilusões dei à Mentira,  
De risonha aparência, anos maduros  
Darei ao grave assunto da Verdade.  
Que digo? À meiga imagem da Mentira  
Não lhe dei já de mão? As que Galério  
Mágoas deu a sofrer à Grei de Cristo  
Não foram vãs ficções. E é mais que tempo,  
Que, no Opressor, o Céu vindique justo,  
A causa da Inocência. O Anjo somnífero  
Sem dar ouvido aos rogos do Tirano, <sup>(1)</sup>  
Conquista o deixa ao Anjo de Extermínio,  
Que, coando o vinho da Celeste cólera,  
Nas entranhas do Ruim, <sup>(2)</sup> que os Cristãos vexa,  
Rebenta o oculto Mal, da intemperança  
E das devassidões eivado fruto.  
Da cintura até é frente, era squeleto  
Galério, a quem cosida co' arcabouço,  
A pele cobre lívida; o mais corpo  
Odre afigura: os pés forma perderam  
Quando à borda um Lago, a quem faz sebe  
Espadana e Tabua, a Cobra cinge  
Nervudo Touro, ansiado se debate  
Nas roscas do réptil, fere o Ar, c'os cornos:  
Vai lavrando o veneno; o Touro berra,  
Vencido cai no chão, no chão rebolca-se.

Debate-se Galério; ânsia o rugue,  
Que lhe mina a gangrena os intestinos.  
Porque os vermes que roem porfiados,  
Esse do Orbe Senhor, chamem à cútis,  
Com recém-morta Rês a chaga emplastam.

---

(1) Galério.

(2) Galério.

Cruel, degolar manda a quanto Médico  
Não atinou, com dar-lhe, ao Mal conforto.

Um deles (às ocultas doutrinado  
No Culto dos Cristãos) ousou dizer-lhe:  
«Teu Mal toda a nossa Arte sobrepuja.  
De mais alo lhe inquire a causa, oh Príncipe:  
Remonta ao que hás obrado contra os Servos  
Do Sumo Deus; e a pleno, aí, te inteira  
De a quem hás recorrer. Mata: morramos;  
Mas, em teu Mal é nula a Medicina.»  
Em desvairadas iras, tal franqueza  
A Galério abrasou. Não viu quanto impio  
C'ó título de Eterno, <sup>(1)</sup> asoberbara  
Vida de prazo curto! Dobra em fúria  
Contra os Cristãos; suplícios não suspende;  
Na primeira sentença <sup>(2)</sup> mais se afirma.  
O Sol crástino anela, em que apareça,  
No Anfiteatro, um moribundo Augusto, <sup>(3)</sup>  
Que vem ver como os seus Vassalos morrem.

Não se lhe apurou muito o sofrimento.  
O flavífluo <sup>(4)</sup> Tibre, os serros de Alba,

---

(1) Que a si usurpou.

(2) Que mandara promulgar, por ordens que dera a Festo.

(3) Galério.

(4) Pela última vez repito razões que já aleguei, sobre este mesmo pressuposto. Como porém me fazem (não obstante) os mesmos reparos, darei, e para sempre, a mesma resposta. Repararam-me que uso, alguma vez, de palavras Latinas, num Poema de mais de 15800 versos, versos que não sendo de minha lavra, e tratando assuntos não elaborados, na língua Portuguesa, obrigam o desprovido tradutor a inventar palavras que correspondam aos termos do Original — *Labor improbus!* — *Pauci, quos aequus amavit Jupiter.* — Resta pois pedir emprestado. E a quem! Fácil venida fora aportuguesar (*quod absit*) do Francês, como faz muita gente, que escreve, e muita mais, que não escreve. Abalanço-me às riquezas maternas, como Camões fez, como tantos bons fizeram, que meteram no comércio literário o cabedal que a boa Mãe Latina nos ajuntou para nosso património, e acessível recurso, nas mesquinhezes, em que há longo tempo laborámos.

As florestas de Tibur, do Lucrétil,  
Ao sorriso da Aurora se alegravam:  
Entre as Folhas cintila o rócio trémulo,  
Como outrora o Maná. De Roma os Campos  
Fresquidão, juventude <sup>(1)</sup> resplendiam.  
Os da Sabina Montes arredados,  
Entr'-anuviados num vapor diáfano,  
Despediam, no enleio de alvas Flores,  
De Abrunho a cor violácea púrpurina.  
Viras subir das Choças manso o fumo,  
Enovelar-se a névoa, e se ir aos picos  
Dos Montes. Dava o Sol, nos topes de Álamos.

Nunca mais belo dia abriu o Eoo.  
Que te empecem, oh Sol, nessa área etérea,  
(Donde olhando nos stás) as nossas lágrimas?  
Os nossos infortúnios? Não te enturvam,  
Se assomas, se declinas, mágoas nossas.  
Com resplendor igual, Crimes, Virtudes  
Alumias, e o giro vás seguindo  
Sem contar gerações, computar eras.

De Vespasiano, em tanto, o Anfiteatro  
Se coroava <sup>(2)</sup> de Povo. Roma, ao sangue  
Dos Mártires correndo, atropelando-se,  
A cento, a mil... cobrindo uns a cabeça  
Co' a aba da toga, ou já co' a vária <sup>(3)</sup> umbela,  
Pela amplidão do Circo se derramam.  
O vulgo, em burburinho (arrebeçado  
Pelas abertas) <sup>(4)</sup> sobe e desce em bandos,  
Por externas escadas; toma assento

---

(1) Remoçavam-se com a aura da Primavera.

(2) Sentado o Povo em degraus circulares, formava como uma coroa ao Espectáculo.

(3) Umbela de várias cores.

(4) *Per vomitoria*.

No marmóreo recinto. Grades de ouro  
Resguardam Senadores dos insultos. <sup>(1)</sup>  
Por que os ares se embebam de frescura,  
Disparavam repuxos engenhosos,  
Jorros de vinho, de água açafroada,  
Que, em orvalho odorífero desciam.  
Três mil Státuas de bronze, infindos Quadros,  
Pórfido, Jaspe, em longas Colunatas,  
Balaústres de cristal, Vasos de casto  
(Portentos da Arte!) o Circo aformosentam.

Num cavado Canal, que cinge a Arena, <sup>(2)</sup>  
Crocódilos nadavam c'ó Hipopótamo.  
Leões feros, enormes Elefantes,  
A fora Tigres, Onças, Touros, Ursos  
Cevados em rasgar humanas carnes,  
Nos covis dessa Arena, bramam, urram. <sup>(3)</sup>  
Ferozes, quanto os Leões, denodam braços,  
Aqui, além, sanguentos Gladiadores.  
Junto aos covis da Morte, <sup>(4)</sup> Alcouces jazem  
Onde rameiras nuas, Damas nobres <sup>(5)</sup>  
Avultavam o horror desse espectáculo,  
Rivais <sup>(6)</sup> da Morte (quais, reinando Nero) <sup>(7)</sup>

---

(1) Das Feras.

(2) A área interior ou Corro, onde se lutava, etc.

(3) Urram os Elefantes.

(4) Covis das homicidas Feras.

(5) Não se pode conter Juvenal (*facit indignatio versum*) quando viu o descaramento com que os Romanos descendentes dos que expulsaram de Roma os Reis (por uma única ofensa cometida contra a castidade conjugal) sofriam desvergonhamentos tão devassos e tão públicos, nas descendentes das Cornélias, etc., etc.

(6) Concorrendo para o tal festejo e competindo com os Leões, e Tigres, etc., a dar ala ao regozijo.

(7) Festejo que Tigelino deu a Nero, as Damas da mor nobreza se apresentaram nuas com as outras meretrizes também nuas.

Do moribundo Augusto <sup>(1)</sup> ao favor armam. <sup>(2)</sup>  
Juntai, das que estiradas stão nas ruas  
Sob o pendor de Baco, <sup>(3)</sup> últimos uivos,  
E tendes dibuxada toda a pompa  
Do desdouro cabal da Escrava Roma!

Já, às portas são do cárcer, Pretorianos,  
Que hão-de ao suplício conduzir os Mártires.  
Por ordem de Galério a Eudoro estremam,  
Campeão, que antes que os mais, entre na luta.  
Assim, buscam no prélio, <sup>(4)</sup> ante a mais hoste,  
O Herói, que as destemidas hostes rege.  
Grita da porta o Carcereiro: «*Eudoro.*  
*Vem fora. Vás morrer.*»

EUDORO

«Viver lhe eu chamo.»  
Então se ergue da pedra, em que repousa.  
Não pode atalho pôr Cirilo às lágrimas  
Nem seus Irmãos. <sup>(5)</sup>

EUDORO

«Quanto antes nos veremos.  
Ver-nos vamos no Céu; se curto instante  
Nos separam do Mundo.» Para o transe, <sup>(6)</sup>  
A alva túnica e o manto que bordara  
Para as núpcias a Mãe, guardado, toma.  
O Arcádio Caçador, que se aparelha.

---

(1) Galério.

(2) Armando ao favor do Príncipe. — JACINTO FREIRE.

(3) *Sub pondere Bacchi.*

(4) No prélio duro, diz Camões.

(5) Os Mártires com ele presos.

(6) Do Martírio.

Com Arco, ou Lira ao prémio, em Mantinea,  
Vence-o, em gentil, Eudoro.

POVO E PRETORIANOS

«Eudoro, Eudoro.»

EUDORO

«*Eu vou.*» Da porta o umbral já salva o Mártir.  
Co' vigor da alma vence a dor dos membros. <sup>(1)</sup>

CIRILO (*a Eudoro*)

«Dada te foi adamantina fronte,  
Oh da Mulher progénie. Nada temas;  
Nem te dêem homens susto.» Entoam Bispos  
Cântico de louvor, <sup>(2)</sup> pouco há composto  
Pelo amigo do Mártir, <sup>(3)</sup> Agostinho:  
«*A Ti, Deus louvamos, confessamos.*  
*Os Céus, os Anjos, Querubins, e Tronos,*  
*Te proclamam, Senhor, três vezes santo,*  
*Dos exércitos Deus...*» Inda o Epinício  
Cantando estão, que já, do cárcer fora  
Goza Eudoro troféus. Já, dado <sup>(4)</sup> a ultrajes,  
O empuxa o Centurião <sup>(5)</sup> com bronco gesto,  
E lhe diz: «*Tarde vens.*»

---

(1) Atormentados no martírio.

(2) *Te Deum.*

(3) Do Mártir Eudoro.

(4) Dado Eudoro.

(5) Da guarda que o conduzia ao martírio.

EUDORO

«Tão presto, amigo,  
Como tu (quando eu são) contra hostes ia.  
Mas olha: todo chagas levo o corpo.»

Em folha de papiro, lhe põe rótulo:  
«*Eudoro por Cristão*», no invicto peito;  
E, com baldões o assoberbava o Vulgo.  
«Onde está o teu Deus? De que te monta  
Ter Culto ignóbil anteposto à vida?  
Veremos se o seu Cristo, hoje o ressurge!  
E se de nossas mãos virá livrá-lo!»  
Já, com encómios mil que dão aos Deuses  
Esses bandos ferozes, saboreiam  
Conjunta, a alta vingança, que, ali, cevam,  
Nos que insultam, contrários a seus Ídolos.

O Príncipe das trevas, e os seus Anjos  
Por ares, e por terras derramados  
Se embriagam de contento, e atroz orgulho:  
Já a triunfar da Cruz se dão alvíssaras.  
Da Cruz! que vibra o raio, que os subverte!  
Dos Pagãos açulando a insânia, a fúria,  
Fazem com que o <sup>(1)</sup> apedrejem, com que alastrem  
De agudos estilhaços <sup>(2)</sup> o caminho,  
Aos pés chagados do moderno Apóstolo.  
Qual trataram Jesus (seu ódio activo!)  
Tratam o Mártir seu, que ao Capitólio,  
Ao Circo, vai descalço <sup>(3)</sup> caminhando.  
Ante as aras de Státor, <sup>(4)</sup> ante os Rostros,

---

(1) A Eudoro.

(2) Diz o Original *débris de vases*; que em Português quer dizer *cacos de louça quebrada*. Mas *cacos* (a meu entender) nunca terão entrada em Poema sério.

(3) Como Jesus descalço ao Gólgota caminhava.

(4) *Jupiter Stator*.

Ante arco triunfal, que encontre, ou Státua  
De Nume, que, em caminho aviste Eudoro,  
Redobra uivos a Tuba, e grita ao Mártir:  
«*Dá culto.*»

EUDORO

«O Vencedor — culto a Vencidos! <sup>(1)</sup>  
Não tarde haveis de ver quem é que vence.  
Que um César vejo <sup>(2)</sup> eu pôr diadema, e ceptro  
Aos pés de Cristo, oh Roma. Esp'ritos do Orco  
Teus Templos desamparam; portas fecham  
Para não mais se abrir, brônzeos ferrolhos.»

POVO

«*Dai cabo do impio, que infortúnio agoura.*»  
Mal poude a Guarda defender da fúria  
De Idólatras o Mártir, o Profeta.

EUDORO (*aos Guardas*)

«A Imperadores seus já assim trataram.  
Nem por que eu erga o rosto, vos releva  
Pôr, co' a ponta da espada, à barba espeque.» <sup>(3)</sup>

Quanta Státua triunfal se erguera a Eudoro,  
Quebrada foi. Uma única restava  
No caminho do Mártir. Porque encubra.  
O dó que lhe ela faz, descia o elmo  
Um dos Guardas.

---

(1) Os Ídolos, que Eudoro vencia, morrendo pela Fé.

(2) Como quem inspirado vê o futuro.

(3) Como a Vitélio Imperador fizeram os soldados, quando o iam matar.



EUDORO (*ao Guarda enternecido*)

«Não chores glória antiga.

Este, hoje é o meu triunfo. Igual te venha.»

No âmago da alma entrou tal dito, ao Guarda.

Nem tardou a abraçar a Fé de Cristo.

Ei-lo, por fim, no Anfiteatro, Eudoro

Qual brioso Corcel, que no renhido

Prélio, a flecha encravou, entra arrojado,

Sem que indique doer-lhe o mortal golpe.

Não são contrários seus quantos o cingem. <sup>(1)</sup>

Há <sup>(2)</sup> quem tocar-lhe <sup>(3)</sup> anela a vestidura.

Velhos há que as palavras lhe recolhem. <sup>(4)</sup>

Há Levitas, que em grémio da ímpia Turba,

Absolvições lhe lançam. Jovens, Donas

Ali bradam: «*Morrer co' ele queremos.*»

C'um dito, o Mártir, c'um olhar, c'um gesto,

Sopeava esses arrojos de Virtude:

Que, a alma, lhe acurva dos Cristãos o risco. <sup>(5)</sup>

Do Circo, o espera, às portas, todo o Inferno,

A cometer-lhe o derradeiro assalto.

Veste, sacra a Saturno, os Gladiadores

Lançavam aos Cristãos. <sup>(6)</sup>

EUDORO (*aos que forcejavam de o trajar com ela*)

«Librés não trajo

De Pagãos. Cristão morro. Das feridas

Rompo antes, co' estas mãos as ataduras.

---

(1) No círculo dos espectadores.

(2) Muitos Cristãos.

(3) Por devoção.

(4) Para com elas edificarem os Mancebos.

(5) Que se arriscavam os Cristãos a ser vítimas dos exaltados desejos seus.

(6) A entrada do Circo.

Devido a César sou, devido ao Povo. <sup>(1)</sup>  
Se eu morro, <sup>(2)</sup> e que os privais assim da luta, <sup>(3)</sup>  
Co'a vida o pagareis.» Temendo a ameaça,  
Lhe franqueiam o Circo os Gladiadores;  
E impávido entra Eudoro, e triunfante.

Rompe universal voz, ferino aplauso,  
Que da base <sup>(4)</sup> ao fastígio vai de alcance,  
E retumba nos Ecos. <sup>(5)</sup> Nas cavernas  
Reclusos os Leões, e as Feras brutas  
Ao clamor bruto, dignas responderam,  
No feroz regozijo. O vulgo treme;  
Mas não se assusta Eudoro. Que, ali, súbito,  
Lhe ocorre, o que em tal sítio, <sup>(6)</sup> pressentira.  
De seus passados erros se compunge,  
Rende a Deus graças, que aceitá-lo aprouve,  
Em sua Compaixão, e quis trazê-lo,  
(Por alto arbítrio) a fim tão glorioso.  
Terno recorda o Pai, e Irmãs, e a Pátria,  
Que todos recomenda ao Juiz sumo.  
Recomenda Demódoco, e Cimódoce:  
Pensamento, que à Terra deu, como último!  
Logo, da alma, ao Céu dá todo o sentido.

Não era o Imperador inda chegado;  
Dos Ludos o Inspector <sup>(7)</sup> sinal não dera;  
Pede o Mártir ferido graça ao Povo  
De assentar-se na Arena, a cobrar forças;

---

(1) Romano.

(2) Das abertas feridas.

(3) Do Mártir com as Feras.

(4) Do Anfiteatro.

(5) Concavidades ingenhosamente abertas, nos Circos e nos teatros, para dar maior volume à voz.

(6) *Vid.* Liv. 4 deste Poema, *in finem.*

(7) *Magister ludorum.*

O Povo a deu, por ver mais longa a luta.  
No manto, envolto o Mártir, se recosta  
No chão, que há-de tingir co' próprio sangue;  
Qual, no musgo da brenha alta e profunda  
Se recosta o Pastor. Saía, em tanto,  
Da eterna profundez do Santuário,  
Mais splendente luzeiro. Ouvem prostrados  
Anjos, Dominações, Virtudes, Tronos,  
Entrados de prazer, voz que profere:  
*«À Igreja aos Homens Paz. Aceita é a Vítima.  
E o que o Justo há verter, último sangue  
Fará a Fé triunfar, mudar-se o Mundo.»*

A Coorte dos Mártires <sup>(1)</sup> demove-se,  
Os Divinos Soldados se enfileiram,  
O som da que o Anjo emboca auspícia Tuba.  
Lá splende o Proto-mártir, <sup>(2)</sup> co' outro Diácono <sup>(3)</sup>  
Com Cipriano eloquente, Antistes Santos, <sup>(4)</sup>  
Que tanto nome hão dado à leal Cidade,  
Que afaga o Arar, e que a arruína o Rodão.  
Desce-os nuvem de luz: vem, no seu grémio  
Colher o feliz Mártir vitorioso.  
Baixam os Céus, e se abrem: Coros rompem  
De Anjos, de Patriarcas, de Profetas,  
De Apóst'los a admirar do Justo o prélio.  
Rodeando a Mãe de Eudoro, Virgens, Viúvas,  
Santas Esposas, parabéns lhe abundam.  
Ela única, da Terra, afasta os olhos,  
Que ao trono de Deus sumo voltou fitos.

---

(1) Que já habitam o Empíreo.

(2) Santo Estêvão.

(3) São Lourenço.

(4) S. Potino, e Santo Ireneu, Bispos de Lião de França.

Arma a dextra Miguel, c'ó, que dá súbitos,  
Montante, golpes, <sup>(1)</sup> Sabaot precede; <sup>(2)</sup>  
Toma <sup>(3)</sup> o grilhão, na esquerda, que forjado  
Foi, no Arsenal da Cólera Celeste,  
Ao fulgurar de trémulos relâmpagos;  
Arcanjos cem, que ardente Quérub <sup>(4)</sup> rege,  
Indestrutos anéis lhe encadearam.  
Obra admiranda! Malhos vão gravíssimos  
Moldando a golpes o ouro, a prata, o bronze  
Fundidos de antemão, e aparelhados.  
Inda lhe mesclam da vingança eterna  
Centelhas três, Terror, Desesperança,  
E Maldição, fuzis de Raio, e a viva  
Matéria, que já as rodas compusera  
Do carro de Ezequiel. Como um Cometa.  
Ao sinal que Deus fez, Miguel partiu.

De susto os Astros crêem findado o giro.  
Um pé no Mar, um pé na Terra, o Arcanjo  
Com set-fulmina <sup>(5)</sup> voz, hórrido clama:  
*«Findou seu reino Cristo: é findo o de Ídolos.  
Triunfa a Religião, fenece a Morte.  
Relé perversa desafronta o Mundo.  
Vai-te acolher, Satã, no negro abismo,  
Vai-te ao poço, em que séc'los dez demores;  
Raiva, de ira, em grilhões aferrolhado.»*

---

(1) Os que lêem Clássicos Latinos, e mormente Poetas, sabem melhor que eu, o uso frequente que eles fazem da figura hiperbaton, mais por elegância, que por necessidade.

(2) Como o fogo sagrado precedia os exércitos dos Persas; o montante do Deus de Sabaot precede a milícia Celestial.

(3) O Arcanjo S. Miguel.

(4) Querubim.

(5) *Sept-fulmina* voz agradou a dous Poetas Portugueses de estilo não rasteiro; talvez que desagrade a versistas de água doce, que em caso como este dirião — *com voz de sete raios*.

A tão medonha voz, nos revéis Anjos  
Entra ansiado terror. Do Inferno o Príncipe  
Inda resiste, e afronta a dar batalha  
Ao General de Altíssimo. A si junta  
De Volúpia, Homicídio, e Saber falso  
Os três anjos ruins. Mas despenhados  
Na frágua dos tormentos, novas penas,  
Por novo mal, que hão feito, os assoberbam.  
Satã contente, inda assim só, co' Arcanjo.  
Renhir ousado! Em vão! que o vigor foge-lhe,  
Desmaia-lhe o Poder, e o Ceptro estala-lhe.  
Pela hoste esmorecida ante-guiado,  
Com hórrido rugido se arremessa;  
No poço profundíssimo baqueia.  
Co' ele dão tombo vívidas cadeias,  
Que no âmago do Inferno o cingem, ferram,  
Num monte em brasa, e em labareda viva.

Ouve Eudoro concertos inefáveis,  
De Harpas de ouro, a milhares, sons distantes  
Que acompanham de vozes melodia: <sup>(1)</sup>  
Vê, nos ares Exércitos de Mártires,  
Que Aras derrubam, Templos desmoronam.  
Entre nuvens de pó, baixa do empíreo,  
Aos pés de Eudoro, escada de portento,  
Toda Jaspe, Esmeralda, Opala, Hiacinto,  
Que da Santa Solima é igual aos muros.  
Contempla o Mártir a visão resplendida;  
E, com suspiros, chama, ansioso, o instante,  
Em que a subida há-de encetar Celeste.

Mor glória ao Povo seu reserva ainda  
O Deus bom de Israel, que em débil Virgem  
Sustém varonis brios generosos.  
Como, entre o trigo em flor madruga, e espera

---

(1) Quando para uma, ou muitas vezes há uma única toada, diz-se melodia, e quando os instrumentos acompanham com consonantes, e falsas, diz-se harmonia.

Calhandra a rósea Aurora, e alveja apenas  
Pelo debrum da nuve', a luz rompente,  
Deixa açodada o chão, remonta o voo,  
Canta ao Viandante, e com seu Hino o alegre;  
Tal madruga ao primeiro albor Cimódoce,  
Para cantar, nos Céus, Hinos, que os Justos  
Enlevem de prazer. Da Aurora um raio  
Veio à recém Cristã ferir nos olhos.  
Vai-se tácita erguendo, e traja a roupa  
Do martírio, que adrede conservara.  
O Antiste Homéreo desfrutava o sono,  
Que lhe coara o Anjo pelos membros.  
Manso e manso, ante o leito se lhe ajoelha,  
E o Pai contempla, com sentidas lágrimas,  
Enlevada na paz, com que respira.  
Mas que acerbo acordar (mísero!) o espera!  
Da compaixão filial preme os soluços  
Cimódoce, e socorre-se à coragem,  
(Antes a Amor e à Fé) <sup>(1)</sup> e escapa a furto;  
Qual se furtava à Mãe, Noiva Spartana,  
Para os abraços ir lograr do Esposo.

Com todos servos seus, com Zacarias  
Sai Doroteu da Casa Virgiliana,  
E transnoita. Cristãos dormir não sofrem  
Quando em crástino Sol há-de haver Mártires.  
Vão-se de volta ao Circo, unem-se à Turba,  
Disfarçados, o fim da luta aguardam,  
Por dar, a furto, campa aos Santos Corpos. <sup>(2)</sup>  
Tais, junto dum Casal alpestre, as Pombas,  
Para colher o grão malhado, na eira,  
O corte aguardam da afanada fouce.

---

(1) Aos poderes do amor, que tinha a Eudoro, e aos da Religião, que professara.

(2) Martirizados.

Não acha estorvo a Virgem, para a fuga.  
Quem lhe aventado houvera tal desígnio?  
Ao peristilo desce, as portas abre,  
E, sem guia, se lança à ignota Roma:  
Ermas ruas vagueia. Todo o vulgo  
De tropel, se arremessa ao Anfiteatro.  
Onde o caminho a leva ignora: eis pára...  
Crê, que ouve um ruído ao longe; ao ruído corre,  
Quanto mais corre, mais o ruído medra.  
Servos, Milícia, Infantes, Damas, Velhos,  
Liteiras, Cavaleiros, Coches rápidos  
Vê trilhar essa Rota, em longo fio.  
Ouve rumor confuso, ouve altos gritos.  
«Às Feras os Cristãos.» Ela mui longe,  
Donde, inda não se lhe ouve a voz, bradava:  
«Eis-me aqui.» Já assomava pela empоста  
Sobranceira ao tropel, que abraça o Circo.

Já começa a descer, quando se ensaia  
A apavonar-se a Aurora. <sup>(1)</sup> Então a crêeis  
Esse Astro, que intermeia a Noite e o dia;  
E, nela, vira a Grécia ajoelhada  
A <sup>(2)</sup> que a Céfalo amou, <sup>(3)</sup> a que amou Zéfiro.  
Já, por Cristã todo esse Povo a julga:  
Que o véu branco, e azul veste, o preto manto  
Inda delatam menos, que a Modéstia.

### Povo

«É Cristã, que escapou do cárcer: prendam-na.»

---

(1) Quando, perto de nascer o Sol, tomam as nuvens diversidade de cores.

(2) Céfalo amado foi de Aurora.

(3) Flora amada foi de Zéfiro.

CIMÓDOCE (*envergonhada de se ver em chusma tal*)

«Sou Cristã. Não fugi. Errei caminho;  
Como Jovem, nascida em longes terras,  
Nas Gregas ribas, minha meiga Pátria.  
Oh vós, possante geração de Rómulo,  
Mostrai-me o Anfiteatro, e lá guiai-me.»  
Palavras tais, que a um Tigre amansariam,  
Só mofas, e baldões lhe acarream.  
Que deu, num bando, em que Homens, e Mulheres  
Cambaleavam ébrios, dissolutos.  
Talvez se ouviu quem disse: «A jovem Grega  
Não pode ser às Feras condenada.»

CIMÓDOCE (*com timidez*)

«Sim o sou: e me espera o Anfiteatro.»  
Entre uivos, o tropel, a empuxa, a adianta;  
E o Gladiador, que entrada abria aos Mártires  
Ordens não tendo acerca dessa vítima,  
Repulsa-a de ter parte no holocausto.  
Ela, que aberto vira outro Cancelo,  
E, por ele, avistou, na Arena, a Eudoro,  
Qual veloz flecha disparada, arranca, <sup>(1)</sup>  
E nos braços do Esposo se arremessa.  
Sobre os degraus do Circo, em pé, removem,  
Tumultuam cem mil espectadores  
Debruçados, e ao Circo pedem novas.  
«Quem é essa mulher, que assim, nos braços  
Do Cristão se arrojou?» Outros informam  
Que é a Sposa, que é Cristã, que é dada às Feras;  
Que o traje padecente assim o inculca.  
Dali bradam: «*Escrava foi de Hierocles,  
Que a conhecemos bem. É aquela Grega,  
Que ostentou ser dos Deuses inimiga,*

---

(1) A corrida.



*Quando pios tratámos libertá-la.»*  
«*Quão jovem! quão formosa!*» (dizem tímidas  
Algumas vozes) mas gritava a Turba:  
«*Mor razão, porque as Feras a devorem;*  
*E não empeste o Império de ímpia raça.»*

Áspera mágoa, <sup>(1)</sup> e horror, <sup>(2)</sup> a enlevo <sup>(3)</sup> unidas  
A voz do Esposo entalam. Cinge ao peito  
Quem longe anseia ver: sente a cada átomo  
Ir-lhe vida, por qual mil dera suas.

EUDORO (*entre largo pranto*)

«A que vieste incauta? Havia eu ver-te  
Em transe tal? Que encanto! Que infortúnio!  
Te trouxe ao morticínio! A abalos dar-me  
Na Fé! E a que veja eu, como te matam!»

CIMÓDOCE (*soluçando*)

«Perdoa à tua serva. Pelo Esposo  
(Disse a Eva Deus) Pai, Mãe a Esposa deixe.  
Furtada a amor de Pai, deixo-o dormindo,  
Por vir pedir a tua vida a Augusto,  
Ou partilha contigo ter, na morte.»  
Do Esposo, atenta, quanto o rosto é pálido,  
Quanto as chagas do Mártir sangue vertem.  
Um grito dá; e, em seu delírio santo,  
Beija o chagado peito, os pés, e os braços.  
Quem dirá claro o que sentiste, Eudoro,  
Quando, em teu corpo lacerado e mísero,

---

(1) De ver que iam as Feras devorar Cimódoce.

(2) Da impiedade com que os Pagãos, que lhe podiam salvar a Esposa, a condenavam.

(3) De a ter junto a si tão terna, e tão perto de ser com ela para sempre unido no Paraíso.

Se imprimiram da Esposa os lábios puros?  
Quem, do primeiro afago duma Esposa  
O inefável encanto, que das chagas  
Te corre aos seios da alma? A Eudoro, súbito  
Celeste dom, nas faces lhe rutila.  
Inspira-o o Céu! Desprende o anel, que no índice,  
O ostenta Esposo; embebe-o no seu sangue:  
«Não mais me oponho (diz) à intenção tua;  
Nem te atalho, na c'roa que prossegues,  
Com valor tal. Se à voz do Céu dou crença,  
Finda é a conquista a que vieste ao Mundo.  
Já inútil fica ao Pai o teu socorro; <sup>(1)</sup>  
Que Deus o toma a si. Vir-lhe-á, não tarde,  
A verdadeira luz; e tem de unir-se,  
Presto, c'os Filhos seus, nessa pousada, <sup>(2)</sup>  
Onde nada haverá, que o aparte deles.  
Anúncio dei, que Esposos morreríamos,  
Num dia. Agora o vês cumpriam o anúncio.  
Olha o toro nupcial, o altar, e o templo; <sup>(3)</sup>  
Olhe essa pompa, em torno aparelhada;  
E os aromas, que a Esposos nos perfumam.  
Volve os olhos ao Céu; contempla, admira  
Com a vista da Fé, Celestes pompas  
Mais ricas, mais formosas, que este acanhado. <sup>(4)</sup>  
Legitimemos, d'antemão, os laços,  
Que hão-de eternos ligar nosso martírio.  
Penhor do Desposório, este anel seja.»

No Circo se ajoelha o par angélico;  
Co' anel, tinto em seu sangue, Eudoro cinge

---

(1) Fala Eudoro como inspirado.

(2) Apontando o Céu.

(3) Apontando o corro, em que hão-de ser martirizados.

(4) Comparada a pompa dos Imperadores, a mais faustosa, com a pompa Celestial, quem não dirá, que é mesquinhez e acanhado forcejo, a mais sumptuosa pompa deste Universo!

À Sposa o dígito anular dizendo:  
«Sagro-te fé de Esposo, oh de Deus Serva,  
Rebeca no pudor, Raquel no amável,  
Sara no fiel, se não na extensa vida.  
Abunde e medre em nós, tanto a Virtude,  
Que eterna dure, e dela avulte o Empíreo.»

Súbito o Céu se abriu. Sublime voda!  
Solene Hino sponsal <sup>(1)</sup> Anjos decantam.  
Presenta a Deus os Filhos ambos Séfora,  
Filhos, que hão-de subir ao trono eterno,  
Aos pés de Deus, em prazo curto, ovantes.  
Virgens Mártires tecem a Cimódoce  
C'roas nupciais; bênçãos Cristo derrama  
Sobre os Consortes, em morrer, <sup>(2)</sup> felizes.  
O Santo Esp'rito, em continenti os dota  
Com inexausto amor, amor eterno.

Em tanto a Turba, vendo ajoelhados  
Os Cristãos, creu, que vida lhe imploravam.  
Voltando o polegar, como era de uso,  
No condenar à morte os Gladiadores,  
Rejeita os rogos. O Romano Povo,  
Povo Rei, <sup>(3)</sup> (por seus nobres foros) tinha  
Perdido há muito a livre Independência...  
Governar seus prazeres, absoluto  
Lhe consentiam só; por, com tais artes,  
Melhor o sopear, e o corromperem,  
Na sua Escravidão, Senhor sob'rano!

O Gladiador dos Pórticos <sup>(4)</sup> vem prestes  
Tomar do Povo as ordens; e assim fala:

---

(1) Os Cantares de Salomão.

(2) Pela Fé.

(3) *Populum late regem.* — VIRGIL.

(4) Dos pórticos do Anfiteatro.

«Livre, e possante povo, entrou no Circo,  
Essa Cristã, dos Réus Cristãos estreme:  
Sentença, c'os mais ímpios tem de morte,  
Logo, que o seu Caudilho acabe a luta.  
Evadiu da prisão. Perdida, em Roma,  
Seu Fado ruim... Do Império o Fado (eu digo)  
Desgarrada a guiou; ao Circo a trouxe.»

Com unânime voz, lhe brada o Povo:  
«*Os Deuses lho influíram. Fique, e morra.*»  
Movida a compaixão parte da plebe  
(Ténue parte, e a quem Deus piedoso move)  
Dó concebeu da Jovem Formosura,  
E amara dar-lha o Povo absolta e livre.  
Mas a turba rebrama: «*Fique, e morra.*»  
Os da turba, oh não são filhos do Bruto,  
Que, em mal teve a Pompeu, mandar pacíficos  
Elefantes brigar contra Elefantes.  
A Escravidão <sup>(1)</sup> embruteceu a Turba!  
Cegou-a idólatra! Extinta é em Roma  
A Luz da Liberdade, o ser de humanos!

Rompe uma voz, lá dos degraus supremos:  
«Eu tudo fiz. Salvei na noite hesterna,  
Esse Anjo, que se entrega em poder vosso;  
Cristão sou: e o combate, e as Feras peço.  
Assim, c'ó Templo seu, o infame Júpiter,  
Caindo, os seus esmague adoradores.  
Acenda a Eternidade ultrices chamas,  
Que vos traguem tão ferros, e insensíveis

À Virtude, à Beldade, aos tenros anos.»  
E ei-lo, que a terra arroja a Státua de Hermes. <sup>(2)</sup>  
O Povo, ardendo em ira, o reconhece,

---

(1) Sob Imperadores despóticos.

(2) De Mercúrio.

E vozeia: «*Um Cristão, no Anfiteatro.  
Prendam-no; e aos Gladiadores o cometam.*»  
Põem Doroteu, Anfiteatro em fora;  
Porque à vida dê fim, c'os outros Mártires.

Retine rumor de armas. Desce a ponte,  
Que do Paço Imperial, no Circo prende  
Do tálamo da angústia <sup>(1)</sup> ao morticínio  
Dá, Galério um só passo: e superando  
O mal que o gasta, vem (pela vez última!)  
Mostrar-se ao Povo; já sentindo na alma,  
Como lhe foge a vida, e foge o Império.  
Chegou, das Gálias, despachado um Próprio;  
Morto Constâncio disse; e Constantino,  
Que o hão proclamado as legiões, Augusto;  
Declarado Cristão, vem sobre Roma.  
O Ruim <sup>(2)</sup> se alheia; a Doença se lhe assanha.  
Mas concentrando a dor no íntimo peito,  
E, ou que se iluda a si, ou que o Orbe iluda,  
O Ceptro augusto, <sup>(3)</sup> a coroada Morte,  
Na tribuna Imperial pejou o assento:  
E a Mocidade, e a Vida, e a Formosura,  
Na Arena, exposta às Feras! Que contraste!

Mal que avista a Galério, o Povo se ergue,  
Pelo usado teor, pronto o saúda.  
Eudoro se lhe inclina respeitoso,  
Cimódoce à tribuna chega e pede  
Do Esposo a vida, e em troca of'rece a sua.  
Do discríme de ser cruel, ou pio  
O salva a Turba, que, d'há muito, anela  
Que o combate comece, e avista as vítimas.  
Tudo é clamor: «*Impios Cristãos às Feras.*»  
Ao Povo Eudoro, a fim que salve a Esposa,

---

(1) Onde Galério enfermo padecia angustiado.

(2) Galério.

(3) Imperador Galério.

Falar quer. Gritos mil a voz lhe afogam.  
«*Às Feras. Dêem sinal. Cristãos às Feras.*»  
Já, com rude stridor, dizia a Tuba  
Que dêem franqueza aos Animais ferozes.  
Já o Cabo dos Retiários <sup>(1)</sup> cruza o Corro,  
Solta o Tigre mais fero, e mais sanhudo.

Debate se altercou entre os dous Mártires,  
Qual morrerá primeiro:

CIMÓDOCE

«Se eu não vira  
Tão ferido, e alquebrado... Eu ser primeira,  
Te pedira, em morrer. Mas, pois me sinto  
Assaz vigor, verei a tua morte.»

EUDORO

«Muito há que eu sou Cristão. Cristãos têm de uso  
Aprestar-se a morrer. Melhor me cabe  
Ser eu quem, derradeiro, deixe o Mundo.»  
Disse: eis desata o manto; nele a Esposa  
Envolve; porque aos olhos circunstantes  
(Caso que o Tigre, pela Arena a arraste)  
Nudez tolha, e, até sombras de impureza,  
Numa tão casta morte. Talvez último  
De zelos fosse natural instinto,  
Que acompanha, até à Campa, o Amor mais puro.

Já segundo sinal reclama a Tuba.  
Rangem os gonzos do covil do Tigre:  
E o Gladiador, que o abriu, foge assustado.  
Trás si, põe em resguardo a Esposa, Eudoro:  
E, em pé, todo em orar atento, e fixo,  
Olhos no Céu, e em Cruz abertos braços...

---

(1) Gladiadores que usavam de rede, nos combates.

A fúnera trombeta último <sup>(1)</sup> soa!  
Dos grilhões solto, o Tigre se arremessa  
Ao Corro, e ruger... Em susto involuntário  
Stremece o Spectador.

CIMÓDOCE (*esmorecida*)

«Oh Sposo, vale-me.»  
Eudoro, que se volta, a toma em braços,  
Ao peito a cinge (e a entrara na alma!). <sup>(2)</sup> O Tigre  
Investe, empina o corpo, as garras cruas  
Crava no Mártir, rasga-lhe, co'as presas,  
As alvas, nuas carnes palpitantes.  
A Esposa, que se aperta estreita, e tímida  
Com o peito de Eudoro, os olhos abre  
Entre sustos, e amor. Vê, sobre o Esposo  
Se debater em assanhada luta,  
Dos colmilhos vertendo sangue o Tigre...  
Súbito foge à Virgem vitoriosa <sup>(3)</sup>  
Dos membros o calor, os olhos cerram-se-lhe.  
Fica em braços do Esposo suspendida,  
Qual na Enzinha do Ménalo, ou Taigete,  
Pende o floco de neve. As Virgens Mártires  
Felicidade, Eulália, Inês, Cecília  
Baixam a se apossar da Companheira,  
A quem rompera o Tigre o colo ebúrneo.

C'um sorriso na boca o Anjo da Morte  
O curto fio lhe cortou da vida:  
E ela, sem ânsia, ou dor, o S'prito exala,  
Restituindo ao Céu Divino alento,  
Que apenas semelhava andar prendido  
Ao lindo corpo, que Obra foi das Graças.

---

(1) Pela última vez.

(2) A ser possível.

(3) Que ia ganhar vitória nos Céus, por meio do martírio.

Qual Bonina caiu, que a fouce rústica  
Talhou. Seguiu-a Eudoro ao trono eterno.  
Sacrifício de Paz, <sup>(1)</sup> Novilho, e Pomba,  
Que Aaronia prole ao Deus de Isaac of'rece!

Apenas tinham empunhado a Palma <sup>(2)</sup>  
Os Mártires Esposos, que se avista  
Uma Cruz, despendendo, no ar, luzeiros,  
Qual a que deu triunfo a Constantino.  
Roncou rouco trovão no Vaticano.  
(Deserta emposta então, mas que de ignoto  
Esp'rito era, a miúdo, visitada.)  
Tremeu até à base, o anfiteatro;  
Tremeu, caiu, quanta houve Státua de Ídolos.  
Qual em Solima a ouviu, outrora, a Gente,  
Soou em Roma voz: «*Os Deuses vão-se.*»

Já, do Circo o tropel deserta atónito;  
Todo furores volta ao Paço, Augusto,  
Matar manda <sup>(3)</sup> os de Eudoro sócios ínclitos:  
Chega às portas de Roma Constantino.  
Vence, e prostra a Galério a ruim moléstia:  
Eis morre, blasfemando de Deus sumo.

Em vão, novo Tirano toma o leme  
Do supremo Poder. Lá, do alto Empíreo,  
Troveja o Eterno, brilha a Cruz <sup>(4)</sup> nos ares,  
Constantino dá o golpe, cai Maxêncio  
Despenhado no Tibre. Entra, em triunfo,  
Glorioso o Vencedor, na Rainha do Orbe;  
Dispersos vão, de Cristo os inimigos.

---

(1) *Hostia pacifica.*

(2) Do martírio.

(3) Pelos seus verdugos.

(4) O Labarum.



Esse Amigo <sup>(1)</sup> de Eudoro, egrégio Augusto,  
Se aplica a recolher os derradeiros  
Suspiros de Demódoco, a quem mágoa  
À morte avizinham; que, saudoso  
Da Filha (cara Filha!) quer ir vê-la,  
E o Baptismo requer. Corre aos lugares  
Constantino, onde jazem de tais Vítimas  
Arrojados os corpos, como a monte.  
Mortos inda retêm, ambos os Mártires,  
A, que em vida lograram, gentileza.  
Por dom do Céu, cerradas as feridas,  
Dita, e Paz lhes reluz, fila nos rostos.  
Juntos jazem no Cemitério, aonde  
Riscou d'entre os fiéis a Eudoro o Antiste. <sup>(2)</sup>  
As Legiões das Gálias, que ao triunfo  
Guiara outrora o Mártir o jazigo  
Do antigo General magoadas cercam.  
Co' a Cruz, timbre de Paz, as lidiadoras  
Águias ornam de Rómulo; <sup>(3)</sup> e no túmulo  
Dos dous Esposos, cinge Constantino  
C'roa Imperial: a Fé Cristã proclama,  
Fé do Universo, em que Sob'rano impera,

#### FIM DOS MÁRTIRES

---

(1) Constantino proclamado Imperador.

(2) O Papa Marcelino. *Vid.* Liv. 4. deste Poema.

(3) Que Rómulo tomou por insígnias dos Exércitos.

~~~~~

Esta é a última nota que ponho a todo e qualquer escrito meu. Todas e quantas os pientíssimos Leitores encontrarem, são de antiga data. Enfadado de abonar a Portugueses frases e palavras portuguesas, tomei a resolução de as desamparar. Aparente lá os açoutes que lhes derem, e que não têm de doer a quem as lá mandou.

NOTAS DO LIVRO XXIV.º

Pág. 363, verso 28. Pelas abertas.

Vomitoria (diz GIBBON, *Decline and Fall of the Roman Empire*) se chamavam as aberturas, ou fauces, pelas quais se enchia, e se despejava o Anfiteatro. Veja-se também MACROB. Lib. V. *Saturnaliorum*.

Pág. 364, verso 20. Damas nobres.

Num festejo, que Tigelino a Nero deu, apareceram nuas nos Camarotes, as Damas da mais alta nobreza, entressachadas com as Meretrizes.

Pág. 367, verso 4. Rótulo.

«Deram com ele um passeio em roda do Coro do Anfiteatro, e levava ao peito um rótulo. *Attalus Christianus*.» (*Acta Martyr*)

Pág. 369, verso 20. Sacra a Saturno.

«Chegados à porta do Anfiteatro, intentaram os Gladiadores cobri-los com roupas dos Sacerdotes de Saturno, para tais casos consagradas.» (*Acta Martyr. In Sancta Perpet.*)

Pág. 382, verso 28. Abertos braços.

«Viam todos (diz Eusébio, lib. 8, cap. 7.) um Mancebo que orçava pelos 20 anos, em pé, e denodado, com as mãos ambas estendidas em Cruz, orando, no sítio mesmo, em que Ursos, e Leopardos, a ele, a pulos, se arremessavam a dilacerá-lo, de seu sangue assedentados.»

FIM DAS NOTAS DO LIVRO XXIV.º

Acabada de imprimir esta versão do Poema dos Mártires, não importuno mais os meus benignos Leitores com citações de Clássicos, que abonem as palavras de que uso. Lá está o Dicionário do erudito Moraes, onde usadas se encontram por predecessores meus. E se algumas latinas ou compostas usei, requereu-mas o estilo da Obra. O amor de enriquecer a língua poética me convidou a compô-las: se agradarem, e poderem ser úteis a não acanhados Alunos, pago me dou de ter incitado o felicissime audax do meu muito prezado Mestre. Se porém descontentarem a alguns Críticos perluxos, deixem-nas cair no esquecimento, que tanto vale, como se nunca escritas fossem.

O que, porém, me dá anúncio, que todas não serão desprezadas, consiste nas Poesias impressas, que modernamente me chegam de Portugal, que muito ressabio trazem da lição dos Clássicos.

ÍNDICE

NOTA INTRODUTÓRIA	VII
CRITÉRIOS DA EDIÇÃO DO TEXTO	XVII
BIBLIOGRAFIA	XX
LIVRO XI.º	
ARGUMENTO	3
NOTAS DO LIVRO XI.º	33
LIVRO XII.º	
ARGUMENTO	39
NOTAS DO LIVRO XII.º	59
LIVRO XIII.º	
ARGUMENTO	63
NOTAS DO LIVRO XIII.º	83
LIVRO XIV.º	
ARGUMENTO	85
NOTAS DO LIVRO XIV.º	111
LIVRO XV.º	
ARGUMENTO	113
NOTAS DO LIVRO XV.º	139
LIVRO XVI.º	
ARGUMENTO	145
NOTAS DO LIVRO XVI.º	171

LIVRO XVII.º

ARGUMENTO	175
NOTAS DO LIVRO XVII.º	197

LIVRO XVIII.º

ARGUMENTO	201
NOTAS DO LIVRO XVIII.º	233

LIVRO XIX.º

ARGUMENTO	237
NOTAS DO LIVRO XIX.º	263

LIVRO XX.º

ARGUMENTO	265
NOTAS DO LIVRO XX.º	289

LIVRO XXI.º

ARGUMENTO	291
NOTAS DO LIVRO XXI.º	309

LIVRO XXII.º

ARGUMENTO	311
NOTAS DO LIVRO XXII.º	327

LIVRO XXIII.º

ARGUMENTO	329
NOTAS DO LIVRO XXIII.º	357

LIVRO XXIV.º

ARGUMENTO	359
NOTAS DO LIVRO XXIV.º	387